



Recife e Salvador na visão dos capuchinhos italianos missionários no Reino do Congo (1667-1703)

*habitantes, costumes, escravidão, comércio,
matéria médica, flora e fauna do Brasil seiscentista*

NELSON PAPAVERO
DANTE MARTINS TEIXEIRA

**RECIFE E SALVADOR NA VISÃO DOS
CAPUCHINHOS ITALIANOS MISSIONÁRIOS
NO REINO DO CONGO (1667-1703):
HABITANTES, COSTUMES, ESCRAVIDÃO,
COMÉRCIO, MATÉRIA MÉDICA, FLORA E
FAUNA DO BRASIL SEISCENTISTA.**

DOI : 10.11606/9788586748059

SÃO PAULO

INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS

IEB - USP

2015

Cadernos do IEB

instrumentos de pesquisa

Recife e Salvador na visão dos capuchinhos italianos missionários no Reino do Congo (1667-1703)

*habitantes, costumes, escravidão, comércio, matéria
médica, flora e fauna do Brasil seiscentista*

*Nelson Papavero
Dante Martins Teixeira*



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Prof. Dr. Marco Antonio Zago
Vice-reitor Prof. Dr. Vahan Agopyan




Instituto de
Estudos
Brasileiros

INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS

Diretora Prof.^a Dr.^a Sandra Margarida Nitrini
Vice-diretor Prof. Dr. Paulo Teixeira Iumatti

Produção Divisão Científico-Cultural



**Recife e Salvador na visão
dos capuchinhos italianos
missionários no Reino do
Congo (1667-1703)**

*habitantes, costumes, escravidão, comércio, matéria
médica, flora e fauna do Brasil seiscentista*

*Nelson Papavero
Dante Martins Teixeira*

Copyright © 2015 by Instituto de Estudos Brasileiros - USP

A consulta a este documento fica condicionada na aceitação das seguintes condições de uso:

Este trabalho é somente para uso privado de atividades de pesquisa e ensino. Não é autorizada sua reprodução para quaisquer fins lucrativos. Esta reserva de direitos abrange a todos os dados do documento bem como seu conteúdo. Na utilização ou citação de partes do documento é obrigatório mencionar nome da pessoa autora do trabalho.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros - USP.

P213r

Papavero, Nelson

Recife e Salvador na visão dos capuchinhos italianos missionários no Reino do Congo (1667-1703): habitantes, costumes, escravidão, comércio, matéria médica, flora e fauna do Brasil seiscentista / Nelson Papavero, Dante Martins Teixeira – São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 2015.

303 p.; 23 cm. (Cadernos do IEB, ISSN 2525-5959; v. 6, 2015)

ISBN 978-85-86748-05-9

DOI : 10.11606/9788586748059

1. Missões religiosas. 2. História do Brasil - Século 17. 3. Período colonial (1500-1822) - Nordeste. I. Teixeira, Dante Martins. II. Título.

CDD 981.2

Direitos reservados

Instituto de Estudos Brasileiros – IEB-USP

Edifício Brasiliana, Praça do Relógio Solar, 342

Cidade Universitária - CEP: 05508-050

São Paulo - SP, Brasil

Divisão Científico-Cultural: Tel. (11) 3091-1149

www.ieb.usp.br – e-mail: difusieb@usp.br

Sumário

<u>Os capuchinhos no Reino do Congo e no Brasil</u>	11
<u>Dionigi Carli da Piacenza e Michelangelo Guattini da Reggio no Recife (1667)</u>	24
<u>A carta de Michelangelo Guattini da Reggio encaminhando material botânico brasileiro para Giacomo Zanoni (1667)</u>	65
<u>Giovanni Antonio Cavazzi da Montecuccolo em Salvador e no Recife (1667-1668)</u>	85
<u>Girolamo Merolla da Sorrento em Salvador (1683)</u>	96
<u>Antonio Zucchelli da Gradisca e suas duas permanências em Salvador (1698 & 1703)</u>	120
<u>Anexos</u>	169
<u>Referências bibliográficas</u>	291

Cadernos do IEB

Iniciada em 1997, a série *Cadernos do IEB* tem como proposta a divulgação da produção intelectual do Instituto de Estudos Brasileiros, resultado de projetos e estudos desenvolvidos por docentes, pesquisadores e discentes.

Os *Cadernos do IEB*, até o presente momento, conta com cinco publicações em seu catálogo, a saber:

PORRO, Antonio. *Dicionário etno-histórico da Amazônia colonial*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 2007.

CARVALHO, Gilmar de. *Desenho gráfico popular: catálogo de matrizes xilográficas de Juazeiro do Norte – Ceará*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 2000.

FURTADO, Joaci Pereira (coord.). *O viver em colônia: cultura e sociedade no Brasil colonial*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1999.

FURTADO, Joaci Pereira (coord.). *Antônio Vieira: o imperador do púlpito*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1999.

VIDAL, Diana Gonçalves; CARDOSO, Maria Cecília Ferraz de Castro (coord.). *Conversa de educadores: catálogo analítico da correspondência entre Abgar Renault e Fernando de Azevedo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1999.

Com a alocação do Instituto no Complexo Brasiliana, dispondo de maior facilidade e espaço físico para desenvolver atividades, o IEB retoma esta série com novo projeto gráfico; dividida em quatro áreas temáticas: Cursos e Conferências; Instrumentos de pesquisa; Laboratório e grupos de pesquisa; Pós-graduação. Cada área produzirá conteúdo específico, de forma a tornar pública a produção de conhecimento realizada neste unidade.

Inaugurando esta nova fase, temos “*Recife e Salvador na visão dos capuchinhos italianos missionários no Reino do Congo (1667-1703): habitantes, costumes, escravidão, comércio, matéria médica, flora e fauna do Brasil seiscentista*”, um belíssimo trabalho realizado pelos professores Nelson Papavero (Universidade de São Paulo) e Dante Martins Teixeira (Universidade Federal

do Rio de Janeiro). A publicação conta com traduções e ilustrações dos relatos dos capuchinhos italianos acerca do Brasil seiscentista, testemunhando desde os costumes da comunidade até flora e fauna da região litorânea.

Com este material de exímia qualidade, retomamos oficialmente os *Cadernos do IEB*. Sejam novamente bem-vindos.

Os capuchinhos no Reino do Congo e no Brasil

A escalada da burguesia mercantilista rumo ao poder conduziria a Inglaterra e Holanda a uma acirrada disputa pelo tráfico colonial, processo que levaria à decadência dos vastos impérios ibéricos no ultramar e à progressiva disseminação das doutrinas do protestantismo. Atenta a essa realidade, a Igreja de Roma mostrar-se-ia cada vez mais preocupada com a evangelização dos povos que habitavam as terras distantes, bem como em trazer de volta a seu seio outras denominações cristãs cismáticas ou pertencentes a diferentes ritos. Para tratar desses assuntos, o Papa Gregório XIII (1572-1585) criaria uma comissão formada pelos cardeais Carlo Caraffa, Ferdinando de Medici e Giulio Antonio Santorio, os quais teriam o encargo inicial de promover a união de Roma com os cristãos orientais – eslavos, gregos, sírios, egípcios e abissínios. Presidida pelo Cardeal Antonio Santorio, as reuniões desse colegiado logo apontaram para algumas necessidades imediatas, tais como a fundação de seminários e a impressão de catecismos ou obras semelhantes nos diversos idiomas pertinentes. Seus esforços seriam bem sucedidos entre os rutênios, os armênios e os sírios, tanto aqueles pertencentes ao rito ocidental quanto oriental.

Após a morte de Gregório XIII, uma rápida sucessão de quatro papas em sete anos tornou-se um sério obstáculo aos trabalhos da comissão. Ao contrário de seus antecessores, entretanto, Clemente VIII (1592-1605) mostraria grande interesse no tema, fazendo com que uma nova reunião fosse celebrada em sua presença. Ainda sob o comando do Cardeal Antonio Santorio, tais eventos passariam a ser realizados todas as semanas no próprio palácio desse cardeal, que estava obrigado a encaminhar quinzenalmente as decisões e recomendações da comissão ao Pontífice. O maior triunfo alcançado nesse período consistiu no rompimento da Igreja

Rutena com o Patriarca de Constantinopla e sua submissão a Roma na chamada “União de Brest” (1595-1596).

A perda de Clemente VIII revelaria as fragilidades de uma comissão cuja existência dependia do interesse pessoal e energia de uns poucos membros. Contudo, em 6 de janeiro de 1622, o Papa Gregório XV (1554-1623) reuniu treze cardeais e dois prelados para anunciar sua intenção de constituir uma congregação permanente e bem estruturada destinada à propagação do catolicismo para a qual os presentes estavam nomeados. Em 22 de junho do mesmo ano, seria promulgada a bula *Inscrutabili Divinae* instituindo a *Sacra Congregatio de Propaganda Fide* – a Sagrada Congregação para a Propagação da Fé.

Presidida inicialmente pelos cardeais Antonmaria Sauli e Ludovico Ludovisi, a Sagrada Congregação para a Propagação da Fé seria mantida através de fundos a ela destinados pela constituição *Romanum Decet*, enquanto as constituições *Cum Inter Multiplices* e *Cum Nuper*, publicadas em 14 de dezembro de 1622 e 13 de junho de 1623, viriam assegurar-lhe amplos privilégios e imunidades para organizar e acelerar seus trabalhos. Em agosto de 1623, o trono pontifício foi ocupado pelo Cardeal Maffeo Barberini, um dos treze membros originais da *Sacra Congregatio*. Sob o nome de Urbano VIII (1623-1644), o novo papa consolidaria a obra de Gregório XV e instalaria a Congregação em um palácio localizado na extremidade sul da “Piazza di Spagna” em Roma.

Em 23 de dezembro de 1632, após a morte dos cardeais Sauli e Ludovisi, Urbano VIII determinaria que a Congregação tivesse apenas um prefeito geral, escolhendo para esse cargo o Cardeal Antonio Marcello Barberini, seu irmão, que teria como auxiliar o Cardeal Antonio Barberini, sobrinho do papa e futuro prefeito geral da *Sacra Congregatio*. Tendo em vista que o impulso conferido pelo Concílio de Trento à criação de seminários eclesiásticos havia produzido excelentes resultados entre os mais diferentes povos, Urbano VIII julgou necessário estabelecer um seminário central voltado para o trabalho missionário onde jovens eclesiásticos pudessem ser educados. Através da bula *Immortalis Dei* de 1º de agosto de 1627, surgiria o *Collegium Urbanum*, o qual foi posto de imediato sob o controle da *Sacra Congregatio de Propaganda Fide*. Experimentando um rápido crescimento, essa congregação terminaria por dividir seus imensos domínios entre várias secretarias e comissões, sendo aperfeiçoada até alcançar praticamente seu formato definitivo em 1650. Caberia à *Sacra Congregatio*,

portanto, estabelecer o papel das diferentes ordens religiosas na evangelização das mais distantes partes do mundo, deliberações que terminariam por envolver os capuchinhos.

Constituindo um ramo dos franciscanos, os capuchinhos tiveram início quando o Frade Matteo da Bascio deixou sua comunidade para viver como ermitão, mostrando assim sua insatisfação com o modo pelo qual a regra de São Francisco estava sendo observada. Abandonando o eremitério em 1525, Matteo da Bascio começaria a viajar pela Itália pregando a penitência, conquistando a adesão dos irmãos Ludovico e Raffaele Tenaglia de Fossombrone em novembro desse mesmo ano. Como vagabundos errantes e desertores de comunidades eclesiais nunca foram objeto de grande complacência, tiveram de permanecer ocultos para fugir de perseguições movidas pela Igreja e autoridades civis. Após muitas peripécias, encontraram abrigo com os beneditinos camuldalenses, dos quais copiariam o longo capuz pontudo (“capuce”) que daria origem ao nome “capuchinho” – um apelido jocoso destinado a se transformar em uma designação amplamente conhecida¹. Em 1528, os capuchinhos receberiam a aprovação do Papa Clemente VII (1478-1534) para seu modo de vida e seriam reconhecidos como uma congregação subordinada ao Superior Geral dos Franciscanos Conventuais, passando a constituir uma ordem independente em 1619.

Em 1574, esses religiosos obteriam licença papal para se expandir além do território italiano e se instalaram na França e Áustria, estabelecendo-se em seguida na Espanha, Bélgica, Suíça e Alemanha. Graças à adesão de muitos observantes², seu crescimento mostrar-se-ia particularmente expressivo na França, que logo se transformou no país de origem de pelo menos uma quarta parte dos confrades. Cumprindo papel de destaque na luta contra o protestantismo, os capuchinhos tornar-se-iam cada vez mais

1. Usadas para tingir tecidos, as cascas de castanha conferiam ao hábito dos capuchinhos um aspecto marrom-avermelhado muito característico. Por ostentar colorido idêntico, certo tipo de café acabaria por ganhar o nome de “cappuccino”.

2. Datada de 1368, a Reforma Observante dos franciscanos seria deflagrada na Itália pelo beato Frei Paoluccio Trinci da Foligno, falecido em 1391. Estendendo-se pelo restante da Itália, França, Espanha e Portugal, esse movimento terminaria sendo reconhecido pelo Concílio de Constança com a constituição apostólica *Supplicationibus Personarum* de setembro de 1415. Com as bulas *Vinea Domini* (15 de março de 1431) e *Ut Sacra* (11 de janeiro de 1446), o Papa Eugênio VI separaria a Observância dos ditos Conventuais, transformando-a praticamente em uma ordem independente dentro dos franciscanos, já que a subordinação aos Conventuais era apenas nominal. Pela constituição apostólica *Felicitate Quadam* do Papa Leão XVIII (4 de outubro de 1897), a chamada “família franciscana” incluiria os Observantes, os Reformados (ver nota 154), os Descalços ou Alcantarinos, os Recoletos e os Irmãos Menores Capuchinhos.

influentes, recebendo da *Sacra Congregatio de Propaganda Fide* a missão de evangelizar o Congo no ano de 1640.

No contexto do “périplo africano”, Diogo Cão atingiria a desembocadura do Rio Zaire entre o final de 1482 e o princípio de 1483, retornando a Lisboa com quatro nativos que deveriam aprender a língua e os costumes dos portugueses. Na viagem de 1485, esses quatro intérpretes acompanhariam o navegador, o qual seria muito bem recebido pelo Rei Nzinga-a-Nkuvu e demais potentados do Reino do Congo, que parece ter sido criado no final do século XIV e na época ocupava o território compreendido entre os rios Zaire e Dande, além de incluir a Ilha de Luanda. Sob o comando de Gonçalo de Sousa e Rui de Sousa, uma nova expedição chegaria ao litoral do Congo levando os mesmos quatro intérpretes e religiosos encarregados de promover o catolicismo. Atingindo o litoral em 1490, chegaram a Mbanza Congo, capital do reino³, em maio de 1491, conseguindo converter e batizar o casal real – que adotaria os nomes João e Leonor – bem como uma série de figuras de relevo, fator decisivo para a rápida adesão de numerosos súditos⁴. Vencida a atribulada sucessão imposta pela morte do antigo soberano (1506), o trono seria ocupado por Dom Afonso I, cujo reinado se estenderia até 1543. Contando com o apoio do poder reinante, o processo de evangelização ganharia forte impulso, sendo levado a cabo por franciscanos, jesuítas, dominicanos, agostinianos e outras denominações, transformando o Congo em um reino cristão⁵.

Mesmo após a união das Coroas Ibéricas (1580), Portugal manteve seus privilégios em relação ao Padroado⁶, buscando impedir a entrada de missionários de outras nacionalidades nos territórios ultramarinos. Levada a cabo em 1596, a criação do Bispado do Congo e Angola atendia tanto os desejos do Rei do Congo quanto os interesses portugueses, que almejavam intervir em questões temporais através dos religiosos destacados para a região. Semelhante política, entretanto, não impediria a eclosão de constantes

3. Esta receberia o nome de São Salvador, sendo assim mencionada pelos capuchinhos.

4. Primeiro rei cristão do Congo, seria batizado em 3 de maio de 1491 assumindo o título de João I.

5. Para maiores informações sobre o Reino do Congo e os capuchinhos, vide AMARAL (1996), BIRMINGHAM (1965), BOXER (1952), CESINALE (1867-1873), CUVELIER (1946), FILESI (1978), NEMBRO (1958), RADULET (1992), C.L. da SILVA (2005), THORNTON (1983, 1984, 1992) e VAINFAS & MELLO E SOUZA (1998).

6. Por volta da metade do século XVI, os abalos criados pela expansão do protestantismo levariam Roma a conceder o direito do Padroado aos reis de Portugal, que desde então passaram a fundar igrejas e mosteiros, designar missionários, atribuir benefícios eclesiásticos e indicar os bispos a serem nomeados pela Santa Sé. Permitindo uma maior ascendência da Coroa sobre questões religiosas e temporais, esses privilégios seriam mantidos mesmo sob o domínio espanhol. Para maiores comentários, vide C.L. da SILVA (2005).

disputas envolvendo as diferentes denominações do clero e as várias nacionalidades abrigadas em uma mesma ordem. Em 1640, a *Sacra Congregatio de Propaganda Fide* incumbiria os capuchinhos italianos de evangelizar o Congo, iniciativa que sofreria a oposição tanto dos confrades portugueses quanto dos espanhóis, os quais já haviam manifestado a mesma pretensão em 1618.

Com a Guerra da Independência de 1640⁷ e a ocupação de Angola pelos holandeses em agosto de 1641⁸, Portugal viu-se sem condições de intervir ativamente na região e continuar destinando missionários para a África, lacunas que acentuariam os contínuos reclamos dos Reis do Congo por mais religiosos. Tais circunstâncias viriam favorecer os desejos da Sagrada Congregação para a Propagação da Fé, a qual lograria enviar os primeiros capuchinhos italianos e espanhóis ao Congo no ano de 1645. O relato dessa iniciativa seria dramaticamente narrado por Giovanni Francesco da Roma⁹ na “Breve relatione del successo della missione de’ Frati Minori Capuccini del serafico Padre San Francesco al regno del Congo”, livro publicado em 1648 com uma segunda impressão em 1649¹⁰ (Figura 1). Nesse mesmo ano, essa obra seria traduzida para o espanhol pelo erudito José Pellicer de Ossau Salas

7. Apoiada por muitas comunidades urbanas e conselhos rurais de todo o país, a Revolução da Independência de 1640 daria fim à união das Coroas Ibéricas e levaria a Casa de Bragança ao trono português, entronizando o Duque de Bragança como Dom João IV. A guerra continuaria por vinte e oito anos marcados por sucessivas tentativas de invasão dos exércitos de Filipe IV, os quais sairiam derrotados das principais batalhas. A paz seria firmada em 1668 com o Tratado de Lisboa.

8. Tendo consolidado seu domínio no nordeste do Brasil, a Companhia das Índias Ocidentais daria continuidade a sua expansão na costa africana em busca dos escravos necessários para o incremento da produção açucareira. Em maio de 1641, partiria do Recife uma frota composta por vinte e um navios e três mil homens para tomar dos portugueses a cidade de São Paulo de Luanda em Angola. Sob o comando do Almirante Cornelis Corneliszoon Jol, as tropas desembarcaram quase sem encontrar resistência e invadiram uma cidade praticamente deserta, sofrendo perdas irrisórias ao ocupá-la na manhã de 26 de agosto de 1641.

9. Primeiro cronista das missões no Congo, Giovanni Francesco da Roma teria nascido por volta de 1606 e tomou o hábito dos capuchinhos na província de Úmbria, indo posteriormente para Roma. Foi nomeado missionário em 1640, mas só conseguiria chegar ao Congo em fevereiro de 1645. Tal como o Padre Angel de Valencia, foi indicado embaixador pelo Rei do Congo e viajou para a Europa em 1647, sendo recebido pelo Papa Inocêncio X em maio de 1648. Em 1651 seguiria novamente para o Congo, onde permaneceu até 1654, desembarcando em Lisboa no ano seguinte. Transferido para Roma, tentaria inutilmente voltar para a África, morrendo como enfermeiro dos doentes de peste no lazareto da Ilha de São Bartolomeu em julho de 1656 (G.M. de Leguzzano *in* GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO, 1965).

10. Uma terceira impressão viria à luz no ano seguinte. Vide GIOVANNI FRANCESCO DA ROMA (1648, 1649a, 1650).

y Tovar¹¹ (Figura 2) sob o título de “Mission evangelica al Reyno de Congo por la Serafica Religion de los Capuchinos¹²” (Anexo 1 e Figura 3).

Embora tenha assinado uma paz com os holandeses em 1642, Nkanga-a-Lukeni – que reinou como Dom Garcia II entre 1641 e 1661 – manteve-se totalmente avesso ao protestantismo, postura que reforçaria as constantes solicitações de mais missionários católicos capazes de prosseguir na conversão do Reino do Congo. Com esse objetivo, nomearia como embaixadores¹³ os frades Angel de Valencia¹⁴ e Giovanni Francesco da Roma, encarregando-os de levar uma carta endereçada ao Papa Inocêncio X (1574-1655) na qual expunha algumas de suas pretensões, pois outras deveriam ser transmitidas oralmente ao Santo Padre¹⁵. Em 15 de dezembro de 1646, Angel

11. Nascido em uma família nobre em Zaragoza a 26 de abril de 1602, José Pellicer de Ossau y Tovar estudou gramática em Consuegra e seguiu para a Universidade de Salamanca, onde se dedicou aos cânones e leis, passando em seguida para a filosofia na Universidade de Alcalá de Henares em Madri. Latinista e conhecedor do hebraico, grego clássico, italiano e francês, gozou de grande fama na época, sendo nomeado Cronista do Reino de Castilla (1629) e Cronista de Aragón (1637) antes de alcançar o posto de “Cronista Mayor” do Rei Filipe IV (1640). Escreveu mais de 200 obras, falecendo em Madri a 16 de dezembro de 1679.

12. GIOVANNI FRANCESCO DA ROMA (1649b).

13. “Santissimo Padre. Por esta minha carta de crença e escrita, firmada por minha mão e selada com o selo de minhas armas reais, constituo como meus embaixadores a Vossa Santidade os reverendos padres Frei Angel de Valencia e Frei Giovanni Francesco da Roma, predicadores capuchinhos e missionários apostólicos nesse Reino do Congo. E lhes confiro todo o meu poder e faculdade como se eu pessoalmente e por minha própria real pessoa o fizesse, para poder dizer, falar e alegar em todas as matérias importantes, a bem e utilidade desta Coroa do Congo com Vossa Beatitude. E que em tudo se lhes dê crédito, que tudo quanto tratarem e determinarem com Vossa Santidade em meu nome, dou por bem feito, por firme e válido. Do Congo, a cinco de outubro de 1646. Filho obedientíssimo de Vossa Santidade, o Rei Dom Garcia” (*in* GIOVANNI FRANCESCO DA ROMA, 1649b).

14. Angel de Valencia nasceu em 1593 e vestiu o hábito dos capuchinhos em 1615. Foi nomeado missionário em 1644, seguindo para o Congo em 1645. Tal como o Padre Giovanni Francesco da Roma, foi indicado embaixador do Rei do Congo e viajou para a Europa em 1647, sendo recebido pelo Papa Inocêncio X em maio de 1648. Indicado prefeito da primeira missão ao Benin, desembarcou em São Jorge da Mina no ano de 1651, onde foi preso pelos holandeses e se indispôs com o soberano local. Expulso para São Tomé e Príncipe em 1652, chegou a Lisboa em 1654 e retornou a sua terra natal, falecendo em abril de 1673 (G.M. de Leguzzano *in* GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO, 1965).

15. “Santissimo Padre. Dou a Vossa Santidade, com todo meu afeto, a obediência como filho que sou da Santa Igreja Romana e as devidas graças pelo cuidado que Vossa Santidade vem tendo de enviar-me ministros evangélicos para esse Reino do Congo. E suplico a Vossa Santidade que aqueles que me enviar daqui em diante sejam capuchinhos religiosos de São Francisco. Porque eu e todo meu reino os estimamos muito como verdadeiros servos de Deus. E que sejam em bom número, porque o reino é grande e ao todo não há senão dezesseis sacerdotes, e por essa razão muito padecendo os povos no [aspecto] espiritual. Também suplico a Vossa Beatitude que, junto com os ministros evangélicos, se digne a enviar bispos a esse reino, para que possam consagrar outros bispos e ordenar sacerdotes, para que desta forma venha a se conservar a religião católica no Congo. Finalmente, [peço que] Vossa Santidade se digne também conceder-me as graças que eu comuniquei de boca a meus embaixadores para o bem universal desse reino, as quais não vão por escrito para não cansar a Vossa Santidade. Cuja pessoa e dignidade suprema conserve Nosso Senhor para o bem da cristandade. Do Congo em cinco de outubro de 1646. Filho obedientíssimo de Vossa Santidade. O Rei Dom Garcia” (*in* GIOVANNI FRANCESCO DA ROMA, 1649b).

B R E V E
R E L A T I O N E

Del Successo della Missione

De' Frati Minori Capuccini del Serafico Padre
S A N F R A N C E S C O
A L R E G N O D E L C O N G O

E delle qualità , costumi, e maniere di viuere
di quel Regno, e suoi habitatori.

*Descritta dal Padre Fra Gio. Francesco Romano
Predicatore del medesimo Ordne, della Pro-
uincia di Roma, e Missionario Apostolico
in detto Regno.*



In Milano, Ad Inſtãza di Francesco Mognaga .
Con licenza de' Superiori 1649.

Figura 1. Frontispicio da "Breve relatione del successo della missione de' Frati Minori Capuccini del Serafico Padre San Francesco al Regno del Congo" (1649)



Figura 2. Retrato de José Pellicer de Ossau Salas y Tovar. Gravura dos “Retratos de españoles ilustres” (1791)

**MISSION
EVANGELICA AL REYNO DE CONGO**

**Por la Serafica Religion de los
Capuchinos.**

D E D I C A L A

Al Rey Nuestro Señor:

Que Dios Guarde.

**Don Ioseph Pellicer de Tovar
Señor de la Casa de Pellicer i de Oñau,
Cronista Mayor de su Magestad,
i de su Consejo.**



C O N L I C E N C I A

En Madrid, Por Domingo Garcia i Morràs. Año 1649.

Figura 3. Frontispício da “Mission evangelica al Reyno de Congo por la Serafica Religion de los Capuchinos” (1649)

de Valencia e Giovanni Francesco da Roma alcançariam Luanda munidos de uma carta do Rei do Congo dirigida às autoridades holandesas da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais, documento que solicitava a devida permissão para os capuchinhos embarcarem em um navio capaz de levá-los para a Europa. Malgrado tivessem recebido a promessa de serem atendidos na primeira oportunidade, os capuchinhos acabariam quase como prisioneiros, sendo enviados em condições precárias para o Brasil em 4 de fevereiro de 1647, chegando ao Recife em meados de março.

No princípio de maio fizeram vela para a Holanda, onde desembarcaram no começo de agosto. Após inúteis tentativas de obter livre trânsito para os missionários no Congo, os embaixadores deixaram a Holanda no final de setembro e chegaram a Roma em março de 1648 (vide Anexo 2). Em maio desse mesmo ano, o Papa Inocêncio X concederia audiência aos embaixadores e atenderia à solicitação de mais religiosos, embora não se pronunciasse sobre o pedido de tornar a sucessão do Reino do Congo hereditária, detalhe que muito desagradaria Dom Garcia II.

Apesar da disposição do Papa em nomear bispos e enviar religiosos para o Congo, as relações entre Portugal e a Santa Sé permaneciam interrompidas pela Revolução da Independência. Em 1648, os portugueses retomariam Luanda e estabeleceriam – já em 1649 – um tratado de paz com Dom Garcia II, fato que representava sério empecilho à presença de outras nacionalidades. Em julho de 1650, por fim, a *Sacra Congregatio de Propaganda Fide* concordaria com a imposição de todos missionários enviados para o Congo partirem via Lisboa, comprometendo-se igualmente a excluir os padres espanhóis.

Os primeiros capuchinhos no Brasil vieram com o Senhor de La Ravardière e o Almirante Razilly no episódio vulgarmente conhecido como a “França Equinocial”. Entre 1612 e 1615, permaneceriam no Maranhão os frades Ambroise d’Amiens, Arsène de Paris, Claude d’Abbeville e Yves d’Evreux, estes últimos autores de preciosos relatos sobre a região¹⁶. A efetiva instalação da Ordem, entretanto, ocorreria apenas em meados do século XVII, constituindo um curioso episódio da expansão holandesa no Atlântico¹⁷.

Após tomar Luanda em 26 de agosto de 1641, parte da esquadra comandada pelo Almirante Cornelis Corneliszoon Jol partiria para a Ilha de São Tomé, na qual desembarcou tropas em 2 de outubro. Sem encontrar resistência, os invasores

16. CLAUDE D’ABBEVILLE (1614) e YVES D’EVREUX (1615).

17. Para maiores informações sobre os capuchinhos no Brasil seiscentista e no Congo, consulte-se F.L. de FARIA (1954, 1982), GABRIELLI (2009), PALAZZOLO (1952, 1966), PRIMERIO (1942), REGNI (1988), TAUBATÉ & PRIMERIO (1929) e ZAGONEL (2001).

ocupariam o povoado e passaram a investir contra o Forte de São Sebastião, o qual se rendeu após quinze dias de ferozes combates que causaram grandes perdas aos atacantes. Acossados pelas baixas e por febres devastadoras, os holandeses perderiam centenas de homens, inclusive seu próprio comandante.

Escudando-se no fato de serem súditos da França, nação aliada da Holanda, os capuchinhos bretões Colombin de Nantes, Georges de Combourg, Michel de Fresnay e Boniface de Quimper decidiram permanecer na cidade. Teriam, contudo, sua casa assaltada em 27 de outubro e seriam feitos prisioneiros em diferentes vasos da esquadra. Sem que os confrades tomassem conhecimento, Michel de Fresnay morreria na noite seguinte, enquanto os demais permaneceram incommunicáveis e foram mandados para o Brasil em três navios, desembarcando no Recife em 14 de janeiro de 1642. Maltratados e com a saúde abalada, os três capuchinhos restantes conquistariam a simpatia do Governador-Geral Johan Maurits van Nassau-Siegen, que prometeu ajudá-los e concedeu-lhes permissão de escolherem um local para se estabelecer. Amparados pelo comerciante bretão Luís Heyns¹⁸, os frades recompuseram suas forças e optaram por continuar sua missão apostólica em Pernambuco. Para respaldar essa decisão, Georges de Combourg escreveria ao Provincial da Bretanha, Frei Séverin de Morlaix, solicitando a devida licença de Roma e uma carta de apresentação para o Conde de Nassau. Seis meses depois, a 11 de julho de 1642, a *Sacra Congregatio de Propaganda Fide* encaminharia esse pedido ao Santo Ofício, obtendo a permissão do papa. Uma recomendação também seria enviada a Nassau pelo próprio Luís XIII, Rei de França, fato que agradou sobremaneira o Governador. Tendo a permanência assegurada, os capuchinhos resolveram mudar-se para Olinda, onde contaram com a ajuda da população católica e de esmolas vindas da França para edificar um pequeno convento com uma igreja dedicada a Nossa Senhora do Monte Calvário.

Em janeiro de 1654, após a Restauração de Pernambuco e a expulsão dos holandeses do Nordeste, os capuchinhos bretões alcançariam uma

18. Natural de Saint-Malo, Ludovico Heyns foi um grande comerciante francês radicado no Recife que se tornaria simpático à Insurreição Pernambucana após a partida de Nassau, tendo emprestado a soma considerável de cem mil cruzados aos revoltosos. Em meados de 1647, ao viajar para a Holanda, levaria notícias de Pernambuco para o embaixador português Francisco de Sousa Coutinho, mas nada disse sobre a presença dos frades Angel de Valencia e Giovanni Francesco da Roma no Recife e de sua missão como embaixadores do Rei do Congo, iniciativa contrária aos interesses de Portugal. Ao escrever da Holanda em 23 de dezembro de 1647, o jesuíta Antônio Vieira informaria o Marquês de Nisa, Embaixador de Portugal em Paris, que tratara da compra de fragatas em Saint-Malo com Ludovico Heyns. Com efeito, em 4 de fevereiro de 1649, Dom João IV assinaria um decreto aceitando a oferta desse mercador, que deveria vir a Lisboa com dois navios e um patacho carregados de mercadorias da França, seguindo depois até Angola com o socorro que lhe ordenassem. Por tal préstimo, receberia a licença de embarcar uma carga de escravos possivelmente destinados ao Brasil. Para outras informações, vide F.L. de FARIA (1954) e KIDAKOU (2006).

licença régia da Coroa Portuguesa para fixar-se no Recife, onde erigiram o Hospício de Nossa Senhora da Penha¹⁹ no ano de 1665. No Rio de Janeiro, levantariam o Hospício de Nossa Senhora da Conceição em 1668, enquanto o Hospício de Nossa Senhora da Piedade seria construído no ano de 1670 em Salvador, Bahia, graças aos esforços de Frei Martin de Nantes²⁰ (Figura 4). Entre 1670 e 1700, os capuchinhos mostrar-se-iam bastante ativos nos trabalhos de catequese, dirigindo seus esforços sobretudo para os indígenas aldeados ao longo do Rio São Francisco.

A obrigação de seguir para o Congo a partir de Lisboa faria com que os capuchinhos italianos nomeados pela *Sacra Congregatio de Propaganda Fide* fizessem escala obrigatória no Brasil, que mantinha carreira regular com a África devido ao tráfico negreiro. Contando com a facilidade adicional do apoio conferido pelos hospícios do Recife e de Salvador, essa rota parece ter sido percorrida por numerosos missionários, pois existe o registro de mais de 450 capuchinhos envolvidos com a evangelização do Reino do Congo entre meados do século XVII e o final do século XVIII²¹. Poucos, entretanto, deixaram relatos sobre suas viagens e um contingente ainda menor chegou a prestar qualquer informação sobre o Brasil, mesmo se incluirmos textos limitados a questões de cunho religioso. Como boa parte desses autores permanece quase desconhecida ou vem sendo associada exclusivamente à África, parece pertinente reproduzir e comentar a obra de cinco capuchinhos italianos que passaram pelo Recife e Salvador entre 1649 e 1703. Abarcando temas tão diversos como a escravidão, costumes locais, comércio, matéria médica, flora e fauna, essas descrições representam um precioso testemunho sobre os habitantes e a natureza local, alinhando-se entre as raras fontes disponíveis sobre o Brasil seiscentista nos anos que sucederam a invasão holandesa.

19. Na época, semelhante termo designava o edifício que servia de alojamento e apoio aos irmãos das congregações religiosas. Por não constituírem conventos propriamente ditos, os “hospícios” não formavam novos confrades. Erigida em 1665, a sede dos capuchinhos bretões em Recife compreendia uma igreja e um alojamento destinado à moradia composto por um refeitório, uma sala de estar e oito celas individuais.

20. Em 1671, o capuchinho Martin de Nantes seria enviado por Roma ao Brasil para criar uma missão. Chegou a Salvador, Bahia, no dia 3 de agosto, fixando-se entre os índios Cariri aldeados no rio São Francisco, distantes 70 léguas de Pernambuco. Mais tarde, penetrou nos sertões e fundou a Missão de Aracá entre outros Cariris, onde permaneceu doze anos. Deixou o Brasil no fim de 1688 e regressou à Europa, sendo indicado como responsável pelo Convento de Quimper (1706), além de posteriormente atuar como Superior do hospício dos capuchinhos de Lisboa (1712-1714). Redigida em 1687, sua “Relation” só viria à luz 1706 ou 1707. Para outras informações, vide EDELWEISS (1979), GADENNE (1997), MARTIN DE NANTES (ca. 1706, 1888), NEMBRO (1958), REGNI (1988) e STUDART (1902).

21. PRIMERIO (1942).



Figura 4. “O Hospício de Nossa Senhora da Piedade na Bahia”, gravura de Johann Moritz Rugendas (1835)

Dionigi Carli da Piacenza e Michelangelo Guattini da Reggio no Recife (1667)

Em 21 de dezembro de 1666, após despedir-se de amigos e familiares, o frade capuchinho Michelangelo Guattini deixava a cidade de Reggio Emilia, norte da Itália, para iniciar uma viagem sem retorno, pois viria a falecer no Reino do Congo em 9 de abril de 1668²² (Figura 5). Em Roma, poucos dias antes, Michelangelo recebera da *Propaganda Fide* a ansiada patente conferida pelo Papa Alexandre VII, documento que o declarava pregador e missionário nas Índias e ordenava seu traslado ao Reino do Congo para desenvolver uma obra de evangelização. Na companhia do capuchinho Dionigi Carli da Piacenza²³ e de outros irmãos em Cristo – entre os quais Crisostomo da Genova, o prefeito encarregado da missão – Michelangelo embarcaria em Gênova para as terras do Congo e áreas limítrofes conquistadas pelos portugueses na África Ocidental. Deixando o porto em 3 de abril de 1667, os religiosos alcançariam Lisboa vinte dias mais tarde e zarparam para Pernambuco em 29 de julho, chegando ao Brasil após três meses de travessia.

No dia 2 de novembro desse mesmo ano, os frades tomariam um navio mercante rumo ao litoral africano, passando por Benguela em 24 de dezembro para atingir Luanda em 6 de janeiro de 1668, de onde partiriam em seguida rumo à missão de Mbamba. Michelangelo morreria subitamente poucos meses após chegar ao seu destino, enquanto Dionigi, ao assistir o companheiro, contraiu a doença e esteve em perigo de vida, permanecendo 27 meses enfermo. Decidiu voltar para Luanda depois de aguardar em vão que um confrade o substituísse, permanecendo na capital angolana e arredores entre maio e novembro de 1668. Em virtude da saúde

22. TIRABOSCHI (1781-1786).

23. Nascido em Piacenza no ano de 1635, Giuseppe Flaminio Carli tomara o hábito dos frades menores capuchinhos no convento de Cesena, Província de Bolonha, em 25 de abril de 1652, adotando o nome de Dionigi. Professou o noviciado em 25 de abril de 1653 e estudou posteriormente lógica e filosofia em Parma, conseguindo a patente de pregador. Morava no convento de Bolonha quando, em 1666, recebeu ordem de dirigir-se a Gênova para embarcar com Michelangelo Guattini da Reggio para o Congo e territórios portugueses limítrofes na África Ocidental (STEGAGNO-PICCHIO, 1988).

abalada, seus superiores decidiriam enviá-lo ao Brasil em dezembro desse mesmo ano, embarcando-o em um navio negreiro que o conduziria à Bahia após cinquenta dias de mar. Com as forças refeitas, Dionigi voltaria à Itália, via Recife e Lisboa.

Durante sua enfermidade e convalescença, bem como no tempo passado posteriormente no retiro que lhe fora designado, Dionigi redigiria as memórias da infeliz missão da qual participara, obra composta pelas cartas que Michelangelo da Reggio havia enviado no trajeto de Gênova a Luanda e por uma relação mais extensa de seu próprio punho²⁴ (Anexo 3). Intitulado “Viaggio del P. Dionigi de’ Carli da Piacenza, e del P. Michel Angelo de’ Guattini da Reggio capuccini, predicatori, e missionarii apostolici nel Regno di Congo”, o livro resultante seria publicado em 1671, com uma nova edição logo no ano seguinte e outras duas em 1674 e 1679 (Figura 6)²⁵. Em 1678, uma resenha bibliográfica apareceu no “Journal des Sçavans”²⁶, sendo reproduzida de forma muito resumida nas “Philosophical Transactions” de Londres nesse mesmo ano²⁷, ao passo que a edição de 1674 seria traduzida – em maior ou menor extensão – para o francês e o inglês²⁸. Resumos da viagem foram publicados em francês pelo “Abbé” Prévost²⁹ e em inglês por H. Murray³⁰. Esta última versão, por seu turno, foi ainda mais resumida e vertida para o francês por A. Cuvillier³¹.

24. A parte inicial dessa obra compreende treze cartas de Michelangelo Guattini (doze dirigidas ao pai – Giovanni Guattini – e outra ao conde Francesco Rolli), além de três missivas nas quais Dionigi Carli, Pietro da Terni e Crisostomo da Genova notificam a morte do confrade e apresentam suas condolências à família. Cinco dessas missivas descrevem o Brasil, enquanto o resto do material trata essencialmente da viagem de vinda, dos trabalhos nas terras africanas e do retorno de Dionigi Carli para a Europa. Todas seriam traduzidas para o francês por d’Alix du Cheyron d’Abzac (*in* DIONIGI CARLI DA PIACENZA & MICHELANGELO GUATTINI DA REGGIO, 2006).

25. DIONIGI CARLI DA PIACENZA & MICHELANGELO GUATTINI DA REGGIO (1671, 1672, 1674, 1679).

26. VIAGGIO NEL REGNO DEL CONGO DEL P. MICHEL ANGELO DE GUATTINI DA REGGIO E DEL P. DIONIGI DA PIACENZA CAPPUCINI & MISSIONARII APOSTOLICI NEL REGNO DEL CONGO (1678).

27. OBSERVATIONS OF SOME ANIMALS, AND OF A STRANGE PLANT, MADE IN A VOYAGE INTO THE KINGDOM OF CONGO: BY MICHAEL ANGELO DE GUATTINI AND DIONYSIUS OF PLACENZA, MISSIONARIES THITHER (1678).

28. Para as versões francesas, vide DIONIGI CARLI DA PIACENZA & MICHELANGELO GUATTINI DA REGGIO (1679) e WALCKENAER (1842), bem como CHURCHILL & CHURCHILL (1704) e PINKERTON (1808-1814) para as traduções inglesas. Também existem edições contemporâneas em italiano (DIONIGI CARLI DA PIACENZA & MICHELANGELO GUATTINI DA REGGIO, 1997) e francês (DIONIGI CARLI DA PIACENZA & MICHELANGELO GUATTINI DA REGGIO, 2006).

29. PRÉVOST (1746-1759).

30. Em sua versão, H. Murray declara que “as duas narrativas seguintes, da autoria dos missionários italianos Carli e Merolla, oferecem muito mais detalhes que aquelas de seus predecessores. Embora maculadas por idêntica credulidade e superstição, parecem apresentar uma parcela considerável tanto de informações curiosas quanto de incidentes divertidos” (MURRAY, 1817).

31. CUVILLIER (1821).



Figura 5. Retrato de Michelangelo Guattini da Reggio. Gravura da “Viaggio del P. Dionigi de’ Carli da Piacenza, e del P. Michel Angelo de’ Guatini da Reggio capuccini, predicatori, e missionarii apostolici nel Regno di Congo” (1672)

VIAGGIO

NEL REGNO DEL CONGO.

Del Padre

MICHAEL ANGELO

de Guattini da Reggio ,

Et del Padre **DIONIGI** de Carli

da Piacenza

CAPUCINI,

**Predicatori, & Missionarij Apostolici nel
Regno del Congo.**

*Descritto per lettere continuate fino alla
morte, del Porto di Genova alla Città
di Loanda dal sudetto P. Guattini
al suo dilettiss. Padre in Reggio.*

Con vna fedele narratiua delli Paesi del
Congo del detto P. Dionigi, & col
suo ritorno in Italia.

CONSCRATO.

All' Illustiss. & Eccellentissimo Sig.

POLO MICHIEL

NOBILE VENETO.



IN VENETIA, M. DC. LXXIX.

Presso Iseppo Prodocimo ;

Con Licenza de' Superiori, e Privilegio.

Figura 6. Frontispício da “Viaggio del Padre Michael Angelo de Guattini da Reggio, et del P. Dionigi de Carli da Piacenza Capuccini, Predicatori, & Missionarij Apostolici nel Regno del Congo” (1679)

No ano de 1678, Dionigi receberia autorização para ser missionário na Geórgia oriental, atendendo o convite de dirigir-se a Livorno na companhia de Bonaventura da Lucca e Carlo da Pescia³². Em 12 de novembro de 1678, após uma demora de três meses no porto toscano, os religiosos tomaram um navio e alcançaram Trípoli em 12 de dezembro, detendo-se nas ilhas de Malta e de Chipre para fugir dos corsários da Barbaria. Como Frei Bonaventura caísse doente, Dionigi e Carlo da Pescia retomariam sozinhos a viagem, chegando a Bagdá em 14 de março de 1679 e a Basra em 2 de julho. Viajando por mar para Bandar ‘Abba’s, prosseguiram por terra até Shiraz, Ispahan e Tabriz, para finalmente atingir Tbilisi em fevereiro de 1680. Recém-chegado, Dionigi exerceria seu ministério apostólico entre os monofisistas armênios por apenas seis meses, sendo logo indicado pelo prefeito Giuseppe da Bocognano como guardião do Convento de Gori, onde ficou durante a maior parte de sua missão. Recebendo ordens de regressar à Itália, deixou a Geórgia em maio de 1684, chegando a Trebizonda em junho e em Istambul no mês seguinte. Permaneceu nesta cidade até 29 de março de 1685, quando embarcou para Malta, passando em seguida a Messina e depois ao continente.

De 1686 a 1688, Dionigi ocupar-se-ia de várias atividades em Roma, Veneza e na ilha de Cefalônia, Grécia. Anos mais tarde, entre 1685 e 1686 (ou 1687), escreveria uma segunda obra com várias referências à sua passagem no Brasil, texto vindo à luz em 1687 sob o título de “Il Moro trasportato nell’inclita città di Venezia” (Anexo 4) (Figuras 7 e 8), livro que ganharia uma tradução alemã cinco anos mais tarde³³. Não existem notícias a seu respeito após 1689, havendo menções contraditórias de que teria falecido em Morea – domínio da Sereníssima República de Veneza em Monemvasia – a 15 de dezembro de 1694, enquanto outros falam de um passamento ocorrido em Veneza no dia 21 de abril de 1695.

32. Já em 20 de maio de 1670, Dionigi escrevera à *Propaganda Fide* solicitando o encargo de missionário na Ilha da Madeira ou na Geórgia, pleito não acolhido. Datado de janeiro de 1672, um novo pedido visando o posto de capelão de navio tampouco obteve maior sucesso. Talvez sua nomeação para a Geórgia guarde alguma relação com o fato de o capuchinho, em 1675, ter-se indisposto – por razões desconhecidas – com o Duque de Parma, Ranuccio II Farnese.

33. DIONIGI CARLIDA PIACENZA (1687, 1692).

IL MORO

TRASPORTATO

NELL'INCLITA CITTA' DI VENETIA,

O V E R O

Curioso racconto de Costumi, Riti, e Religione
de Popoli dell' Africa, America, Asia,
& Europa.

Rauisati dal Molto Reuerendo Padre

DIONIGIO CARLI DA PIACENZA

*Predicatore Capuccino, e Missionario Apostolico
in quelle parti.*

DIVISO IN DOI LIBRI.

CONSACRATO

ALL'AVGVSTA, ET IMMORTAL REPUBLICA

PRINCIPE SERENISSIMO,

ET

ECCELLENTISSIMO SENATO

DI VENETIA.



IN BASSANO, M. DC. LXXXVII.

Appresso Gio: Antonio Remondinij.

CON LICENZA DE' SUPERIORI, E PRIVILEGIO.

Figura 7. Frontispicio de "Il Moro trasportato nell'inclita città di Venezia" (1687)



Figura 8. Gravura da portada existente em “Il Moro trasportato nell’inclita città di Venezia” (1687)

VERSÃO PARA O PORTUGUÊS ATUAL DAS CINCO CARTAS DE MICHELANGELO GUATTINI DA REGGIO REFERENTES AO BRASIL (1667)³⁴

NAVEGAÇÃO DO PORTO DE LISBOA ATÉ O PORTO DE PERNAMBUCO NO BRASIL

*"Pax Christi."*³⁵

Carissimo Pai.

[...] Quando passamos dez graus a linha [do equador], ao por do sol descobrimos – finalmente – o Cabo de Santo Agostinho a longuíssima distância e pela manhã (Deus seja louvado), vimos aves da terra voar sobre nós, assim como algumas baleias que, lançando ao ar uma grande quantidade de água, pareciam-nos ao longe belíssimas e artificiosíssimas fontes que surgiam do mar. É tanta aqui a quantidade das baleias que se vos dissesse que um comerciante paga ao Rei de Portugal cinquenta mil escudos de ouro por um contrato para obter o óleo³⁶, não estaria mentindo. Na passagem que fizemos em frente da [Igreja] de [Nossa] Senhora de Nazaré³⁷, saudamo-la todos com a Ave-Maria por três vezes e com três cargas de tiros de canhão. Esta é uma igreja distante cinco milhas da cidade de Pernambuco³⁸, por cujo lugar – antes que essa igreja fosse erguida – passava o Senhor Dom Francisco Brito³⁹

34. Tradução livre baseada em DIONIGI CARLI DA PIACENZA & MICHELANGELO GUATTINI DA REGGIO (1679), bem como nas versões d'Alix du Cheyron d'Abzac (in DIONIGI CARLI DA PIACENZA & MICHELANGELO GUATTINI DA REGGIO, 2006), CHURCHILL & CHURCHILL (1704), PINKERTON (1808-1814) e WALCKENAER (1842).

35. Traduzível como "Paz de Cristo", essa expressão latina era particularmente cara aos capuchinhos, sendo empregada até os dias de hoje.

36. O magnífico ensaio de Ellis não traz informações sobre o preço dos contratos da pesca de baleias firmados em 1667. Durante o intervalo compreendido entre 1672 e 1675, entretanto, o contratador Inácio de Velasco teria desembolsado 42.000 cruzados no primeiro ano, 34.500 cruzados no segundo e 41.000 cruzados no terceiro (ELLIS, 1969).

37. A Igreja de Nossa Senhora de Nazaré está localizada no alto do Cabo de Santo Agostinho, atual município de Nazaré.

38. Ou seja, o Recife.

39. Filho de abastada família proprietária de terras e engenhos na Bahia, Francisco de Brito Freire nasceu no Alentejo por volta de 1625, seguindo a carreira militar em Portugal. Em 1653, seria nomeado almirante da frota da Companhia de Comércio do Brasil, armada responsável pelo golpe final na resistência holandesa em Pernambuco, ocupando o posto de governador dessa capitania entre 1661 a 1664. Voltou a Portugal em 1665 e passou a governar a cidade de Beja, terminando por ser encarcerado, em 1669, devido a desavenças políticas.

(Grande de Portugal) e devotíssimo da Beatíssima Virgem, que encontrou uma pobre mulher – vestida de branco, com um menininho ao colo – que lhe pediu humildemente uma esmola. Este, pondo a mão na bolsa, deu-lhe um ducado e no ato de dar e de receber miraram-se mutuamente no rosto. Depois Brito prosseguiu seu caminho e pouco adiante, quase enlevado ocultamente por aquele único olhar, virava-se frequentemente para gozar a visão daquela que lhe havia atingido o coração – mas sempre em vão. Ainda que naquele trecho do campo não houvesse onde esconder-se e nem empecilho à vista, não pôde ver mais a bela mendiga. Ficando, portanto, totalmente ansioso e anelante, regressou ao lugar onde havia deixado o dinheiro e o pensamento. Ali chegando, só encontrou duas pegadas impressas na terra e por esse milagroso acidente percebeu que a pobre era Maria Virgem, que com a divindade de seus olhos lhe havia incinerado o coração e com sua beleza paradisíaca lhe havia furtado a alma, não podendo mais – pela extrema alegria – o coração reavivar o espírito, nem o espírito reavivar o coração – e penava deliciosamente em uma agonia de suavíssima morte. Por causa disso, em memória de aparecimento tão gracioso e de tão milagrosa graça, erigiu ali uma memorável igreja às glórias sublimes da Santíssima Virgem, dotada, mantida e oficiada conforme a bondade e esplendor desse cavalheiro. Chegados por fim à torre que serve de fortaleza para o porto de Pernambuco, não podendo entrar nele navios grandes pelo raso da água – sendo pouco fundo – lançamos âncora e com os tiros costumeiros foi saudada a cidade. O capitão fez-se conduzir em um batel para solicitar a habitual licença de desembarque. Entrementes, observei que da supracitada torre sai um muro que chamam ‘recife’ (dizem que é natural)⁴⁰ com trezentas milhas de comprimento, por cujo braço o porto fica fechado e seguro. Esse muro separa o mar de um rio que passa pelo meio da cidade, por cima do qual o mar – tornando-se por vezes tempestuoso, com a insolência das tumultuosas ondas – salta orgulhoso sobre a dita muralha, infestando com sua própria salsugem a doçura das águas daquele claro rio, no qual então pescam os habitantes com dupla curiosidade, em um e outro, peixes de água doce e peixes de água salgada por haver ocorrido essa insólita metamorfose – não sei se digo do mar em rio ou do rio em

Durante os seis anos que passou prisioneiro na Torre de Belém e no Forte de São Julião escreveria a “História da Guerra Brasílica”, obra elaborada como uma resposta portuguesa ao livro de Barlaeus, texto encomendado por Johan Maurits von Nassau-Siegen para alardear seus oito anos de governo do Brasil. Brito Freire voltaria ao mar em 1678, desta vez sem posto de comando. Morreu em Lisboa em 1692.

40. “Oriciffo” no original. A torre mencionada pelo autor seria o Forte de São Francisco da Barra, por vezes também chamado de “Fortaleza da Lage”. Conhecida pelos holandeses como “Castelo do Mar”, essa edificação parece ter sido concluída em 1614, desaparecendo no século XX com as obras do porto de Recife. Para maiores informações, vide BARLAEUS (1647), GARRIDO (1940) e A.F. de SOUSA (1885).

mar. Em uma outra [carta] sabereis mais distintamente cada particularidade de Pernambuco. Por ora abraço-vos caramente - assim como a minha diletíssima mãe - e rogo-vos saudar afetuosamente todos em casa, reverenciar os senhores cônegos e o [capitão] Cantelli⁴¹, assim como a todos os amigos. A todos desejo a bênção do Senhor.

Do porto de Pernambuco aos 8 de setembro de 1667.

Vosso obrigadíssimo e cordialíssimo filho

F. M. Angelo Capuchinho”.

INFORMAÇÕES SOBRE A CIDADE DE PERNAMBUCO E AS QUALIDADES DE SUA REGIÃO

“Pax Christi.

Caríssimo Pai.

Por outra carta minha que foi por uma charrua⁴² que já há alguns dias partiu para a Europa, dei-vos parte de minha feliz chegada (com a ajuda de meu Senhor) ao Brasil. Agora, por ocasião em que se apresta a frota para Lisboa, escrevo esta para assinalar-vos como, desembarcados em terra no porto de Pernambuco, observamos uma grande multidão de gente – tanto brancos quanto negros – que se juntaram para ver-nos. [Havia] uma negra⁴³ que – ajoelhada – batia as mãos na terra e no peito. Curioso por saber por que motivo ela tinha esse estranho comportamento, respondeu um português: ‘Padre, essa negra é natural do Congo e [foi] batizada por um capuchinho. Tendo ouvido que eles para lá vão a batizar, ela se alegra e festeja’. Ao irmos depois para nosso hospício⁴⁴, que fica na outra parte da cidade, foi preciso passar pelo meio desta, que observamos ser de tamanho ordinário, mas povoadíssima sobretudo de negros, dos quais são trazidos de

41. Em sua primeira carta, escrita em Gênova no dia 12 de janeiro de 1667, Frei Michelangelo enviaria saudações a um certo capitão Cantelli e aos cônegos Prini e Vigarini, gentileza renovada na presente missiva.

42. “Ceruia” no original (vide Anexo 3). Mais adiante, Frei Michelangelo usará a variante “chiarvia” (vide nota 78). Ambas palavras evocam “charrua”, designação portuguesa de um tipo de navio largo e lento usado para o transporte.

43. “Una Mora” no original (vide Anexo 3). Além dos capuchinhos, numerosos cronistas do século XVII chamariam os negros de “mouros”.

44. Referência à Igreja e Hospício de Nossa Senhora da Penha. Vide nota 19.

Angola, Dongo, Congo e Matamba⁴⁵, todos os anos, dez mil como escravos para servirem a trabalhar com o tabaco, o açúcar e para colher o algodão, que aqui nasce copiosíssimamente em árvores da altura de um homem. Assim como para cortar as árvores de tingir a seda e outros panos, além de trabalhar o coco e o marfim. Quanto aos negros nativos do Brasil⁴⁶ (que se chama América Meridional ou Mundo Novo), até agora os Portugueses não têm podido domesticá-los por serem gente demasiadamente bárbara e feroz. São por eles chamados tapuias ou caboclos⁴⁷ e a cor de sua pele é de um bronzeado escuro. Andam completamente nus e como armas levam um arco com o comprimento de três braças com flechas semelhantes, feitas parcialmente de cana e parte de uma madeira duríssima que parece de ferro (o qual não possuem de modo algum), [utilizada] especialmente na ponta – aguçada e denteada como serra para que, ao ferir, faça um maior rasgo e que para extraí-la seja mais difícil. Estejais seguro que, disparada essa flecha a um alvo, atravessará uma tábua como qualquer tiro de mosquete. Comem esses tapuias (quando podem) carne humana: não tendo da sua própria, alimentam-se daquela dos forasteiros, não perdando a ninguém que se encontre em sua região⁴⁸. Chegados a nosso Hospício, encontramos cinco missionários capuchinhos e com eles pudemos ficar algum tempo, no qual ser-me-á conveniente fazer uma purga de certa contenção de humores e inflamação do sangue, mediante a qual poderia recuperar bastante minha saúde. Dois de nossos companheiros também estavam acamados, doentes de uma febre contínua. É verdade, porém, que dentro de poucos dias – espero (com a ajuda de Deus) – possamos nos levantar livres e sãos, pois é quase natural que todos que se encontram sob estes céus caiam enfermos, seja [tanto] pela mudança distinta de alimentos como pela total alteração dos ares. Ao alvorecer de uma manhã, incitados pelo harmônico fragor de muitas trombetas festivas no porto, com modesta curiosidade acorremos a ver o conjunto dos mastros

45. “Angola, Dongo, Congo e Mettamba” no original (vide Anexo 3). “Dongo” ou “Ndongo” refere-se ao reino de Angola, enquanto Matamba seria outro reino situado ao sul do Congo.

46. “Li Mori naturali poi del Brasile” no original (vide Anexo 3). Corresponde à expressão portuguesa “negros da terra”, tendo sido empregada para designar os indígenas nativos do Brasil.

47. “Tabuios ò Caboclos” no original (vide Anexo 3).

48. “Mangiano questi Tabuios [quando possono] carne humana: ne hauendone della loro propria, si cibano di quella de forestieri, non la perdonando in tal caso à niuno, che capita ne loro paesi” no original (vide Anexo 3). Nessa passagem um tanto confusa, o autor parece afirmar que certos indígenas, por praticarem o endocanibalismo, também não hesitariam em consumir a carne de estranhos, assertiva muito comum entre os cronistas da época (vide nota 76).

de toda a frota, que ascendia ao número de oitenta navios⁴⁹, todas muito bem equipadas e que – por seu vulto, não sendo suficiente o tamanho do estreito seio do porto – estavam ancoradas ao largo esperando que se terminasse de carregar os navios, até [aquele] no qual viéramos e que podia transportar comodamente mil caixotes de açúcar. Posso verdadeiramente afirmar que [essa frota] oferecia uma deleitosíssima perspectiva à vista: juraríeis ser ou uma grande selva no mar ou um mar transformado numa torreante cidade. Cá também recebemos novas do Padre Giovanni Maria Mandelli da Pavia⁵⁰, prefeito de ambas as missões de Angola e do Congo, que lá entregou a alma a Deus com grandíssima fama de santidade, suspirado e pranteado inconsolavelmente por todos aqueles povos para cuja salvação havia cooperado, com suores incansáveis, pelo espaço de vinte e cinco anos. Daqui partimos um dia para ver a cidade de Olinda, distante apenas três milhas. Fora outrora uma grande cidade, mas agora está toda derrocada por certa invasão feita pelos holandeses⁵¹. Em certos campos palustres foram-nos mostradas algumas árvores que têm as raízes implantadas na terra, como [todas] as outras, mas as mesmas pendem-lhe ainda desde o topo e – graças ao comprimento delas – quase todas as [suas] folhas ficam cobertas⁵². Aqui os papagaios e periquitos verdes são infinitos. Dos macacos, que são os gatos-mamões, existem diversas espécies, mas aquela dos mais pequenos – a que chamam saguis⁵³ – são as mais estimadas. Esta breve viagem foi levada a cabo por nós em um barco dito ‘canaoa’⁵⁴ – uma grande árvore escavada e guiada por dois negros nus que mal cobrem com um trapo de um palmo as partes mais vergonhosas, sendo esta a veste

49. “Che ascendeuano al numero d’ ottanta legni” no original (vide Anexo 3). No caso, o autor usa “legni” (“lenhos” - ou no caso - “mastros”) no sentido figurado.

50. Nascido em 1606, Giovanni Maria Mandelli da Pavia entrou para a Ordem dos Capuchinhos em 1633, sendo enviado para o Congo em 1646. Partiu do porto de Cádiz em 1647 e chegou ao litoral africano em 1648. Foi nomeado Prefeito Geral em 1664, falecendo em Luanda em janeiro de 1667 quando se preparava para retornar à Itália (G.M. de Leguzzano in GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO, 1965).

51. Olinda foi ocupada pelas tropas holandesas em fevereiro de 1630, sendo incendiada um ano mais tarde quando os invasores se transferiram para o Recife.

52. “In certe campagne palludose ci furono mostrati alcuni alberi, ch’ hanno le radici auiticchiate in terra, come gli altri, ma la stessa ancora li pende sopra dalla cima, per la longhezza della quale restano coperte quasi tutte le foglie” no original (vide Anexo 3). Não está claro se o autor pretendia referir-se às raízes aéreas encontradas em algumas árvores dos manguezais ou aos cipós e lianas tão comuns no neotrópico.

53. “Gatti Maimoni, ve ne sono in spetie diuerse, ma quella de più piccioli, che chiamano Sagorini è la più accreditata” no original (vide Anexo 3). A designação seiscentista de “gato-mamão” era usualmente conferida aos primatas do Novo Mundo, inclusive aos Callitrichinae. No caso, trata-se de provável referência ao micro-estrela, *Callithrix jacchus* (Linnaeus, 1758), uma das espécies envolvidas no tráfico de animais brasileiros vigente durante o período colonial (vide D.M. TEIXEIRA & PAPAVERO, 2010).

54. “Cannoua” no original (vide Anexo 3).

solene de todos os negros do Brasil. A temperança deste clima – ainda que muito estival, pois o sol aquece demasiadamente – não é, porém, muito nociva. Nem tampouco a humidade orvalhosa da lua se torna muito infestante⁵⁵, podendo-se viajar comodamente tanto de dia quanto de noite. Nesta cidade, como em todo o Brasil, empregam-se moedas de ouro e de prata. Por uma missa dão-se dois tostões e por um sermão recebe-se trinta ou quarenta. Aqui não nasce o trigo, nem [há] vinho, apesar de se encontrá-lo (mas caro) trazido muito dispendiosamente de nossa Europa. Por ser arenosa quase toda a região, os habitantes e viajantes são afligidos por certos vermes, que alguns chamam de ‘piolhos-do-faraó’⁵⁶, pois pretendem serem [estes] uma daquelas dez pragas com as quais Deus atingiu tão severamente o Egito. São estes [vermes] menores do que pulgas e ao caminharmos entram-nos imperceptivelmente nos pés, entre a carne e a pele. Em um [único] dia crescem até a forma de um feijão, pelo que é necessário fazermos-nos ver todos os dias por um negro prático que os extraia muito bem pois – caso haja descuido – em brevíssimo tempo, todo o pé se corrompe. Passados dois ou três dias, já não podendo caminhar, fiz-me visitar [por um negro], que me extraiu quatro desses animaizinhos já bastante grandes. Não havia dia em que, chegados ao Hospício e chamados os ditos negros, não tivéssemos extraídos oito, dez ou doze desses vermes de cada um de nós – e ai daqueles em que eles penetram sob a unha, pois se não forem vistos comem o pé, não perdoando nem aos próprios portugueses, apesar de estarem calçados. Um dia, andando pela cidade, deparamo-nos no meio de uma rua com um jovem sentado sobre uma pedra, com as mãos e pés acorrentados e sobre sua cabeça uma lâmina de ferro que, a modo de celada, lhe baixava sobre a face. Vendo isto, deteve-se o Padre Dionigi e interrogamo-lo por que motivo estava assim preso. Respondeu que era por haver fugido três vezes de seu proprietário, o qual – portanto – após tê-lo feito açoitar muito bem, havia-o ainda exposto preso desse modo. Rogou-nos com lágrimas que, por caridade, concordássemos piamente em ajudá-lo com fervorosos pedidos junto a seu enfurecido dono, para que, aplacado, o perdoasse: o que de bom grado logo fizemos apesar de sua teimosia em ter fugido três vezes – delito bastante imperdoável. De todo modo, por ser aquele senhor muito chegado aos capuchinhos, ficamos consolados e aquele

55. Na época, acreditava-se que a lua, astro tradicionalmente associado à água, poderia favorecer o aparecimento de doenças graças à umidade transmitida aos corpos sob sua influência (vide SANTOS FILHO, 1977-1991).

56. “Pedocchi di Faraone” no original. Trata-se do bicho-do-pé, *Tunga penetrans* (Linnaeus, 1758), Pulicidae bem conhecido.

libertado. Vimos depois muitos outros – quatro, seis ou oito – por vezes acorrentados entre si: um pelo pescoço, outro pelas mãos ou pelos pés – medicina salutar, pois sem ela fugiriam todos eles. Certo dia na igreja principal, que se chama do Corpo Santo⁵⁷ [Figura 9], organizaram uma cerimônia realmente vistosa para comemorar a festa do Rosário. Toda a grande igreja, juntamente com o teto, estava coberta por painéis riquíssimos de cor amarela. Nos compartimentos, divididos por pinturas, em belíssimos arranjos pendiam ajustados panos preciosos dos mais finos das Índias e todas as alfaias viam-se bizarramente arabescadas por fitas de seda cor de fogo em tanta quantidade que, só para esse serviço, haviam sido despendidas vinte mil braças (como nos juraram) e tudo preso com agulhetas. O grande tabernáculo, que parecia imenso por sua altura, estava envolto em seda e ouro flamejantes - os quais eram iluminados pelo brilho de passamanes de prata - [e] ofuscava a vista, quase como se mirássemos ao natural uma autêntica esfera de fogo. Tudo era, além disto, animado pelo espírito daqueles que – com o dedilhar das cordas e sopros - inspiravam as harpas, violas e cornetas a cantar os louvores dos hinos sagrados. Dado o hábito que têm esses religiosos de pouco dispender para fazer semelhantes funções, elegem – entre todos da cidade – o mais rico comerciante: este, com a bolsa aberta, socorre a todo e qualquer dispêndio que lhe seja ambiciosamente arquitetado por seu próprio capricho. O patrono que fez a supracitada festa jurou-me haver dispendido só nas fogueiras da noite precedente quatro mil ducados, mas desta maneira: desejando partir com a maior rapidez que se pudesse destas partes da América para chegar o mais cedo possível na África, objetivo último de nossos trabalhos, fomos um dia encontrar esse senhor – um riquíssimo comerciante de velas muito afeiçoado a nós [capuchinhos] – para que, uma vez carregado o navio que velejaria para a África, fizesse a caridade de conceder-nos o camarote da popa para a dita navegação, no que concordou de bom coração. Quando estávamos para embarcar, descobriu-se casualmente que o navio (por vontade de Deus) estava em más condições e apodrecido, tornando-se necessário descarregá-lo

57. O Recife cresceria ao redor da Ermida do Corpo Santo, igreja do século XVI que foi saqueada em 1594 pelos piratas ingleses James Lancaster e John Venner, os quais fugiram com a prata e as alfaias da capela (L.G. SILVA, 2001). Tornando-se posteriormente a igreja-matriz da capital pernambucana, era dedicada a São Pedro Gonçalves Telmo (ca. 1180-1246), sacerdote castelhano. A devoção popular confundiu-o com Santo Erasmo (ca. 303), muito venerado desde a Idade Média sob o nome Santo Elmo ou São Telmo. Na iconografia sacra, São Pedro Gonçalves Telmo aparece envergando o hábito branco e capa negra dos dominicanos, portando na mão um círio azul ou uma chama da mesma cor que representa o “fogo-de-santelmo” ou “corpo-santo”, sendo por vezes figurado alimentando os pescadores. Protetor dos marinheiros, seu culto foi muito disseminado durante as Grandes Navegações. A Igreja do Corpo Santo, entretanto, seria destruída em 1913.

e desfazê-lo inteiramente para aproveitar as ferragens e outros utensílios melhores. Das tábuas fizeram-se fogueiras e foram estas que se disse haver custado quatro mil ducados, pois tanto desembolsara esse comerciante para a compra do dito navio. Talvez tenha o Senhor nos livrado dessa morte por ter-nos destinado a um sacrifício mais aceitável. Para nos consolar, fomos um dia visitar um curioso engenho de açúcar. Este consta de uma grande roda girada com grande vigor por muitos negros, a qual move uma pesadíssima máquina com uma prensa de ferro maciço sob o qual se enfiam as canas cheias de açúcar – cortadas em pequenos pedaços – cujo suco vai ser destilado numa vasta caldeira debaixo da qual, para a fervura, é aceso um grande fogo. Ver trabalhar com intensos suores esses escravos etíopes tem algo de milagroso, principalmente conhecendo-se sua preguiça e má natureza. Aqui todos são vistos ocupados e destros, particularmente ao enfiar e ocultar sob a grande prensa esses diminutos pedaços de cana sem ficarem aleijados do braço ou da mão sob aquela grande massa de ferro. Sendo indolentes e avessos ao trabalho, tornam-se tão ágeis até dar compaixão: [isto] é, entretanto, um lenitivo milagroso para sua inaptidão, pois são gente tão adepta do ócio em suas regiões que se poderia confirmar o provérbio: “o mundo é supérfluo”⁵⁸, como narrarei escrevendo sobre o Congo. Os frutos destas partes do mundo – que em geral permanecem nas árvores durante todo o ano – são muito bons e delicados. Entre estes encontram-se os ‘niceffos’⁵⁹, que são como nossos cidrões e nascem

58. “Esser di più il Mondo” no original (vide Anexo 3). Adotamos a tradução proposta por d’Alix du Cheyron d’Abzac (in DIONIGI CARLI DA PIACENZA & MICHELANGELO GUATTINI DA REGGIO, 2006). Para esse autor, Frei Michelangelo pretende atribuir o suposto ócio das populações africanas a um desapego em relação ao mundo.

59. Conforme o original (vide Anexo 3). Em sua “Breve Relatione”, Giovanni Francesco da Roma menciona ser esse um nome congolês da bananeira, *Musa* spp. (Musaceae): “Stando tutto all’ordine, e douendo noi partire, il Sig. Governatore ci mando 4. Camelli carichi di polli, galline, galli d’India, frutti, vino, zuccaro, e d’altre cose per ristorarci nella nauigatione, ma perche non haueuamo di ciò bisogno rimandammo indietro il tutto, solo pigliando alcuni limoni, e frutti dell’India, che si chiamano nelle Canarie Platano, e sono molto buoni, de’ quali ve n’è gran copia nel Congo, e chiamasi in loro lingua Niceffo [...] Trè sorte di frutta vi sono veramente buoni, quali si chiamano in loro lingua Niceffo” (GIOVANNI FRANCESCO DA ROMA, 1648, 1649a). Semelhante designação seria posteriormente citada pelos outros capuchinhos italianos sob as grafias de “nicefo”, “niceffo”, “niceso” e “nicesso”. O termo “niceffo” também aparece em passagens extraídas do texto de Giovanni Antonio Cavazzi da Montecuccolo (ver adiante) e na “Encyclopédie” de Diderot & d’Alembert, conforme demonstra a seguinte tradução: “Niceffo, Hist. nat. Bot., árvore da África que cresce comumente nos Reinos do Congo e Angola. Os habitantes desse último país chamam-na de ‘maongio-acumburi.’ De ordinário, alcança seis pés de altura e produz um fruto muito parecido ao ananás, cujo cacho contém até 200 frutos oblongos de um sabor delicioso. Carrega-se desses frutos pouco depois de sair da terra e produz o ano todo” (DIDEROT & D’ALEMBERT, 1780). Segundo a monumental “The Modern Part of an Universal History”, o “niceffo”, “chamado pelos nativos de Angola ‘maongio-acumburi’, possui cerca de seis pés de altura e produz um fruto assaz grande, não muito diferente do abacaxi. O cacho compreende de cem a duzentos frutos oblongos parecidos a pequenos limões pequenos, mas de um gosto requintado superior ao dos melhores melões.

sobre um caule como o da cana da Índia⁶⁰. Com duas de suas folhas far-se-ia uma vestimenta na moda para qualquer homem, por grande que seja. Desse caule surgem por vezes outros caules e um cacho – como o cacho de uva que os camponeses da Lombardia suspendem de um suporte – do qual nascem juntos cinquenta ‘niceffos’. Para que estes se tornem maduros, é preciso cortar o cacho da planta enquanto verde e suspendê-lo ao ar livre – e dentro de poucos dias [os frutos] se tornam amarelos. Para comê-los, corta-se pelo meio em duas partes – e se descobre naturalmente impressa a imagem de um crucifixo⁶¹. Cortado o cacho o caule seca, logo renascendo outro filho da mesma raiz, que cresce da altura do milho zaborro da Itália. Quase da mesma natureza é a banana, exceto por alcançar o ‘niceffo’ três onças e a banana o dobro. O ananás tem a feição de uma pinha⁶² com o comprimento de um palmo e a planta só produz um. Tirada a casca, este surge inteiramente amarelo e destila um suco natural como o da uva moscatel. Come-se com certo cuidado por ser sua substância cálida no terceiro grau⁶³. Há ainda infinitas espécies tais como as frutas-do-conde⁶⁴, que nascem sobre uma planta da altura de uma laranjeira

Começam a aparecer alguns meses depois de a planta ter brotado para fora da terra e crescem ao longo de todo o ano, sendo possível vê-los em todos os seus diferentes graus de amadurecimento, alguns bastante, alguns meio maduros, alguns verdes e alguns apenas brotando” (THE MODERN PART OF AN UNIVERSAL HISTORY, 1780-1784). Ao distinguir o “niceffo” das bananas, Michelangelo Guattini da Reggio e os demais capuchinhos talvez pretendessem separar espécies nativas do Novo Mundo (as chamadas “bananas-da-terra”) das variedades introduzidas pelos portugueses durante a colonização. Sob a designação de “Fikon (*Ficus carica* L.)”, BERGIUS (1785) dedicaria várias páginas de sua obra para enumerar a literatura referente à figueira e à bananeira, listando todos os nomes dados à banana, incluindo o presente “niceffo” sem esclarecer sua origem. O único vocábulo aparentemente mais próximo de “niceffo” que encontramos aparece no trabalho de PHILLIPPSON & BAHUCHET (2008) que empregam o alfabeto fonético internacional para grafar “ ik t ” (pronuncia-se “nikotsh”) como um dos nomes da banana na língua Mandi (também chamada de Lemande, Mande, Nomaande, Nomaante, Numand, Pimenc) do sudoeste de Camarões. “Niceffo” talvez seja uma cacografia dessa palavra.

60. Embora semelhante designação também tenha sido aplicada aos bambus (Poaceae, Bambusoideae) por diversos cronistas (vide DALGADO, 1988), Michelangelo Guattini provavelmente pretendia referir-se à verdadeira cana-da-índia ou erva-conteira, *Canna indica* L. (Cannaceae).

61. A versão espanhola da obra de Giovanni Francesco da Roma menciona haver “uma coisa maravilhosa no niceffo: ao parti-lo na transversal se vê – ainda que confusamente – como a imagem de um crucifixo formada por certas pequenas inervações que possui no interior e tiram a um colorido negro” (GIOVANNI FRANCESCO DA ROMA, 1649b).

62. “L’Ananas e à guisa d’vna pigna” no original (vide Anexo 3). Trata-se do abacaxi, *Ananas comosus* (L.) (Bromeliaceae), descrito pelos cronistas que visitaram o Brasil já na primeira metade do século XVI.

63. Clara referência à teoria humoral que dominou a medicina até o século XVII.

64. “Frutti del Conte” no original (vide Anexo 3). Alusão à *Annona squamosa* L., espécie de Annonaceae originária do Caribe e América Central que teria sido introduzida na Bahia pelo governador Diogo Luís de Oliveira, Conde de Miranda, em 1626 (vide HOEHNE, 1946).

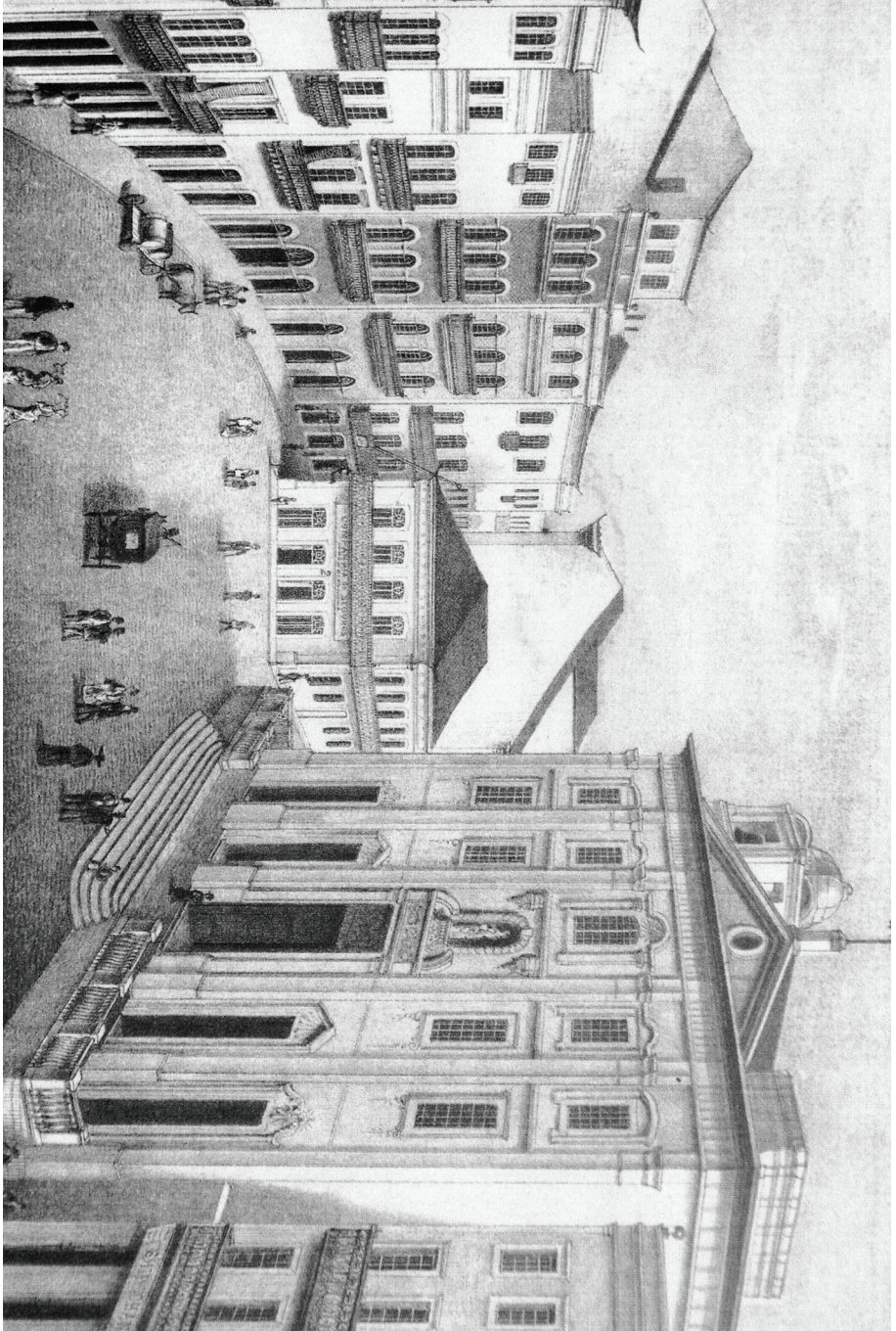


Figura 9. "O Largo do Corpo Santo", gravura de Luis Schlappritz (1863)

[e são] dulcíssimas no sabor. Os mamões⁶⁵ se assemelham aos pequenos melões de nossas terras e crescem em árvores grandíssimas. Há o maracujá⁶⁶, com a forma de uma grande maçã – redondo e amarelo por fora – cujo modelo ao natural, como o de muitos outros [frutos], será dado à luz pelo Sr. Giacomo Zanoni, bolonhês e amicíssimo meu. A ele me obrigo – como laço de um dever indissolúvel – enviar (como farei o mais cedo possível) frutos, flores, raízes, símplices e sementes de todas as espécies que puder descobrir a minha indústria e a minha diligência, para servi-lo assim como a outros amigos e patronos meus⁶⁷. Das frutas da Europa veem-se em alguns jardins uvas, melões, romãs, figos, abóboras, pepinos, cidrões, laranjas, limões e cidras, tão felizes pela humidade radical que crescem do tamanho das abóboras da Itália. Aqui há ainda laranjas-da-china, que se multiplicam em grande quantidade e melhoram muito de qualidade, pois são certamente preciosas graças à mãe natureza, que lhes é tão benigna que – para multiplicar os frutos – eleva as plantas até serem árvores altíssimas. A viagem que estamos prestes a fazer para Angola será de quinhentas e quatro milhas, pois é preciso velejar até o Cabo da Boa Esperança para escapar da adversidade dos ventos que reinam nesses mares. Somos seis padres missionários para partir, sendo necessário dividir-nos em dois grupos pela exiguidade dos navios, não levando cada um deles senão trinta marinheiros no máximo. O Pe. Dionigi com um companheiro e eu partiremos num navio comprado por um particular amigo por quatro mil cruzados e muito bem equipado. Se o Senhor nos fizer a graça de levar-nos a salvo logo sereis por mim avisado, pois espero encontrar lá navios seguros que estejam de regresso a Lisboa. Por ora não me alongo mais em escrever-vos e me remeto a outra [carta] minha que já vos escrevi. Entrementes, não vos esqueçais de rogar por mim ao Senhor Deus, de abraçar minha cara mãe e de saudar os irmãos, sobrinhos e todos de casa. Eu, de todo coração, desejo a todos a paz e a bênção do Senhor.

Pernambuco, aos 12 de setembro de 1667.

Vosso obrigadíssimo e cordialíssimo filho

F. M. Angelo Capuchinho”.

65. “Manaci” no original (vide Anexo 3). A julgar pelo testemunho dos outros capuchinhos relacionados adiante, essa peculiar denominação diria respeito ao mamoeiro, *Carica papaya* L. (Caricaceae).

66. “Marracupias” no original (vide Anexo 3). Termo geral aplicado a diferentes espécies do gênero *Passiflora* (Passifloraceae).

67. Vide o capítulo seguinte.

**DE PERNAMBUCO NO BRASIL ENVIA CERTAS CURIOSIDADES AO PAI
COM OUTRAS NOTÍCIAS**

“Pax Christi.

Carissimo Pai.

Confiei a uma charrua, que partiu daqui para a Europa já há muitos dias, a guarda de algumas cartas que vos escrevi para dar-vos novas de minha viagem ao Brasil e de muitas particularidades destas regiões. Agora faço-vos saber pela presente que a caixinha que me enviaste a Gênova hoje se acha tão vazia que se lhe pode ver o fundo, o mínimo que pude fazer foi oferecer algumas lembranças às pessoas apropriadas para retribuir-lhes a cortesia. Garanto-vos que, quando abri a dita caixinha em Lisboa, não pude impedir de derramar algumas lágrimas de ternura ao testemunhar a indefectível e amorosa solicitude com que um pai amoroso continua caridosamente a acompanhar seu pobre filho até os países longínquos. Eis porque, seguro de vosso infinito amor paternal, ousou pedir-vos um novo favor: quando vós – ou qualquer outra pessoa – forem a Livorno, dignai-vos enviar-me algumas curiosidades em vidro, camândulas⁶⁸, anéis de osso e outras lembranças, pois esses simples regalos parecem, aos olhos dos cidadãos daqui, mais preciosos que o ouro vindo das mais ricas minas desta terra. Por ocasião da partida de uma frota carregada de açúcar e tabaco, aviso que vos enviarei a Gênova um pequeno cofre cheio de diversas curiosidades desta província. Das várias sementes que encontrareis dentro, dividireis as de cada espécie em duas porções: uma será vossa e a outra deveis empacotar junto com a carta que estará no mesmo cofrinho⁶⁹, enviando tudo – em meu nome e do modo mais seguro – ao Sr. Giacomo Zanoni, herborista em San Biagio, Bolonha. Assegurar-lhe-eis que a maior parte delas são [sementes de] símplies aqui encontrados, mas como não posso julgar tais assuntos escolhi aquelas que me pareciam nunca haverem sido vistas na Itália. Encorajai-o a continuar as sábias plantações de seu belíssimo jardim de símplies e a coroar com um glorioso término o virtuosíssimo livro que já começou – os assuntos do qual farão com que o nome dele fique imortal junto aos ‘virtuosi’ de tal profissão e mesmo do mundo inteiro. Também recebereis dentro do mesmo cofre certas coisas estranhas que vos envio: primeiramente a pele de uma

68. “Corone de Camandoli” no original (vide Anexo 3). Tipo de rosário de contas muito grossas geralmente feitas de vidro.

69. Vide o capítulo seguinte.

serpente com sete braços [de comprimento] mas [que é] das pequenas, pois existem [aquelas tão] grandes que engolem um capão ou um veado inteiro⁷⁰. Há também o osso maciço de um peixe, que o traz à sua cabeça e por ter a forma de espada, chamam-no ‘espada de peixe’⁷¹. Vereis dois peixes que voam como as aves, tendo as asas à sua semelhança⁷². Entre essas coisas e outras estranhezas que vos envio, como podereis ler em minha nota, acham-se muitas ervas medicinais com seus folhetos à parte, os quais especificam seu uso. Há ainda um terço feito de [casca de] coco e um rosário para minha diletíssima mãe – os outros quatro que vão juntos oferecê-los-eis a meus irmãos e ao pessoal de casa. Todas essas coisas foram-me doadas por comerciantes com os quais, com habilidade e boas maneiras, travei amizade, se bem que com os portugueses isso suceda sem muito trabalho, pois eles são muito devotos de nossa ordem religiosa⁷³. Ofereceram-me também duas quartolas de doces que dizem serem os únicos no mundo a conhecer o modo verdadeiro e original de prepará-los, tendo o costume de comer um pedaço deles após a refeição para forrar o estômago. Nada mais posso enviar-vos por ora, pois só à custa de muitos rogos pude obter de um de meus amigos – ainda como um favor – a autorização para esse cofrinho. Guardai essas curiosidades (rogo-vos) e não as doeis, pois espero – com o passar do tempo – poder deixar-vos em condição de montar um armário à maneira de uma galeria, caracterizada por todas as curiosidades vindas da América e da África, especialmente porque a experiência ensinou-me que não é muito difícil – a quem possui correspondentes em boas posições – poder enviar o que queira desde os países mais recônditos até as mais longínquas regiões. É porém certo ser preciso falar do grande sofrimento e da amargura pela impaciência de aguardar o que tarda a chegar, pois aportando um desses navios aqui

70. “Prima vna pelle di Biscia di sette braccia, quale e però delle piccole, poiche ve ne sono delle grandi, che ingoiaranno vn castrato, od vn Ceruetto intiero” no original (vide Anexo 3). Embora a sucuri, *Eunectes murinus* (Linnaeus, 1758) tenha sido assinalada do sul da Bahia ao Ceará e Piauí (FREITAS & SILVA, 2005, 2007; SILVA-LEITE *et al.*, 2010), Michelangelo Guattini provavelmente pretendia referir-se à pele de uma jiboia, *Boa constrictor* (Linnaeus, 1758) (Boidae). Mesmo considerando que os couros das serpentes se distendem com facilidade e acabam por superar por larga margem o tamanho dos exemplares vivos, o valor de sete braços (pouco mais de 12 metros) parece excessivo, pois as jiboias usualmente não ultrapassam os 4 metros e não existem casos comprovados de sucuris com mais de 8 metros de comprimento (MURPHY & HENDERSON, 1997).

71. Provável alusão ao rosto de um peixe-serra, *Pristis* sp. (Pristidae). Sobre a presença desse tipo de material em coleções europeias, vide D.M. TEIXEIRA & PAPAVERO (2014).

72. Referência aos peixes-voadores (Exocoetidae), que foram considerados autênticos “prodígios” e chamaram a atenção de cosmógrafos, cronistas, médicos e cartógrafos renomados (e.g. LINSCHOTEN, 1596; ORTELIUS, 1570; OVIEDO y VALDEZ, 1557; PARÉ, 1585; THEVET, 1575). Para outros comentários, vide D.M. TEIXEIRA (2008).

73. “Sono lui scerattissimi della nostra Religione” no original (vide Anexo 3).

no porto, não pode senão levar três ou quatro meses, pelo menos, para que processem as operações de descarga e carga das mercadorias. Outro tanto levou na viagem e tempo semelhante durará seu regresso a Lisboa – e ainda é preciso que o envio para a Itália se processe imediatamente, de modo que, calculando que tudo corra bem, esta minha carta que vos escrevo agora só vos chegará em meados ou no fim da Quaresma. Hoje, por volta do meio-dia, aproaram aqui os navios de toda a frota que tomaram carga na Bahia e no Rio de Janeiro, os quais partirão dentro de três ou quatro dias com os daqui para Lisboa, sendo ao todo 40 navios. Asseguraram-me que em outras vezes chegaram a unir-se 80 ou 90. Em um destes dias fomos convidados para uma ceia italiana por um de nossos amigos (para gozá-la antes de nossa partida), na qual o pão não era muito bom por ter sido feito com farinha vinda da Europa, que por causa da duração da viagem e do veemente calor na passagem da linha [equinocial] se umidifica, se aquece e por isto sofre muito. Havia frituras em abundância, também carnes, galinhas e diversos saborosos petiscos, porém só de carne de vaca por não haver nesta terra animal mais precioso e delicado que esta. Havia vinho, mas muito generoso e muito mais caro. Se vos dissesse que custa mais que o açafão, não vos enganaria. É trazido da Ilha da Madeira, distante 2000 milhas, pagando-se como imposto por cada pipa⁷⁴ (cada uma perfaz 7 de nossa medida) oito dobrões – eis porque traz-se pouco e bebe-se ainda menos. Além disto, os brancos que aqui se encontram ou são portugueses ou são descendentes de portugueses, os quais bebem muito pouco vinho ou nenhum. Espero que logo (se Deus quiser) três frades partam em um navio. Pouco tempo depois segui-los-emos – meu Frei Dionigi e eu, assim como outro companheiro – em um navio fretado por um particular amigo meu - e seu irmão partirá conosco de conserva. A estreiteza dos navios e a pequenez de todas essas embarcações que aqui se encontram obrigam-nos a separarmo-nos, não podemos agir de outro modo. Sei que não vos satisfiz com o pouco que escrevi sobre as curiosidades desta terra, mas posso dizer-vos que há tanta coisa maravilhosa que tudo pode dar lugar a considerações e tecer essas considerações é-me impossível neste pouco tempo. Basta dizer que é um mundo novo. Se Deus me preservar a vida, escreverei com maior comodidade e mais longamente, estendendo-me mais curiosamente sobre as distintas e precisas relações (para as quais trago comigo algumas notas) sobre todas as estranhezas, sobre as cidades, costumes, a natureza, as leis, o modo de vida e de vestir e muitas outras coisas destas regiões de minha navegação e peregrinação, para apaziguar e satisfazer a curiosidade de quem queira. Não

74. Antiga medida portuguesa, a pipa equivalia a 420 litros.

vos olvideis (suplico-vos) de rogar a Deus por mim. Recomendai-me a todos de casa e em primeiro lugar a minha querida mãe. Apresentai meus respeitos aos amigos e mestres e vivei felizes na paz de meu Senhor.

Pernambuco, aos 17 de setembro de 1667.

Vosso obrigadíssimo e afetuosíssimo filho

F. M. Angelo Capuchinho”.

**AO SENHOR CONDE FRANCESCO ROLLI. MANDA CERTOS OBSÉQUIOS
E NOTÍCIAS**

“Ilustríssimo Senhor.

Para sanar qualquer dúvida de V. S. Ilustríssima de que a distância de 5000 milhas tivesse podido diminuir a gratidão que lhe devo pelos muitos favores recebidos como efeito de sua gentileza, escrevo-lhe esta minha carta da América na Província do Brasil, terra de Pernambuco, onde cheguei a salvo pela graça de Deus. A viagem desde Lisboa até aqui não foi de uma perfeita felicidade. É verdade que não encontramos embates de procelosas tempestades nas longas travessias dos mares, nem fomos perseguidos por inimigos, o que seria de temer, mas atormentados por alguma calmaria que nos causou tédio. Contento-me, porém, de só haver passado menos de três meses em tão longa navegação. Para dar uma exata informação a V. S. Ilustríssima sobre esta parte do mundo, não tenho as espáduas de Atlas para poder suportar carga tão insustentável. É um novo mundo, o que quer dizer feito ao revés de todo o outro. De homens há diversos e diferentes tipos, como negros, mulatos, vermelhos, tapuias e os mamelucos⁷⁵ – que nascem de um índio nativo com uma destas brancas. Salvo os brancos, todos andam nus - exceto os maiores de doze anos, que cobrem as partes dianteiras com um palmo de trapo ou com uma simples folha. Os tapuias, que mais parecem bestas que homens, andam inteiramente nus. Não sei se para parecer mais belos ou mais feios, estes trazem embutidos na cara pedaços de madeira e de pedra de várias cores e nas orelhas penduram, tal como nossos cães, não brincos mas pedaços

75. “Negri, Mulatti, Vermigli, Tabui, & Mamaluchi” no original (vide Anexo 3).

de madeira. Todos, universalmente, levam flechas, arcos e aljava, armas comuns em toda a Índia. Vivem de caça selvagem e doméstica, quero dizer de feras e de homens. Adoecendo algum deles, dão-lhe um tempo preciso para curar-se. Caso não se restabeleça [depois desse prazo] e para poupá-lo das penas, matam-no e comem-no com caridade leonina, conforme fazem com todos os mortos e mesmo com seus próprios parentes, os quais – envelhecendo e tornando-se inúteis para o exercício incansável da caça – são mortos por seus próprios filhos que – convidando os parentes – fazem um lautíssimo banquete enriquecido com vários acepipes daquela mísera carne a qual, por lhes haver dado a vida, encontram a morte e sua sepultura nas vísceras de quem foram o coração⁷⁶. Estes, porém, não são cristãos e os outros, sejam bons ou maus, são cristãos formalmente. Há duas estações do ano sob este clima, ou seja, o inverno – bastante temperado quanto ao frio mas muito rigoroso nas chuvas, não despojando nunca os campos de suas folhas mas inundando-os com torrentes de águas preciosas – e o verão, muito rigoroso quanto ao calor e demasiado temperado por chuvas. Na falta destas, se não fora o socorro do muito orvalho caído do céu, não se duvidaria que toda esta terra se tornasse uma massa de fogo. As plantas são todas diferentes das da Europa exceto a uva, das quais existem videiras comuns cujo fruto escasso e amargo é colhido ordinariamente duas ou mesmo três vezes ao ano. Veem-se outros tipos de frutos de diversas espécies que se encontram durante todo o ano nas árvores, mas para dizer a verdade são insípidos e eu gosto mais daqueles da Europa e dentre estes os da Itália. Em lugar de pão come-se a farinha feita com a raiz de um arbusto que se chama mandioca⁷⁷. Em lugar de vinho bebe-se água, mais ruim que boa. Esta terra é amena e salubre, mas para onde devemos ir dizem-me, entretanto, ser [uma terra] inculta e malsã. Seja como for – viva Deus – logo a veremos e experimentaremos. Daqui fica à distância de quatro mil e seiscentas milhas, que esperamos atravessar no máximo em oitenta dias, para a glória de meu Senhor. Aqui juntamente envio à Sra. Condessa sua mãe e minha senhora um rosário feito de coco, fiel atestado das minhas obrigações e devoto compêndio das cordiais expressões de um pobre capuchinho. Peço que lhe suplique, em meu nome, recordar-se de mim em suas afetuosas orações nas quais muito confio, como também saudar o Sr.

76. Registrado entre os Tarairiu, o endocanibalismo mereceu diversos comentários de cronistas do Brasil Holandês, sendo noticiado por autores como Zacharias Wagener (*in* D.M. TEIXEIRA, 1997) em termos não muito distintos daqueles empregados por Michelangelo Guattini. Vide nota 48.

77. “Mandioca” no original. Designação comum a várias espécies do gênero *Manihot* (Euphorbiaceae).

Conde Francesco Maldoni, meu bom patrono, o Sr. Conde Andini e o Sr. Brami, tendo sido eu e serei sempre

De Vossa Senhoria Ilustríssima

Pernambuco, aos 17 de setembro de 1667.

Obrigadíssimo e parcialíssimo servo

F. M. Angelo Capuchinho”.

DÁ PARTE DE UMA INDISPOSIÇÃO SUA, AVISA DE SUA PARTIDA E FORNECE OUTRAS NOTÍCIAS

“Pax Christi.

Caríssimo pai.

Desde Lisboa e do Mar Oceano deveríeis haver recebido minhas cartas. Aqui de Pernambuco, por ocasião da partida da frota, e antes por uma charrua⁷⁸ sei ter-vos escrito mais umas. No presente, partindo deste porto um navio para Portugal, escrevo também esta para dizer-vos ter sido um milagre que todos nós não nos tivéssemos perdido a bordo de um patacho. Um dia, subindo nele para fazermos vela para nossa viagem, já tendo sido carregadas todas as mercadorias, perceberam os marinheiros que ele fazia muita água e advertiram o patrão, um comerciante riquíssimo e amicíssimo meu⁷⁹. Feitas as diligências ordinárias, ele não pôde (para obviar o mal) investigar a causa [do problema] sem descarregá-lo totalmente. Uma vez feita [a retirada] com grandíssima impaciência, descobriu-se (providência de Deus) que no fundo nada mais servia, [não havendo] nem um cravo servível por estar tudo arruinado pela ferrugem e corroído pela fome do tempo voraz. Tivemos, portanto, que retardar por muitas semanas nossa partida, até que o patrão pudesse providenciar um patacho mais seguro. Tem-se por infalível que no próximo sábado seja o dia prescrito para nosso feliz embarque. Digo feliz porque todo

78. Ao contrário das duas passagens anteriores, desta vez Frei Michelangelo grafaria “chiaruia” ao invés de “ceruia”. Vide nota 42.

79. Trata-se do comerciante supracitado que custeou a festa da igreja do Corpo Santo.

o lucro que ganhar com este barco em que estamos, entre tantos outros que ele possui e com os quais comercia incansavelmente por estes mares, o patrão vai gastar no sufrágio de todas as almas do purgatório, mediante cuja intercessão espero ter uma próspera navegação. Conto-vos também que há muitos dias atrás foi-me necessário ir com o Padre Superior a certo lugar distante daqui poucas léguas, cujo caminho, por estar interrompido por um pequeno curso de um rio alagado, foi preciso transpor para o outro lado carregado por dois negros que levávamos para tal efeito. Ocorreu (para minha desgraça) que, com o movimento que fiz para descer de suas costas, pisei numa pedra irregular. Resvalando descuidadamente por causa de uma ponta dela e com os olhos atordoados pela agitação do rápido curso d' água, bati com o peito em uma quina aguda daquela pedra e com esse golpe caí de novo desfalecido em terra, crendo ter o peito todo dilacerado com as costelas entradas no peito. Então (com a ajuda de meu Deus) e a imensa caridade do Padre Superior, que logo ocorreu todo diligente, voltei a mim e com o cômodo apoio dos negros chegamos ao lugar pretendido, já pouco distante, onde me proporcionaram lenitivos mais adequados à minha necessidade durante dois ou três dias. Já um pouco refeito, regressamos a nosso Convento, onde comecei pouco a pouco a ficar melhor com banhos de vinho, bebendo certos licores e extratos de plantas naturais da região, unções, emplastos, com muitas sangrias nos braços, nos pés e ventosas em quantidade, servido pelos Padres, pela caridade dos amigos e os benefícios de todos. Durante muitos dias, porém, doeu-me respirar normalmente e tossir era um tormento insuportável. A queda ocorreu a 5 de outubro e hoje estamos no dia 19 e é este o primeiro no qual rezo a missa, pois antes não podia levantar os braços por causa da dor no peito. Creio não haver lenitivo mais adequado e mais imediato para meu mal que os caminhos do mar⁸⁰, tendo como coisa indubitável que, com a ânsia crucial que me atormenta por não prosseguir minha viagem, se eu embarcasse logo não teria mais nenhum mal no mundo. Volto a dizer-vos que é uma praga insofrível a desses vermes que entram nos pés e cada um de nós padece desse obstáculo maligno. Dizem, porém, que na África – para onde devemos ir – não se acham, louvado seja Deus, o que nos dá grandíssima consolação. Outro dia o Senhor Governador de Pernambuco mandou mil e quatrocentos homens chamados caboclos⁸¹ (que são os que aqui habitavam

80. "Che i Bittumi di mare" no original, literalmente "que os betumes do mar" (vide Anexo 3). Nesse caso, a expressão deve ser entendida como se não houvesse melhor remédio para os males que afligiam o autor do que tomar os caminhos do mar para cumprir sua missão apostólica.

81. "Cabocoli" no original.

quando chegaram os portugueses) para subjugar os negros dos Palmares, escravos fugidos de seus senhores que chegaram ao número de vinte mil com o longo passar do tempo. Multiplicando-se em paz, infestam continuamente os arredores [desse sítio] onde há brancos, ou caboclos, ou índios, com furtos rapaces, rapinas lastimáveis de coisas, gado e mesmo das próprias pessoas. Esta gente, como os Tapuias⁸², habitam os bosques selvagens que dividem o Rio da Prata do Peru, que são as Índias pertencentes a Espanha⁸³. Mas nesta parte de Pernambuco, sua região é deste Reino [de Portugal]. Aqui também no mais recôndito do Brasil há uma terra chamada São Paulo que – pode-se dizer – é a Cocanha⁸⁴ do mundo, pois nela chegando qualquer estrangeiro, mesmo pobre, infeliz e miserável, logo encontra (se ele quiser) uma mulher para sua satisfação, mas com um pacto rigoroso de esquecer todo o trabalho e não pensar em outra coisa senão beber como um alemão, comer como um parasita e divertir-se como um desmiolado. Mas sobretudo [deve] ficar ciente de não cortejar, nem de leve, outra mulher que não a sua, nem de despertar a mínima suspeita de fuga para abandoná-la, pois logo esta – tornando-se uma fúria – dá-lhe veneno e com o veneno a morte. Mas se – pelo contrário – a acarinhar, ela fará todos os esforços, inventará tudo, estudará todas as finezas, esforçar-se-á a fazer todos os afetos para comprazê-lo e deliciá-lo com toda a plenitude dos desejos mais agradáveis, esforçando-se cada uma delas a fazer parecer seu marido, em qualquer confronto, mais galante e correto que todos os outros. Esta região tem um clima felicíssimo, tanto ao proporcionar aos homens um belíssimo sangue como para estimular a terra a produzir todas as coisas comestíveis de forma fecundíssima e mesmo superabundante para os estrangeiros, [suficiente] para todas suas necessidades. Corre por essa região um rio tão rico que, com seu tesouro, socorre as misérias de qualquer necessitado que lhe implore ajuda, pescando em tal caso naquelas areias preciosas tanto ouro que serve para livrá-lo de sua necessidade, [embora] a quinta parte do qual tenha de ser tributada ao seu rei. Uma vez providos em sua atual necessidade, não movem um pé para colher mais ouro, mesmo por

82. “Tabui” no original.

83. Desconhecendo maiores detalhes sobre a geografia do Novo Mundo, o autor repete o antigo erro de avaliação quanto à grande distância que separava o Brasil da América andina.

84. No imaginário medieval europeu, a Cocanha era um país fabuloso no qual não era necessário trabalhar, pois os produtos eram oferecidos de graça. O alimento era abundante, todos viviam entre rios de vinho e leite em casas feitas de cevada ou de doces, enquanto as colinas eram de queijo – que caía do céu como chuva – e os leitões assados já vinham com uma faca espetada no lombo. O sexo era livre, o clima agradável, o vinho nunca terminava e seus habitantes permaneciam jovens para sempre. Para maiores detalhes, vide FRANCO JÚNIOR (1998) e MANGUEL & GUADALUPI (1999).

todo o ouro mais precioso do mundo⁸⁵. Contam-se estranhos e maravilhosos costumes dessa parte, mas como ali não estive – por estar no mais recôndito deste reino, contígua ao [Rio] da Prata – não posso confirmá-los. Mas direi, em verdade, que aqui de nada se pode duvidar, porque a estas [gentes] qualquer despropósito se torna factível. Aqui termino e ao terminar abraço-vos carinhosamente, junto com minha amantíssima mãe. Recomendai-me aos irmãos, saudai os sobrinhos, reverenciai os amigos e rogai, todos vós, ao Senhor Deus por mim.

De Pernambuco, aos 19 de outubro de 1667.

Vosso obrigadíssimo e afetuosíssimo filho

F. M. Angelo Capuchinho”.

VERSÃO PARA O PORTUGUÊS ATUAL DAS PASSAGENS REFERENTES AO BRASIL NO TEXTO DE DIONIGI CARLI DA PIACENZA (1667)⁸⁶

“NAVEGAÇÃO AO NOVO MUNDO E À CIDADE DE PERNAMBUCO. CAP. IV.

Ao por do sol, descobrimos finalmente – a longuíssima distância – o Cabo de Santo Agostinho e pela manhã vimos aves da terra voar sobre nós, assim como algumas baleias que, lançando ao ar uma grande quantidade de água, pareciam-nos ao longe belíssimas fontes que surgiam do mar. É tanta a quantidade das baleias que um comerciante paga ao Rei de Portugal

85. A julgar por informe apresentado à Coroa Portuguesa em 1562, Brás Cubas teria encontrado minas de ouro e prata no interior da Capitania de São Vicente durante expedição levada a cabo no ano anterior. Passadas quase três décadas, Afonso Sardinha e Clemente Álvares achariam ouro no Jaraguá, nas serras de Jaguamimbaba (mais especificamente na localidade denominada Lagoas Velhas do Geraldo, Serra da Mantiqueira) e Ivituruna (atual Parnaíba), bem como em Araçoiaba (atual Sorocaba). Já em 1646, Gabriel de Lara descobriria ouro na região de Paranaguá, cujas minas seriam vistoriadas, em 1651, pelo provedor da Fazenda Real do Rio de Janeiro, Pedro de Sousa Pereira. Segundo o relato desta visita, as pedras que pareciam conter ouro “eram raríssimas, embora se dissesse serem elas infinitas”. Algumas, no entanto, “não mostravam ouro, mas apresentavam – quando cortadas – veios de diferentes cores, sendo que algumas demonstravam possuir o metal” (vide MAFFEI & NOGUEIRA, 1966 e VARELA, 2009).

86. Tradução livre baseada em DIONIGI CARLI DA PIACENZA (1687) e nas versões de CHURCHILL & CHURCHILL (1704), PINKERTON (1808-1814) e WALCKENAER (1842).

cinquenta mil escudos de ouro por um contrato para obter o óleo. Vimos também uma quantidade de negros que pescavam desta maneira: tomam três troncos grossos de coqueiro – portanto levíssimos – atados uns aos outros a distâncias bem calculadas para ficarem bem triangulados⁸⁷. No meio destes está plantada uma vara em cuja extremidade vai amarrado um saquinho de farinha de pau (fazem-na de raízes secas ao sol e depois moídas) que serve ao negro para alimentar-se quando tem fome, por ser ela o pão do Brasil⁸⁸. Este senta no tronco do meio – com a ponta do pé nos troncos laterais – e pesca com uma corda feita de uma erva – negra tal como ele – no fim da qual há uma bola de ferro com quatro ou seis anzóis. Colhe uma grandíssima quantidade [de pescado] e são peixes de catorze ou quinze libras cada um. O mais curioso é que [com] o mar fazendo as ondas costumeiras, o negro ora aparece, ora não se vê – e nós certamente poderíamos crer que estivesse sentado sobre a água, porque de longe não se podiam perceber aqueles troncos sobre os quais estava sentado sem o mínimo perigo de molhar a roupa, porque não a tem.

Na passagem que fizemos em frente da Senhora de Nazaré, saudamo-la todos com a Ave-Maria e com muitos tiros de canhão. Esta é uma igreja distante cinco milhas da cidade de Pernambuco⁸⁹, por cujo lugar – antes que essa igreja fosse erguida – passava o Senhor Dom Francisco Brito (Grande de Portugal), devotíssimo da Beata Virgem, cujo rosário rezava ao passear. Encontrou uma pobre mulher vestida de branco, com um menininho ao colo, que lhe pediu humildemente uma esmola. Este, pondo a mão na bolsa, deu-lhe um ducado. No qual ato de dar e de receber, miraram-se mutuamente no rosto e Brito prosseguiu seu caminho. Pouco adiante, quase enlevado ocultamente por aquele único olhar, virava-se frequentemente para gozar a visão daquela que lhe havia atingido o coração, mas sempre em vão, pois não pôde mais ver a bela mendiga – se bem que naquele trecho do campo não houvesse onde esconder-se, nem empecilho à vista. Ficando, portanto, totalmente ansioso e anelante, regressou ao lugar onde havia deixado o dinheiro e o pensamento. Ali chegando, só encontrou duas pegadas

87. “Concatenati assieme in debita distanza, mà triangolati” no original. Passagem muito confusa que permitiu apenas uma tradução aproximada. Quando equilibrada, uma disposição em triângulo aumenta a resistência da estrutura à ação de qualquer força externa, pois cada lado funciona como uma escora e impede a deformação do conjunto. Talvez o autor tenha pretendido descrever, sem grande sucesso, algum tipo de jangada.

88. Óbvia referência à farinha de mandioca, na época chamada pejorativamente de “farinha de pau” em contraposição à farinha de trigo, alimento mais nobre. Vide nota 77.

89. Ou seja, o Recife.

impressas na terra e por esse milagroso acidente percebeu que a pobre era Maria sempre Virgem, que com a divindade de seus olhos lhe havia incinerado o coração e com sua beleza paradisíaca lhe havia furtado a alma, não podendo mais – pela extrema alegria – o coração reavivar o espírito, nem o espírito reavivar o coração – e penava deliciosamente em uma agonia de suavíssima morte. Por causa disso, em memória de aparecimento tão gracioso e de tão milagrosa graça, logo erigiu ali uma memorável igreja às glórias da Santíssima Virgem, dotada, mantida e oficiada conforme a bondade e esplendor desse cavalheiro. O resto da viagem foi gasto em descarregar o navio, lançando ao mar as grandes e pesadas pedras que ali estavam postas como lastro.

Chegados à torre que serve de fortaleza para o porto de Pernambuco⁹⁰, não podendo entrar nele navios grandes pelo raso da água – sendo pouco fundo – lançamos âncora e com os tiros costumeiros foi saudada a cidade. O capitão, vestido a rigor (coisa que fazem todos chegando aos portos), fez-se conduzir em um batel para a habitual licença de desembarque. Entrementes, observei que da supracitada torre sai um muro que chamam ‘recife’ – que é natural – com cem léguas de comprimento, por cujo braço o porto fica fechado e seguro. Esse muro separa o mar de um rio que passa pelo meio da cidade, atravessado por uma ponte metade de pedra e o resto de tábuas. Quando o mar cresce, salta sobre aquele muro misturando os peixes de água salgada com os de água doce – e por isso o dito rio é abundantíssimo de peixes. Como o recife é batido pelo contínuo fluxo e refluxo do mar, todas aquelas poças ficam cheias de peixes, à busca dos quais acodem aos milhares papagaios, periquitos e outras aves de belíssimas cores para alimentar-se⁹¹. Ao verem isto, os cidadãos – rapidamente em batéis cheio de gente, cada qual com sua escopeta – fazem uma boa caça.

DISCURSO DO BRASIL E COSTUMES DAQUELA GENTE. CAP. V.

Descidos em terra, agradecemos Deus por haver-nos conduzido a salvo ao Novo Mundo (omito a alegria que todos tiveram, porque o leitor por

90. Vide nota 40.

91. O fenômeno de aves aquáticas ou de rapina acudirem em grande número para dar caça aos peixes presos em poças é bem conhecido e pode ser observado com facilidade no pantanal de Mato Grosso e em diversos rios da Amazônia. Seria improvável, entretanto, que espécies essencialmente frugívoras como papagaios e periquitos participassem de tais festins, embora existam registros isolados da predação de insetos e até mesmo de pequenos vertebrados entre os Psittacidae brasileiros (e.g. I.P. de FARIA, 2007; MARTUSCELLI, 1994 e SAZIMA, 1989).

si só pode considerá-la). Depois, caminhando, observei entre a grande multidão de pessoas uma negra que, ajoelhada, batia as mãos nas coxas e no peito e nos dois. Curioso por saber para qual finalidade ela fazia tais gestulações, disse-me um português: ‘padre, aquela negra é natural do Congo, batizada por um capuchinho. Tendo entendido que os senhores vão para lá pregar e batizar aquela gente, ela se alegra e festeja’. Ao ir depois para nosso hospício⁹², que está fora na outra parte da cidade, foi preciso passar por meio desta, que é de tamanho mediano embora muito povoada sobretudo por negros trazidos do Reino de Angola, assim como dos Reinos do Congo, Dongo, Matamba, Loango, Cassange⁹³ e outros países da África – dez mil a cada ano – como escravos que servem para o cultivo do tabaco, açúcar e algodão. Sendo os campos vastíssimos, [o algodão] nasce da altura de um homem ou pouco mais, com pele fina e verde. Cumprida a medida que lhe foi destinada pela natureza, a casca seca e abre, mostrando dentro como uma estopa banhada e da mesma cor a qual depois, com o sol e o orvalho, se torna branca até que, chegada à perfeição do algodão, caem por terra três feijões pretos que servem de semente e deles mesmos nasce, multiplicando-se incrivelmente. [Os negros também] lidam com o coco, com o marfim e cortam toda espécie de madeiras, tanto para tingir como para fazer trabalhos, mas particularmente com o ‘verzino’, chamado naquela língua ‘brasil’, sendo tanta a sua quantidade que o país tomou o nome da madeira⁹⁴. As pessoas que habitam este país são chamadas tapuias ou caboclos. Não são nem negros nem brancos, mas de cor castanho-escura ou aleonada. Andam totalmente nuas e como arma trazem um arco mais alto do que um homem e a flecha do comprimento de duas braças, feita parte de bambu e parte de madeira duríssima. Por não terem ferro aguçam-na com pedras, entalhando-a como uma serra para que – ao ferir – faça maior ferida e o retirá-la seja mais difícil. Esse dito arco atira como um mosquete, com tal força que atravessa uma tábua simples. Vi certo dia um destes aleonados que estava vestido deste modo: tinha vestido uma enfiada de penas do comprimento de um braço – todas de vários tipos – e trazia-a atada às costas com as penas arrebitadas para cima – e ele havia se tornado cristão. Contou-me coisas horrendas da sua gente, que ainda não fora subjugada

92. Trata-se do Hospício de Nossa Senhora da Penha. Vide nota 19.

93. O reino de Loango estendia-se ao norte da desembocadura do Rio Congo até o Cabo de Santa Catarina, enquanto o de Cassange encontrava-se no interior de Angola a leste de Luanda. Sobre os demais, vide nota 45.

94. Referência ao pau-brasil, *Caesalpinia echinata* Lam. (Leguminosae). Sobre a polêmica envolvendo o nome do país, vide BARROSO (1941), FERRAZ (1939) e SOUZA (1939).

pelos portugueses porque, na chegada destes, se retirou para o interior em vastíssimas florestas e se tornou difícilíssima de vencer. Mostrou-me um filho seu de dezoito anos da cor de rosa seca – coisa curiosa de ver-se – e isto sucedeu por haver ele tomado por mulher uma negra. E todos seus filhos nascem da mesma cor, de tal modo que, em uma casa ou cabana, há pessoas de três cores. O pai de cor castanho-escuro, a mãe negra e os filhos cor de rosa seca.

Em nosso hospício encontramos cinco missionários capuchinhos, tendo nós missões por todas as partes do mundo. Digo isto para informar quem pensa que não temos missões, pois não existe lugar onde não haja nossos padres: italianos, franceses ou espanhóis – porque quanto aos alemães e flamengos, estes têm trabalho suficiente em sua própria casa⁹⁵. Nem devo omitir as missões que temos em Valle Mesalcina, acima de Milão, em Val d’Osta e Perosa no Piemonte, nos Alpes da Brescia, na Rétia e outras. Durante o tempo em que estivemos retidos nesta cidade enfermaram-se dois confrades, mas com a ajuda de Deus logo sararam, apesar de que no início fosse muito duvidosa sua sobrevivência.

Uma manhã, de madrugada, fomos acordados pelo som de muitas trombetas, tambores e tiros de canhão. Olhando pelas janelas em direção ao mar, descobrimos a reunião de toda a frota em um total de oitenta navios – todos muitíssimo bem equipados. Como a estreita área do porto não é capaz de abrigar tal volume, estavam de fora ancorados à espera que se terminasse de carregar o navio em que viéramos, o qual transportava mil caixões de açúcar, sem contar os milhares de rolos de fumo e outras mercadorias. Em verdade, posso afirmar que esta era uma deliciosíssima perspectiva para a vista: haveríeis de jurar que era ou uma grande selva no mar ou um mar transformado em uma cidade torreada. Dos ditos navios desembarcaram⁹⁶, vindos do Congo, o Padre Giovanni Antonio da Montecuccolo e Frei Ignazio da Valsana⁹⁷, através dos quais tivemos notícia da morte do Padre Giovanni Maria Mandelli da Pavia⁹⁸, discípulo

95. Ou seja, estavam engajados no combate ao protestantismo.

96. Tal desembarque teria ocorrido em 1º de novembro de 1667, dia de Todos os Santos (vide GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO, 1687).

97. Trata-se do Frei Ignazio da Valsana, irmão leigo da Província de Milão que exercia a função de construtor e enfermeiro. Foi destacado para o Congo em 1653, chegando a Luanda no ano seguinte. Retornou para a Europa com o Padre Giovanni Antonio Cavazzi da Montecuccolo, desembarcando em Lisboa em 16 de dezembro de 1668. Morreria em Milão em janeiro de 1675 (G.M. de Leguzzano *in* GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO, 1965).

98. Vide nota 50.

da Província de Bolonha, o qual – sendo Prefeito Geral das Missões – rendeu sua alma a Deus com fama de invulgar bondade, [sendo] lamentado e pranteado inconsolavelmente por todos aqueles povos para cuja salvação tinha cooperado e – com incansáveis suores – trabalhado pelo espaço de vinte e oito anos, havendo partido da Itália em companhia do Padre Dionigi Moreschi da Piacenza⁹⁹, irmão do Ilustríssimo Senhor Conde Girolamo Moreschi, presidente do Supremo Conselho de Piacenza.

Fomos um dia ver a cidade de Olinda distante quase uma légua, cidade notável mas destruída – em sua maior parte – pelos holandeses, quando edificaram Pernambuco¹⁰⁰. No caminho mostraram-nos árvores que tinham raízes sobre as folhas no topo, de tal modo que se podem chamar árvores de duas raízes – uma parte enfiada na terra e outra ao ar no meio dos ramos com folhas, coisa curiosa de mirar¹⁰¹. Vimos depois uma quantidade de papagaios, periquitos, gatos-mamões, macacos de diversos tipos e espécies e particularmente aqueles que chamam saguis, estimadíssimos por sua pequenez¹⁰². Esta breve viagem foi quase toda feita por nós pela água, em uma barca dita ‘canoa’ – que é uma única peça de tronco escavado – guiada por dois negros que sofrivelmente cobrem com um palmo de trapo as partes mais vergonhosas – e este é o solene traje de todos os negros em geral, [os quais] não trazem toalhas ou lenços na frente, como alguns pretendem divulgar. Vi alguns vestidos convenientemente e outros com toalhas ou lenços. Mas é preciso saber que estes têm algum talento particular e por isto usam também trajes particulares, mas falo em geral. Guiavam, portanto, nossa canoa dois negros – posto cada um nas duas extremidades do tronco – com o remo na mão em forma de uma pá e não vogam da nossa maneira, mas parece que lavram a água. A temperatura deste clima – apesar de ser muito quente – não é, porém, muito nociva, [nem] tampouco o sereno, nem a lua e – portanto – pode-se caminhar à noite, observando-se, porém, o perigo dos tigres, havendo deles grandíssima quantidade¹⁰³. Há também um animal chamado ‘tamanduá’¹⁰⁴: tem o tamanho

99. Nascido em 1595, Dionigi Moreschi da Piacenza tomou o hábito dos capuchinhos em 1613, sendo enviado para o Congo em 1646. Nomeado supervisor, faleceria em meados de 1648 em Fumangongo (G.M. de Leguzzano in GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO, 1965).

100. Vide nota 51.

101. Vide nota 52.

102. Vide nota 53.

103. “Tigri” no original (vide Anexo 4). Referência à onça-pintada, *Panthera onca* (Linnaeus, 1758), Felidae amíiude tratado como “tigre” pelos cronistas do Brasil Colônia.

104. “Zamendoa” no original (vide Anexo 4). A julgar pela breve descrição fornecida, trata-se do tamanduá-bandeira, *Myrmecophaga tridactyla* Linnaeus, 1758 (Myrmecophagidae).

de um porco, mas com as unhas desmesuradas. Vive de formigas e havendo encontrando um buraco onde [elas] estão, mete dentro a longa língua que possui, a qual puxa para para si carregada de formigas e as come. Tem a cauda tão grande que sob ela pode esconder todo seu corpo. Nossos padres tinham em casa um animal chamado ‘tatu’¹⁰⁵, com a forma de um bacorinho, coisa curiosa de ver. Eu, não sabendo coisa alguma desse animal e vendo-o ao passar por um quarto, tive um pouco de temor porque ele se esconde inteiro nas grossas escamas que tem – inclusive as pernas, que têm o comprimento de meio palmo – de modo que parece uma bola – e por isto, ao desenrolar-se, tive algum medo. Vi outro animal curioso na casa de um comerciante, o qual tem sob o ventre duas bolsas onde – em caso de necessidade e perigos – acolhe rapidamente e leva embora os seus filhotes: chamam-no ‘sarigüê’¹⁰⁶. Vi igualmente outro muito curioso, do tamanho de uma raposa, mas de movimento tão lento que é uma coisa incrível. Não abandona sua lerdeza nem com carícias, nem com bastonadas. Os portugueses, por esta razão, chamam-no de ‘preguiça’¹⁰⁷, nome muito adequado à sua destreza.

Dão três nomes a esta terra da qual falamos. Denominam-na América porque tomou o nome de Américo Vespucci, italiano que lhe descobriu uma parte no ano de 1496, seis anos depois que Cristóvão Colombo, também italiano, encontrasse as ilhas de Espanhola, Cuba, Jamaica e outras – o que não é pouca glória para a nação italiana. Diz-se Índias Ocidentais porque foi descoberta ao tempo em que começou a navegação para as Índias Orientais e também por ser uma oposta à outra. Chama-se ainda Novo Mundo por sua vastidão, superando em grandeza (apesar de, contudo, não se haver descoberto o resto) a Europa e a África juntas. ‘Novo’ porque não se sabe se jamais alguma notícia dele tiveram os autores da Antiguidade¹⁰⁸.

Divide-se esta América em duas grandes penínsulas – setentrional e meridional – unidas por um istmo de dezoito léguas chamado de uma parte ‘Panamá’ e da outra ‘Nombre de Dios’: um istmo é um estreito trecho de terra que liga a península ao continente. A meridional compreende – abaixo

105. “Tetusia” no original (vide Anexo 4). Os poucos detalhes disponíveis sugerem o representante dos Dasypodidae vulgarmente conhecido como tatu-bola, *Tolypeutes tricinctus* (Linnaeus, 1758).

106. “Cerigone” no original (vide Anexo 4). Clara alusão a um gambá ou sarigüeia, *Didelphis* sp. (Didelphidae).

107. “Pigritia” no original (vide Anexo 4). Trata-se da preguiça, *Bradypus variegatus* Shinz, 1825 (Bradypodidae).

108. “L’Antichi” no original (vide Anexo 4). Segundo consta, este seria um dos motivos que teriam levado o cronista italiano Pietro Martire de Anghiera a cunhar o termo “*Novus Orbis*”.

do istmo – a ‘Castilla del Oro’¹⁰⁹ e o Peru, acima do Estreito de Magalhães contém ‘La Plata’ e o Brasil, do qual estamos presentemente falando. Aqui se usam moedas e ouro e prata. Por uma missa dão, no tocante a dinheiro, dois tostões e por um sermão trinta ou quarenta. Aqui não há trigo, nem vinho (vi, porém, algumas parreiras nos jardins) nem azeite, se bem que se encontrem todas essas coisas – mas caras, sendo trazidas com despesas e trabalho da Europa. Em lugar do grão trazem barricas de farinha e de biscoito.

Por ser esta região arenosa, os habitantes e forasteiros são afligidos pela obra de certos animaizinhos da cor e tamanho de pequenas pulgas. Estes, caminhando, entram de improviso sob as unhas dos pés e sugam o sangue. Tornam-se grandes e redondos como um grão de lentilha, mas de cor branca, sendo necessário deixar-se examinar todas as tardes por algum negro prático em extraí-los, pois se permanecem por descuido em brevíssimo tempo comem todo o pé, multiplicando-se de forma incrível. E por isso, a cada tarde um negro efetuava a busca dos supramencionados animaizinhos (chamados pelos portugueses ‘bichos’¹¹⁰) nos pés de todos nós e de alguns extraía dez, de outros quinze e até vinte – e ai de quem os deixe penetrar de modo que não se possam ver, porque necessitaria cortar o dedo ou o pé. Por isto todos ficavam muito bem atentos, pois víamos que nem aos portugueses, apesar de calçados, eles perdoam.

Um dia, andando pela cidade, encontrei um negro da idade de cerca de dezesseis anos no meio de uma rua, sentado sobre uma pedra com as mãos e pés acorrentados [tendo] sobre a cabeça uma lâmina de ferro ao modo de uma celada. Parando ao vê-lo, perguntei-lhe por que razão estava assim preso – respondeu-me que por ter fugido de seu patrão, o qual – depois de tê-lo feito açoitar muito bem (quando fazem isto amarram as mãos junto com os pés, como se faz entre nós com os bezerros) – tinha-o feito expor amarrado desse modo à vista do povo. Rogou-me que aceitasse ser seu padrinho, ao que – não entendendo – repliquei que se explicasse melhor. E ele me disse que quando fugiam e depois voltavam, procuravam uma pessoa de alguma autoridade [capaz de fazer com que] o patrão lhe perdoasse. Ofereci-me para isso com boa vontade e obtive o perdão, porém com alguma dificuldade por ser a terceira vez que havia fugido, quando não mais se admite um padrinho. Em todo caso, por ser esse senhor muito

109. No começo do século XVI, este era o nome conferido pelos colonizadores espanhóis aos territórios centro-americanos que se estendiam do golfo de Urabá, oeste da Colômbia, até os arredores do Rio Belén, onde começava a região de Veragua.

110. “Bichios” no original (vide Anexo 4). Vide nota 56.

chegado aos capuchinhos, fiquei satisfeito e o negro livre. Vi posteriormente muitos outros [escravos] com quatro, seis ou oito correntes – uns nos pés, outros nas mãos, outros pelo pescoço – e idênticos remédios salutareis, pois sem isto fugiriam todos. No início, movido por uma natural compaixão, pareceu-me uma crueldade, mas depois que me interei de sua natureza e como nos seus países da Etiópia são dados inteiramente ao ócio, considerei todo o fato mais prudentemente.

Certo dia, na igreja maior chamada do Corpo Santo, fizeram uma decoração realmente vistosa para tornar solene a festa do Santíssimo Rosário. A igreja inteira, juntamente com o teto, foi coberta com painéis de cor amarela que se compartimentavam em belíssimos arranjos, divididos por preciosos panos das índias pendentes. Todas as alfaias viam-se bizarramente arabescadas por fitas de seda cor de fogo, em tanta quantidade que para esse efeito foram postos em jogo vinte mil braças – e tudo preso com agulhetas. O grande tabernáculo estava envolto em seda e ouro flamejantes. Quando iluminado pelo brilho de passamanes de prata, ofuscava a vista quase como se mirasse uma autêntica esfera de fogo. Tudo era animado pelo espírito daqueles que, com o dedilhar das cordas e sopros, inspiravam as harpas, fagotes e cornetas a cantar os hinos sagrados. E para que tudo resulte de forma ordeira e sem confusão em tal solenidade, entre todos da cidade elegem um dos mais ricos comerciantes, que é a pessoa que acode e com a bolsa aberta socorre todo e qualquer dispêndio que lhe satisfaça a ambição e a excentricidade. O patrono que a fez jurou-me ter gasto, só nas fogueiras do dia precedente, quatro mil ducados, mas do seguinte modo: sendo nosso desejo partir com a maior celeridade possível do Novo Mundo e transportar-nos ao Velho – ou seja, à Etiópia, meta de nossos labores – fomos um dia ao encontro desse riquíssimo comerciante para que, uma vez carregado um navio seu que velejaria para a África, fizesse a caridade de conceder-nos o alojamento da popa para nossa habitação. Assentiu com muita boa vontade, mas quando estávamos para embarcar (pela vontade de Deus), descobriu-se que o navio estava imprestável para a navegação e foi preciso desfazê-lo para selecionar as ferragens e outras coisas melhores. Foi do madeirame que se fizeram aquelas fogueiras que ele disse custarem quatro mil ducados – que tinha sido o quanto esse comerciante tinha desembolsado para comprar o dito navio. Talvez livrou-nos Deus por nos haver destinado a um outro sacrifício mais aceitável.

Entrementes fomos ver a curiosa preparação da moagem da cana-de-açúcar. Faz-se com uma grande roda girada com denodo por muitos negros, a qual faz funcionar uma grande máquina – uma prensa de ferro maciço – sob a qual se metem as canas-de-açúcar cortadas em pedaços e cujo suco vai ser destilado em uma vasta caldeira posta sobre fogo. Ver esses pobres etíopes trabalharem com intenso suor em semelhante exercício parece um milagre – especialmente a quem conhece a extensão de sua preguiça e sua natureza pusilânime. Nesse caso, os víamos atarefados e ágeis, sobretudo ao acrescentarem tão certamente sob a grande prensa esses troços de cana, para não ficarem aleijados do braço ou da mão sob aquela grande massa de ferro. Porém é verdade que os indolentes e os cansados do trabalho são despertados por chibatadas terríveis que causam compaixão, embora [constituam] lenitivo estupendo para a inaptidão deles, pessoas que nada mais fazem senão dançar, conforme direi ao falar do Congo.

Tornava difícil nossa partida o [fato de] sermos seis. O Padre Superior¹¹¹, portanto, houve por bem mandar na frente – em um navio que estava de partida – o Padre Filippo da Galese¹¹² e o Padre Buonaventura da Cento¹¹³, por serem mais velhos. Presentes no embarque, fizeram vela para a África, em cuja viagem estiveram em perigo de perder-se.

Resta-me dizer alguma coisa das frutas, que perduram nas árvores o ano todo. Em geral são boníssimas e delicadas, entre as quais estão as ‘niceffi’¹¹⁴. São como nossas cidras – melhor dizendo, pepinos – e nascem em uma árvore parecida com a cana-da-índia¹¹⁵: de duas das suas folhas far-se-ia uma roupa à última moda para qualquer homem grande. De tal caule nasce por vezes um cacho onde podem estar juntos cinquenta ‘niceffi’. Para que estes amadureçam, corta-se o cacho da planta ainda verde e se suspende no alto – em pouco tempo de verdes tornam-se amarelos e para

111. Referência ao Padre Pietro da Barchi, que fora escolhido como superior do grupo por Crisostomo da Genova, encarregado da missão. Natural da Província de Ancona, Pietro da Barchi foi designado para o Congo em 1666, morrendo em Massangano em outubro de 1668 (G.M. de Leguzzano *in* GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO, 1965).

112. Natural da Província de Roma, Filippo da Galese foi nomeado missionário em 1665, chegando à Luanda em janeiro de 1668 com o Padre Buonaventura da Cento. Sucedeu o Padre Cavazzi da Montecuccolo na Prefeitura de Luanda em 1676. Faleceu em São Salvador, capital do Reino do Congo, no final de 1684 (G.M. de Leguzzano *in* GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO, 1965).

113. Buonaventura da Cento já era padre secular quando tomou o hábito dos capuchinhos. Tornou-se missionário em 1665 e seguiu para a África na companhia do Padre Filippo da Galese (vide nota anterior). Faleceu em Luanda em julho de 1671 (G.M. de Leguzzano *in* GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO, 1965).

114. Conforme o original. Vide Anexo 4 e nota 59

115. Vide nota 60.

comê-los então se retira facilmente a casca. Cortados transversalmente em duas partes, avista-se um crucifixo natural cercado de resplendores¹¹⁶. A planta seca [quando se] corta o cacho, logo renascendo, porém, uma outra muda das mesmas raízes – que se multiplicam como as da grama e são eternas – sem que seja necessária mão de obra alguma. Basta plantar uma que ao término de um ano haverá um pequeno bosque.

Quase do mesmo tipo são as bananas, exceto que o fruto tem o comprimento de um palmo e o ‘niceffo’ a metade [disso]. O ananás tem a forma de uma pinha, mas com o comprimento de um bom palmo – a planta só produz um – e se assemelha àquele de nossa alcachofra. Cortando-se sua casca (formada como as escamas de um peixe) mostra-se inteiramente amarelo e tem o suco como de moscatel. A estes se come com cuidado por serem cálidos¹¹⁷. Existem ainda outras sortes de frutas, como as do conde¹¹⁸, que nascem em árvores como laranjas e têm sabor doce, [sendo] do tamanho de um limão. Semelhantes a estas são os mamões¹¹⁹, exceto que nascem em árvores altíssimas. Há o maracujá¹²⁰, que tem a forma de uma maçã mas é redondo – por fora amarelo e vermelho por dentro – de sabor algo áspero e dentro tem pequenos grãos. Omito os outros de pouca consideração e estima como o coco¹²¹, do qual há infinitos pés.

Três coisas preciosas levam os portugueses destas partes, a meu ver: a primeira é o âmbar¹²², a segunda é o bálsamo e a terceira um líquido que mana de uma planta dita copaíba¹²³, ótimo para as feridas porquanto a ela acorrem inclusive as próprias bestas quando estão feridas. Poderei acrescentar uma quarta, que é o perfeitíssimo bezoar.

Vêm-se frutos da Europa em alguns jardins apartados, tais como uvas, melões de tamanho e bondade extraordinários, romãs inteiramente doces – apesar de enxertadas azedas – e figos, abóboras, pepinos, cidrões,

116. Vide Anexo 4 e nota 61.

117. “Anana” no original. Vide Anexo 4, bem como as notas 62 e 63.

118. “Frutti del Conde” no original. Vide Anexo 4 e nota 64.

119. “Mamaui” no original. Vide Anexo 4 e nota 65.

120. “Marracujá” no original. Vide Anexo 4 e nota 66.

121. “Cocco” no original (vide Anexo 4). Referência ao coqueiro, *Cocos nucifera* L. (Arecaceae), espécie introduzida no Brasil já no século XVI (vide G.S. de SOUSA, 1938).

122. Trata-se do âmbar-gris, secreção biliar encontrada no trato intestinal de certas baleias como o cachalote, *Physeter catodon* Linnaeus, 1758 (Physeteridae). Conhecida desde a Antiguidade, essa substância alcançava altos preços, sendo utilizada tanto na medicina quanto na perfumaria. No século XVII havia pelo menos 18 hipóteses distintas para a sua origem. Para maiores detalhes, vide CLARKE (2006) e KLOBIUS (1666).

123. “Copalbas” no original. Trata-se da seiva do pau-de-óleo ou copaíba, *Copaifera langsdorffii* Desf. (Leguminosae).

laranjas – sobretudo aquelas que chamamos da China – limões e cidras de desmesurado tamanho.

A viagem deste lugar para Angola será ordinariamente de quatro a cinco mil milhas, porque não se podendo andar em linha reta (o vento vem de frente o ano todo) é necessário ir até a altura do cabo da Boa Esperança. Considerando tal extensão de caminho, estávamos, portanto, muito desejosos de partir. De minha parte, não deixava passar dia algum sem ir ao porto para ver se surgia o envio de algum navio para a África. Tendo ido à cidade, já passada a ponte que a medeia (como já disse), fiquei sobremaneira surpreso de não ver pessoa alguma. Acercando-me depois na direção do mar, descobri ao longe muita gente dirigindo-se ao porto. Impacientava-me por não achar alguém a quem perguntar a causa de tal novidade [quando], mais adiante, encontrei finalmente um negro que, interrogado por mim para onde tinham ido as pessoas da cidade e para onde acorria o povo, respondeu-me haver recém chegado um navio de cebolas e por isso todos, largando o que tinham em mãos, correram para o porto para comprá-las e que ele também havia conseguido duas – e eram cebolas ordinárias. Perguntei-lhe quanto havia pago e me disse que não queriam menos de um tostão por um par – e quantas tivessem vendê-las-iam por esse preço. Partido o negro, prossegui meu caminho muito admirado e dizia comigo mesmo: quanto pagariam por cebolas de Lugo, que são quatro vezes maiores? Chegado ao porto, vendo tamanha multidão de gente atrás de semelhante mercadoria, senti estar sozinho e não poder discutir tal fato, pois além do murmúrio que fazia o povo por não querer dar lugar, foi curioso ver um negro que voltava com uma mão levantada na qual tinha duas cebolas como que triunfando da vitória, mostrando-as em altos brados. Um outro negro, ao encontrá-lo, queria levá-las, mas o primeiro recusou e começaram os dois a darem-se pancadas e – caindo-lhes as cebolas – chegou um terceiro que as apanhou e fugiu. De tais contendas estava cheia a praça do porto. Regressado ao hospício, todos os padres vieram-me ao encontro para narrar o caso mencionado. Já vi tudo, respondi, e dificilmente haveria acreditado que se esvaziasse (por assim dizer) uma cidade para ir comprar cebolas. A causa é por que neste país, devido ao calor, [as cebolas] não podem crescer perfeitas e ficam pequeníssimas. Mas nem sempre o capitão consegue obter esse ganho, porque por vezes apodrecem todas – como já sucedeu a um outro capitão da Nova Espanha ou do Peru que, carregando um navio de gatos, vendeu-os a peso

de ouro. Ao voltar noutra ocasião com tal mercadoria, porém, não teve lucro algum, tendo-se multiplicado os primeiros à maravilha – e perdeu toda a despesa feita e retornou a sua terra com perda, assim como me disseram haver acontecido muitas vezes com os das cebolas.

Sob tal clima quase sempre existe o equinócio: doze horas de dia e outras tantas de noite, a qual é bastante fresca e se pode repousar sem o cansaço do calor. Os portugueses introduziram todas as sortes de animais comestíveis. As pessoas são, como já disse, de diversas cores: brancos, negros e mulatos – estes oliváceos escuros, nascidos de um branco e uma negra. Os caboclos [são] de cor aleonada ou castanho-escura e [há] aqueles da cor de rosa seca. Salvo os brancos, todos se apresentam nus – homens e mulheres. Desde os doze anos começam a portar um palmo de trapo à frente e colocam o cinto sob o ventre, querendo que este fique de fato livre porque – cheio e inchado pela qualidade do alimento – não querem ter o estorvo de alargar e apertar o cinto. Todas essas gentes que não são batizadas vivem como bestas, comem carne humana semitostada, habitando nas florestas e cavernas. As que foram feitas cristãs nutrem-se dessa farinha de pau chamada pelos negros de mandioca, a qual é venenosa quando extraída da terra, mas ao ficar na água perde o veneno¹²⁴. Com ela se alimentam também os portugueses e até os forasteiros – e todos a comem assim triturada, não podendo ficar inteira. Todos bebem água – e pouco boa. O vinho, quando se acha, é caríssimo – mas esta não é uma região para beber vinho, pois vi morrerem muitos que o usavam como na Europa. Temperado com muita água, porém, não causa dano.

Nesta cidade há três ordens religiosas – os padres jesuítas, os padres observantes¹²⁵ e nós capuchinhos. Em Olinda existem ainda os padres beneditinos, todos de singular bondade e doutrina. Como lhes é habitual, os padres beneditinos presentearam-nos com diversas provisões para a viagem e bem posso garantir ser a ordem capuchinha muito querida por esses nobilíssimos monges, não só pelo afeto que nos têm em todo o mundo, mas muito mais pelos resultados que sua inata gentileza – cortesmente e com grande caridade – em eventuais necessidades nos suministram, de onde a gratidão deve ser e será eterna.

124. Vide notas 77, 88 e 188.

125. Vide nota 2.

Um dia, o Senhor Governador – chamado Dom Bernardo Miranda¹²⁶ – enviou um exército para subjugar os negros dos Palmares: escravos fugidos de seus amos que, crescendo até o número de vinte mil prontos a combater, infestam continuamente os vizinhos (sejam brancos ou de qualquer cor que se queira) com furtos, roubo de gado e mesmo de homens, mulheres e rapazes – e por isso havia enviado essas pessoas contra eles. Ouvi depois que os portugueses haviam capturado e matado muitos [negros]. Também se fortaleceram um pouco distante do ‘Rio [de] La Plata’ – onde o domínio do Rei Católico¹²⁷ começa e continua por sete milhas de costa. É um reino por si só, caso se considere as riquezas de tal país e depois aquele dos portugueses, por quase duas mil milhas – que é a extensão do Brasil. Em frente ao qual está a ilha de São Paulo, que se pode dizer ser a Cocanha do mundo. Naquelas partes, chegando qualquer forasteiro por acidente – por mais pobre e miserável que seja – se quiser logo encontra uma mulher, com a promessa rigorosa de olvidar-se de todo trabalho e de não pensar em outra coisa além de comer e beber, mas sobretudo não ter familiaridades – nem que sejam poucas – com outra mulher que não seja a sua própria, nem de se tornar minimamente suspeito de fugir, abandonando-a. Porque esta – transformada em uma fúria – dar-lhe-á veneno e com o veneno a morte. Pelo contrário, caso ele se mostre contente, ela faz todo o esforço e adota todas as invenções para a ele corresponder e fazê-lo tornar-se mais enfeitado e faceiro que os outros. Essa ilha é excelente de clima, tanto para os homens – para provê-los de um belíssimo sangue – como para a terra, para que produza alimento fecundíssimo de todas as coisas necessárias, superabundando também para os estrangeiros em cada desgraça sua. Corre por essa terra um rio tão dadivoso que, com seu tesouro, acode as misérias de todos, pescando entre aquelas areias preciosas ouro suficiente para saciar todas as cobiças. É verdade que a quinta parte é paga ao seu soberano como tributo e satisfeitos em sua necessidade, não moverão um pé para colher mais ouro¹²⁸. Contam-se extravagantes e maravilhosos costumes dessa região, mas tendo-lhe passado em frente ou pouco longe, não posso

126. Filho do fidalgo português António de Miranda Henriques e gentil-homem de câmara do Infante Dom Pedro, Bernardo de Miranda Henriques nasceu por volta de 1630 e foi moço-fidalgo da Casa Real, tendo servido na Guerra da Aclamação e ocupado diversos postos honoríficos. Chegou a Capitão-Mor da Armada da Índia (1664) e governou Pernambuco entre junho de 1667 e outubro de 1670. Seria nomeado em seguida Alcaide-Mor da Bahia, mas vendeu o cargo a Francisco Telles de Menezes.

127. Uma das alcunhas de Felipe IV de Espanha, falecido em 17 de setembro de 1665.

128. Vide notas 84 e 85.

afirmar o que me foi referido. Mas garanto que nessas partes nada se torna incrível, porque para eles qualquer despropósito se torna factível.

PARTIDA DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS PARA A ÁFRICA, À CIDADE DE LUANDA. CAP. VI.

Chegado finalmente o tempo da partida – por nós tão ansiado – e agradecendo aos nossos confrades por sua caridade, quatro de nós embarcaram – três missionários e um leigo para nosso serviço¹²⁹. Entramos em um navio chamado pelos portugueses ‘Navio das Almas’, ou seja: ‘Navio das Almas do Purgatório’. Tinha todo o cordame de erva negra, assim como têm todos os navios destas partes, que é fortíssima – é verdade que costumam banhá-las frequentemente. Dizia-se, pois, ‘do purgatório’, porque toda a renda e ganho do patrão dados pelo navio eram por ele gastos em benefício dessas almas benditas que verdadeiramente parecem cuidar desse seu navio, constando que tinha feito muitas vezes essa viagem sem o menor perigo considerável¹³⁰. O mesmo não acontece com os outros, que só em ouvir o nome do cabo da Boa Esperança se assustam – e felizes se consideram os marinheiros que têm a fortuna de servir nesse navio, tudo isto por terem fé em estarem defendidos por essas benditas almas – o que para nós foi de grande conforto, pois esperávamos chegar a salvo com tal auxílio. Zarpando, demos vento às velas e adeus à América, justamente no dia de Finados do ano de 1667 [...]”

129. Dionigio de Carli da Piacenza e Michelangelo Guattini da Reggio seguiriam para a África com o Padre Pietro da Barchi – superior do grupo (vide nota 111) – e com o Frei Miguel da Orvieto, irmão leigo da Província de Roma que fora destinado ao Congo em 1666. Adoentado, este último conseguiria voltar para sua terra natal no ano de 1669 (G.M. de Leguzzano *in* GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO, 1965).

130. Tal embarcação pertencia ao comerciante português João Baptista Pereira, que também auxiliaria o padre Giovanni Antonio Cavazzi da Montecuccolo em sua viagem para o Brasil (1667-1668). Vide nota 153.

A carta de Michelangelo Guattini da Reggio encaminhando material botânico brasileiro para Giacomo Zanoni (1667)

Em carta datada de 17 de setembro de 1667, Michelangelo Guattini da Reggio enviaria do Recife animais e plantas a seu pai, Giovanni Guattini, pedindo-lhe que entregasse parte do material botânico a Giacomo Zanoni, herborista em Bolonha (Figura 10)¹³¹. Dirigida ao insígne naturalista italiano e datada desse mesmo dia, a missiva que acompanhava essa remessa de sementes estabelecia o seguinte (vide Anexo 5)¹³²:

“Pax Christi.

Meu Ilustríssimo Senhor Respetabilíssimo.

Como escrevi a Vossa Ilustríssima Senhoria de Lisboa, lá não achei nada para enviar-lhe e de lá embarcamos e – com o favor do Senhor – em 54 dias achamo-nos na América no Reino do Brasil, nesta terra de Pernambuco, onde verdadeiramente quase todas as plantas são diferentes daquelas da Itália. De todas as sementes das quais me pareceu não ter antes visto a planta, fiz a coleta e aqui as envio em anexo. Se dentre elas nascer alguma que seja de seu gosto, terei muito prazer. Caso não, apiede-se de mim porque sou pouco versado nos símplices. Daqui partiremos em breve

131. Vide a terceira carta de Michelangelo Guattini da Reggio transcrita no capítulo anterior.

132. Original em ZANONI (1675).

para nossa Missão do Congo na África. Se aprouver a Deus levar-nos lá a salvo, procurarei outras sementes porque, ao servi-lo nisto, saiba que tenho grande ânimo de fazer o mesmo com coisas maiores, empenhando-me com a obrigação que tenho para com V.S., a quem afetuosamente, reverenciado-o, me declaro.

De V.S. Ilustríssima obrigadíssimo e afeçoadíssimo servidor.

No dia 17 de setembro de 1667 em Pernambuco.

Frei Michelangelo da Reggio, predicador

capuchinho e missionário no Congo”.

Nascido em Montecchio, cidade próxima de Reggio Emilia, no dia 6 de janeiro de 1615, Giacomo Zanoni era filho de um farmacêutico local que o enviaria, ao completar vinte anos de idade, para estudar com Bartolomeo Ambrosini (1588-1657), o sucessor de Ulisse Aldrovandi (1522-1605). Em 1620 – portanto com 27 anos – Giacomo tornar-se-ia chefe (“prefetto”) do “Orto Botanico” de Bolonha, posto que ocuparia até a sua morte, ocorrida em 24 de agosto de 1682. Em 1675 publicou a famosa “Istoria Botanica” (Figura 11), obra que seria reeditada, ampliada e vertida para o latim por Gaetano Monti no ano de 1742 (Figuras 12 e 13).

Acatando proposta do célebre Ulisse Aldrovandi, o “Orto Botanico” fora instituído pelo Senado de Bolonha em 1568 e sucedia a fundação dos jardins botânicos de Pisa, Pádua e Florença, todos criados em meados do século XVI. Teve como primeira sede um pátio no interior do “Palazzo d’Accorsi” (também chamado “Palazzo Comunale” e “Palazzo Pubblico”), o qual corresponderia aproximadamente à “Sala Borsa” dos dias de hoje. Desenvolvendo-se ao longo da linha traçada por Aldrovandi, o “Orto” acabaria sofrendo diversas alterações ditadas pelos avanços consideráveis da botânica e pela inclusão cada vez maior dos vegetais nas ciências médicas observada ao longo do século XVI. Em 1587, seria transferido para um sítio mais amplo perto da atual Porta de Santo Stefano, passando a contar com cerca de 3.000 plantas cultivadas no ano de 1595, total muito superior às 300 espécies registradas em 1573. No interior do

“Palazzo d’Accorsi” ficaria apenas a coleção dos símplies, isto é, das plantas medicinais.

Em sua “Istoria Botanica” de 1675, Zanoni descreveria quatro plantas de Pernambuco, elenco capitaneado pela “Bambagia Arborea di Pernambuco” (páginas 26-44, prancha XVI; Figura 14), uma espécie de algodoeiro, *Gossypium* sp. (Malvaceae), originária de sementes enviadas do Brasil pelo Padre Michelangelo Guattini da Reggio que teria vingado no próprio jardim no “Orto Botanico” e cuja descrição leva em conta informações enviadas por carta pelo religioso. Secundam-na a “Malva annua fruticosa Pernambucana di fior giallo” (páginas 132-134, prancha LIII; Figura 15), a “Mimosa Spinosa di Pernambuco” (páginas 144-148, pranchas LVI e LVII; Figuras 16 e 17) e a “Mimosa spuria di Pernambuco” (páginas 151-153, prancha LX; Figura 18).

Além das quatro plantas descritas em 1675, a versão latina *Rariorum Stirpium Historia* – obra póstuma publicada no ano de 1742 por Caetano Monti¹³³ – incluiria mais três variedades enviadas de Pernambuco por Michelangelo Guattini da Reggio. Ao longo do texto, no entanto, Monti acabaria por alterar a designação conferida por Zanoni, mantendo os nomes originais apenas nas pranchas. De qualquer forma, as sete espécies brasileiras mencionadas compreendem o “Chrisanthemo aquatico di Pernambuco” (páginas 48-49, prancha 32; Figura 19), o “Legume odorato di Pernambuco” (páginas 69-70, prancha 47; Figura 20), a “Malva annua di Pernambuco” (páginas 153-159, prancha 114; Figura 21), a “Herba Viva, o Sensitiva, Mimosa spinosa di Pernambuco” (páginas 159-160, pranchas 119 e 120; Figuras 22 e 23), a “Mimosa spuria di Pernambuco” (páginas 162-163, prancha 123; Figura 24), o “Fagiuolo primo di Pernambuco” (páginas 176-177, prancha 134; Figura 25) e a “Bambagia arborea di Pernambuco” (páginas 235-236, prancha 182; Figura 26

133. ZANONI (1742).



Dominicus M. Fratta del.

Joseph de Benedictis in.

Figura 10. Retrato de Giacomo Zanoni. Gravura da *Jacobi Zanonii Rariorum stirpium historia ex parte olim edita* (1742)

ISTORIA BOTANICA
D I
GIACOMO ZANONI
Semplicista, e Sopraintendente all' Horto
Publico di Bologna.

Nella quale si descriuono alcune Piante de gl' Antichi, da moderni con altri nomi proposte; e molt' altre non più offeruate, e da varie Reggioni del Mondo venute, con le virtù, e qualità della maggior parte di esse, & in figure al viuo rappresentate.

DEDICATA AL MERITO

De gl' Illustrissimi, & Eccellentissimi Signori

DOTTORI COLLEGIATI,
E SENATORI,
Sindici, Assonti, & Aministratori della Gabella
Grossa di questa Città.



IN BOLOGNA, MDCLXXV.

Per Gioseffo Longhi. *Con licenza de' Superiori.*

Figura 11. Frontispicio da "Istoria botanica" (1675)

JACOBI ZANONII
RARIORUM STIRPIUM
HISTORIA

EX PARTE OLIM EDITA.

Nunc centum plus tabulis

EX COMMENTARIIS AUCTORIS

AB EJUSDEM NEPOTIBUS

AMPLIATA

Opus uniuersum digessit, lasine reddidit, supplevitque

CAJETANUS MONTIUS

Phil. & Med. Doct. Colleg. Lect. Publ.



BONONIÆ

Ex Typographia Lælii a Vulpe. MDCCLXXXII.
SUPERIORUM PERMISSU.

Figura 12. Frontispicio da Jacobi Zanonii Rariorum stirpium historia ex parte olim edita (1742)



Figura 13. Gravura da portada existente na *Jacobi Zanonii Rariorum stirpiumhistoria ex parte olim edita* (1742)

fig. XVI.



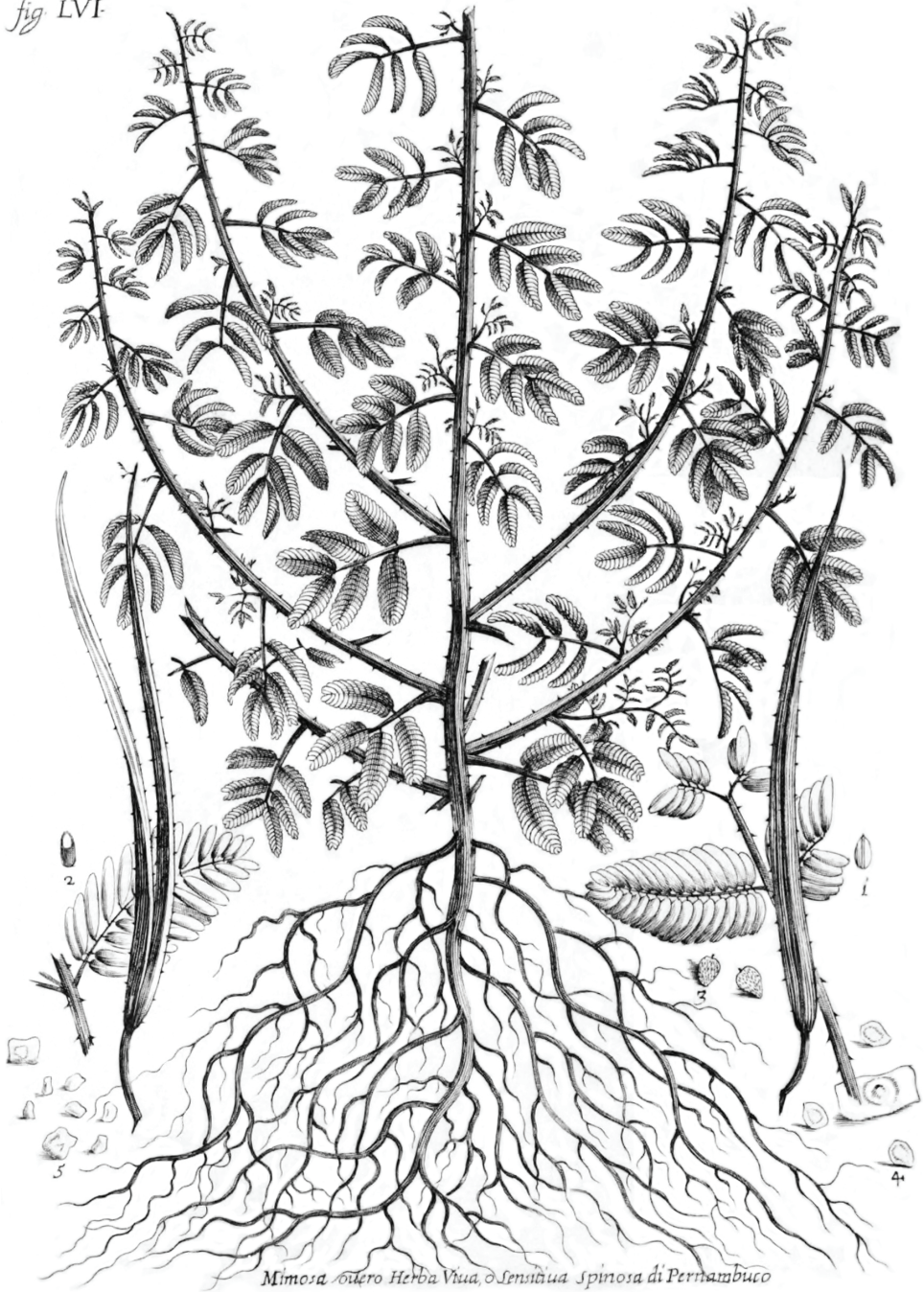
Figura 14. A “Bambagia arborea di Pernambuco” segundo gravura da “Istoria botanica” (1675)

fig. LIII.



Figura 15. A "Malva annua fruticosa Pernambucana di fior giallo" secondo gravura da "Istoria botanica" (1675)

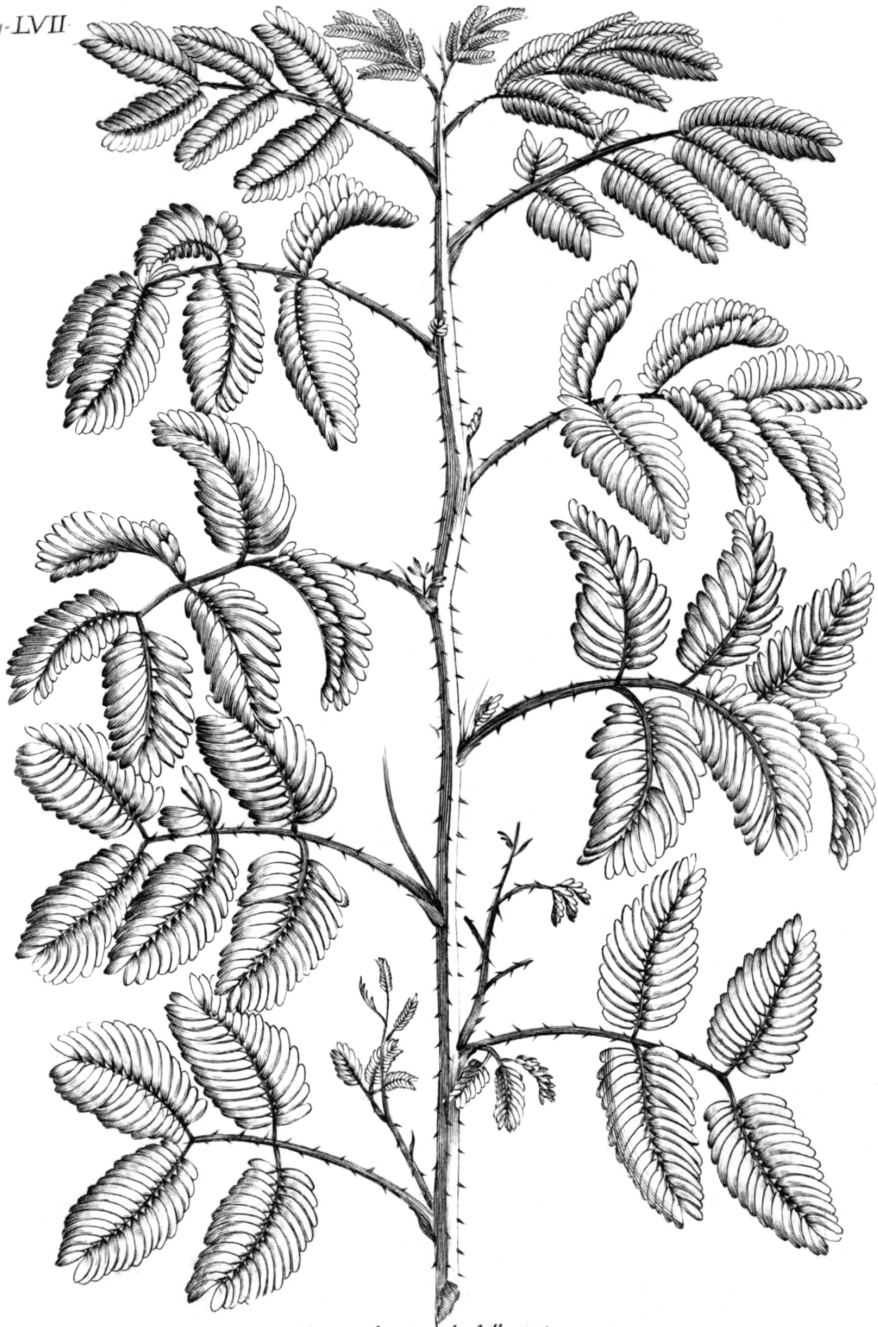
fig LVI



Mimosa ouero Herba Viva, o Sensitiva Spinosa di Pernambuco

Figura 16. A “Mimosa spinosa di Pernambuco” segundo gravura da “Istoria botanica” (1675)

fig. LVII



Ramo al naturale della Mimosa spinoza

Figura 17. “Ramo al naturale della Mimosa Spinoza” segundo gravura da “Istoria botanica” (1675)

fig. LX.

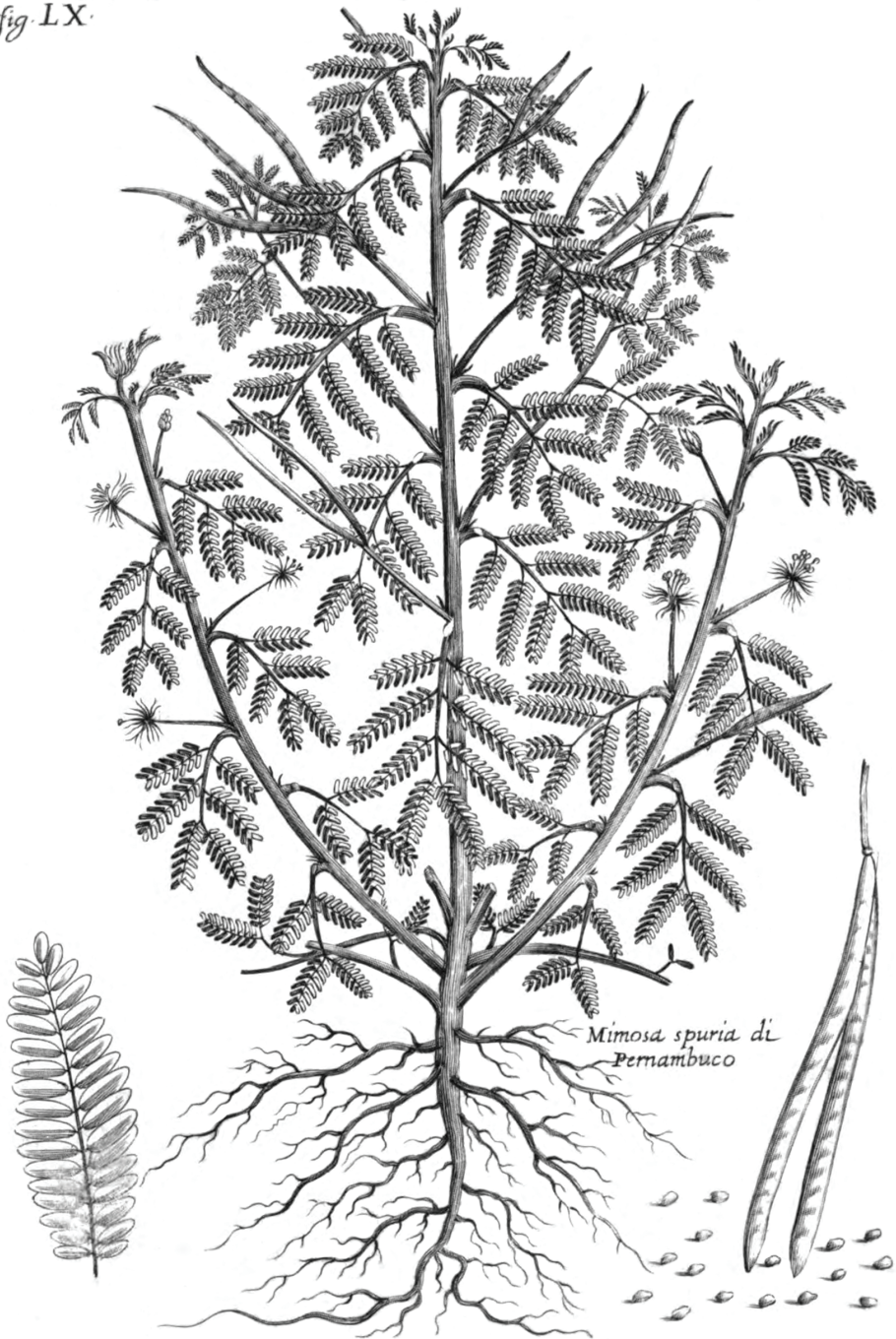


Figura 18. A "Mimosa spuria di Pernambuco" segundo gravura da "Istoria botanica" (1675)

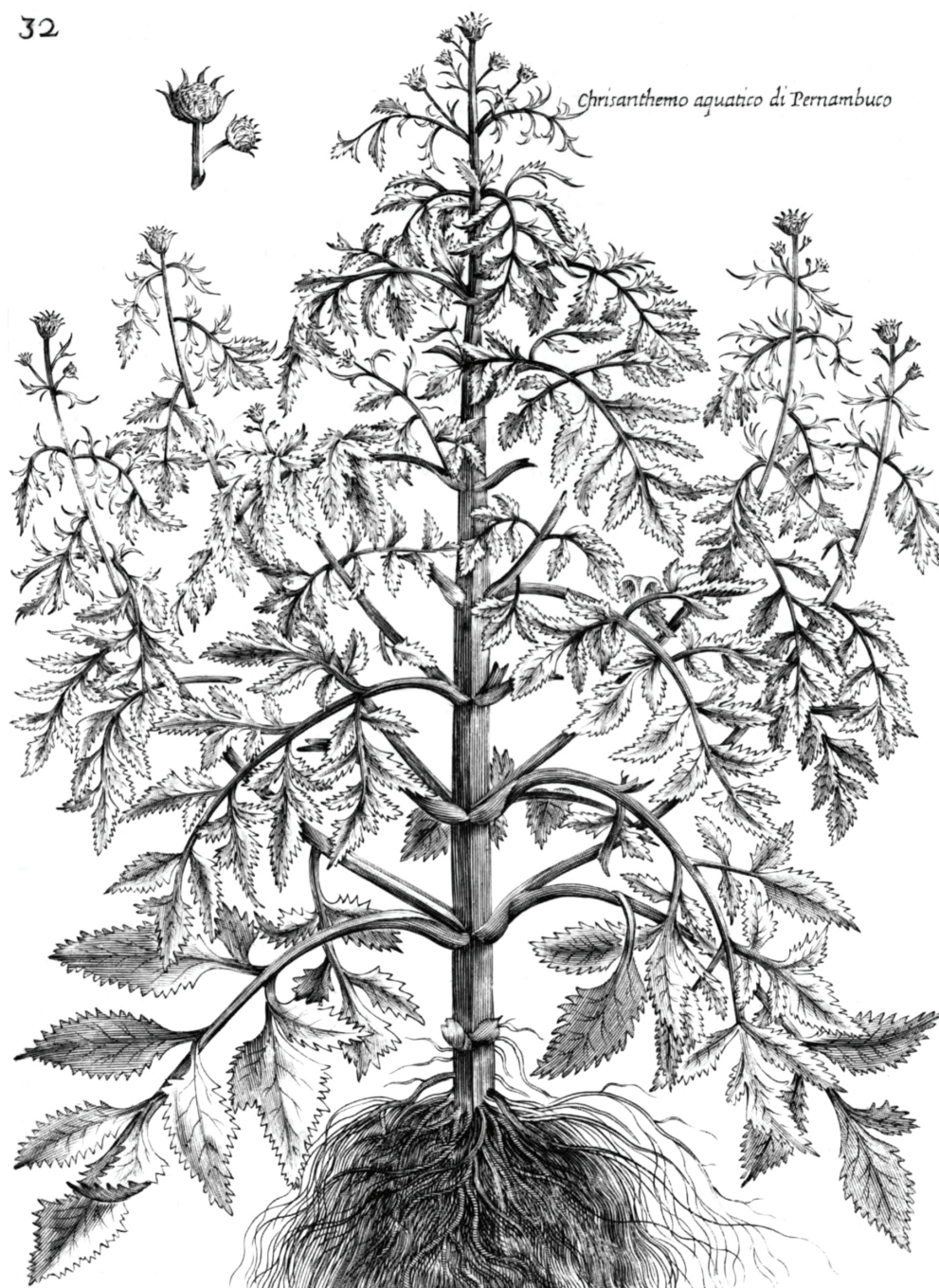


Figura 19. O “Chrysanthemo aquatico di Pernambuco” segundo gravura da *Jacobi Zanonii Rariorum stirpium historia ex parte olim edita* (1742)



Figura 20. O “Legume odorato di Pernambuco” segundo gravura da Jacobi Zanonii *Rariorum stirpium historia ex parte olim edita* (1742)



Figura 21. A “Malva annua di Pernambuco” segundo gravura da *Jacobi Zanonii Rariorum stirpium historia ex parte olim edita* (1742)

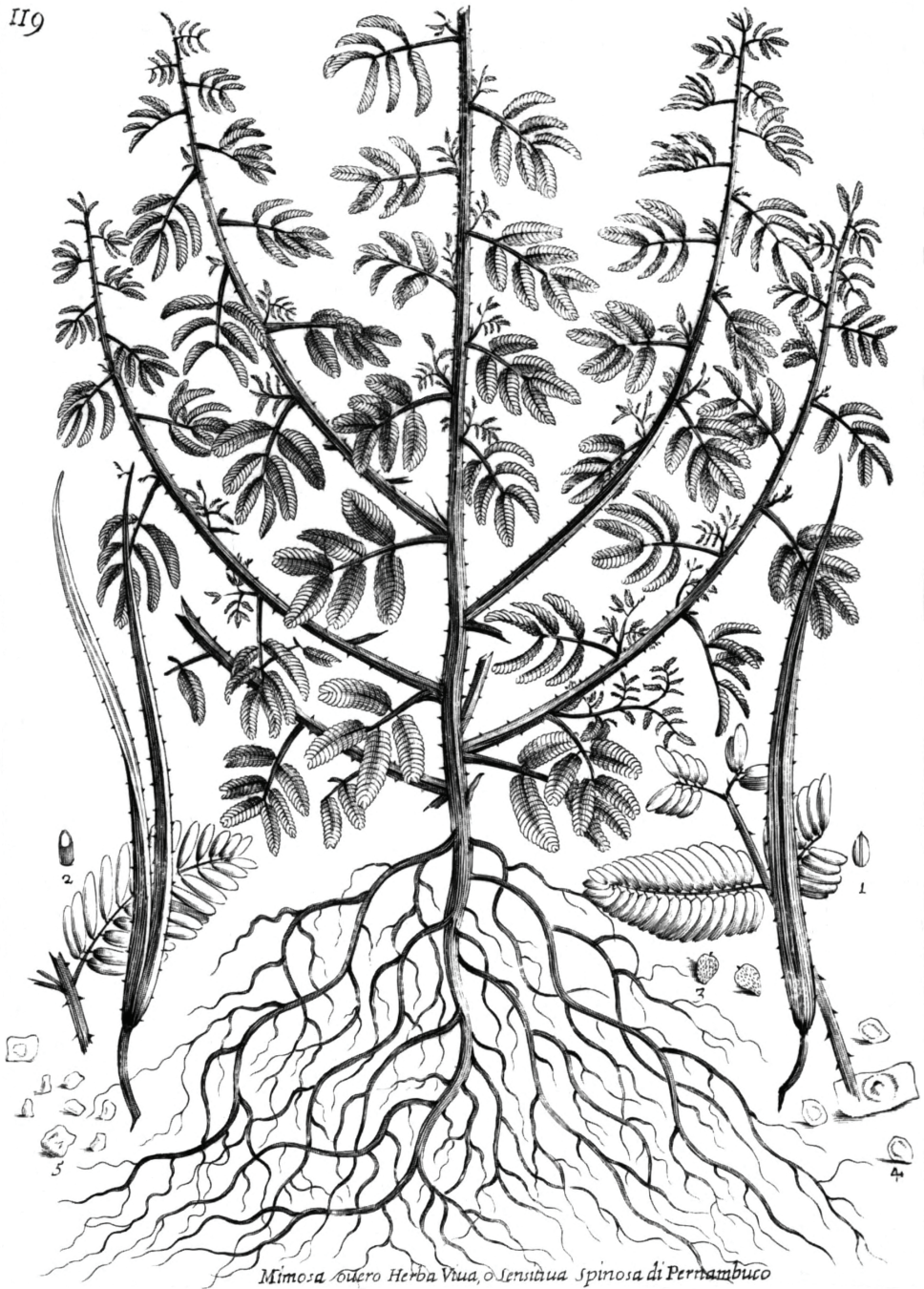
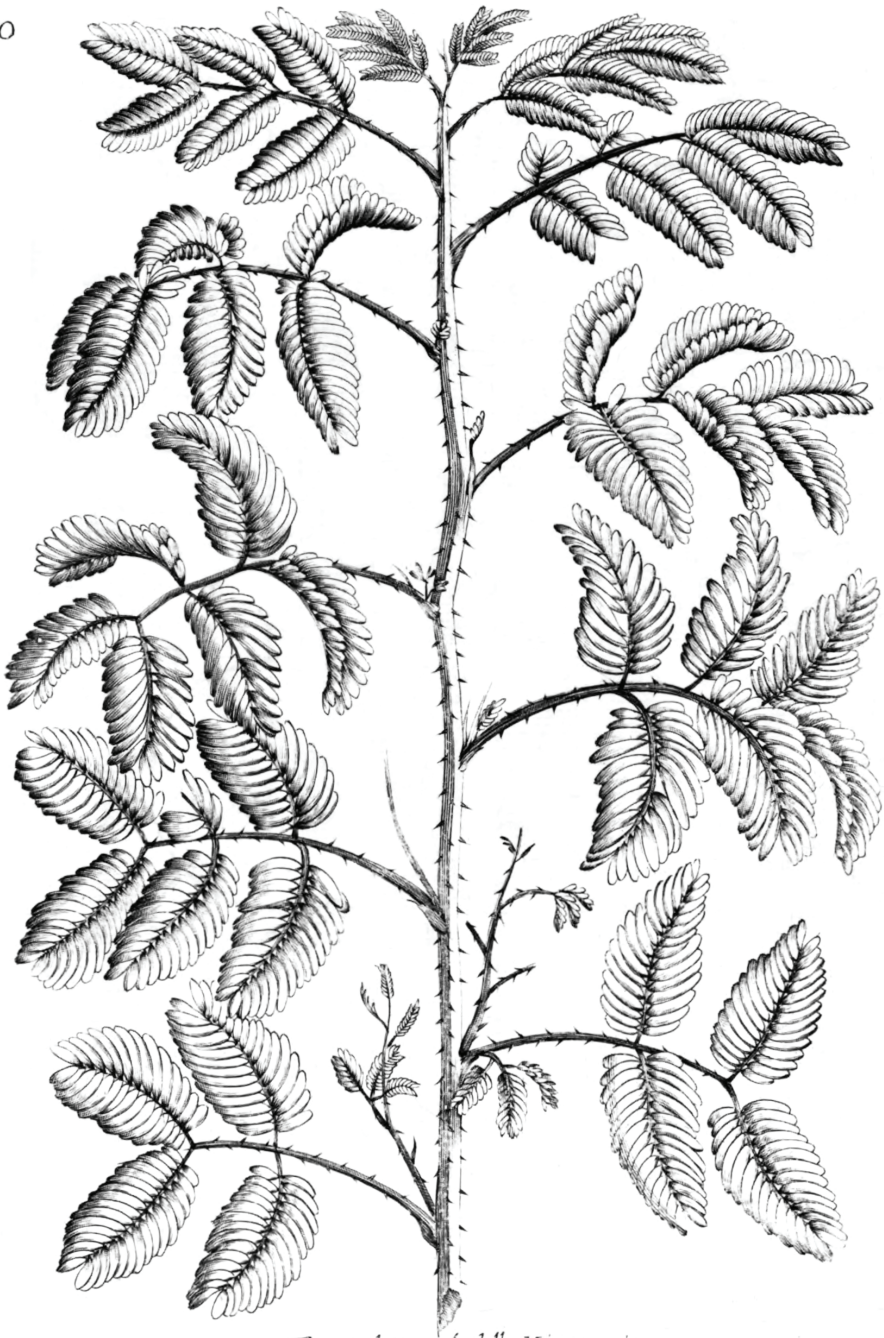


Figura 22. A “Herba viva, o sensitiva, Mimosa spinosa di Pernambuco” segundo gravura da Jacobi Zanonii *Rariorum stirpium historia ex parte olim edita* (1742)



Ramo al naturale della Mimosa spinosa

Figura 23. “Ramo al naturale della Mimosa spinosa” segundo gravura da Jacobi Zanonii *Rariorum stirpium historia ex parte olim edita* (1742)

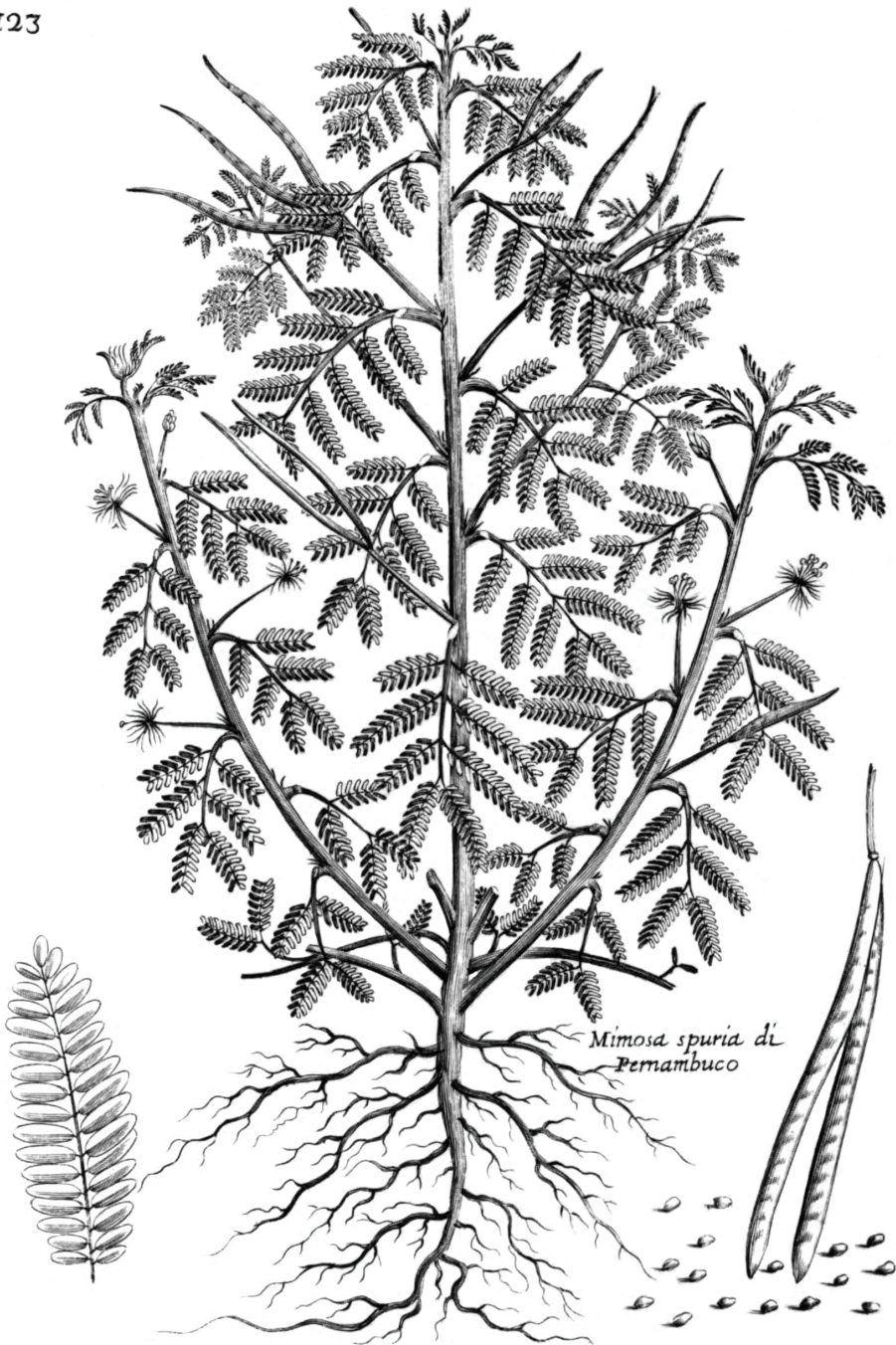


Figura 24. A “Mimosa spuria di Pernambuco” segundo gravura da *Jacobi Zanonii Rariorum stirpium historia ex parte olim edita* (1742)

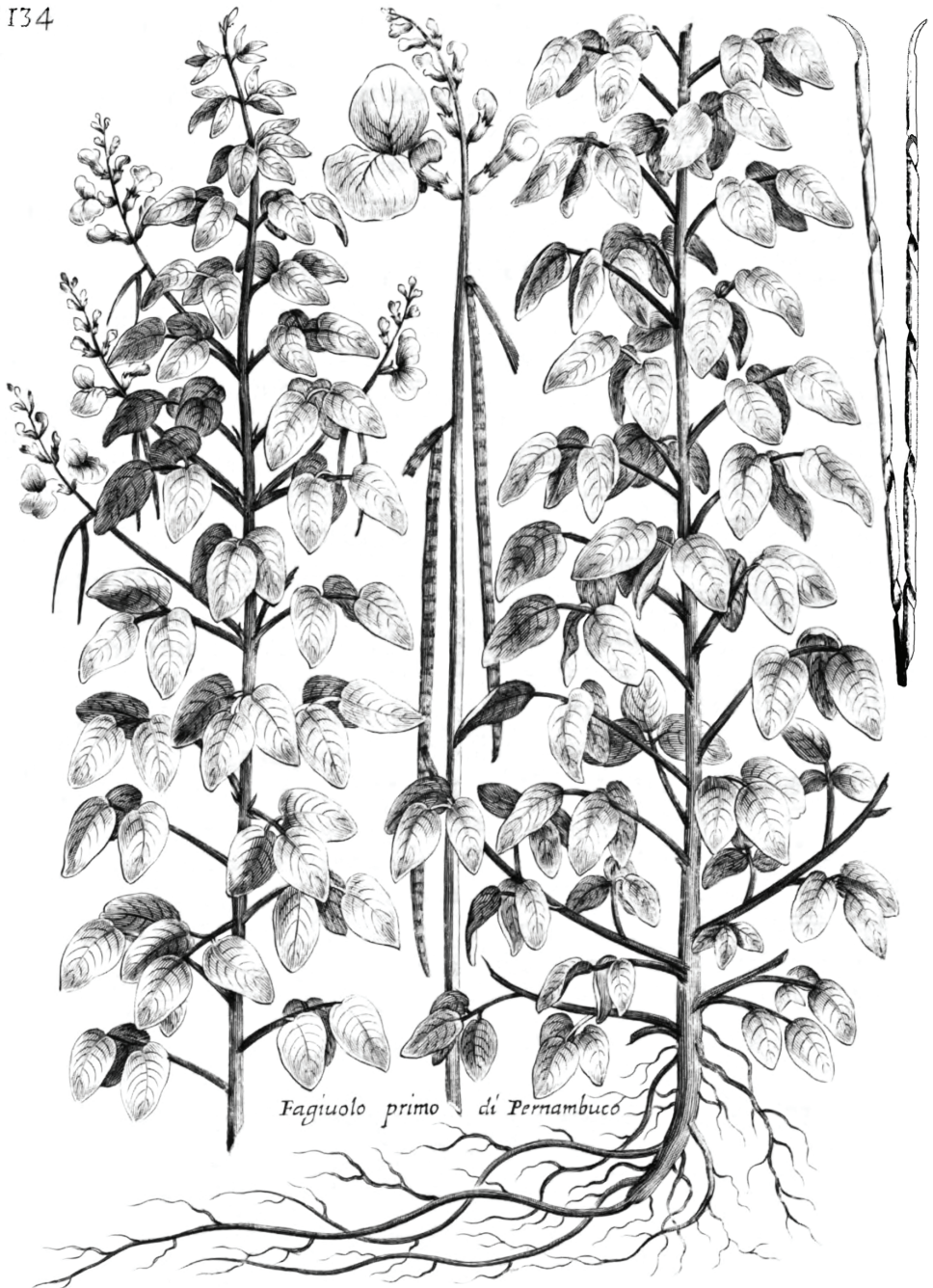


Figura 25. O “Fagiolo primo di Pernambuco” segundo gravura da Jacobi Zanonii *Rariorum stirpium historia ex parte olim edita* (1742)



Figura 26. A “*Bambagia arborea di Pernambuco*” segundo gravura da *Jacobi Zanonii Rariorum stirpium historia ex parte olim edita* (1742)

Giovanni Antonio Cavazzi da Montecuccolo em Salvador e no Recife (1667-1668)

Nascido em Montecuccolo, Província de Bolonha, por volta de 1621, Giovanni Antonio Cavazzi não foi um estudante brilhante, quase lhe sendo negado um posto como missionário na África Central – distinção finalmente obtida graças à sua grande piedade. Chegou a Luanda em 1654, logo viajando para as possessões portuguesas no extremo leste da colônia. Percorreu vastos territórios como capelão do exército português, chegando a conhecer a corte do Rei de Pungo Ango. No ano de 1659, chegaria à região dos altiplanos centrais e visitaria a corte da Rainha Nzinga – ou Njinga – em 1660, além de Matamba e o Reino do Congo. Regressou à corte de Njinga em 1662 e ali permaneceu, presidindo o funeral da rainha em 1663. Deixou Matamba em 1665 para regressar à Itália, chegando a Salvador, Bahia, em meados de outubro de 1667. Logo passou para Recife, Pernambuco, de onde embarcaria para Lisboa a 10 de outubro de 1668.

Preocupado em registrar suas memórias desde 1662, Cavazzi receberia o encargo de redigir uma história das missões dos capuchinhos, tarefa que o obrigou a trabalhar nos arquivos da Itália. Seus superiores, entretanto, relutaram em publicar a obra encomendada, enviando-o novamente para Angola, em 1673, como Prefeito da Missão dos Capuchinhos. Regressou a Itália em 1677, falecendo em Gênova a 18 de julho de 1678¹³⁴.

Por ordem dos dirigentes capuchinhos, o manuscrito de Cavazzi seria reescrito em estilo mais elegante por Fortunato Alamandini da Bologna.

134. Sobre a vida e a obra de Giovanni Antonio Cavazzi da Montecuccolo, vide ALMEIDA (2005), BASSANI (1987), PREVIDI (2012), SCHENETTI (1978) e SORBELLI (1908), bem como as notas e comentários de G.M. de Leguzzano (*in GIOVANNIANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO*, 1965), L. Heywood e J. Thorton (*in GIOVANNIANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO*, 2010).

Contando com diversas ilustrações, o livro resultante só viria à luz em Bolonha, no ano de 1687, sob o título de “Istorica Descrizione de’ trè Regni Congo, Matamba et Angola” (Anexo 6 e Figura 27), recebendo uma segunda edição em 1690¹³⁵. Uma tiragem em alemão seria publicada em 1694 e outra em francês surgiria em 1732¹³⁶. No ano de 1691, uma versão condensada seria incluída na rara coletânea de viagens preparada por Valerio Zani¹³⁷, enquanto C.A. Walckenaer organizaria um resumo em francês impresso em 1828 e reeditado em 1842¹³⁸. Outro resumo, desta vez em alemão, apareceria em 1863¹³⁹, ao passo que a revista “Il Massaia”, entre 1931 e 1937, veicularia uma nova versão italiana em fascículos dotados de paginação própria¹⁴⁰. Com as devidas atualizações, uma nova tiragem da segunda edição de 1690 seria publicada em 1937, enquanto uma tradução portuguesa e outra francesa seriam impressas em 1965 e 2010¹⁴¹.

VERSÃO PARA O PORTUGUÊS ATUAL DAS PASSAGENS REFERENTES AO BRASIL NO TEXTO DE GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO (1667-1668)¹⁴²

“LIVRO SÉTIMO

Não devo separar dos relatos da quinta Missão o de meu regresso à Europa. Minhas indisposições contraídas na Etiópia tinham aumentado a tal ponto que, estando reduzido mais a uma estátua que a um homem, convinha-me partir de lá ou – se ainda pensasse em permanecer – acostumar-me ainda a viver miseravelmente para mim e inútil a todos. O Padre Giovanni Maria da Pavia¹⁴³, então Prefeito, havendo compreendido minha necessidade, propôs levar-me consigo para Roma. Mas sobrevivendo a chamada do Senhor – que com o repouso eterno quis recompensá-lo das suas fadigas temporais – não pôde efetuar seu desejo.

135. GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO (1687, 1690).

136. GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO (1694) e LABAT (1732).

137. Valerio Zani publicaria essa coletânea de viagens sob o pseudônimo de Conde Aurelio degli Anzi (ZANI, 1691-1693).

138. WALCKENAER (1826-1831, 1842).

139. KÜLB (1861-1863).

140. Vide G.M. de Leguzzano *in* GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO (1965).

141. GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO (1937, 1965, 2010).

142. Tradução livre baseada em GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO (1687, 1965, 2010).

143. Vide nota 50.

Pelo contrário, antes de morrer, urgiu-me a receber a superintendência do governo em seu lugar e manter-me em Luanda até a chegada de outros missionários, que eram esperados a cada dia. Permaneci, portanto, até o fim do seguinte setembro de 1667, quando chegaram três novos obreiros, ou seja, o Padre Paolo da Monte San Savino¹⁴⁴, o Padre Gregorio¹⁴⁵ e Frei Bartolomeo da Perugia¹⁴⁶, dos quais falarei quando tratar da última Missão.

Achava-se fundeado poucos dias antes, no mesmo porto de Luanda, o navio São Pedro de Alcântara, que das Índias Orientais levava Dom Antônio de Mello, que fora Vice-Rei da Coroa de Portugal naquelas partes¹⁴⁷. Nele fui cortesmente acolhido com meu companheiro Frei Ignazio da Valsana e – ao termo de trinta e cinco dias, atravessando com próspera navegação oitocentas e oitenta léguas daquele oceano – chegamos à Baía de Todos os Santos no Brasil e imediatamente fomos ao convento dos Padres Menores Observantes¹⁴⁸, cuja caridade – pelo ótimo tratamento que dispensaram – nunca poderei retribuir o suficiente. Confundido por tantas demonstrações e prevendo que minha estada seria muitas vezes prolongada à espera da nova flotilha para Lisboa, decidi passar a Pernambuco¹⁴⁹, cidade situada na mesma costa do Brasil onde os nossos [confrades] de nação francesa têm seu hospício¹⁵⁰. Ao cabo de dez jornadas pusemos pé naquele porto – distante da dita Baía cerca de cento e oitenta léguas – e na vigília do dia de Todos os Santos e no dia seguinte gozamos da companhia de outros missionários nossos, cujos nomes registrarei quando falar da sexta Missão. Estes, celebrada a solene comemoração do dia de Finados juntamente conosco, partiram para Angola¹⁵¹. Confesso que, na passagem da Baía a Pernambuco, não podendo – por fraqueza do espírito – resistir aos

144. Paolo da Monte San Savino tornou-se capuchinho em 1640, quando contava apenas dezesseis anos de idade. Designado missionário no Congo em 1666, chegou à Luanda em maio de 1667. Faleceu em Sonho no ano de 1672 (G.M. de Leguzzano *in* GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO, 1965).

145. Trata-se do Padre Gregorio de Perugia, que tomou o hábito dos capuchinhos em 1646, quando possuía quinze anos de idade. Chegou à Luanda junto com o Padre Paolo da Monte San Savino. Parece ter falecido em Quiova no ano de 1651 (G.M. de Leguzzano *in* GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO, 1965).

146. Irmão leigo da Província de Úmbria, nasceu em 1634 e vestiu o hábito dos capuchinhos em 1656. Foi destacado para o Congo em 1666 e chegou a Luanda com seus dois confrades. Faleceu em Luanda por volta de fevereiro de 1668 (G.M. de Leguzzano *in* GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO, 1965).

147. Dom Antônio de Mello e Castro, Vice-Rei da Índia entre 1662 e 1666.

148. Referência ao primeiro convento dos franciscanos em Salvador, fundado em 1587 e muito danificado pelos holandeses durante a ocupação da cidade. Em 1686 seriam iniciadas as obras de um novo Convento de São Francisco e da respectiva igreja, uma das mais belas do Brasil. Vide também nota 2.

149. Ou seja, ao Recife.

150. Trata-se do Hospício de Nossa Senhora da Penha. Vide nota 19.

151. Vide nota 129.

incômodos verdadeiramente extraordinários, roguei muitas vezes ser posto na praia com o ânimo de completar o caminho a pé, apesar de a região ser habitada por gente devoradora de carne humana. Mas a bondade da tripulação, oposta à minha temerária resolução, salvou-me a vida.

Quando cheguei ao porto [do Recife] a frota já havia partido para a Europa, assim como havia imaginado, de tal modo que me foi necessário esperar (pouco menos de um ano) a partida de outra, com sessenta navios, a qual – após muitas borrascas com perda de pessoas e mil outras desventuras – havia ficado longo tempo detida fora das costas do Brasil. O ar deste clima, muito úmido por causa das numerosas lagunas, agravou minhas enfermidades mediante uma erisipela muito ardente nas pernas que me atacou bem umas cinco vezes enquanto, por não estar ocioso, percorria a região vizinha para satisfazer a devoção do povo – que de bom grado confiava as próprias consciências às mãos dos nossos. E pela mesma intempérie (creio eu) sofreu meu companheiro alguns ataques apopléticos, os quais – além do perigo de vida – contorceram-lhe estranhamente a boca, de tal modo que depois ficou com certa deformidade¹⁵².

Parece-me não dever passar em injurioso silêncio a piedade de João Pereira, cavalheiro português, o mesmo que transportara quatro de nossos missionários até Angola – como direi adiante – e que então morava em Pernambuco¹⁵³. Basta dizer que, em sua fragata de trinta peças com a qual – sob a proteção de Nossa Senhora – sulcava o oceano, tinha o costume de nunca denegar o cortês embarque de qualquer um que lhe pedisse pelo amor de Deus nem que fosse considerado verdadeiramente tão mesquinho que não pudesse pagar a carga. Chamavam-na por isso a ‘Arca de Noé’ e disseram-me que muitas vezes se prejudicou e que, não obstante lhe fosse impossível cobrir as despesas, mesmo assim quis perseverar neste gênero de caridade, confiando que o Senhor Deus o recompensaria no outro mundo. À minha chegada fui visitá-lo no Oratório de Santo Amaro, onde fazia os exercícios do retiro espiritual em companhia dos Padres Reformados¹⁵⁴, espécie de religiosos que vivem em congregação e que vão como missionários entre os bárbaros, não poupando fadigas para a

152. Vide nota 97.

153. Trata-se de João Baptista Pereira, comerciante português proprietário tanto da “Arca de Noé” quanto do “Navio das Almas do Purgatório”, embarcação que levou Dionigio de Carli da Piacenza, Michelangelo Guattini da Reggio, Pietro da Barchi e Miguel da Orvieto para a África (G.M. de Leguzzano *in* GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO, 1965). Vide nota 130.

154. Na verdade trata-se de Olinda, pois os Padres Reformados da Ordem da Beatíssima Maria do Monte Carmelo – mais conhecidos como carmelitas – já em 1580 haviam fundado nessa cidade a Ermida de Santo Antônio e São Gonçalo, atual Igreja do Carmo. Alguns autores (e.g. JABOATÃO, 1858-1862) terminaram por confundi-los com os capuchinhos propriamente ditos (vide nota 2). Para uma história da ordem em Pernambuco, ver COSTA (1976), LISBOA (1834-1835) e PRAT (1941).

salvação daquelas almas¹⁵⁵. Ele proveu-me amavelmente de muitas coisas para o embarque à Europa. A mesma mercê devo ao Senhor André Vidal de Negreiros¹⁵⁶ e a Dom João Fernandes Vieira¹⁵⁷, que já haviam sido governadores, um depois do outro, em Luanda e nas outras Conquistas. Assim também ao Senhor João Ultrini, francês, e ao Senhor Ludovico Heyns, flamengo¹⁵⁸, aos quais me referi ao falar do Padre João Francisco da Roma e do Padre Ângelo de Valença, quando foram enviados pelo Rei do Congo como embaixadores ao Sumo Pontífice¹⁵⁹. Em uma palavra, todos os portugueses competiam em acudir-nos, deixando conhecer o quão inata em seus peitos é sua grandeza e que cordial afeição professam pelos capuchinhos.

Que me seja permitido, com uma simples digressão a respeito de algumas coisinhas por mim vistas no Brasil, sair um pouco dos limites que me havia imposto na presente história, podendo estas notícias servir muitíssimo aos outros missionários, quando vão ao Reino do Congo. Uma sorte de animaizinhos pequeníssimos – muito semelhantes às pulgas da Europa – infesta os homens. Entram entre a unha e carne – especialmente daqueles que caminham descalços – e penetrando mais, ali se aninham e crescem quase tanto quanto um grão-de-bico, produzindo outros animaizinhos, com uma dor que indubitavelmente levaria ao espasmo se o bendito Deus não houvesse provido de indústria aos nativos para extraí-los e livrar-se deles: cortam a carne toda ao redor

155. Um dos objetivos dos carmelitas era a catequese dos índios (LISBOA, 1834-1835).

156. Após lutar contra os flamengos na invasão da Bahia (1624), André Vidal de Negreiros (1606-1680), participaria ativamente da chamada “Insurreição Pernambucana” (1645-1654), mobilizando tropas e recursos materiais nos sertões nordestinos. Como um dos melhores soldados de seu tempo, portou-se com grande bravura em quase todos os combates contra os batavos, sendo nomeado mestre-de-campo. Notabilizou-se no comando de um dos terços do “Exército Patriota” durante as duas batalhas dos Guararapes (1648-1649) e chefiou o sítio do Recife que levaria à capitulação holandesa (1654). Seria sucessivamente nomeado Governador e Capitão-Geral da Capitania do Maranhão (1655-1656), da Capitania de Pernambuco (1657-1661), de Angola (1661-1666) e novamente de Pernambuco (1667).

157. Nascido em Faial, Ilha da Madeira, João Fernandes Vieira (ca. 1613-1681) teria chegado muito jovem à Capitania de Pernambuco (1620). Ao lado das forças de Matias de Albuquerque, participou da resistência à segunda invasão holandesa do Brasil (1630). Poucos anos mais tarde, contudo, trabalhava para um abastado comerciante e senhor-de-engenho neerlandês, Jacob Stachouwer, personagem de ascendência judia ligado à Companhia das Índias Ocidentais. Indicado como escabino da Câmara Municipal de Olinda (1639) e do Recife (1641), passou a opor-se aos invasores após a partida de Johan Maurits von Nassau-Siegen (1644), assumindo a liderança da insurreição de 1645. Como mestre-de-campo, comandou o terço mais poderoso do “Exército Patriota” nas duas batalhas de Guararapes (1648-1649). Por seus feitos, terminaria sendo aclamado Chefe Supremo da Revolução e Governador da Guerra da Liberdade e da Restauração de Pernambuco. Foi nomeado Governador e Capitão-Geral da Capitania da Paraíba (1655-1657), depois Governador e Capitão-Geral de Angola (1658-1661). Também exerceu o cargo de Superintendente das Fortificações do Nordeste do Brasil entre 1661 e 1681.

158. Vide nota 18.

159. Evento já mencionado na introdução do presente ensaio. Vide também Anexo 2.

e levantam a unha na ponta para que saiam inteiros, pois se permanecessem aquelas que diríamos sementes nascendo e se multiplicando – como fazem as outras sevandijas do corpo – roeriam a carne, empestando o pé. E mesmo muitos se viram perder os dedos e ficarem mancos e estropiados. De minha parte, fui molestado oito vezes em poucos dias, mas depois advertido para usar certo unguento que talvez lhes seja mortífero, preservei-me deles¹⁶⁰.

Tão infestas na Etiópia, as formigas aqui – sem comparação – existem em maior quantidade e ai de onde aparecem, porque em um instante cobrem o chão de uma casa e devoram tudo com que topam¹⁶¹. Esta praga – que sem dúvida tornaria estéreis todas as delícias, frutas, plantas e qualquer coisa semeada no campo – é combatida pelos habitantes por meio dos escravos que, colhendo folhas de gengibre, lhas lançam do modo como se faz com os bichos-da-seda e as [folhas] da amoreira, com as quais, uma vez fartas, partem¹⁶². É verdade que na América [elas] não permanecem longo tempo em um mesmo sítio e depois de algumas horas, mesmo que sejam solicitamente providas de alimento, vão para outro lugar.

Observei o camaleão, muito maior e muito mais venenoso que o da Etiópia. Este animalejo – que não excede nunca o tamanho de uma ratazana, mas se assemelha ao lagarto-verde¹⁶³ – subindo às árvores estende suas insídias aos outros animais que ali param debaixo dele da seguinte maneira: havendo-o dotado a natureza de uma pele quase diáfana e muito transparente que se assemelha a uma bexiga, parece que recebe e transfere as variedades de cor sobre as quais para, de modo que sobre os ramos da árvore dificilmente se discerne. Assim que tem em sua mira a vítima ou a presa, com toda diligência cai sobre ela e – aberta a boca – vomita

160. Trata-se do bicho-do-pé. Vide nota 56.

161. A versão espanhola da obra de Giovanni Francesco da Roma assinala que no Congo “se produz certo gênero de formigas [...] que saem debaixo da terra, em diversas épocas do ano, em quantidades inumeráveis. E entram pelas casas e qualquer outro lugar comendo o que encontram até ficarem satisfeitas [...] voltando aos seus ninhos em fileira sem que fique nenhuma. São do tamanho de moscas, mas há algumas menores e ambas mordem com grande ferocidade [...] Dizem que há sucedido mais de uma vez que, entrando em uma casa onde mantinham um leitão ou outro animal atado, comeram-no todo sem que o dono ao retornar encontrasse mais que os ossos. Saem de dia e de noite, não havendo quem possa escapar porque entra em tudo” (GIOVANNI FRANCESCO DA ROMA, 1649b). Tais comentários parecem dizer respeito às formigas-de-correição africanas (Formicidae, Dorylinae), enquanto as observações realizadas no Brasil por Giovanni Antonio Cavazzi da Montecuccolo lembram sobretudo as saúvas, *Atta* sp. (Formicidae, Myrmicinae).

162. Semelhante artifício já se encontra mencionado em uma das cartas do Padre José de Anchieta: “nos roçados de mandioca dão [às saúvas] de comer e nisto se ocupam muitas pessoas, tendo-o por mais barato que deixá-las comer e destruir as fazendas” (vide LENKO & PAPAVERO, 1997).

163. “Ramarro” no original. Referência a *Lacerta viridis* Laurenti, 1768 (Lacertidae).

uma saliva tão mortífera que apenas tocada a cabeça ou mesmo o dorso do insidiado, este quase imediatamente fica morto¹⁶⁴.

Nos arredores de Pernambuco há uma espécie de serpente chamada coral por estar formada a modo de um colar de belos corais [vermelhos] em feira, misturados com alguns brancos e outros pretos. É serpente verdadeiramente lindíssima de ver-se, mas de outra forma perniciosíssima, asseverando-se universalmente que ela seja a mais venenosa da região¹⁶⁵. Lembro-me que, havendo matado uma, senti ficar boba a mão, mas tomando a triaga ela voltou [ao normal]¹⁶⁶. Matei algumas aranhas do tamanho de um caranguejo marinho e retirei-lhe os dentes – negros e tão longos quanto os de um cão ordinário, como podem atestar muitas pessoas às quais presenteei quando cheguei à Itália¹⁶⁷.

Há grande quantidade de papagaios lindamente coloridos, enquanto os do Congo nascem com cor cinzenta e têm semelhança com os abutres¹⁶⁸. Além da beleza, que seguramente se pode chamar prodígio da natureza, tornam-se muito dóceis. Alimentam-se de noz-moscada, gengibre, pistache e coisas semelhantes – cálidas em sumo grau¹⁶⁹ – de onde segue que raríssimos duram muito tempo fora de seu clima. Caso se vejam alguns na Itália, persuado-me que sejam trazidos de alguma ilha menos distante das nossas regiões, como se deduz por não serem nem tão belos nem tão grandes como os da América.

Os macacos e os gatos-mamões¹⁷⁰ são inumeráveis em sua diversidade. Há alguns com o cenho delineado como a cara de um homem despeitoso, conquanto peluda ao redor com pelo ereto e de várias cores. Pelo compri-

164. Ao que parece, a visão de algum lagarto brasileiro – talvez um iguana, *Iguana iguana* (Iguanidae) – teria levado Cavazzi a mesclar observações não muito acuradas de fatos reais com algumas das fábulas correntes na época sobre os camaleões africanos (Chamaeleonidae). Vide também SEAGER (1896) e TOPSELL (1658).

165. A descrição não permite decidir se o capuchinho teria encontrado uma coral-verdadeira, *Micrurus* sp. (Elapidae) ou uma das chamadas “falsas corais”, serpentes inofensivas pertencentes, por exemplo, aos gêneros *Anilius*, *Lystrophis*, *Hydropis* e *Erythrolampus* (Colubridae).

166. Conhecida desde a Antiguidade, a triaga – ou triaga – seria um poderoso antidotal composto por dezenas de itens capazes de variar sobremaneira conforme a época e o espaço geográfico considerado, tendo sido empregada pelo menos até o século XVIII (GRIFFIN, 2004). Em 1766, a receita de uma “triaga brasileira” preparada pelos jesuítas do colégio da Bahia reunia nada menos de 77 elementos distintos entre raízes, extratos, gomas, óleos e sais, além do mel de abelhas e jararacas secas reduzidas a pó (LEITE, 1938-1950, 1953). Vide também RIBEIRO (1971) e SANTOS FILHO (1977-1991).

167. Não era incomum que as queliceras das grandes aranhas-caranguejeiras (Theraphosidae) chegassem à Europa seiscentista como uma curiosidade do Novo Mundo.

168. Trata-se do papagaio-cinzento, *Psittacus erithacus* Linnaeus, 1758 (Psittacidae).

169. Vide nota 63.

170. “Gattimamoni” no original. Vide Anexo 6 e nota 53.

mento da cauda, da qual se pavoneiam estes animais, os nativos estimam sua ferocidade. Domesticados, ficam como loucos atrás dos seus donos, servindo-os cuidadosamente desde que eles se lembrem de suas necessidades. Vi alguns – amestrados para brincar como bufões – com tanta graça que mesmo pessoas maduras e mais bem compostas se divertiam¹⁷¹.

Acha-se no Brasil outro animalejo que me parece um estupendo epílogo de todos os outros animais terrestres. Não é maior do que a palma de uma mão. O aspecto da cara é como aquela de um homem, mas é peluda em toda a volta à semelhança dos já mencionados macacos. Tem as suíças tão bem feitas e pequeninas em proporção ao restante que não se pode imaginar coisa mais estranha. Tem o dorso com um manto de juba como a de leão e é tão suntuoso que se diria ser a própria beleza. Tem as ancas bem formadas – redondas, lisas, lustrosíssimas como as do cavalo – e as pernas e pés semelhantes aos do cão. Chama-se ‘sagui’ e por ser gentilíssimo é estimado deleite para as damas, de tal modo que são vendidos na América e em Angola e são tidos em grande apreço¹⁷². Não resulta transportá-los para a Europa e sei que um cavalheiro português, havendo obtido para si até trinta deles – não obstante empregasse todas as diligências imagináveis – não logrou salvar senão dois, dos quais um foi doado à Rainha de Portugal e o outro pretendia enviar à Rainha da França¹⁷³, mas (tanto quanto me disseram) morreu logo que sentiu o ar frio de nosso clima.

Durante o tempo em que fiquei detido em Pernambuco sucederam três casos memoráveis e dignos de reflexão. Alguns soldados, havendo recebido uma ofensa de certos juvenzinhos insolentes, perseguiram-nos até dentro do colégio dos Padres da Companhia de Jesus e – não respeitando a imunidade desse lugar – mataram três. Um destes, ferido como estava e recolhendo-se à igreja, caiu de bruços sobre a sepultura de alguém que, poucos anos antes, fora morto por ele mesmo – e nesse mesmo local vi-o exalar a alma. Exemplar castigo, que nos confirma a ameaça do Evangelho aos homicidas.

171. Talvez uma alusão ao macaco-prego, *Cebus* sp. (Cebidae), cujos exemplares amestrados se encontram presentes em iconografias do Brasil Holandês (vide D.M. TEIXEIRA, 1997).

172. “Sagoino” no original (vide Anexo 6). No caso, trata-se de provável referência ao mico-leão-dourado, *Leontopithecus rosalia* (Linnaeus, 1766). Pelo menos desde o último quartel do século XVI, estes *Callitrichinae* eram levados do Rio de Janeiro à Bahia para serem comercializados, fato registrado por Gabriel Soares de Sousa em seu “Tratado Descritivo” de 1587 (D.M. TEIXEIRA & PAPAVERO, 2010).

173. Provável referência à Marie François Élisabeth – Princesa de Sabóia e Rainha de Portugal entre 1666 e 1683 – e Maria Teresa Walburga Amalia – Infanta de Espanha e Rainha da França entre 1660 e 1683.

O segundo caso sucedeu também neste mesmo litoral do Brasil, em uma cidade situada na foz do Rio de Janeiro¹⁷⁴. Alguém, por vingança de ofensas recebidas de seu inimigo, não contente de havê-lo morto cortou-lhe a cabeça do tronco e jogou-a na água tão secretamente que não era possível descobrir o malfeitor. Esta foi várias vezes atirada pelas ondas – de domingo até a quinta-feira – à praia (tanto quanto me contaram alguns filhos dos pescadores). Tendo finalmente parado na praia, o pároco levou-a para dar-lhe conveniente sepultura dentro da igreja. Acorreu muita gente por causa da novidade e entre outros o próprio homicida – como se a coisa nada tivesse a ver com ele – que ali se postou para vê-la, mostrando lastimar a desgraça do defunto, quando – eis que à vista de todos – borbotou das veias do pescoço do falecido vivo sangue e havendo ele considerado bem o assunto, fugiu rapidamente e talvez não houvesse ninguém que o notasse¹⁷⁵. Mas se por então ele escapou da justiça dos homens, bem rápido o atingiu a de Deus, como atestou e disse ter reconhecido à beira da morte, manifestando aos circunstantes a gravidade de seu delito.

O terceiro é pouco diferente do anterior. Uma pessoa demasiado ressentida deu a morte, sem causa razoável, a alguém. Depois, para ocultar a selvageria, submergiu o cadáver dentro de um rio em lugar distante daquele onde havia cometido o homicídio e – não pensando na divina vingança – retornou quietamente à sua própria habitação, situada ao lado das margens do mesmo [rio]. Mas ao entrar nela, percebeu que o corpo morto, em vez de correr rio abaixo, tinha subido contra a corrente – e arrastou-o bem longe com um gancho. Entrementes, este subiu a corrente até parar justamente no mesmo sítio defronte à casa do assassino o qual, aterrorizado, fugiu e teria conseguido [escapar] se, ao ser encontrado por esbirros que suspeitaram ao vê-lo mudar de semblante, não tivesse sido conduzido à cadeia onde, exprobrado pela sindérese¹⁷⁶, confessou (antes que o juiz o interrogasse) a própria culpa e recebeu o condigno castigo.

Mas não quero afastar-me dos relatos de minha viagem. Entre os muitos capitães que me foram cortesês, um deles foi Antônio Fernandes, que por duas vezes havia navegado de Portugal a Angola e conduzido, por amor a Deus, os

174. Cavazzi repete o antigo equívoco de tomar a Baía de Guanabara pela foz de um rio em sua tentativa de mencionar a cidade do Rio de Janeiro.

175. A crença de que os corpos dos assassinados vertiam sangue na presença de seus algozes era corrente na Europa, marcando presença em vários textos desde a Idade Média. Para maiores informações, vide CASCUDO (1954), MACEDO (2004) e MACHADO (1999).

176. Termo utilizado na teologia, grosso modo equivalendo ao remorso. Para um histórico do conceito de sindérese, vide PIZZUTTI (2006).

Padres Antonio de Teruel¹⁷⁷ e Bonaventura da Correglia¹⁷⁸. O navio era uma fragata de 24 canhões, nova, bem arranjada e provida de espertos marinheiros. Seu verdadeiro patrão era um comerciante francês, de nome monsieur N. d'André, que morava em Lisboa e que havia imposto aos capitães de qualquer das naves que navegassem à sua custa jamais negar o embarque de capuchinhos, razão pela qual aceitei o convite. Mas foi preciso esperar até que aparecesse a frota de que era general Dom Pedro Jacques, Cavaleiro do Hábito de Cristo¹⁷⁹. Fundeou em alto mar a quatro léguas de Pernambuco, esperando os navios que estavam nos portos da costa e que tinham ordem de rapidamente unir-se à armada. Por isso fomos forçados, na noite de 10 de outubro [de 1668], a entrar em um escaler para sermos transportados ao dito navio, mas com tantos ventos contrários que apenas escapamos de um naufrágio. Eu, tendo sofrido então um desmaio, fui levado por dois escravos e posto na fragata. Percebi, depois de algum tempo e sem esperança de reavê-los, que muitos escritos foram deixados para trás. No dia seguinte içamos as âncoras ao ribombo da artilharia e de outros instrumentos militares, recomendando a Deus o êxito aventuroso daquela escolta [...]"

177. Nascido em 1604, o capuchinho Antonio de Teruel chegaria como missionário ao Congo em 1648, retornando à Europa em 1657. De seus relatos, sobreviveria apenas a "Descripción narrativa de la Misión Seráfica de los Padres Capuchinos y sus progresos en el Reyno del Congo", texto escrito entre os anos de 1662 e 1663 que se encontra depositado na Biblioteca Nacional de Madrid sob o tombo MS 3533 (vide GONÇALVES, 2008).

178. Bonaventura da Correglia vestiu o hábito dos capuchinhos em 1633 e foi designado para o Congo em 1646, chegando à África em março de 1648. Voltou para a Europa em 1657, falecendo em Cádiz em data desconhecida (G.M. de Leguzzano *in* GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO, 1965).

179. Trata-se de Pedro Jacques de Magalhães, Visconde de Fonte Arcada, destacado militar português.

ISTORICA
DESCRIZIONE
DE' TRE' REGNI
CONGO, MATAMBA,
ET ANGOLA

SITVATI NELL'
ETIOPIA INFERIORE OCCIDENTALE
E DELLE
MISSIONI APOSTOLICHE
Esercitateui da Religiosi Capuccini ,

Accuratamente compilata dal

P. GIO. ANTONIO CAVAZZI DA MONTECVCCOLO
SACERDOTE CAPVCCINO
IL QVALE VI FV' PREFETTO

E nel presente stile ridotta dal

P. FORTVNATO ALAMANDINI
DA BOLOGNA

Predicatore dell' istesso Ordine .

ALL' ILLVSTRISSIMO

SIGNOR CONTE
GIACOMO ISOLANI,



IN BOLOGNA MDCLXXXVII.

Per Giacomo Monti .

Con licenza de' Superiori .

Figura 27. Frontispício da "Istorica Descrizione de tre regni Congo, Matamba, et Angola" (1687)

Girolamo Merolla da Sorrento em Salvador (1683)

Natural de Sorrento, Província de Nápoles, Girolamo Merolla é um personagem pouco conhecido, embora se saiba que tomou o hábito dos capuchinhos em 1678. Quatro anos mais tarde, na companhia de Francesco da Monteleone e de outros religiosos, partiria de Cagliari, Sardenha, para o Congo, passando por Lisboa e pelo Brasil. Desembarcou em Salvador, Bahia, em 17 de janeiro de 1683 e chegou à de janeiro de 1683. Chegou à África quatro meses depois, onde percorreu o Congo e o Cacongo por quase seis anos, pregando o evangelho e visitando as igrejas existentes. Feroz crítico da escravidão e do tráfico negreiro, Girolamo Merolla acumulou numerosos desafetos e teve vários problemas durante sua permanência na região, até ser finalmente acometido pelas doenças que vitimavam muitos de seus companheiros¹⁸⁰. De volta à Europa, escreveria sua “Breve e succinta relatione del viaggio nel Regno di Congo nell’Africa Meridionale”, obra publicada em 1692 com uma segunda edição em 1726¹⁸¹ (Figuras 28 e 29). Vertida para o inglês e para o francês ao longo dos séculos XVIII e XIX¹⁸², esse relato mereceria um breve resumo em francês trazido à luz pelo “Abbé” Prévost e outro, ainda menor, da autoria de A. Cuvillier¹⁸³.

180. BRANCA (1873), D’HARMONVILLE (1845), GRAY (1984), HOWGEGO (2003) e VANZON (1836).

181. GIROLAMO MEROLLA DA SORRENTO (1692, 1726).

182. As traduções para o inglês estão em CHURCHILL & CHURCHILL (1704) e PINKERTON (1808-1814), enquanto a francesa coube a WALCKENAER (1842). Vide também R. Gray (*in* MARAZZI, 1984) e STONE (1997).

183. CUVILLIER (1821) e PRÉVOST (1746-1759).

BREVE, E SVCCINTA
RELATIONE
DEL VIAGGIO NEL REGNO
di Congo nell'Africa Meridionale,
F A T T O
DAL P. GIROLAMO
MEROLLA DA SORRENTO,
Sacerdote Cappuccino, Missionario
Apostolico.

Contiene variati Clima, Arie, Animali, fiumi, frutti,
vestimenti con proprie figure, diuersità di co-
stumi, e di viucri per l'vso humano .

Scritto, e ridotto al presente stile Istorico,
e narratiuo dal P. ANGELO PICCAR-
DO DA NAPOLI Predicatore
dell'istess'Ordine.

DIVISO IN DVE PARTI.
D E D I C A T O
ALL'EMIN.MO E REV.MO
C A R D I N A L
A C C I A I O L I .



IN NAPOLI, Per Francesco Mollo 1692.

Con licenza de' Superiori .

Figura 28. Frontispicio da "Breve e succinta relatione del viaggio nel Regno di Congo nell'Africa Meridionale" (1692)

BREVE, E SUCCINTA
RELAZIONE
DEL VIAGGIO NEL REGNO
DI CONGO

Nell' Africa Meridionale,

F A T T O
DAL P. GIROLAMO
MEROLLA DA SORRENTO
Sacerdote Cappuccino Missionario Apostolico.

Contiene variati Clima , Arie , Animali , fiumi , frutti
vestimenti con proprie figure, diversità di costumi,
e di viveri per l'uso umano .

Scritto, e ridotto al presente stile Istórico, e narrativo
dal P. ANGELO PICCARDO DA NAPOLI
Predicatore dell' istesso Ordine.

DIVISO IN DUE PARTI.



IN NAPOLI MDCCXXVI.
Con Licenza de' Superiori .

Figura 29. Frontispício da “Breve e succinta relatione del viaggio nel Regno di Congo nell’Africa Meridionale” (1726)

VERSÃO PARA O PORTUGUÊS ATUAL DAS PASSAGENS REFERENTES AO BRASIL NO TEXTO DE GIROLAMO MEROLLA DA SORRENTO (1683)¹⁸⁴

“PRIMEIRA PARTE

PARTIDA DO AUTOR DE NÁPOLES PARA A CÔRSEGA, SARDENHA E DEPOIS PARA LISBOA, COM O QUE ACONTECEU E VIU

[...] Aos 17 de janeiro [de 1683] desembarcou-se na Bahia ou cidade de São Salvador, situada aos 13 graus além da linha equinocial. Seu porto é de muita fama por sua vastidão e pela segurança, pois – ao se entrar nele – vislumbram-se duas pontas de montanhas que se antepõe uma com a outra e [estão] dispostas distantes do mar, que fica no meio de ambas para a entrada e a saída.

Ao por o pé em terra, encontrei uma viúva que ia numa rede levada nos ombros de dois escravos negros vestidos com roupas de luto e quatro outras escravas, [posicionadas] nos quatro cantos de uma colcha que servia de cobertura para ela e para a rede [Figura 30]. Pensei à primeira vista, sendo coisa nova para meus olhos, ser um morto que se levasse ao sepulcro. Perguntei a quem me acompanhava se era um cristão: respondeu-me que sim e que era uma viúva portuguesa. Então juntei-me a eles, já que era uma cristã e que conduziam uma cruz adiante, começando com devoção a recitar o *De Profundis* para aquela alma, movido por verdadeira caridade. Logo senti-me dissuadido e disparatado pelo riso deles e pronto se formou um círculo de curiosos reunidos para investigar o motivo. Eu, inclinando humildemente a cabeça sem nem olhar para trás, acelerei bem o passo em direção a meus afazeres por ser aquela uma senhora viúva e não morta, conforme simplesmente me persuadiram.

As redes comuns têm apenas um travesseiro ou almofada onde se pode ficar estendido ou sentado. Para as mulheres coloca-se a rede no chão com um tapete dentro – sobre o qual se sentam – e os portadores em conjunto a levantam, estendendo por cima outro pequeno tapete. [São] acompanhadas por outras escravas de seu séquito, por ela chamadas de ‘mucamas’¹⁸⁵, sendo estas que a servem em seus aposentos. Outras pessoas, mais abastadas e ricas, acomodam uma cobertura como

184. Tradução livre baseada em GIROLAMO MEROLLA DA SORRENTO (1692, 1726), bem como nas versões de CHURCHILL & CHURCHILL (1704), PINKERTON (1808-1814) e WALCKENAER (1842).

185. “Moccamas” no original. Vide Anexo 7.

os tetos de coches, com cortinas de um e outro lado – são chamados ‘palanquins’¹⁸⁶ e são muito usados no Brasil, mas [ainda] mais comumente em toda a Etiópia¹⁸⁷.

Esta Bahia [de São Salvador] é a principal cidade do Brasil por ali residir o Arcebispo e o Governador-Geral, que tem poderes iguais ao de um Vice-Rei. Todas as costas marítimas são habitadas por portugueses – começando, tanto quanto eu saiba, no Rio da Prata desde o Estreito de Magalhães – e também o interior, tanto quanto podem. No resto, então, vêem-se as habitações dos gentios. O principal comércio aqui exercido – arrendado para o ganho mercantil daqueles de Portugal – é o de tabaco e do açúcar, dos quais – com volumosas e importantes cargas – muitos e muitos navios a cada ano se abarrotam não só na cidade já descrita, mas em ambos portos do Rio de Janeiro e do Rio de São Francisco.

Para manter as engenhosas máquinas de açúcar é necessário ter muitos e muitos escravos, tanto para plantar e cultivar as canas, como para prover suficiente lenha para o fogo contínuo [que arde] sob os vastos caldeirões ferventes dia e noite, [assim como] para outros misteres do tipo servil. Encontra-se mesmo quem possua para este fim até 500 escravos cuja vida, dizem eles mesmos, é considerada bastante longa quando chega ao sétimo ano de serviço, [situação ditada] pelo grande trabalho e limitado sustento. Quem logra ter qualquer possibilidade de escapar e fugir põe-se ao seguro, indo para o interior em regiões estranhas para ali encontrar refúgio.

É tanta sua dedicação a tais comércios de tabaco e açúcar que há poucos ou mesmo ninguém que se preocupe em cultivar os campos ou fazer a sementeira de vitualhas, de onde resulta que essas plagas sofrem penúria de alimentos e todas as coisas são caras e custosas. Seu pão ordinário é a farinha de ‘mandioca’¹⁸⁸, certa raiz vegetal. Para multiplicá-la, enterra-se um ramo¹⁸⁹ que, crescendo, forma as raízes e tem a folha semelhante ao dos nossos tremoceiros¹⁹⁰. Depois de alguns meses escavam-nas e – estando frescas – [obtem a farinha] à força de uma roda com cerca de vinte palmos de circunferência que tem em sua volta um ferro como ralador. [Esta é] girada por duas pessoas, com outra comprimindo [a massa da mandioca] com as mãos. Obtida uma boa quantidade, enchem-se sacos que – espremidos por uma prensa – derramam um líquido muito adequado para fazer perfeitamente amido¹⁹¹. Depois da secagem, a massa [resultante] é comida seca e moída ou ainda

186. “Palangas” no original. Vide Anexo 7.

187. Expressão muito empregada pelos capuchinhos para designar a África.

188. “Farina di Mandiôca” no original. Além do Anexo 7, vide também notas 77 e 88.

189. Trata-se das manivas, pedaços das hastes ou das ramas com cerca de 20 centímetros de comprimento que costumam ser retiradas do terço médio da planta.

190. Nome aplicado a diversas espécies do gênero *Lupinus* (Fabaceae).

191. Trata-se da manipueira, que deve ser cozida durante horas para eliminar o ácido cianídrico, podendo então ser empregada como ingrediente do tucupi e de outros pratos. Vide notas 77 e 88.

[pode ser] adicionada a um caldo, no qual encorpa de forma considerável¹⁹². Dela se serve ainda o Reino de Angola e muitas outras regiões e províncias.

O peixe é caríssimo, havendo pouquíssima gente que se dedique à pesca. As carnes vêm de lugares distantes de muitas jornadas por causa dos pastos, que não se encontram suficientemente próximos das terras habitadas. Ao serem tangidos, muitos animais morrem na estrada e os outros chegam quase que com o couro pegado diretamente aos ossos. Há também escassez de água, elemento tão necessário, que em sua maior parte é salobra. Para quem viaja é preciso prover-se dela mais do que de alimento, pois por todas as partes (digo, do interior) encontram-se frutos que, apesar de não serem semelhantes aos nossos europeus, são porém de maior substância que aqueles. Entre outros por mim vistos estão os cocos¹⁹³ – uma espécie de palmeira [Figura 31] – que nascem em cachos mais ou menos pendentes ou em grupos de até vinte entre as folhas ou ramos. Cada um possui o tamanho de um frasco, estando cobertos por duas cascas tal como as nozes. A primeira não é tão estimada quanto a segunda, que é empregada como copos para beber. O fruto é de uma brancura como a do leite, mas muito denso e ótimo de comer. Encerra em seu interior uma água como que destilada, na medida de um copo ordinário. Quando está verde contém mais água, que asseveram ser refrescante, mas é de natureza quente quando [o coco] está maduro. De tal fruto também se aproveita a Etiópia, assim como as Índias Orientais, extraindo um vinho durante todo o ano¹⁹⁴. Floresce [aqui] uma outra [planta] com o nome de mamão¹⁹⁵ que quase não possui ramos e tem o tronco em forma de um sarrafo, adornado de folhas e frutos juntos [Figura 32]. Cada folha tem seu fruto semelhante a um melão pequeno, do qual tem quase o mesmo gosto¹⁹⁶. A semente é como um grão de pimenta e tem em parte seu sabor¹⁹⁷. O pedúnculo das folhas, que são grandes e dispostas em roda, tem a forma das hastes das videiras da Europa, com quatro ou cinco palmos de comprimento.

192. Provável referência ao popular pirão de farinha de mandioca.

193. “Cocchi” no original. Vide Anexo 7 e nota 121.

194. Trata-se do vinho de palma ou vinho de palmeira, bebida alcoólica obtida pela fermentação da seiva de diversos representantes das *Arecaceae*. Embora seja mais apreciado na África e no Oriente, também é produzido no Brasil a partir do buriti, *Mauritia flexuosa* Mart.

195. “Mamão” no original. Vide Anexo 7 e nota 65.

196. “Ogni foglia dona il suo frutto simile al Pepone, ò Melone di pane picciolo” no original (vide Anexo 7). “Pepone” equivale a “popone” no italiano moderno e não passa de sinônimo de “melone”, nome aplicado ao fruto de *Cucumis melo* L. (*Cucurbitaceae*).

197. Referência à semelhança superficial existente entre as sementes de mamão e os grãos da pimenta-do-reino, *Piper nigrum* L. (*Piperaceae*).

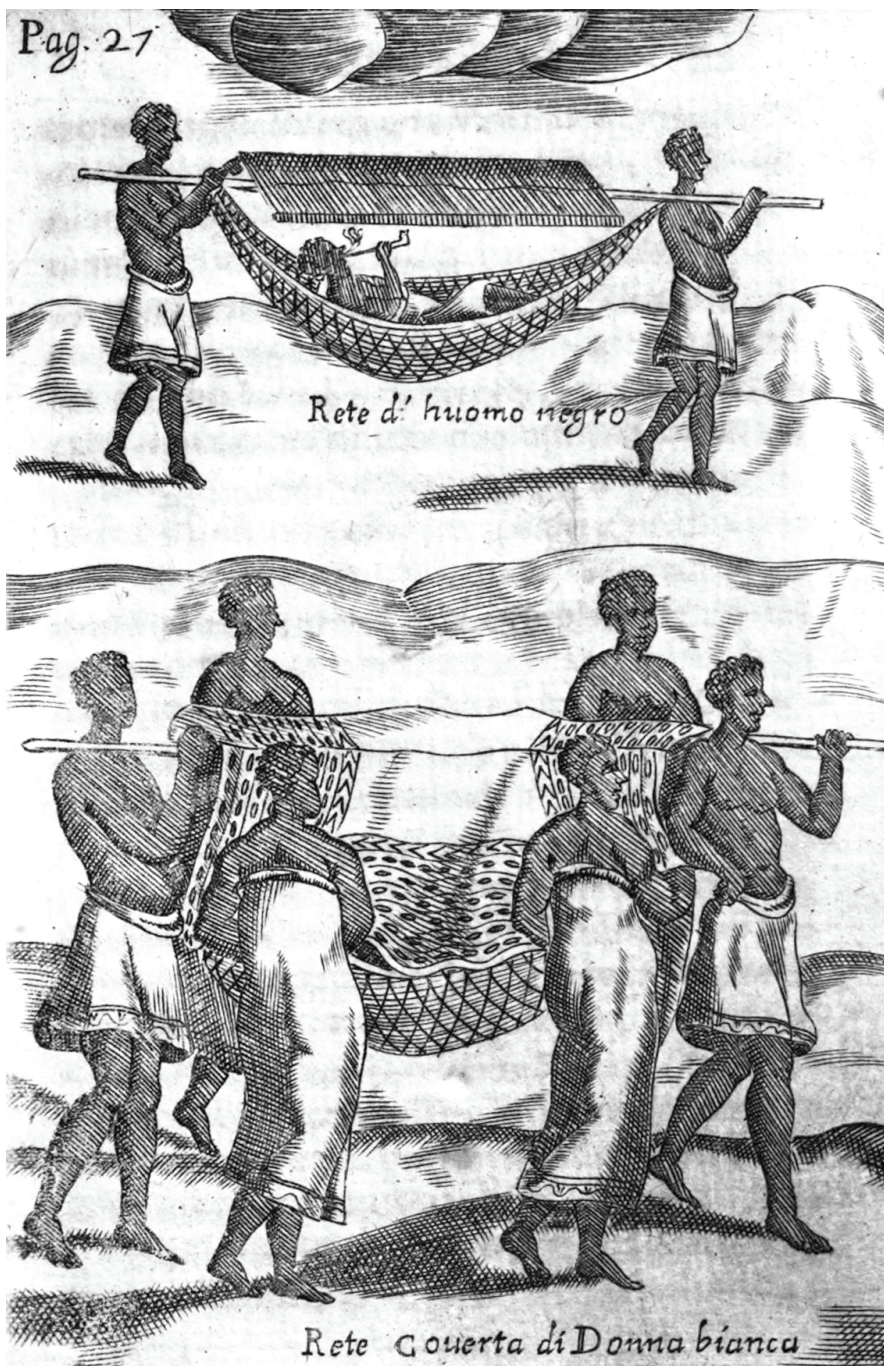
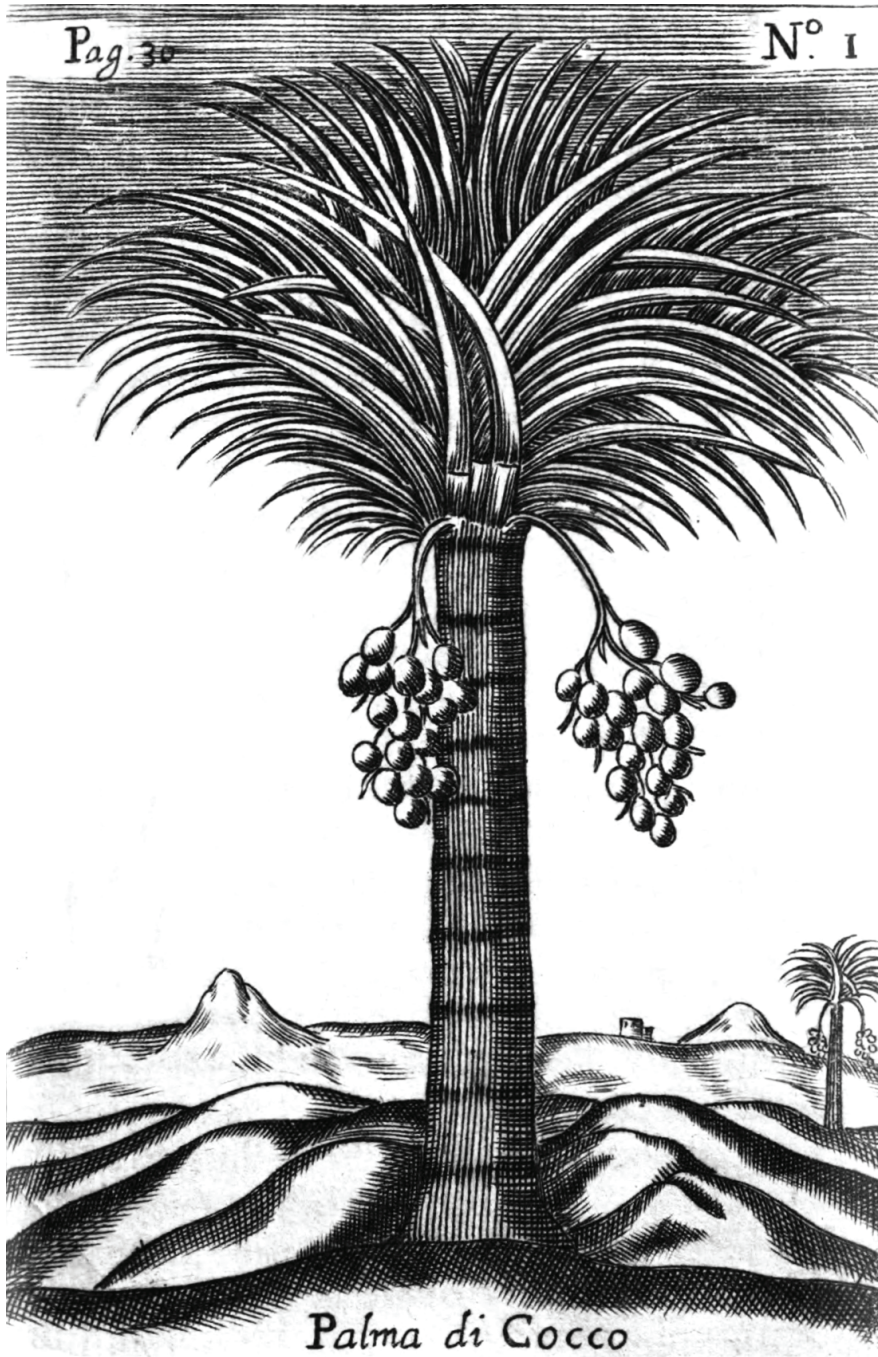


Figura 30. Rete coberta de mulher branca. Gravura da "Breve e succinta relatione del viaggio nel Regno di Congo nell'Africa Meridionale" (1692)



Palma di Cocco

Figura 31. Coqueiro. Gravura da “Breve e succinta relatione del viaggio nel Regno di Congo nell’Africa Meridionale” (1692)

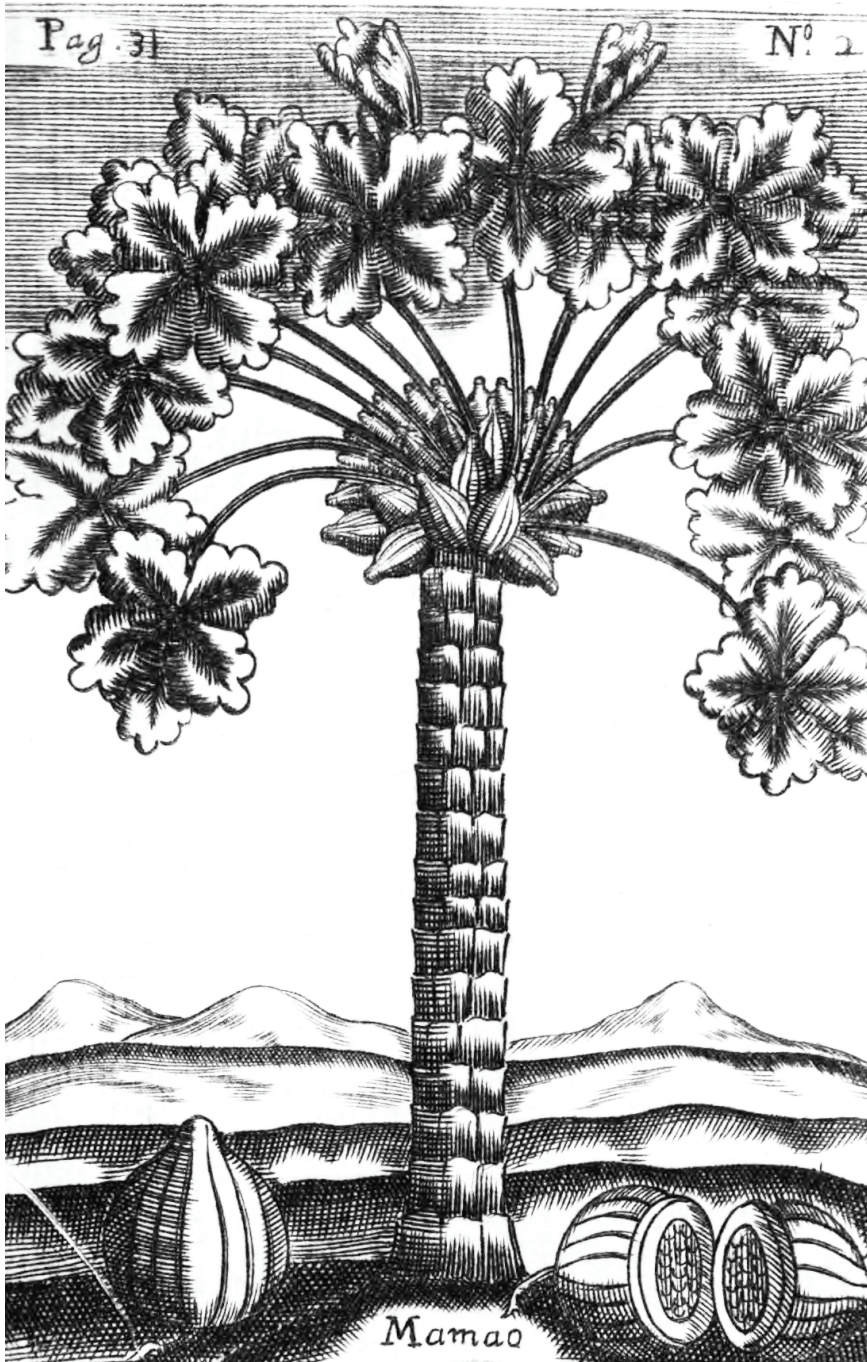


Figura 32. Mamoeiro e mamão. Gravura da “Breve e succinta relatione del viaggio nel Regno di Congo nell’Africa Meridionale” (1692)

As bananeiras¹⁹⁸ são mais como um agregado de folhas do que uma árvore, tão bem entrecidas umas com as outras que formam uma planta com cerca de quinze palmos de altura¹⁹⁹ [Figura 33]. Dela brota um cacho acinoso semelhante ao da uva – por nós chamado ‘corniola’²⁰⁰ – que é tão grande quanto pode um homem carregar. Cada banana²⁰¹, bago ou ácido tem cerca de um palmo de comprimento e sua grossura é aproximadamente semelhante ao punho do braço viril, [enquanto] a casca [é parecida] à da laranja. Colhido tal racimo, corta-se a árvore para que espalhe de novo as vergôntees, de tal modo que – uma vez plantada e cultivada dessa maneira – veja-se sempre apta a germinar e hábil e pronta para oferecer ao dono o seu fruto, por ele chamado de ‘cacho’²⁰². Mesmo verde e imaturo, este é suspenso em casa e amadurecendo pouco a pouco, cobre-se inteiramente de amarelo. Costuma-se secar [a banana] e dividi-la ao meio. Uma vez provada, deixa no palato um sabor de figo seco da Calábria. As folhas são tão bem estriadas e lisas que parecem instrumentos polidos não pela natureza, mas pela arte, estendendo-se por cerca de dez palmos de comprimento e – dilatando-se no meio – com três de largura.

Com elas, muitos conjeturam e argumentam, cobriram-se nossos primeiros pais – Adão e Eva – no Paraíso terrestre, após a transgressão do preceito divino. Isto não está fora de cogitação, dado seu acentuado comprimento e largura, além de ter tal fruto em alguns países a denominação de figo. E que fossem de figo aquelas primeiras vestimentas com as quais a nudez deles foi velada, existe o testemunho da Sagrada Escritura: *Fecerunt sibi perizomata Gen. 3.*²⁰³. Vários e diversos escritores o atestam e entre eles Nicolas de Lyre²⁰⁴ sobre o mesmo trecho: *Consuerunt folia ficus, &c. Ex hoc dicunt Hebraei, quod ficus erat arbor, de cuius fructu comederunt. Fecerunt sibi perizomata, id est succinctoria circa lumbos, à περι, circum,*

198. “La Banane” no original. Vide Anexo 7.

199. Vide nota 59.

200. Conforme o original (vide Anexo 7). Cornisolo em português, nome conferido ao fruto do corniso, *Cornus mas*, L. (Cornaceae), que apresenta coloração vermelha e formato um tanto oblongo.

201. Conforme o original (vide Anexo 7).

202. “Cacchio” no original (vide Anexo 7).

203. Gênesis 3, 7: “*Et aperti sunt oculi amborum; cumque cognovissent se esse nudos, consuerunt folia ficus, et fecerunt sibi perizomata*”.

204. Franciscano e teólogo francês (1270-1349), cujo nome por vezes se encontra latinizado para Nicolaus Lyranus. O trecho citado por Girolamo Merolla da Sorrento encontra-se à página 42 do “*Liber Genesis hebraice Beresith*”, parte da “*Biblia Maxima*” de JOANNE DELA HAYE (1660), a saber: “*Consuerunt sibi foli fic. etc. Ex hoc dicunt Hebraei, quòd ficus erat arbor, de cuius fructu comederunt. Et fecerunt sibi περιζώματα, perizomata, id est succinctoria circa lumbos. Dicitur enim perizoma à μεϊ circum & ζώνά cingulum, quasi circum*”.

ζωμα, cingulum, quase circum cingulum. Cornelio à Lapide²⁰⁵ igualmente: *Putat S. Irenaeus lib. 3. c. 37. ex ficu haec fecisse*. Também o mestre da *Historia Scholastica*²⁰⁶, *apud Bartolom. Sibilla. prim. decad. c. 3.*²⁰⁷. Omito os outros [autores] para não me desviar da prometida brevidade. A não ser que fosse aquela figueira do Oriente, descrita pelo Abulense²⁰⁸, cuja folha se aproxima do tamanho do escudo militar: *Perhibetur enim in Oriente esse ficulneam, cuius folia ad scuti magnitudinem accedunt, in c. 3.*, ou ainda essa outra adotada por Pietro della Valle²⁰⁹ em seu *Viaggio dell'Indie p. 3. litt. B. 1623*. Chamada pelos árabes e persas ‘mouz’²¹⁰ e na Índia dos portu-

205. Trata-se de Cornelissen van den Steen (1567-1637), jesuíta e exegeta flamengo. Em sua obra “*Commentaria in Pentatevchum Mosis*” (CORNELIUS ALAPIDE, 1616) consta: “*Fecerunt sibi perizomata id est, cingula ad ventrem putà lumbaria, seu ventralia subligacula, ut scilicet tegerent partes inhonestas caetero enim corpore manserunt nudi, sicut ipse Adam ait Deo v. 10. uti faciunt jam Brasiliij, Cafres, alijque Indi. Putat S. Irenaeus lib. 3. cap. 37. eos ex ficu haec fecisse, in signum poenitentiae, & quaso cilicium sibi aptasse; nam folia ficus pungunt & stimulant. Vide & S. Ambros. Lib. de Paradiso c. 13.*”

206. Referência a Petrus Comestor, teólogo francês que morreu em 1178. No fólio 9r de sua “*Historia Scholastica*” (PETRUS COMESTOR, 1542) consta: “*Tunc fecerunt sibi perizomata: id est succinctoria quase brachas vt campestria. Nec sine cadê folijs ficuum: q’ de succo eorum si teratur caro hominis iniuncta statim ibi sensit voluptatis pruriginem: vt quase per hoc ostētus sit: quia pruriginem voluptatis iam in carne senserant: que prurigo designat pruriginem voluptatis quāipsi habuerunt*”. Esse trecho seria citado por Bartholomaeus Sibylla (vide nota seguinte).

207. Morto em 1493, Bartholomaeus Sibylla Monopolitanus – em francês Barthélemy de Senlis – era um padre dominicano, filósofo, médico, professor de teologia e bispo em Châlons-sur-Marne. Na página 233 de seu “*Speculum Peregrinarvm Quaestionvm*” (BARTHOLOMAEUS SIBYLLA, 1587) é possível ler: “*Ei dicunt Hebrēi arbor scientiae boni, & mali de cuius fructus comederūt patres primi fuit ficus, nam statim post eius esum aperti sunt oculi eorum, & cognoscentes se nudos consueuerunt folia eiusdem arboris, scilicet ficus & fecerunt sinbi perizomata, id est succinctoria circa lumbos, & dicūtur a peri quod est circum, & zoma quod est corpus. Et dicit magister historiē scolasticē, quòd non sine causa fecerunt succinctoria, id est breues brachas de folijs ficuum, quia de succo earum si teratur, caro hominis iniuncta statim ibi sentit uoluptatis pruriginem, ideoque statim post esum illius senserunt pruriginem uoluptatis*”.

208. Alonso Tostado (1410-1455) – cujo nome real era Alonso Hernández de Madrigal – foi bispo de Ávila na Espanha, sendo por isso apelidado de “El Abulense” e também de “El Tostado” (em latim Tostatus Abulensis). Na página 96 de seus “*Commentaria in Genesim*” (ALPHONSUS TOSTATUS, 1613) escreveria: “*Acceperunt ergo folia ficus, vel qia apud eos próxima erañ, qua melius tegerentur. Perhibetur enim in oriente esse ficulnea, quarum folia ad scuti magnitudine accedunt, vt ait Ver. libr. primo Speculi virginum*”.

209. Referência ao viajante italiano Pietro della Valle (1586-1652) que declara na página 244 de seu livro “De Viaggi” (PIETRO DELLA VALLE, 1650-1663): “*Innanzi al banchetto in faccia sopra la nuda terra, che gl’Indiani touaglie non vsano, haueuano steso in vece di piatto, com’è lor costume, massime con noi altri, con qui non vogliono fare immondi i loro vasi, perche in vasi, doue noi habbiamo mangiato, non possono essi più mangiare; haueua, dico, steso vna gran foglia di quell’albero, che gli Arabi, e Persiani chiamano Mouz, & i Portughesi in India fichi d’India; e sopra la detta foglia haueuan posto vna buona quantità di riso cotto al loro modo, con sola acqua, e sale, ma per condirlo staua preparato da banda vn vasetto fatto, come vsano, di foglie di palme, pieno di butiro molto buono, e liquido. Eraui anche sopra la foglia da banda vno de quei fichi d’India mondi senza scorza [...]*”.

210. Conforme o original (vide Anexo 7). O nome do gênero *Musa* ao qual pertencem as bananas tanto poderia derivar do árabe “mouz” quanto constituir uma homenagem de Linnaeus a Antonius Musa (63-14 a.C.), médico de Otávio Augusto, primeiro Imperador de Roma (HYAM & PANKHURST, 1995). Já “banana” derivaria do árabe “banan” (i.e. “dedo”), designação que teria sido adotada na Guiné junto com

gueses de ‘figo-da-índia’²¹¹, da qual os indianos, em um banquete, estenderam uma grande folha em lugar da toalha.

Os ‘nicefi’²¹² são da mesma espécie e se assemelham no tronco, frutas e folhas. Diferem no tamanho, por serem menores. Cortado esse fruto no meio ou em qualquer sua parte, exceto longitudinalmente, vê-se figurado um simulacro e um esboço de um crucifixo²¹³. Considero-o mais admirável que o do ‘baruth’, planta que nos portos do Mediterrâneo é chamada pelo vulgo de ‘figueira-do-paraíso’²¹⁴. No interior desse fruto vê-se impresso o desenho da [letra grega] ‘tau’, [enquanto] no ‘nicefo’ se reconhece nosso Redentor pregado na cruz [Figura 34].

Apesar de ter faltado ocasião para viajar mais para o interior, garantiram-me pessoas dignas de fé, nativas da região, que existem grandíssimos bosques de cidra – e que deve ser verdade é demonstrado pela grande quantidade de cascas com açúcar [cristalizado] que os portugueses preparam. E assim que as plantas se tornam maduras, vergam os ramos em direção à terra fazendo com que fiquem as cidras dentro dela, tornando-se tenríssimas, amarelas e deliciosas de comer. Deixo de citar os inúmeros frutos que nascem nos bosques e nas espessas florestas e limito-me só a tratar sucintamente das árvores.

São tão vastas as árvores nas florestas e lugares selváticos que fabricam com elas barcos inteiros, de um só tronco, chamados ‘canoas’²¹⁵. Neste porto da Bahia vi uma, entre tantas, que era a maior, com altura maior que a de uma faluca e tão larga quanto ela, [sendo] de tal comprimento que – para vogar – requeria nove ou onze remadores, juntamente com o proeiro²¹⁶. As outras naves são movidas com remos com a feição de pás, manejados por pessoas em pé mais ou menos de um lado e do outro, conforme seja a necessidade. Os gentios usam para pescar outras sortes de barcos feitos de juncos atados uns ao outros ao modo de escabelos, que entre nós são feitos do mesmo material, não se preocupando que entre e saia água por não terem roupas sobre o corpo para molhar. Ali se vêem matas e árvores de madeira notável para obras – comumente chamadas de pau-brasil – que são ou

a introdução da fruta pelos portugueses, passando em seguida para o Novo Mundo (BONING, 2006; CHEESMAN, 1948).

211. “Fico d’India” no original (vide Anexo 7). Nome conferido à bananeira, *Musa* spp. (Musaceae), por diversos cronistas (vide DALGADO, 1988).

212. Conforme o original. Vide Anexo 7 e nota 59.

213. Vide nota 61.

214. Tradução tentativa do original “io lo stimo più ammirabile del Baruth, pianta nel Porto, mediterraneo, chiamato dal volgo: Fico Paradiso” (vide Anexo 7). Provável referência a *Ficus leonensis* Hutch. (Moraceae), espécie da África Ocidental também conhecida como incedeira.

215. “Cannòue” no original (vide Anexo 7).

216. Tradução tentativa de “aggiontoui solo nella prora lo sprone”. No nordeste do Brasil, confere-se o nome de “bico de proa” ao terceiro tripulante das jangadas (MELLO, 1968).

como o pórfito ou inteiramente negras, semelhantes ao ébano²¹⁷. Aqui também crescem árvores das quais emana o bálsamo verdadeiro²¹⁸. Outras produzem um óleo que tem por nome ‘copaíba’²¹⁹, ótimo para curar feridas, dores frias e ajudar o estômago. Outras [são árvores] de almécega²²⁰, cujas lágrimas não diferem do incenso e servem para curar percussões e contusões e para dar força e igualmente dar vigor ao estômago. Encontram-se ainda algumas plantas, chamadas ‘bicuíba’²²¹ ou noz moscada verdadeira, cujo licor é de não pouca ajuda para as fluxões e dores.

217. O autor parece confundir o pau-brasil (vide nota 94) com as demais madeiras de lei (vide nota 298).

218. Referência à resina extraída da cabreúva ou pau-de-bálsamo, *Myroxylon peruiferum* L.f. (Fabaceae), substância muito empregada na farmacopéia da época.

219. “Coppaiva” no original. Vide nota 123.

220. “Almesega” no original. Trata-se de *Protium heptaphyllum* March. (Buseraceae), árvore que exuda uma resina oleosa com algumas aplicações terapêuticas.

221. “Bicoiva, ò vero Noce Muschiata” no original. Designação comum a diversas espécies do gênero *Virola* (Myristicaceae), que o autor relaciona com os frutos da moscadeira, *Myristica* spp. (Myristicaceae), especiaria oriental conhecida na Europa desde a Antiguidade.



Figura 33. Bananeira e banana. Gravura da “Breve e succinta relatione del viaggio nel Regno di Congo nell’Africa Meridionale” (1692)

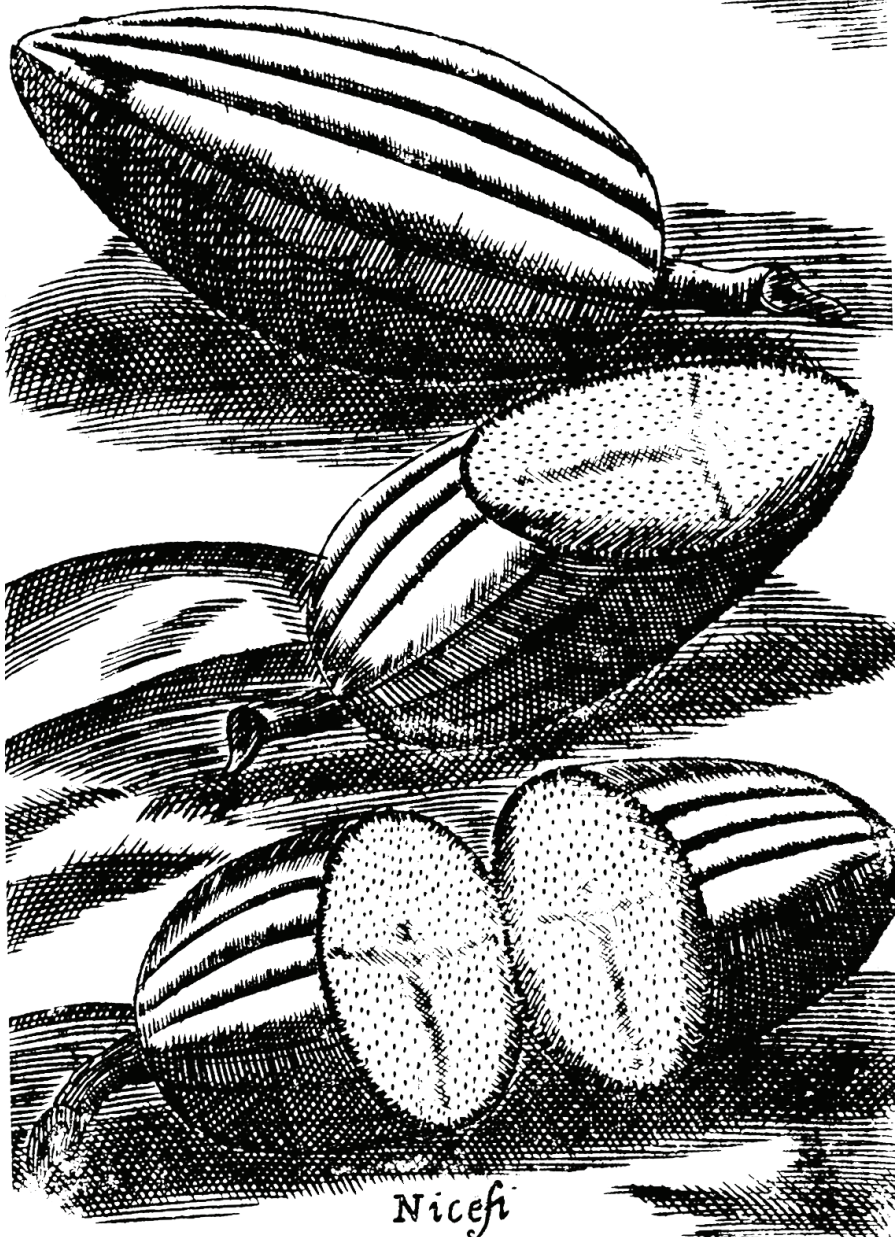


Figura 34. "Nicefi". Gravura da "Breve e succinta relatione del viaggio nel Regnodi Congo nell'Africa Meridionale" (1726)

Não há muitos anos atrás, o Rei de Portugal²²² introduziu a canela²²³, com ordens para os navios que vinham das Índias Orientais trazerem as plantas. Foram entregues aos reverendos padres da Companhia de Jesus, por [estes] possuírem uma espécie de pântano ou laguna, a quatro milhas da cidade, onde ela cresce belissimamente. Inclusive os pássaros, ao comerem as sementes, vão multiplicando-as pelos arredores e delas vi arvorezinhas e as maiores já começavam a ser descascadas, enviando-se catorze libras [de canela] para o Rei, como primícias.

Creio não ser despropositado comentar [algo sobre] a origem dos gentios que habitam o interior daqui, dos quais não se encontra nenhum escritor – até o presente – que dela pudesse ter certeza. O que pude ouvir de um padre da Ordem Terceira de São Francisco²²⁴ – que dela fala em língua portuguesa [a partir de comentários] obtidos dos Holandeses – é que esses povos tiveram sua origem nas ilhas da Suécia e – ou por serem [tais plagas] muito austeras e frias, ou por ocasião de tempestades e procelas – foram instalar-se nesta América, uma das quatro partes do mundo descoberta na parte meridional por Cristóvão Colombo²²⁵. Os habitantes nativos do Brasil são chamados ‘tabarés’ e os filhos dos portugueses nascidos de mulheres nativas obtêm o nome de ‘caboclos’²²⁶. São de cor marrom, com cabelos longos e grossos, de estatura mediana e cheia, [possuindo] os olhos algo pequenos e redondos e por vestimenta trazem apenas o quanto lhes foi concedido pela própria natureza ao nascerem. Nutrem-se de caça e frutos, donde acontece que nunca permanecem muito em um lugar, mas se deslocam segundo as estações das frutas. Comem carne humana da seguinte maneira: estando algum seu parente doente, matam-no antes que piore e dividem-no entre os parentes, dizendo que é coisa mais honrosa ser consumido por seus consanguíneos do que ser devorado pelos vermes

222. Provável referência a Dom Afonso VI, cujo atribulado reinado se estendeu de 1656 a 1683.

223. “Cannella” no original. Óbvia alusão à caneleira, *Cinnamomum zeylanicum* Nees (Lauraceae), especiaria muito cobiçada pelos europeus.

224. Não foi possível descobrir quem seria o pretenso franciscano mencionado nessa passagem.

225. Em contraposição à teoria do jesuíta Joseph de Acosta de que o homem teria chegado ao Novo Mundo atravessando o atual Estreito de Bering, o jurista holandês Hugo Grotius proporia uma origem norueguesa passando através do Atlântico Norte (ACOSTA, 1590; GROTIUS, 1642, 1643). A hipótese da linhagem escandinava terminaria por conquistar vários seguidores e adversários, somando-se à exaltada discussão sobre o homem americano levada a cabo no século XVII. Para maiores informações, vide GARCÍA (1729), GLIOZZI (2000), HUDDLESTON (1967), MARTÍNEZ TERÁN (2001), PAPAVERO, MARICONDA *et al.* (2003), ROCHA (1681) e WRIGHT (1917).

226. “Tabareos” e “caboccos” no original (vide Anexo 7).

e escaravelhos²²⁷. Vivem com tal máxima à maneira de bestas – alegres e contentes – e como bestas morrem²²⁸.

Narrou-me o Padre Martin [de Nantes]²²⁹, francês da Ordem dos Capuchinhos e agora Superior deles [no Brasil]²³⁰ – o qual permaneceu catorze anos naquelas regiões – que esse tipo de gente é muito capaz de aprender e dócil. Mesmo que não soubessem ler²³¹, ainda assim cantavam com eles a missa e as vésperas. Esse padre havia convertido à santa fé grande número deles e nem cabia em si de alegria, obtendo tão bons cristãos que – quando estavam na igreja (digo para nosso desconcerto) – ficavam quase imóveis como estátuas, reverentes e genuflexos com ambos joelhos em terra. Apesar de ouvirem algum ruído ou estrépito, nenhum ousava virar-se para trás – pelo contrário, pronunciar alguma palavra no lugar santo era tido por eles como sacrilégio²³². Acrescentou-me, além disto, ter tentado no princípio arduamente aprender-lhes a língua, o que conseguiu no curso de quatro anos mercê da grande dificuldade que, confirmada pelo trabalho [que dá], a experiência comprova.

227. Por tratar-se de comentário de indígenas brasileiros, esta parece ser uma alusão às várias espécies de besouros com larvas necrófagas pertencentes aos Scarabeidae (Coleoptera).

228. A exemplo de testemunhos anteriores, o autor parece estender a todos os indígenas o endocanibalismo registrado apenas em alguns grupos. Vide notas 48 e 76.

229. Vide nota 20.

230. Martin de Nantes erigiu o Hospício de Nossa Senhora da Piedade em Salvador no ano de 1670 e foi nomeado Superior dos Capuchinhos na Bahia em 1682. Vide nota 20.

231. “Entre outras coisas, admiravam a escrita que conservava tão fielmente a memória das coisas passadas. Porque eu lhes falava da criação do mundo com a Bíblia – que eu chamava o ‘Livro de Deus’. Mencionava nosso primeiro pai Adão, Eva – nossa primeira mãe – e seus descendentes, suas ações memoráveis, a vida que tiveram e o tempo de sua morte, comparando a Santa Escrita com o que eles me viam fazer para me recordar de seus nomes, do nascimento, casamento e morte de seus filhos, pois que escrevia tudo para deixar memória certa aos que viessem depois de nós. E dava de tudo muitos pormenores para fazê-los compreender melhor, de modo que ficavam persuadidos de que a escrita conservava a memória inviolável das coisas passadas e que sem a escrita tudo acaba no esquecimento e se tomava o erro pela verdade como eles podiam verificar pela experiência de todos os dias, esquecendo pouco a pouco o que já haviam aprendido” (MARTIN DE NANTES, *ca.* 1706).

232. “Sempre os índios se portam modestamente na igreja e observam grande silêncio, os homens separados das mulheres, sempre de joelhos ou de pé durante as exortações. As crianças que as mães trazem nos braços não costumam chorar e – desde que uma chore – a mãe sai imediatamente do adro da igreja. Há sempre três oficiais com suas varas de comando nas mãos, de sorte que – na igreja – acompanham a cerimônia para que se não faça nada que revele falta de respeito aos nossos mistérios” (MARTIN DE NANTES, *ca.* 1706).

Como essa gente vivia sem chefe e governo²³³, o mesmo padre elegeu o melhor para governador ao qual os outros obedeciam²³⁴, fazendo-os acostumar-se ao modo de viver humano que deveriam seguir no devido tempo, sendo que – no passado – a panela ou caldeirão estava sempre a postos e pronta sobre o fogo e dela comiam a qualquer hora que lhes parecia e apetecia²³⁵. Ensinou-os a plantar mandioca, a farinha já mencionada acima. Instruiu-os no modo de fiar e tecer o algodão para modestamente ter pelo menos algo para ocultar as partes secretas, tendo-lhe sucedido que – entre tantos e tantos por ele encontrados em suas viagens – um único fora visto com um paninho de algodão atado ao seio, que lhe fora dado não se sabe por qual missionário e com o qual cobria sua nudez.

Tendo o mesmo padre dominado perfeitamente a língua e sendo por todos amorosamente obedecido, teve ainda mais campo de neles plantar com fortes raízes a santa fé, cuja empresa foi-lhe facilitada por essa nação não ter ídolos ou outra adoração. Da divindade só afirmam haver dois personagens antes de Deus e oram para eles. Não sabem direito quais são, o que não é pouco já que outros não sabem coisa alguma²³⁶. O quanto têm zelo pela nova lei, pode saber-se pelo caso seguinte que

233. “As mulheres costumavam dominar seus maridos, os filhos não respeitavam pai e mãe e nunca eram castigados [...] Há agora subordinação e justiça. Os oficiais castigam os crimes públicos, mas sempre com doçura, sem deixarem de explicar suficientemente o castigo aos delinquentes não só para puni-los, como para servir de exemplo. As mulheres estão agora submissas aos maridos e as crianças aos pais, que os castigam com chibatadas, o que antes não acontecia” (MARTIN DE NANTES, *ca.* 1706).

234. “Introduzi entre eles alguns elementos de governo, criando oficiais para a igreja e para o civil que eu autorizava da melhor maneira que fosse possível e que eu prendia a mim por meio de pequenos presentes e pelo respeito à obediência que eu exigia, a fim de que me apoiassem no que fosse necessário” (MARTIN DE NANTES, *ca.* 1706).

235. “Os adultos que se tornaram cristãos perderam o ar assustador que tinham antes e que era como a manifestação do animal – quero dizer, do demônio sob o império do qual viviam – e passaram a ter um aspecto gracioso e maneiras afáveis e honestas, de sorte que se distinguiram facilmente dos outros. Houve também uma causa natural para essa transformação pela mudança de sua vida animal, grosseira até nos alimentos, quando se contentavam com as coisas que encontrava sem que de ordinário as cultivassem e comendo sem preocupação de limpeza. Assim o sangue e o espírito que se formavam com esses alimentos influíam na aparência dos índios. Mas nós os obrigamos a semear e a plantar e ensinamos a preparar asseadamente a sua refeição. A utilidade e o prazer levam-nos a aplicarem-se eles próprios a essas tarefas” (MARTIN DE NANTES, *ca.* 1706).

236. “Conquanto tivessem alguma forma de culto aos deuses que haviam imaginado, era tão ridículo e vergonhoso o culto quanto às coisas que adoravam [...] Tinham um deus para as culturas que a terra produzia, outro para a caça, outro para os rios e as pescarias. A todos esses deuses deixavam tempo para as festas em sua honra e manifestavam sua adoração com alguns sacrifícios, que incluíam as mesmas coisas que recebiam por meio de cerimônias pouco diferentes constituídas de danças, pinturas do corpo, festins quase sempre impudicos – praticando o adultério – e que não davam nenhuma importância” (MARTIN DE NANTES, *ca.* 1706).

lhe aconteceu: foi preso um certo feiticeiro, quicá doutrinado por negros da Etiópia²³⁷ que fugiram para não cair de novo nas mãos de seus amos. Tendo sido trazido à sua presença, fez-lhe entender o dano e o grande mal que praticava e tendo-lhe aplicado uma boa repreensão, fê-lo prometer nunca mais [repetir o mesmo] no futuro. Mas a prontidão na promessa converteu-se incontinenti em falta de palavra, prosseguindo [o feiticeiro] com sua prístina e infame arte. Agarrado uma segunda vez por seus perseguidores²³⁸, teve a cabeça decepada. [Estes] apresentaram-na ao padre Martin, dizendo-lhe: Oh prezado padre nosso, o senhor é muito compassivo ao perdoar este tipo de gente que pode trazer não pouco dano à nova cristandade. Portanto, tiramo-lo do mundo de uma vez para sempre – eis sua cabeça²³⁹. E cuidam tanto disso, com tal tino, que nenhum pai confia no filho e nenhum filho confia no pai.

As carnes que comem são ordinariamente de animais selvagens – por eles caçados em grande número com arcos – e sobretudo algumas serpentes chamadas ‘boma’, as quais – bem saciadas após haverem devorado sua presa – entregam-se ao sono e são assim encontradas dormindo por predadores cruéis, sendo mortas com flechas pelos caçadores. [Segundo] testemunham, sua carne é branca e saborosa, [possuindo] uma gordura não diferente daquela do porco. Descartada a cabeça e as tripas, degustam-na gulosamente. Celebrando-se não sei que festa na Bahia, olhei as janelas que – em vez de ricas tapeçarias e nobres tapetes – estavam enfeitadas com as peles dessas serpentes, tão largas quanto o couro de um grande boi e com o respectivo comprimento – a medida de uma compridíssima cobra²⁴⁰.

O padre Martin, tendo obtido que o capitão por ele eleito prestasse obediência ao governador dos portugueses, fez com que entrassem em acordo quanto a suas mercadorias, que pelo menos servem – apesar de pouco relevantes e escassamente lucrativas – o quanto baste para cobrirem-se e para [obterem os] instrumentos de ferro necessários para seus afazeres. O comércio em nada mais consiste senão em madeira, chamada pau-brasil, coquinhos, macacos e papagaios de todos os tipos²⁴¹,

237. “Fù preso vn certo Stregone, addottrinato forsi da Neri d’Etiopia, che uanno fuggitiui, per non inciampar di nuouo nelle mani de’ loro Padroni” no original (vide Anexo 7).

238. “Zaffi” no original (vide Anexo 7), arcaísmo usado do século XII ao XVII que equivale, no italiano moderno, a “birro” e pode significar beleguim, esbirro ou espião.

239. Semelhante evento não foi relatado na “Relation succinte et sincère” (vide MARTINDENANTES, ca. 1706).

240. Referência à jiboia. Vide notas 70, 336 e 342.

241. ‘Legni, detti del Brasile, Cocchetti, Simie, e Pappagalli d’ ogni sorte’ no original (vide Anexo 7).

cujas fêmeas são as chamadas ‘curicas’ – e a maior parte delas são muito mais loquazes que os próprios machos²⁴². As ‘araras’²⁴³ são outras [aves] de tamanho comparável a capões e com a cauda longa, esparzidas de várias cores ou pintadas de encarnado, ou coradas com carmesim. Os periquitos²⁴⁴ são iguais ao tordo, têm as plumas embelezadas de verde claro e proferem todas as palavras das vozes humanas.

Também trazem macacos de todos os tipos, todos porém com cauda²⁴⁵. Uma espécie é muito mais apreciada que as outras, sendo tanto mais difícil transportá-la – já não digo para a Itália, mas para a Espanha e alhures – por causa do frio. Têm o nome de ‘saguis’²⁴⁶ [e alcançam] tamanho não maior que [o de] um arganaz²⁴⁷. São mantidos [envoltos] com algodão nos regalos de mão. Os poucos macaquinhos que chegam a Portugal são comprados pelas damas por uma dobra²⁴⁸ cada um. Caso seja macho e fêmea juntos o preço é mais elevado e servem como presentes. Estas e outras coisas galantes e curiosas são trazidas [pelos gentios] para vender. Tampouco faltam aqueles que, não tendo aptidão para semelhantes mercadorias e permutas, entram a serviço dos portugueses por um tanto ao mês ou ao ano.

Já que toquei de passagem nas aves, vou dar um breve relato dos avestruzes²⁴⁹, caso queiramos atribuir-lhe o título de volátil, achando-se desprovido de penas funcionais: *Struthiocamelus maxima Avis est, si tamen Avis*

242. “Coricas” no original (vide Anexo 7), termo aplicado tanto a espécies palradoras do gênero *Amazona*, quanto a vários outros Psittacidae bem menos loquazes (e.g. *Pionus* spp.).

243. Conforme o original (vide Anexo 7). Termo aplicado sobretudo aos Psittacidae pertencentes aos gêneros *Ara* e *Anodorhynchus*. Contudo, a referência a exemplares com a plumagem escarlate na região considerada pode ser interpretada como uma alusão à arara-vermelha, *Ara chloropterus* (Gray, 1859). Vide nota 326.

244. “Perechitti” no original. Termo geral conferido a várias espécies de Psittacidae de pequeno porte e colorido muito diverso, havendo desde os predominantemente verdes (e.g. *Brotogeris* spp.), até os mais pardacentos com toques de vermelho (e.g. *Pyrrhura* spp.).

245. “Simie ne portano anche d’ ogni maniera, tutte però con le code” no original (vide Anexo 7). O comentário só faz sentido se considerarmos que o primata melhor conhecido dos europeus na época era o macaco-de-gibraltar, *Macaca sylvanus* (Linnaeus, 1758) (Cercopithecidae), cuja cauda se apresenta vestigial (JANSON, 1952; MASSETI & BRUNER, 2009).

246. “Sagoris ò Sagorini” no original (vide Anexo 7). Termo geral referente a diversos Callitrichinae que poderia ter sido aplicado, no caso, a *Callithrix penicillata* (E. Geoffroy, 1812), a *Callithrix jacchus* ou até mesmo ao mico-leão, espécie que era comercializada em Salvador pelo menos desde o final do século XVI (vide notas 53 e 172).

247. Referência a *Glis glis* (Linnaeus, 1766) (Gliridae), roedor arborícola do Velho Mundo que pode atingir cerca de 25 centímetros de comprimento e alcançar 150 gramas de massa corporal.

248. “Comprano da quelle Dame vna dobra l’ vno” no original (vide Anexo 7). A “dobra” era uma moeda de ouro com o valor de face equivalente a 12.800 réis, correspondendo àquela de 40 patacas de prata.

249. “Struzzi” no original (vide Anexo 7). Vide nota 252.

*dicenda, cum pennas dumtaxat habeat, ut ad currendum adiuvet. Dict. 7. ling.*²⁵⁰. Não obstante este outro [trecho] de Farnese *De Verbor. Interpret. Parit enim ova, verùm neque illa incubatu fouet, neque pulos nutrit*²⁵¹. Nestas partes o avestruz é chamado ‘ema’²⁵², sendo de um tamanho tal que se pode imaginar pelo volume dos ovos que produz. Vi [exemplares] jovens e velhos, pequenos e grandes. Tem as penas coloridas de branco e preto e as asas são reforçadas por duas articulações. Come toda sorte de alimentos, seja madeira ou ferro, que devora e consome. Põe os ovos na areia e cobrem-nos com ela, não sei se para dar a seus ninhegos mais uma tumba do que um berço, se nascimento ou sepulcro. O fato é que, o mais das vezes, não se lembrando de onde os enterrou, choca os dos outros. Apenas saídos da casca, logo os pintainhos buscam seu alimento por si próprios. Ao fugir, levanta somente uma asa, servindo-se também dos pés – onde só há dois dedos. É tão veloz ao correr que – se lhe vem um vento favorável (como tem o cuidado de buscar) – é mais veloz do que um corcel, que jamais poderá alcançá-lo. Quando os caçadores querem capturá-lo, seguem-no a cavalo em grande carreira e com uma forquilha bem longa agarram-lhe o pescoço. Não raramente se jactam de haver obtido a glória de uma tão boa caçada.

Antes de ausentar-me do Brasil para seguir minha viagem e cruzar de novo esses mares, vou fazer menção a outra caçada, não de homens contra animais, mas de animais contra homens – e animais diminutíssimos que, por serem coisa relativa aos pés, reservei para a extremidade [final] desta narração. Gera-se aqui uma sorte de vermículos quase invisíveis chamados ‘nigua’²⁵³ que, saltando à guiza de pulgas até o pé, penetram dentro da pele e ordinariamente se encondem entre a carne e a unha. Ocasionalmente a princípio um prazeroso prurido, depois engrossam até o tamanho de um grão-de-bico e se com presteza não são extraídos – ou se ali morrem, ou se deixam

250. Pertencente ao “*Dictionarium septem linguarum*” de Ambrogio Calepino – do qual há várias edições (e.g. CALEPINUS, 1644) – essa passagem pode ser traduzida livremente como: “o avestruz é a maior das aves, se de ave podemos dizer aquele que só possui plumas e corre para escapar”.

251. Esse trecho do “*Verborum Splendore*” (FARNESE, 1592) poderia ser traduzido livremente como “põe ovos, mas não preza a incubação e tampouco nutre os pintainhos”.

252. “Hiema” no original (vide Anexo 7). A exemplo de vários de seus contemporâneos, Girolamo Merolla da Sorrento confunde a ema, *Rhea americana* (Linnaeus, 1758) (Rheidae), com o avestruz, *Struthio camelus* Linnaeus, 1758 (Struthionidae), chegando ao cúmulo de assegurar que ave brasileira também possuiria dois dedos, além de lhe atribuir diversas lendas aplicadas tradicionalmente à espécie africana. Outrossim, chama atenção o emprego do termo “claro-escuro” para descrever a plumagem da ema (“ha colorite le penne dal chiaro scuro”, vide Anexo 7), que ostenta um padrão branco e preto bem mais semelhante ao dos quadros “grisaille”. Para outros detalhes, vide LAUFER (1926).

253. Conforme o original. Trata-se de um equívoco, pois o nome em questão só é empregado para o bicho-do-pé em certos países hispano-americanos. Vide nota 56.

as lêndeas – com grandíssimo desprazer corre o paciente manifesto perigo não só de perder o dedo, mas boa parte do pé. Quando se interna sob a unha, ou é preciso descarná-la toda ou tirar tanta carne quanto seja mister para chegar aonde reside o malfeitor. Eu, ao ter minha dose, experimentei as dores e os perigos – mas um certo padre nosso, francês, teve tantos assaltos de um inimigo tão pequeno que, se não fosse a presteza do cirurgião hábil a medicá-lo, não lhe seria possível de modo algum escapar da perda de todos os dedos.

Querem alguns, como igualmente acena em sua viagem ao Reino do Congo o Pe. Michelangelo de' Guattini da Reggio, missionário capuchinho, em uma carta escrita desde Pernambuco a seu pai²⁵⁴ – carta nº 55 diante de mim – que tais animaizinhos, tão infestos e nocivos, estão incluídos entre as dez pragas enviadas por Deus ao soberbo Faraó, para seu merecido castigo, no Egito. *Posuit in Ægypto sua signa. Psal. 77.*²⁵⁵, descritas nos seguintes versos de Saliano²⁵⁶ *An. Mund. 2543. apud Engelbr. Lib. 2. Dom. I. Adu.* e comentadas [também] por Cornelius²⁵⁷, Bonfrerius²⁵⁸ e Tornelli²⁵⁹, todos eruditíssimos discípulos da ilustríssima Companhia de Jesus:

Prima rubens unda: ranarū plaga secunda.

Indè culex tristis: post Musca nocentor istis.

Quinta pecus stravit, Vesicas sexta creavit.

Postq' subit grando: post bruchus dente nefando.

*Nona tegit Solem, primam necat ultima prolem.*²⁶⁰

Nas ilhas de Cabo Verde acham-se outros vermezinhas que penetram no calcanhar e, subindo pelas pernas, ficam compridos como um pelo de cavalo e para extirpá-los ou é preciso talhar a carne e bloquear o caminho que fizeram ao subir, ou tomá-los pela cabeça e pouco a pouco puxá-los inteiros²⁶¹. Creio que seja deles que falou o supramencionado

254. Vide nota 56 e também o capítulo correspondente a essas missivas no presente ensaio.

255. Salmos 77, 43: *"sicut posuit in Ægypto signa sua et prodigia sua in campo Taneos"*.

256. Versos dos *"Annales ecclesiastici"* (JACOBO SALIANO, 1620).

257. Referência a Cornelius a Lapide. Vide nota 205.

258. Trata-se de Jacques Bonfrère (1573-1624), autor do *"Pentatevchvs Moysis Commentario"* (JACOBUS BONFRERIUS, 1625).

259. Provável referência a Agostino Tornielli (1543-1622), autor dos *"Annales sacri et ex profanis praecipui ab orbe condito ad eundem Christi passione redemptum"*, obra que obteve várias edições entre 1610 e 1757. Vale notar, entretanto, que Tornielli era um barnabita e não um jesuíta.

260. Usados como um artifício mnemônico, os versos em questão já eram correntes no século XIII e listam as dez pragas do Egito, dispensando traduções e maiores comentários.

261. Talvez uma menção a casos de larva migrans cutânea, manifestação patológica geralmente causada por nematódeos do gênero *Ancylostoma*.

Della Valle, o Peregrino, se bem que aqueles que ele viu, conforme li em seu 'Viaggio', eram mais longos, mais daninhos e mortíferos²⁶².

Enquanto durou minha estada na Bahia, todo nosso intento e todo nosso cuidado eram empregados em buscar embarque [para a África]. Não éramos mais que três e encontramos um tal Peracchio que dentro de quatro meses haveria de desfraldar as velas para ir ao Congo. Uma demora tão grande não se coadunava com nossa premente ânsia de partir. Por fim, apareceu uma sumaca – embarcação semelhante a um bergantim ou fragata – cujo capitão, mediante nossos rogos, prometeu levar-nos a Angola. Enquanto estávamos certos de embarcar, o Governador do Brasil ordenou ao capitão que conduzisse nove prisioneiros degredados para Angola, entre os quais estava seu secretário caído em desgraça por haver falado mal de sua pessoa. Por maior humilhação mandou-o embarcar acorrentado de mãos e pés junto a um escravo negro²⁶³.

262. Referência aos vermes nematódeos causadores da filariose citados por Pietro Della Valle (1586-1652), nobre italiano que percorreu o norte da África e o Oriente Médio, chegando até a Índia. A descrição de suas viagens alcançaria grande sucesso, sendo publicada em três partes dedicadas à Turquia, Pérsia e Índia (PIETRO DELLA VALLE, 1650-1653). Vide nota 209.

263. Antônio de Sousa Menezes, Governador-Geral do Brasil entre maio de 1682 e 1684. Assumiu o cargo com idade avançada depois de longa carreira militar, tendo recebido a alcunha de “braço de prata” pelo membro artificial que usava em substituição ao braço direito, perdido no combate travado pela armada do Conde da Torre em águas da Paraíba. Caracterizado por Gregório de Matos como um administrador voltado inteiramente para seus interesses particulares, acabaria tornando-se muito impopular, sendo combatido por seu comportamento arbitrário e violento. Esteve no centro dos conflitos que, em 1682, opuseram as duas principais facções políticas da cidade, tendo apoiado o Alcaide-Mor Francisco Teles de Menezes e com isso atraindo o ranco de diversos oficiais régios, em especial do Secretário de Governo Bernardo Vieira Ravasco – irmão do Padre Antônio Vieira – e do Provedor da Alfândega André Brito de Castro, bem como de diversos capitães e vereadores da Câmara. Usando as prerrogativas de sua posição, Antônio de Sousa Menezes logo determinaria uma devassa na provedoria da alfândega e substituiria André de Brito de Castro por um primo de Francisco Teles de Menezes, investindo em seguida contra o secretário de governo e outros oficiais, os quais foram retirados de suas funções sem qualquer justificativa. Temendo a prisão, Bernardo Vieira Ravasco e outros prejudicados optaram por recolher-se ao colégio dos jesuítas. O conflito se acirrou com uma emboscada promovida pelo sobrinho do novo alcaide-mor contra André Brito de Castro, o que desencadearia uma retaliação na qual Teles de Menezes foi assassinado. Os agressores se refugiaram entre os jesuítas, mas Bernardo Ravasco acabou preso e foi acusado de conspirar junto com o seu irmão, Padre Antônio Vieira. A devassa do crime seria inicialmente promovida pelo Ouvidor-Geral Manuel da Costa Palma, parente de Antônio de Sousa Menezes e amigo do falecido Alcaide-Mor Teles de Menezes, decisão que geraria novos tumultos. Em seu lugar assumiria o Desembargador João da Rocha Pita, que inocentou o Padre Vieira e mandou soltar Bernardo Ravasco, isentando-o de qualquer culpa. Gonçalo Ravasco, o filho de Bernardo que fugira para o reino, apresentou à corte portuguesa sua versão – reforçada por cartas do Padre Antônio Vieira – obtendo parecer favorável. Em 1684, Antônio de Sousa Menezes foi substituído por Antônio Luís de Sousa Telo de Menezes, Marquês das Minas, e obrigado a regressar imediatamente, enquanto Bernardo Vieira Ravasco seria reconduzido ao posto de secretário de governo e recuperaria os proventos anteriores. O processo sobre a morte de Teles de Menezes prolongou-se até 1692, culminando no perdão de André Brito de Castro obtido graças à influência do Padre Vieira.

Recebida a ordem, o capitão desculpou-se conosco e asseverou não poder levar-nos dada a pequenez do barco, incapaz de transportar tanta gente. Nem por isto perdemos o ânimo, mas confiantes no Senhor logo dirigimos nossos passos até o governador e rogamos-lhe que deixasse em terra parte dos prisioneiros para que ficasse na sumaca algum lugar para nós. Não se dobrou aos nossos pedidos nem um pouquinho e – obstinado em seu propósito – quis ainda que embarcássemos junto com eles. Foi obedecido. Mas apenas saído do porto, o capitão revestiu-se de zelo (não sei, porém, se era zelo de verdade ou então o zelo de obter algo) e disse aos marinheiros: ‘Como estarão os pobres padres capuchinhos? Quer o dever que lhes demos lugar’. E fazendo aprestar um batel, enviou à terra o secretário com outros dois prisioneiros e talvez houvesse também mandado os outros se tivesse sido presenteado. E com isto acomodamo-nos o melhor que pudemos [...]”.

Antonio Zucchelli da Gradisca e suas duas permanências em Salvador (1698 & 1703)

Filho de uma família nobre de Gradisca d'Isonzo, Friulli Venezia-Giulia, Nicolò Ubaldo Zucchelli nasceu em 18 de março de 1663, sendo batizado por São Gregório Barbarigo, amigo da família. Ingressou na Ordem dos Frades Menores Capuchinhos de sua terra natal com 17 anos, adotando o nome de Antonio Zucchelli. Sabe-se que foi designado para as missões africanas em 29 de outubro de 1697 e que partiu de Lisboa para o Brasil em 8 de março de 1698, chegando a Salvador, Bahia, em 14 de maio. No dia 3 de setembro desse mesmo ano viajaria para Luanda, Angola, permanecendo em terras africanas até 1702. Voltaria doente e alquebrado para a Europa, detendo-se novamente em Salvador entre 3 de janeiro e 30 de junho de 1703. Desembarcaria em Lisboa no mês de setembro, de onde prosseguiu para Veneza. Três anos depois era guardião do Convento de Gorizia, cidade na qual permaneceria até falecer em 13 de julho de 1716²⁶⁴.

Publicada em Veneza 1712, sua “Relazioni del viaggio e missione di Congo” seria dedicada a Eleonore Magdalena Therese de Pfalz-Neuburg, Imperatriz da Áustria²⁶⁵ (Anexo 8 e Figura 35). Essa obra receberia uma tradução para o alemão em 1715²⁶⁶ (Figura 36) e uma versão muito resumida nesse mesmo idioma algumas décadas mais tarde²⁶⁷. Por fim, uma edição francesa viria à luz em meados do século XIX²⁶⁸.

264. Para maiores detalhes, vide SCHÖNFELD (1855-1856).

265. No ano de 1676, Eleonore Magdalena Therese de Pfalz-Neuburg (1655-1720), filha mais velha do Eleitor Palatino Philipp Wilhelm, ocuparia o trono da Áustria ao desposar Leopoldo I, Sacro Imperador Romano-Germânico.

266. ANTONIO ZUCHELLI DA GRADISCA (1712, 1715).

267. CUHN (1790).

268. WALCKENAER (1842).

RELAZIONI DEL VIAGGIO,

E MISSIONE DI CONGO

Nell' Etiopia Inferiore Occidentale.

DEL
P. ANTONIO ZUCHELLI
DA GRADISCA,

Predicatore Capuccino della Provincia di Stiria, e già
Missionario Apostolico in detto Regno.

Opera utile, e necessaria per tutti quelli, che desiderano applicarsi
al servizio di Dio nelle Missioni: e parimente di virtuosa
soddisfazione per quelli, che sono curiosi di sapere
il vivere, ed i costumi di que' Paesi.

CONSECRATE

Dal medesimo con Ossequio rispettosissimo

ALLA SACRA CESAREA REALE MAESTA'

DELL'

Augustissima Imperatrice de' Romani

ELEONORA MADDALENA TERESA

Vedova del Gran Leopoldo;

IN VENEZIA, L' ANNO M. DCC. XII:

Per Bartolameo Giavarina, al Ponte del Lovo, all' Insegna della Speranza.
Con Licenza de' Superiori, e Privilegio.

Figura 35. Frontispicio da "Relazioni del viaggio e missione di Congo nell'Etiopia Inferiore Occidentale del P. Antonio Zucchelli da Gradisca" (1712)



Figura 36. Gravura da portada existente na “Merkwürdige Missions- und Reise-Beschreibung nach Congo in Ethiopien” (1715)

VERSÃO PARA O PORTUGUÊS ATUAL DO TEXTO REFERENTE À PRIMEIRA ESTADA DE ANTONIO ZUCHELLI DA GRADISCA NO BRASIL (1698)²⁶⁹

“RELAÇÃO QUARTA

DA LONGA NAVEGAÇÃO FEITA PELO [MAR] OCEANO DE LISBOA ATÉ AS ÍNDIAS OCIDENTAIS NA PROVÍNCIA DO BRASIL, NA CIDADE DE SÃO SALVADOR, DITA A BAHIA DE TODOS OS SANTOS, COM TODOS OS ACONTECIMENTOS QUE SE PASSARAM NESSA ÚLTIMA.

Ao alvorecer do dia, que era o décimo-quarto de maio [de 1698], navegamos ainda e – apesar de que o vento fosse ligeiríssimo – com a ajuda da corrente favorável que começou logo depois do meio-dia, entramos no porto. Aqui encontramos ancoradas mais de cinquenta navios que estavam carregando açúcar e tabaco para transportá-los com a frota unida para Portugal. E entre estas encontramos duas outras navios de guerra: uma vinha de Goa – praça principal do Rei de Portugal nas Índias Orientais – e estava carregada de ricas mercadorias, [enquanto] outra devia servir de capitânia para reconduzir a frota a Lisboa. Desta maneira, portanto, após ter recebido e respondido às saudações de vários tiros de canhão feitos pelas várias navios amigas de nosso capitão, saudamos a nau das Índias que alçava a flâmula – e alcançado fundo saudou-se a fortaleza do porto²⁷⁰. Nesse momento – são e salvo pela graça do clementíssimo Deus, sem haver sofrido em toda esta viagem nem uma mínima dor de cabeça depois de sessenta e oito dias de navegação – desembarquei com meus companheiros na América Meridional, dita Novo Mundo e Índias Ocidentais, na cidade de São Salvador – comumente chamada Bahia de Todos os Santos – que é a metrópole do Brasil. Nessa mesma tarde dirigi-me ao Hospício da Piedade²⁷¹, habitado por nossos padres capuchinhos franceses que mantinham a missão do Brasil e por eles fomos caridosamente acolhidos.

269. Tradução livre baseada em ANTONIO ZUCHELLI DA GRADISCA (1712) e WALCKENAER (1842).

270. A julgar por trechos escritos mais adiante (marcados pelas notas 300 e 357), trata-se do Forte de Santo Antônio da Barra, que teve sua primeira estrutura erguida já no governo de Manuel Teles Barreto (1583-1587). Para maiores informações, vide BARRETO (1958), GARRIDO (1940) e A.F. de SOUSA (1885).

271. Vide a parte introdutória do presente ensaio.

RELAÇÃO QUINTA.

NA QUAL SE RELATA EXTENSIVAMENTE A PRIMEIRA ESTADA DOS PADRES MISSIONÁRIOS NA PROVÍNCIA DO BRASIL, DANDO-SE UMA DISTINTA NOTÍCIA NÃO SÓ DOS RITOS E COSTUMES DESSES ÍNDIOS²⁷² COMO DA QUALIDADE DAQUELA TERRA.

Agora quero passar a contar alguma particularidade desta terra do Brasil, principado vastíssimo da Coroa de Portugal – e sua mais notável conquista – que tem 1500 milhas de comprimento até o Rio [de] ‘La Plata’ desde a tramontana ao meio dia²⁷³. A largura, porém, não se pode saber distintamente porque, todavia, não se terminou de descobrir – impedida por sertões impraticáveis – não se havendo até agora encontrado os castelhanos do Peru com os portugueses do Brasil. A América toda pode chamar-se Novo Mundo, não só por ter sido descoberta há pouco tempo por Cristóvão Colombo, o primeiro a revelar certas províncias ultramarinas, mas também por ser separada dos continentes das outras partes do mundo, ou somente ligada por um istmo por nós desconhecido à parte setentrional – e eu acrescentaria uma terceira razão, isto é, por ser uma terra em tudo e por tudo diferente das nossas²⁷⁴. Não pretendo aqui fazer uma relação distinta de toda a América, dado que só esta seria bastante para encher um grosso volume, mas apenas contar algumas particularidades desta Província do Brasil, onde tenho que permanecer por vários meses antes de embarcar para o Reino de Angola. Para demonstrar, portanto, a grande diferença que existe entre estas terras do além mar e as nossas europeias, digo que as feras selvagens, as aves do ar, os legumes, as ervas e as próprias árvores são quase todos diferentíssimos dos nossos. Estas terras não produzem nem trigo, nem vinho, nem azeite, nem aqui se produz nem sal e nem queijo, nem muitas outras coisas das quais se vive quotidianamente na Europa – se bem que aqui haja água do mar e o leite dos animais com os quais, a nosso ver, poder-se-ia fazer sal e queijo. Contudo, por mais vezes que se tenha feito a experiência, não se obteve sucesso. Encontra-se,

272. A julgar pelo conteúdo do capítulo, “índios” seriam todos os habitantes das “Índias Ocidentais”, fossem brancos, negros ou indígenas.

273. Ou seja, de Norte a Sul.

274. A separação entre o continente americano e a Ásia seria motivo de grandes controvérsias, tendo dado margem a inúmeras discussões até a descoberta do Estreito de Bering no ano de 1728 (PAPAVERO, TEIXEIRA *et al.*, 2004).

porém, de todas estas coisas porque são trazidas do Reino de Portugal com a vinda das frotas – que depois servem para os negócios dos portugueses para adquirir, com as mesmas [embarcações], as mercadorias brasileiras, especialmente açúcar e tabaco. Têm, porém, um preço muito elevado por serem com trabalho e despesa transportadas de Lisboa.

Tanto os plebeus como também as pessoas gradas comumente bebem água pura, uma bebida com a qual – sem sentir nenhuma dificuldade – desde crianças já estão habituados os portugueses. Mas se por vezes querem beber um pouco de vinho – não podendo tomá-lo com aquela largueza com a qual se o bebe na Europa sem detrimento da saúde, dada a qualidade deste clima ardentíssimo – bebem um copo triplamente misturado com água e de resto água pura. Os brasileiros nativos que vivem no interior dos sertões costumam ferver em uma caldeira de água uma escudela de mel – do qual têm grande abundância nos próprios sertões – e com esta bebida se conservam sãos, vigorosos e robustos, apenas sabendo que coisa seja uma enfermidade²⁷⁵. Esta água da Bahia, apesar de não ser muito fresca, contudo é bastante boa e conserva a saúde. É mantida nas casas em bilhas de barro e só se bebe dois dias depois de trazida da fonte, porque – tendo em si um travo amargo – nesse tempo se purifica e fica perfeita. O pão ordinário e comum – que se come não só na Bahia, mas também em todo o Brasil – é a farinha de pau. Esta é feita com a raiz da ‘mandioca’²⁷⁶, que cresce como um pequeno arbusto, mais longa e mais grossa que um nabo. Tritura-se como queijo ralado e depois se espreme o suco, por ser venenoso. Assim espremida, põe-se a secar ao sol, perdendo desta maneira toda qualidade venenosa. Uma vez seca, parece à vista serragem de madeira, apenas com a diferença de ser um pouco mais branca – este é o pão que se come no Brasil. De início eu custava a me acostumar, mas quando tinha um bom apetite, entretanto, parecia-me saborosa. Há quem coma este pão com colher e com a mão, [bem como] quem o adicione e ensope no caldo ou em outras coisas líquidas, onde, inchando, dá uma sopa – melhor dizendo, polenta – desta maneira tornando-se menos desagradável. O sal é transportado como lastro nos navios das frotas. O azeite também e outras coisas vêm, como já disse, de Portugal. Há poucas ovelhas, mas não lhes cresce a lã, tendo o pelo liso como o da cabra. As cabras igualmente existem em pouca quantidade e são bem menores do que as nossas. Umas e outras só raramente

275. “Os portugueses chamam por um único nome – ‘mel de pau’ – todas as qualidades de mel, o qual – misturado com água à figura de nosso vinho doce – refresca e nutre. Compõe uma beberagem excelente, caso se adicione o suco [de frutas]” (MOREAU, 1651).

276. Conforme o original. Vide Anexo 8, bem como as notas 77, 88 e 191.

são comidas. O principal mantimento de todo o povo é a carne de novilhos, havendo uma grandíssima abundância de bois e vacas que continuamente conduzem às cidades e regiões litorâneas do Brasil. Calcula-se que – só na cidade da Bahia – se matem trinta mil bois ao ano e às vezes quarenta mil. De ordinário são mortos seiscentos bois por semana e matam-se trezentos por dia durante o tempo em que a frota está ancorada no porto – tanto pelo aumento da população quanto para aprovisionar os navios. Esta carne, porém, não tem muita substância, daí o fato de se poder comê-la em quantidade e digeri-la facilmente. Tampouco é muito gorda, porque os animais emagrecem muito na longa viagem que fazem para vir do sertão, não tendo tempo de poderem refazer-se com bons pastos, pois logo são conduzidos ao magarefe. Essas carnes são ordinariamente compradas por arrobas²⁷⁷ – que têm quarenta ou mais libras cada uma – e vendidas a preço vilíssimo, pois a carne mais ordinária não vale senão doze vinténs a arroba, que vem a ser um soldo veneziano por libra, ou pouco mais. As carnes melhores destinadas a servir as pessoas mais gradas, por mais que custem, valerão uma pataca por arroba – que são dezesseis vinténs. Aprecia-se apenas a carne, porque a cabeça, pés, sangue e vísceras não são nada estimados e constituem o alimento dos escravos mais vis e miseráveis. Exceto, porém, as línguas, pois estas se vendem à parte a dois vinténs cada uma. Assim que se matam os bois é preciso comprá-los e comê-los, porque – sendo o ambiente externo muito quente – não passam vinte e quatro horas e a carne já está podre e exalando fedor. Todavia, na época dos meses menos ardentes do ano – isto é, maio, junho, julho e agosto, que correspondem ao inverno desta terra – a carne durava vinte e quatro horas inteiras sem cheirar mal por ser o ar algo mais temperado. E para mostrar o quanto a América Meridional é uma região muito propícia aos animais bovinos – e que aqui, por maior consumo que se faça de carne, [os bois] sempre vão se multiplicando mais do que em qualquer outro país do mundo – quero contar que nos sertões inabitados de Buenos Aires existe uma abundância tão grande de touros e vacas silvestres – os quais por si só vão continuamente se multiplicando, sem terem criador algum – que muitas vezes vão navios para lá só para transportar suas peles. Desembarcados em terra, os marinheiros matam a seu bel prazer trinta, quarenta ou cinquenta mil – ou quantos queiram – e tirada a carne melhor, que secam para mantimento e aprovisionamento das embarcações, todo restante é deixado para apodrecer nos próprios sertões, guardando-se apenas as peles, bem secas ao sol, para carregar nos navios.

277. Antiga unidade de massa equivalente a pouco mais de 14,5 quilos.

Estas são transportadas para a Europa. E todos esses animais são propriedade comum de quem os quiser, sem que tenham que fazer a mínima despesa para compensar alguém.

Quanto aos frangos, no Brasil não se costuma fazer capões porque os frangos são ordinariamente comidos na sua condição natural²⁷⁸. Estima-se, portanto, só a galinha, porque esta se mantém viva nas navegações marítimas com maior facilidade. Eu mesmo não saberia dizer bem se existem em abundância ou então em pouca quantidade, pois se dissesse que há muitas mentiria de certo modo, porque – residindo no Brasil – via que com um ducado veneziano à mão com dificuldade poder-se-ia encontrar uma só [galinha] para as pessoas doentes. Se, pelo contrário, quisesse dizer que são poucas, parece-me que estaria mentindo de novo, considerando que as embarcações das frotas levam anualmente em sua partida, por vezes, mais de cinquenta mil [galinhas] para suas provisões de bordo. O consumo que se faz todo o ano em uma cidade tão povoada como é a Bahia tende a aumentar sua multiplicação. Existem muitas, portanto, mas só se pode tê-las com dificuldade e a alto preço, isto principalmente por causa das provisões que buscam os capitães para suas naves, os quais querem levar – por qualquer preço – pelo menos uma centena [delas] cada um para qualquer necessidade que lhes possa ocorrer de [surgir] alguma enfermidade nas longas viagens que fazem por esses mares. Há igualmente os ‘galos-da-índia’, que nós chamamos ‘gallinacci’ – e esses são próprios e oriundos desta terra e são chamados com o nome de peru²⁷⁹. Pela mesma razão mencionada acima, estes se encontram a um alto preço por também serem levados pelas naves da frota, que os buscam com todo cuidado.

Por ser nesta época o mês do ‘cacibo’ – como já disse²⁸⁰ – não era a estação própria para as frutas. Encontrei, porém, algumas espécies que de quando em quando dão fruto o ano todo – tais como bananas, ‘niceffos’, jenipapos

278. Ou seja, não são castrados.

279. “Galli d’India”, “gallinacci” e “perù” no original (vide Anexo 8). Domesticado na América Central em tempos pré-colombianos, o peru, *Meleagris gallopavo* Linnaeus, 1758 (Phasianidae), seria introduzido no Brasil já no século XVI.

280. “Cacibo” ou “cacimba” designaria o orvalho em Angola e no Congo. Por extensão, “cacibo” seria a época do ano correspondente aos meses secos inverniais, quando o orvalho adquire considerável importância para a agricultura (MENDES, 1812). Segundo outras fontes (e.g. SCHÜTT *et al.*, 1881), o “cacibo” iria de meados de maio a meados de setembro, mas o próprio Zucchelli, em sua duodécima relação, menciona que o “mês do cacibo ou da estação seca” prolonga-se de “maio a outubro” (ANTONIO ZUCHELLI DA GRADISCA, 1712).

e mamões²⁸¹, que se encontram em todas as estações. Entre a banana e o ‘niceffo’ não há nenhuma diferença essencial – mas só acidental²⁸² – porque a banana cresce até um palmo e o ‘niceffo’ só a metade, sendo este último mais delicado, mais tenro e mais saudável – e a opinião dos portugueses é de que essas frutas sejam os verdadeiros plátanos-das-índias²⁸³. Ambos se descascam como se descasca o figo e no gosto têm algo de aromático. Possuem uma qualidade refrescante e com toda a segurança podem ser dados aos doentes, assados na brasa e açucarados como entre nós se dão maçãs e peras. Em poucos meses a planta cresce como uma árvore da altura de um pique²⁸⁴ e com o diâmetro da cintura de um homem, mas só tem o nome e não a [natureza] real de uma árvore, pois apesar de ser seu tronco tão grosso – como já disse – é, contudo, tenro como um nabo e pode ser cortado por um menino com uma simples faca. Esta árvore não produz nenhum ramo, mas em seu topo lança uma boa quantidade de folhas tão longas e tão largas que, quando se mata um porco, sobre uma só destas folhas podem ser executadas todas as funções do magarefe. Sob essas folhas crescem pendentes grandíssimos cachos de bananas e de ‘niceffos’ que por vezes chegam até trezentos ou quatrocentos por cacho. E há isto de bom: quando são cortados os frutos não estão todos maduros, mas depois de cortados vão por si só amadurecendo um pouco de cada vez, de modo que um desses cachos dura sucessivamente até doze ou quinze dias. Esta é uma das melhores e mais saudáveis frutas que existem no Brasil, podendo ser obtidas com facilidade em qualquer época e a bom preço. Como já disse, são boas tanto para os sãos como para os doentes.

Quase da mesma maneira produz seus frutos o mamoeiro, ou seja: do topo do tronco saem muitas folhas grandes – porém de formato totalmente diferente das da bananeira – e sob estas folhas [a árvore] produz os cachos com dez ou doze frutos, cada um deles do tamanho de um pequeno melão cujo gosto tem sabor de melão. Este é muito refrescante e dentro tem sementes parecidas com grãos de pimenta. Come-se indiferentemente

281. “Le Banane, le Niceffi, li Giunipapi, e li Mamoens” no original (vide Anexo 8). Além do fruto do jenipapeiro, *Genipa americana* L. (Rubiaceae), essa passagem trata de outras espécies vegetais já mencionadas anteriormente. Vide notas 59 e 65.

282. Depreende-se, portanto, que Antonio Zucchelli considerava as bananas e os “niceffi” como uma única fruta, sendo a diferença de tamanho observada mero “acidente da matéria” no sentido aristotélico do termo (vide MORA, 2000).

283. “Platano dell’Indie” no original (vide Anexo 8). Nome de origem espanhola conferido à bananeira, *Musa* spp. (Musaceae).

284. Talvez uma referência às grandes lanças usadas nos terços de infantaria, armas que atingiam 30 palmos ou cerca de 6,6 metros.

junto com as sementes porque, sendo cálidas em sua natureza, servem de correção para o próprio fruto. Esta, porém, é uma autêntica árvore, pois seu tronco é de lenho sólido, apesar de não muito duro. Há poucos jenipapeiros e estes são árvores grandes semelhantes à castanheira. Os frutos que produzem – que crescem do tamanho de uma romã – são de natureza cálida, aromáticos e peitorais²⁸⁵. Comidos em pequena quantidade, muito auxiliam a saúde corporal, especialmente a dos fracos de estômago. Por não serem, por outro lado, de paladar saboroso, costuma-se condimentá-los com açúcar. Não encontrei outros frutos maduros nesta estação, mas em outras, porém, eles existem. Jacas²⁸⁶ foram trazidas nestes últimos tempos das Índias Orientais – são umas árvores grandes como um carvalho e seus frutos crescem todos cobertos de grossos e agudos espinhos, de modo que se alguém estiver sob a árvore e um fruto cair-lhe sobre a cabeça é capaz de matá-lo imediatamente. Quando talhada, [a jaca] parece ter dentro, por todas as partes, uma boa quantidade de olhos que se assemelham exatamente a olhos de bezerro. Estes são tirados com um garfo e se comem, sendo muito gostosos ao paladar. No interior desses olhos há outro fruto semelhante a uma pequena castanha – e estas são as sementes que se torram e se comem como as castanhas, ou ainda se condimentam para fazer confeitos. Existe igualmente a palmeira do coco²⁸⁷, que é um fruto bastante gostoso, da grossura de um dedo, que fica aderido por dentro e em torno da casca do fruto. É branco e tenro como o rábano, mas o sabor tem algo da amêndoa fresca. No ventre tem um espaço cheio de água doce que parece estar temperada com açúcar. O fruto é cálido, mas a água supracitada é refrescante. Esta palmeira cresce muito alta e no cimo do tronco tem todos os seus ramos, que são muito longos e carregados de folhas semelhantes a largas espadas. Sob os ramos nascem os cachos com os frutos. Aqui se encontram também muitos outros tipos de frutas como as mangabas²⁸⁸, goiabas²⁸⁹, cajus²⁹⁰, a fruta-do-conde²⁹¹, o ananás²⁹² e tantas outras que seria muito longo descrevê-las todas em minúcia – e como muitas delas

285. Assim eram designados os alimentos e remédios bons para curar ou aliviar doenças do peito.

286. “Giacas” no original (vide Anexo 8). Referência a *Artocarpus heterophyllus* Lam. (Moraceae), espécie introduzida da Índia.

287. “Palma del Cocco” no original. Vide Anexo 8 e nota 121.

288. “Mangave” no original (vide Anexo 8). Trata-se de *Hancornia speciosa* Gomes (Apocynaceae).

289. “Guaiaive” no original (vide Anexo 8). Breve alusão a *Psidium guajava* L. (Myrtaceae).

290. “Chesùs” no original (vide Anexo 8). Trata-se de *Anacardium occidentale* L. (Anacardiaceae).

291. “Frutto del Conte” no original. Vide Anexo 8 e nota 64.

292. “Ananas” no original. Vide Anexo 8 e nota 62.

também existem no Congo e em Angola, direi algo a seu respeito quando descrever a natureza dessas regiões da Etiópia. Quanto às cidras, limões, limas e laranjas de todas as qualidades – essa é a sua região, pois requerem um clima quente e delas se encontram bosques inteiros. Os limões, porém, são bem pequenos e têm uma casca sutilíssima, estando cheios de sumo que é muito azedo e pungente. Estes limões não são vendidos na praça, mas quem os deseja manda seus negros a um bosque contíguo à cidade [onde] pegam quantos queiram. As laranjas são todas doces e as que chamamos da China são dulcíssimas como o mel. Não são, porém, muito sadias como as outras moderadamente doces, nem se podem comer com tanta facilidade porque causam defluxões da cabeça. Todos estes cítricos têm preço baratíssimo, mas como não têm substância – por serem totalmente de humor líquido – para mais nada servem senão para banhar a boca e para refrescar as vísceras.

As maiores rendas obtidas destas terras do Brasil são tiradas da grande quantidade de açúcar e de tabaco e das minas de ouro descobertas há alguns poucos anos. Existem em todo o Brasil muitos engenhos de açúcar e cada engenho deve valer até um milhão, ou mais, de cruzados. Neles trabalham, dia e noite, até cem, cento e cinquenta ou duzentos negros na lavoura e na fabricação de açúcar. O Brasil todo, além do consumo feito no próprio país, envia anualmente até cinquenta ou sessenta mil caixões de açúcar para serem negociados em Portugal, de onde posteriormente são remetidos para toda a Europa. Só esta cidade da Bahia exporta vinte mil, às vezes mais, caixões – e quando há pouca quantidade, como de fato houve neste ano, exporta quinze mil. O açúcar é vendido ordinariamente a preço baixíssimo e neste mesmo ano em que – como disse – houve carestia, uma arroba de trinta e dois ‘funti’²⁹³ – que perfazem quarenta ou mais libras da Itália – só chegou ao valor de uma peça e meia de Espanha. Depois do açúcar vem o tabaco, que aqui nasce com toda a perfeição, do qual milhares e milhares de arrobas também são enviadas para Lisboa a cada ano como fumo em corda, além do que se manda já pulverizado. O [valor do] primeiro contrato que os reis de Portugal impuseram sobre esta erva do tabaco foi de sessenta escudos, [mas] foi crescendo anualmente de tal maneira que subiu para um milhão e seiscentos mil cruzados, que é o que obtém cada ano o Contratador Geral. As minas de ouro que nestes últimos tempos têm sido descobertas (enquanto que nos anos passados se

²⁹³. Antiga unidade de massa equivalente a 560,06 gramas. Essa arroba de 32 “funti”, portanto, chegaria a pouco menos de 18 quilos.

mantinha que o Brasil fosse totalmente privado de minas) estão no interior do sertão, não apenas naquela parte que – pelo rio La Plata – entra o [rio] Paraguai no Brasil²⁹⁴, mas ainda em muitos lugares que ainda diariamente se vão descobrindo. Estas minas podem ser escavadas por quem queira sem outra obrigação além de pagar o quinto ao rei, mas se alguém – contudo – só tivesse esses quintos que são arrancados deste direito, apenas com estes [já] seria um grandíssimo príncipe. Este ouro é da maior perfeição, porque se acha em sua própria forma sem ter que ser purgado ulteriormente em um cadinho e [é] de vinte e quatro quilates. Ali onde estão as minas escava-se a terra na profundidade de um passo – ou menos. Acha-se, então, uma camada natural de pedras e sob estas o ouro em sua própria espécie, ou seja, em pedacinhos do tamanho de um grão de trigo, de um grão-de-bico [ou] de uma fava, mais ou menos. Toda a dificuldade em extraí-lo consiste em que as minas estão do interior do sertão, para onde quem queira escavar tem que mandar seus próprios escravos e para estes enviar continuamente, na garupa de cavalos, as vitualhas para que sobrevivam. Há muitos que enriqueceram com centenas de libras de ouro apenas por levar, com seus cavalos, coisas de comer para aqueles negros que escavam as minas, uma vez que por qualquer mínima coisa que a eles davam – como uma banana, dois ‘niceffi’, um palmo de fumo em rolo para fumar e coisas semelhantes – por cada uma destas coisas obtinham imediatamente dos negros uma dracma de ouro²⁹⁵. Há igualmente muitas minas de prata e em muitos lugares acham-se as pedras ligadas uma a outra com a própria prata, como entre nós são ligadas por calcário. Mas estas [jazidas] até agora não foram escavadas, pois lhes sai mais em conta escavar as minas de ouro, que dão lucro muito mais vantajoso. Do Brasil manda-se igualmente para Lisboa, a cada ano, grande quantidade de couros ou peles de bois curtidas para fazer solas de sapato, as quais são muito bem curtidas. Que delas se exporte muita quantidade pode se deduzir pelo grande número de bois continuamente mortos no Brasil. As madeiras para lavar que se encontram no Brasil são tão excelentes e perfeitas que não são inferiores – mas sobrepõem de muito – às madeiras dos outros países. Há [aquelas] duras e rígidas que parecem querer competir com o ferro. Não tendo muitos nós, são boas e adequadas para qualquer trabalho de vulto. Algumas

294. Confusa notícia sobre as jazidas de São Paulo e Minas Gerais, estas últimas descobertas no final do século XVII. Após a morte do autor, também seria encontrado ouro em Mato Grosso e Goiás.

295. Cerca de 3 gramas.

são vermelhas e de cor púrpura, outras amarelas como o buxo²⁹⁶, outras negras como o ébano²⁹⁷ – entre estas sobretudo o jacarandá, cuja madeira é muito estimada²⁹⁸. Há também grande quantidade de madeira vermelha, transportada para a Europa para tingir e colorir panos, chamada comumente ‘brasil’²⁹⁹. Em relação a obras menores – para fazer coroas, apoios de bengalas e caixinhas – há o fruto ou – conforme vimos [acima] – a própria casca do coco, que é muito reluzente e de bela aparência.

Esta cidade da Bahia é muito vasta e espaçosa em seu circuito, [estando] dividida em duas partes, ambas contíguas: a parte superior está plantada sobre uma bela e plana colina e a inferior na praia adjacente ao mar. Proporcional à sua grandeza corresponde igualmente a sua população, contando-se oitenta ou mais milhares de pessoas que nela residem. Ela não é, porém, tão bem construída como as nossas cidades da Itália, tanto por ter seus muros desmantelados quanto porque todas as casas – ainda que bem feitas com pedra e cal – são muitas baixas e em sua maioria sem terraço. Para sua defesa tem uma fortaleza bem situada na embocadura do porto³⁰⁰ – o qual é amplíssimo e capaz de abrigar uma infinidade de embarcações – que vem a ser a propriamente dita Baía [de Todos os Santos]³⁰¹, três vezes maior que a Baía de Cádiz. Em frente à cidade há outra fortaleza considerável no mar, ao nível da água³⁰², com outras fortalezas e torres que são de muito relevo, dispersas por outros lugares. Da parte da terra não é fortificada, pois não temem senão as invasões marítimas. Para cá Sua Majestade o Rei de Portugal envia de Lisboa um governador que dura no máximo um triênio e que reside na Bahia como lugar principal e sede do Brasil. Envia igualmente outros subalternos para Pernambuco, para o Rio de Janeiro, São Paulo e outros lugares mais evidentes destas praias brasileiras. No coração da cidade há uma belíssima catedral – melhor dizendo, uma sé metropolitana, por ser arcebispado – que tem

296. ‘Busso’ no original (vide Anexo 8). Referência às espécies europeias do gênero *Buxus* (Buxaceae).

297. Conforme o original (vide Anexo 8). Provável referência a *Dyospirus ebenum* Koenig ex Retz (Ebenaceae), espécie encontrada no sul da Índia e Sri Lanka.

298. Provável referência ao jacarandá-preto ou jacarandá-da-bahia, *Dalbergia nigra* Allemão ex Benth. (Fabaceae), espécie muito apreciada pela madeira escura de excepcional qualidade.

299. Vide nota 94.

300. Trata-se do Forte de Santo Antonio da Barra. Vide notas 270 e 357.

301. Passagem um tanto confusa, na qual o autor confronta a cidade da Bahia (i.e. São Salvador da Baía de Todos os Santos, amiúde designada apenas como “Bahia”) com a “Baía propriamente dita” (i.e. a Baía de Todos os Santos).

302. Provável referência ao Forte de Nossa Senhora do Pópulo e São Marcelo, também conhecido como “Forte do Mar”. Foi concluído em 1623, durante o governo de Dom Diogo de Mendonça Furtado (1621-1624). Para maiores detalhes, vide BARRETO (1958), GARRIDO (1940) e A.F. de SOUSA (1885).

sob si como sufragantes todos os outros bispos ultramarinos. O arcebispo que encontrei nessa época era um prelado digníssimo muito afeiçoado aos nossos missionários, tendo sido destacado por muitos anos como Bispo de Luanda em nossa missão de Angola³⁰³. Existem igualmente muitos monastérios de padres regulares, os quais – repartidos por outras cidades do Brasil – formam várias custódias e pequenas províncias subordinadas às províncias de Portugal. Em particular, os padres jesuítas – que com zelo sempre infatigável têm insistido no bem espiritual daquelas almas e no progresso da Santa Fé desde o primeiro descobrimento das terras do Brasil – têm na Bahia um nobilíssimo colégio com cento e quarenta religiosos. A sacristia da igreja, por ser toda de tartaruga, é coisa singularíssima pelo aspecto vistoso e valor, sendo digna de ver-se³⁰⁴.

Quanto aos habitantes da cidade, repartem-se em quatro classes. Em primeiro lugar há os homens brancos, nativos ou pelo menos oriundos de Portugal e que aqui residem. Só estes chegam a vinte e mais milhares, [contando] com suas mulheres igualmente brancas. Depois há os próprios negros trazidos para cá da Etiópia, os quais vão sempre se multiplicando através da geração e pelo contínuo tráfico que é feito pelos navios que chegam da África. Como sinal de seu cativo, todos são marcados com um ferro em brasa no peito ou nas costas – como entre nós se marcam os cavalos – para identificar, através dessa própria marca, de quem são escravos. Estes realizam todos os trabalhos do Brasil e [uma vez] destinados a qualquer arte por seus senhores, dão-se muito bem [graças ao] emprego de bastonadas. Sem eles não se poderia manter o Brasil, porque os brancos – não podendo executar coisas cansativas por não estarem habituados a um clima tão quente – entregam-nas todas aos próprios negros que – sendo escravos e acostumados com os calores – podem executá-las sem grave detrimento de sua saúde. Apenas nesta cidade, estes negros chegam

303. Trata-se de Dom João Franco de Oliveira, prelado português nomeado Bispo de Luanda em 9 de junho de 1687. Elevado a arcebispo em 9 de janeiro de 1692, foi transferido para a Arquidiocese de São Salvador da Bahia, onde permaneceria até 1701.

304. Em 1698, Froger descreveria a sacristia da igreja dos jesuítas em Salvador (a atual Catedral-Basilica) como uma “das mais magníficas do mundo”. Com “mais de 25 toesas de comprimento e uma largura proporcional, ela possuía três altares, dois nas extremidades e um na face adjacente à igreja [...]. Nas duas laterais desse último estão duas grandes mesas de uma belíssima madeira com a superfície guarnecida de marfim, tartaruga e de um grande número de miniaturas trazidas de Roma” (FROGER, 1698, 1699). Outras fontes mencionam dois arcazes providos de dez gavetas com puxadores de metal dourado, incrustações de casco de tartaruga e marfim (FERNANDES, 2009). Consta que a ornamentação em casco de tartaruga da sacristia – obra cuja extensão foi muito exagerada no texto – teria sido feita em 1682 pelos Irmãos da Companhia de Jesus auxiliados por alguns rapazes habilidosos (LEMOS, 1999).

ao número de cinquenta mil ou mais e sempre, como já disse, vão se multiplicando diariamente. Tanto os homens quanto as mulheres andam sempre nus, tendo cobertas as vergonhas apenas com uma calça suja. Também [há] muitos, de um e outro sexo, que andam totalmente nus ou trazem um simplíssimo trapo à frente. Seguem-se a estes os homens de cor olivácea que não são nem brancos nem negros, mas de cor de oliva. Estes são os bastardos dos homens brancos gerados de mulheres negras, as quais vendem e prostituem com toda a facilidade sua honra. São chamados comumente ‘mulatos’ ou ‘pardos’³⁰⁵ e seu número chegará a oito ou dez mil. A quarta espécie desses homens é a dos índios nativos ou ‘brasileiros’. Estes não são nem brancos, nem negros, nem oliváceos, mas de cor vermelha carregada semelhante à cor de fogo. Destes, porém, são poucos os que habitam na cidade, pois em sua maioria estão para o interior nas florestas. Estes, por fim, andam totalmente nus pelo sertão, mas os poucos que habitam na cidade cobrem suas vergonhas desde as costas até o joelho e – à diferença dos negros – deixam crescer os cabelos. Nossos padres missionários que cuidam das missões nos sertões do Brasil, para não ter diante dos olhos o espetáculo de sua nudez (quando vêm frequentar os sacramentos das penitências e da eucaristia e quando – de igual modo – no casamento *in face Ecclesiae*, vêm receber a bênção sacerdotal) têm em mãos alguns panos que lhes emprestam para esses momentos, para que com eles possam vestir-se pelo menos por decência e – por honestidade – cubram as partes nuas. Uma vez terminados, retomam-nos e guardam-nos para ocorrências semelhantes. Estes índios, que são gentios, em alguns lugares são assaz dóceis e recebem facilmente a nossa Santa Fé, desde que se os trate com benevolência e mansidão. Mas outros, pelo contrário, são ferozes de natureza, indômitos e conservam entre eles o ímpio e cruel abuso de comer carne humana. Desta mesma natureza são os peruanos vizinhos ao Brasil que habitam os sertões interiores do Peru, onde têm uma missão nossos padres espanhóis. Disseram-me em Cádiz dois padres missionários nossos – os quais tinham recentemente retornado daquela missão – que pouco antes de sua partida haviam esses índios flechado e martirizado um nosso missionário somente por ter querido proibir-lhes o abuso detestável de comer carne humana – e uma vez morto, assaram-no e comeram-no. A divina providência, entretanto, não quis que passasse impunemente sua barbárie, pois todos aqueles que participaram desse sacrílego festim pagaram pouco depois com a própria vida o castigo de sua temeridade. Muitos, atemorizados por esse

305. “Mulati overo Pardi” no original (vide Anexo 8).

castigo dado pelo céu e reconhecendo sua cegueira, abandonaram o ímpio abuso dessa humana carnificina e receberam a Santa Fé. E isto pode bastar para dar a conhecer suficientemente a natureza e os costumes desses índios.

Sobre a fertilidade destas terras do Brasil, digo que em si mesmas são fertilíssimas, produzindo abundantemente todas as coisas necessárias para a vida humana – com exceção de nossas coisas da Europa – porque sendo as terras muito férteis e irrigadas muitas vezes por copiosas chuvas, tornam-se fecundíssimas. Mas existem tantos obstáculos que se opõem a esta fertilidade que frequentemente fazem-na parecer estéril. Caso plante-se hoje uma semente ou um grão, em poucos dias nasce. Mas então, apenas nascido [o broto], comem-no as formigas, das quais há tanta quantidade que raia ao incrível. Isto se deve ao grande calor do país, porque não havendo jamais frio [elas] vão se multiplicando desmesuradamente e atacam os campos para se manterem durante o ano inteiro. Há muitos que, para preservar suas sementeiras, resolvem trazer diariamente um pasto de outras plantas só para a manutenção das formigas, entremeando-o nas próprias sementeiras para que, usando este, as formigas deixem-nas crescer até a perfeição, até que se colha a messe³⁰⁶. Estas formigas causam um notável dano a todo o Brasil. Nestes sertões acham-se duas espécies de bálsamos, ambos preciosíssimos, que são extraídos das árvores por incisões nos ramos e na casca. Um destes é comumente chamado bálsamo do Brasil – e este é o bálsamo do Peru, efficacíssimo não só para feridas como também para muitas outras enfermidades, conforme se pode ver pela receita publicada nos livros que tratam das drogas medicinais³⁰⁷. Admite-se que seja o verdadeiro bálsamo que cresce nos jardins da Judeia, do qual se servem os bispos nas consagrações e nas bênçãos dos óleos santos³⁰⁸. O outro se chama bálsamo branco de copaíba, que é igualmente tido em suma estima pelas grandes e singulares virtudes que tem³⁰⁹. Todos estes bálsamos são comprados pelos navios a baixo preço e se transportam para a Europa, onde são tidos em grande estima, sendo vendidos com bom lucro pelo preço mais vantajoso que possam alcançar.

306. Vide nota 162.

307. “Balsamo del Brasile” e “balsamo del Perù” no original. Vide Anexo 8 e nota 218.

308. “Giardini della Giudea” no original (vide Anexo 8). Trata-se de *Commiphora gileadensis* (L.) (Burseraceae), espécie do Oriente Médio cuja resina vem sendo empregada na perfumaria e na medicina desde a Antiguidade.

309. “Balsamo Bianco di Cupaiba” no original. Vide nota 123.

Desde os tempos de Santo Agostinho, já foi opinião dos autores da Antiguidade³¹⁰ que, dada à ardência do clima, estas terras situadas no coração da Zona Tórrida fossem desabitadas – mas a experiência de hoje em dia faz-nos ver que não só é habitada como povoadíssima³¹¹. É verdade que os calores são sobremaneira excessivos, mas a divina providência, entretanto, vai remediando esta desordem com uma ventania mediana que sopra diariamente, com a qual fica temperada, e muito, a ardência do ar – certo é que não se poderia viver muito tempo sem este vento. Nos quatro meses de maio, junho, julho e agosto – nos quais o sol faz seu curso em direção ao Trópico de Câncer – os calores não são tão ativos como nos outros meses do ano, nos quais ele retrocede para o Trópico de Capricórnio. Embora não exerça esta atividade sobre o ambiente extrínseco ao corpo, [o sol] a exerce, porém – e rapidamente, muito bem e com maior antiperístase³¹² – no interior das vísceras humanas. Minha experiência pessoal permitiu-me frequentemente provar [tal efeito], pois quando queria dar quatro passos pela cidade – ainda que caminhasse pausada e suavemente – punha-me a suar da cabeça aos pés com um suor copiosíssimo. Com parecer unânime, os médicos chegaram a concluir que, apesar de este calor não ser igualmente sentido em todos os meses do ano, ele sempre se mantém no interior das vísceras, as quais – portanto – têm a necessidade de serem bastante refrescadas com frequência com refrigerantes lenitivos. Com o objetivo de conservar a saúde e de mitigar este calor interno – que é ardentíssimo tanto em uma quanto em outra estação – costuma-se (em toda a cidade e outras regiões deste clima, particularmente a gente branca que – mais do que qualquer outra – sofre com este calor) fazer banhos de água doce moderadamente aquecida ao fogo, da seguinte maneira: colocam-se quatro dedos de água morna em uma tina ou outro vaso de igual capacidade e qualquer um que queira tomar esse banho deve sentar-se na água, lavando e esfregando muito bem os rins e a parte das costas, tanto quanto comodamente possa. A água morna, nesse meio tempo, sobe pelo orifício dos fundilhos e – através das veias hemorroidais – leva seu frescor natural a todas as vísceras. A experiência dá resultado no mesmo dia, porque em um quarto de hora que se esteja no dito banho a pessoa se sente sumamente revigorada e refrescada. Tomam-se estes banhos até duas ou três vezes por

310. "Antichi" no original. Vide Anexo 8 e nota 108.

311. Para maiores informações, vide RANDES (1980).

312. Entende-se como antiperístase o aumento de intensidade de uma sensação propiciado pelo contraste com a sensação contrária experimentada anteriormente.

semana e nos calores mais ardentes até todos os dias. E como estes grandes calores soem causar dores excessivas de cabeça, usando-se esses banhos faz-se sumir todas as dores e eles rresserem a mente. Ao ler estas páginas, os médicos de nossos países irão rir, pois lhes parecerá coisa ridícula que, para medicar a cabeça, se tenha que aplicar o remédio nos fundilhos. Mas há que ter paciência, porque os males deste clima exigem essas curas. Aqueles que, por mero desleixo ou falta de vontade, não querem tomar estes banhos alteram-se mais intensamente e o calor causa-lhes febre com bastante frequência – e com a febre por vezes se lhes alarga o orifício dos fundilhos de modo a poder entrar toda a mão e isto, ademais, é um indício fatal. Para esses casos – a fim de restringir e cerrar o dito orifício – depois de tomarem o banho muitas vezes por dia aplicam-se no próprio orifício filanças embebidas em água-rosa e pó de alvaiade ou alguma fatia miolosa de limão, pois todas têm grande virtude para restringir a parte alargada, para diminuir as dores de cabeça e para liquidar a própria febre.

Por não estarem habituadas a este clima como as demais, as pessoas brancas padecem com o calor e são mais sujeitas a estas enfermidades. Para se conservarem sadias abstêm-se o quanto podem de mover-se, mas como não é possível ficarem sempre encerradas em suas próprias casas, quando querem sair – não existindo aqui nem liteiras, nem seges, nem carruagens – fazem-se transportar por seus negros em serpentinas ou redes tecidas de algodão ou seda, conforme a qualidade das pessoas. Nessas redes os homens vão deitados com uma almofada por trás das espáduas e as mulheres sentadas com as pernas cruzadas. Alguns usam as redes descobertas e outros cobertas. Quando é coberta parece pouco diferir de nossas liteiras, com a diferença, porém, de a liteira ser carregada por mulas e a rede ser levada nos ombros e na cabeça de dois escravos com a ajuda de um longo varal, no qual está pendente com os [punhos] da cabeça e pés [amarrados] por cordéis. Quando, a despeito de todos estes cuidados, alguém se adoenta com febre, a maneira mais usual de curar o enfermo é esta: antes de dar-lhe algum medicamento, comida ou bebida procura-se estancar-lhe a febre à força de sangrias. Por temor de ofender a artéria, fazem-se as ditas sangrias nos pés duas vezes ao dia – ou seja, pela manhã e à tarde – [retirando] até oito ou dez onças [de sangue] de cada vez³¹³. Se os pacientes têm compleição vigorosa, sangram-se até três vezes por dia, com emissão mais

313. De 226 a 280 gramas de sangue, pois a onça equivale a pouco mais de 28 gramas. Como o sangue perfaz cerca de 7% da massa corporal de um adulto, dez onças representariam quase 6% do sangue encontrado em um indivíduo de 70 quilos.

copiosa de sangue. Não se abandonam essas sangrias até que seja interrompida a febre, o que acontecerá depois de seis ou oito sangrias – e por vezes depois de quinze ou vinte. Após várias sangrias chama-se o médico que, como primeiro interrogatório, pergunta ao paciente quantas vezes foi sangrado. Depois disso, informa-se sobre a situação do mal e procede a tomar o pulso. Guiando-se então pelas respostas que lhe dão, prescreve-lhe um remédio para purgar o estômago a fim de que não retorne a febre, com outras regras necessárias para preservar-se. Um dos remédios mais usuais é a jalapa³¹⁴ em água fresca, que purga muito os pacientes por cima e por baixo. Antes de mim, quase todos meus companheiros tiveram o incômodo de uma ligeira enfermidade e receberam sangrias – uns seis e outros oito. Por fim, nas últimas semanas desta minha estada no Brasil, não pude mais bancar o valente e tive três ataques de febre lenta que me fizeram tirar da cesta as lancetas para fazer-me cinco sangrias, com as quais depois me refiz. Sucedeu muitas vezes que pessoas brancas vindas para cá da Europa – vendo que se tinha em tão pouca estima o sangue humano, derramado com sangrias tão frequentes e copiosas – quiseram mostrar-se mais zelosas em preservar o sangue das próprias veias e foram, em poucos dias, baixadas à sepultura ao serem atingidas até mesmo por enfermidades irrelevantes. A causa principal de usar essas sangrias é esta: como este clima é ardentíssimo, o sangue sofre grande fervura em sua circulação e rapidamente se corrompe e queima se não for rarefeito com sangrias. Quando demasiadamente tarde se faz abrir as veias dos renitentes em sangrar-se, o sangue se encontra de tal maneira queimado e condensado que nem ao menos pode sair das veias e assim, corrompendo-se, causa-lhes a morte. A todas estas curas que nos parecem extravagantes – banhos em água morna e frequentes sangrias – acrescenta-se ainda uma terceira: frequentíssimos clisteres que se fazem não só para sarar do mal, mas também uma ou duas vezes por semana, para preservar a saúde. São feitos para refrigerar as vísceras com água fresca e suco de laranjas ou de limões – e são absolutamente refrescantes. Mas se alguém também os quer fazer purgativos, junta um pouco de sal – e caso se tente fazê-los ainda mais confortativos, bate-se dentro uma gema de ovo.

Após haver-me estendido muito em contar as várias coisas do Brasil, não será fora de propósito que passe a dizer algo também dos animais

314. “Salappa” no original (vide Anexo 8). Trata-se da jalapa ou batata-de-purga, *Operculina macrocarpa* (L.). Mesmo nos dias de hoje, essa convolvulácea continua a ser utilizada como depurativo do sangue e contra prisões de ventre, constipações crônicas e verminoses.

silvestres, quadrúpedes e aves deste país, por serem de espécies e qualidades muito diferentes dos nossos. Nestes sertões acha-se uma espécie de tigre de cor negra que dizem ser muito mais feroz que os outros pintados³¹⁵. São tão velozes na corrida e no salto que aqueles que lhes dão caça – caso não sejam bem cautelosos e não se ocultem bem – são por eles assaltados e muitas vezes se tornam presa [ao invés] de caçador. Acha-se aqui, igualmente, uma espécie de macaco do tamanho de um gato e outros um tanto menores. A pele de alguns destes [símios] é perfumada e exala uma fragrância semelhante à do abelmosco³¹⁶. Estes animaizinhos domesticam-se com facilidade e são muito curiosos e bufões. Na cara, nas mãos e nas atitudes da vida, são em tudo semelhantes aos macacos [do velho Mundo] e têm muito de humano. Têm muita capacidade de aprender vários jogos e são de tal sagacidade que, caso se os engane uma vez, dificilmente pode-se burlá-los uma segunda e são desconfiadíssimos e vingativos no maior grau. Se alguém quiser mantê-los bem afeiçoados, é preciso fazer-lhes carícias, diverti-los e brincar com eles. São de tal maneira vivazes que parecem mercúrio – quase sempre em movimento – e não aparentam poder estar quietos. Correm com a velocidade dos voláteis e como têm as mãos e os pés como os dos macacos [do velho Mundo], com sua ligeireza vão saltando sobre as árvores até os galhos mais tenros. Quando muitos dormem juntos à noite sobre alguma árvore, um deles sempre fica de guarda e se vê passar alguma fera, deve dar-lhes sinal imediatamente e acordá-los com um mugido que faz, para que melhor possam assegurar sua vida nos ramos mais altos. Se o dito vigia adormece e por isto lhes sucede alguma desgraça, pobre dele, pois todos – revoltando-se contra ele – dão-lhe tantas mordidas que no mais das vezes lhe tomam a vida. Ao dormirem dois a dois, ficam sentados e abraçados. Têm só duas mamas na parte superior do peito, como as mulheres. Ao aleitar seus filhotes – estando as mães sentadas – mantêm-nos nos braços e colocam-nos na garupa, como fazem com as crianças nossas amas de leite. São diligentíssimos em catar-lhes as pulgas com suas mãos e mantê-los bem limpos. Quando a mãe quer partir de um lugar a outro, o filho pequeno – que ainda não pode ter o trabalho de correr – salta-lhe às costas e assim ela o transporta. Ao contrário dos

315. “Tigri” no original, termo empregado pelo autor para designar inclusive a forma melânica da onça-pintada. Vide Anexo 8 e nota 103.

316. “Ambretta muschiata” no original (vide Anexo 8). O autor compara o forte cheiro almiscarado das sementes do abelmosco, *Abelmoschus moschatus* Medik. (Malvaceae), com o odor característico que certos primatas adquirem sobretudo ao passar urina na própria pelagem. No caso, o texto parece dizer respeito ao macaco-prego, *Cebus* sp. (Cebidae). Vide nota 171 e 245.

símios³¹⁷, estes macacos têm a cauda virada para dentro em sua extremidade e como esta se alonga e se fecha a seu bel-prazer, servem-se dela como se fosse uma mão. Estes animais são ordinariamente capturados quando vão roubar, porque são tão tenazes em reter seus furtos nas mãos que – só podendo então caminhar lentamente com as pernas de trás – são presas fáceis dos caçadores. Existem muitos destes macacos já domesticados nas casas particulares da Bahia e servem unicamente como divertimento e recreação. Contam-se muitas outras coisas curiosíssimas destes animazinhos, mas para não ser tão prolixo nestas minudências, deixo-as por brevidade.

Há igualmente outro animal quadrúpede que chega quase ao tamanho de um macaco, chamado pelos brasileiros de ‘gambá’³¹⁸, que tem em si uma coisa muito singular. Sob seu ventre, a uma distância de três dedos do sexo, possui uma abertura semelhante a uma bolsa que abre ou fecha a seu bel prazer. Esta só lhe serve para recolher seus filhotinhos ainda tenros quando – perseguidos – não podem se salvar empreendendo sua própria fuga. De ordinário, as fêmeas só dão à luz um ou dois em cada parto e quando a mãe está pastando em algum lugar e se vê surpreendida de improviso por caçadores, para não abandonar como presa seus próprios filhotes abre rapidamente essa bolsa e – fechando-os ali – foge com eles. Estes gambás matam os pequenos animais que encontram e sugam-lhes o sangue. Eu mesmo capturei um na Bahia. Ele vinha muitas vezes à noite despertar-me na cela enquanto eu dormia e para saber que animal era, coloquei uma armadilha – na noite seguinte capturei um gambá. Pude então ver distintamente a bolsa que tem sob o ventre. Quero contar uma coisa curiosa de outro animalzinho – do tamanho de um cão mediano – que também se encontra no Brasil e de cujo nome não mais posso lembrar-me. A natureza deu a este animal uma arma potentíssima para defender-se de todos os inimigos que tentam predá-lo. Quando este se encontra nos campos ou nos sertões e percebe que algum cão – ou qualquer outra fera – quer se aproximar para matá-lo, assim que este se acerca a uma distância adequada – pondo fogo em sua pólvora – descarrega-lhe uma ventosidade tão fétida e pestilencial que aquela pobre besta tem o que fazer esfregando o nariz

317. “Scimie” no original. Provável referência aos macacos do Velho Mundo (Cercopithecidae), os quais se distinguem por não possuir a cauda preênsil. Vide nota 171.

318. “Gambà” no original. Vide Anexo 8 e nota 106.

na terra e nas árvores para tirar esse fedor³¹⁹. Se depois de uma fera ter tentado aproximar-se uma outra também quiser fazê-lo, ele lhe descarrega um segundo flato não menos fétido que o primeiro – e assim se defende valorosamente de todos os seus rivais, ficando como dono do campo ao por em fuga todos seus inimigos. Quando acontece de alguns caçadores chegarem para matá-lo com escopeta e tomá-lo depois de morto com as mãos, sua pele deixa-lhes um cheiro tão fétido e desagradável pegado às próprias mãos que dá trabalho lavá-las e relavá-las muitas vezes com sabão antes que se possa removê-lo todo.

A ‘preguiça’³²⁰ é outro animal do Brasil, sendo assim chamada por esse nome porque ao caminhar é a própria preguiça – se apostasse uma corrida com a lesma creio que perderia a carreira. Este animal fica na maior parte do tempo sobre as árvores e lá permanece enquanto existirem frutos para comer. Uma vez consumidos estes, com toda comodidade, desce delas e vai procurar outra para buscar alimento, mas com tanta fleuma e vagar que para caminhar uma só milha meterá perfeitamente todo um dia. Creio que este animal não sua por nunca fazer um movimento muito violento, dado que realiza todas suas viagens com absoluta comodidade, sem ter nenhum interesse em apressar seus passos. Belos, vistosos e graciosos em seus gestos são sobretudo os ‘saguis’³²¹, dos quais se acham muitos nas casas particulares, pois se domesticam com toda facilidade e são pequeninos como os esquilos³²². Têm todas as feições e a formosura da cara dos macacos e comem em pé com suas mãozinhas, exatamente como comem os mesmos macacos. Os navios da frota todos os anos embarcam muitos para Lisboa, mas poucos – porém – são os que conseguem chegar vivos, porque – sendo frágeis e delicados – morrem no mar assim que são atingidos pelo frio. No Brasil acham-se igualmente muitas pedras do bezoar³²³ ocidental, cordial

319. Clara alusão ao cangambá ou jaritataca, *Conepatus semistriatus* Boddaert, 1785 (Mustelidae), carnívoro bem conhecido por excretar um líquido de odor insuportável produzido pelas glândulas perianais.

320. “Pigrizia” no original. A exemplo de vários de seus contemporâneos, Antonio Zucchelli parece desconhecer que as preguiças se alimentam de folhas tenras de algumas poucas árvores, entre as quais a embaúba, *Cecropia* sp. (Cecropiaceae). Vide Anexo 8 e nota 107.

321. “Saguini” no original. Vide Anexo 8 e notas 53 e 246.

322. “Schiratti” no original (vide Anexo 8), termo arcaico equivalente ao “scoiattolo” do italiano moderno. Uma alusão ao esquilo-vermelho, *Sciurus vulgaris* Linnaeus, 1758 (Sciuridae).

323. Nome de origem persa conferido pelos árabes às concreções formadas no estômago, intestinos e vias urinárias de diversos mamíferos. A esses cálculos se atribuíam maravilhosos poderes antidotais, distinguindo-se o chamado “bezoar oriental” proveniente de espécies como a cervicapra, *Antilope cervicapra* (Linnaeus, 1758) (Bovidae) e a cabra-selvagem, *Capra aegagrus* (Erleben, 1777) (Bovidae), do “bezoar ocidental” encontrado em quadrúpedes do Novo Mundo, inclusive veados (Cervidae), porcos-do-mato (Tayassuidae), lhamas e semelhantes (Camelidae). Para outros detalhes, vide DALGADO (1988) e MATA (1867).

utilíssimo. O oriental, que se encontra apenas na cabra selvagem das Índias Orientais, é de uma cor que se acerca ao cerúleo escuro, mas este ocidental é castanho-claro e se acha em muitas espécies de animais, sendo os do porco-do-mato e os do veado os mais estimados. Estas pedras bezoares ocidentais se encontram no próprio lugar onde o animal recebeu o tiro, porque lança a pedra fora e foge assim que é ferido – quando bem atingido fica-lhe no ferimento. O oriental é mais ativo e por isso aplica-se em menor dose, sendo quentíssimo. O ocidental, pelo contrário, é menos quente e duplica-se a dose. Ambos são ótimos para as febres malignas e mortais, agindo através do suor e da urina.

Quanto às aves, na verdade confesso não crer que em todo o mundo se possa encontrar [variedades] mais belas, mais formosas e de cores mais vivas e nobres – realmente régias – que as do Brasil. Os ‘canindés’, ‘araras’, papagaios e periquitos, por terem o bico torto e a língua vermelha, aprendem todos a falar³²⁴. Para aprenderem frases mais longas, porém, têm maior capacidade os papagaios – muito mais que qualquer outra. Na forma do corpo, os canindés e as araras são iguais: ambos têm o tamanho de uma galinha, ambos têm a cauda estreita com o comprimento de meio braço e ambos têm o bico muito grande e forte, com o qual quebram com toda a facilidade caroços de pêssegos. Entretanto, o canindé tem o bico preto e a arara branco. Ambos comem da mesma maneira – com os pés. Todas as penas do canindé são de uma cor azul finíssima e revestidas de amarelo, [colorido] que o tornam vistosíssimo e majestoso³²⁵. A arara é quase toda vermelha com algumas penas azuis e verdes nas asas e na cauda, que lhe conferem igualmente grande beleza³²⁶. Os papagaios têm o corpo de uma pomba e são quase inteiramente verdes, tendo somente nas asas e na cauda algumas penas vermelhas, um pouco de azul na testa e de amarelo no pescoço e no peito³²⁷. Existe tanta quantidade destes – já domesticados – nas casas particulares que por onde se passe nas ruas não se ouve outra coisa senão o tagarelar dos papagaios. Levam-se muitos para Portugal e

324. “Canindé”, “arare”, “papagalli” e “perichiti” no original (vide Anexo 8). Outras fontes atribuem essa capacidade ao fato de os Psittacidae possuírem uma “língua redonda”.

325. “Canindé” no original (vide Anexo 8). Trata-se da arara-canindé, *Ara ararauna* (Linnaeus, 1758) (Psittacidae).

326. “Arara” no original (vide Anexo 8). A julgar pela localidade considerada, deve tratar-se da arara-vermelha, *Ara chloropterus*. Vide nota 243.

327. “Pappagalli” no original (vide Anexo 8), termo utilizado para designar diversos Psittacidae. A julgar pela breve descrição fornecida, o autor poderia estar se referindo a um representante do gênero *Amazona* como *Amazona aestiva* (Linnaeus, 1758) ou *Amazona amazonica* (Linnaeus, 1766).

estes resistem ao frio mais que os outros. Os periquitos são também belíssimos, pequenos como um tordo e de cor totalmente verde³²⁸. São bastante graciosos e falam moderadamente com uma voz de polichinelo³²⁹. Raras vezes, porém, se consegue levá-los vivos a Lisboa, porque sendo pequenos, frágeis e delicados não podem aguentar o frio e quase todos morrem no mar. Além das aves supracitadas, há outra tão pequena quanto o periquito que, por ser de cor vermelha purpúrea, se chama ‘cardeal’³³⁰. Também esta é vistosíssima, se bem que dificilmente se possa mantê-la viva em gaiolas. Não quero deixar passar em silêncio uma espécie de avezinha chamada ‘pica-flor’³³¹, as quais vi centenas de vezes na Bahia. Não excede o corpo de um pintassilgo. Quando voa nos ares – e também quando pousa nas árvores – parece totalmente negro à vista, mas quando se os pega na mão descobrem-se nele várias cores cambiantes, sendo semelhantes ao pescoço da pomba que, quando se a tem nas mãos, varia suas cores. Com a diferença, porém, de que o beija-flor tem por fora as cores mais vivas e mais gritantes. Diz-se que a carne e o bico desta ave constituem um fino veneno, de modo que se ele bicasse qualquer fruto comestível bastaria para ocasionar a morte a quem o comesse³³². Mas ele tem a propriedade, que lhe foi dada pela natureza, de deixar todos os frutos intactos sem tocá-los, comendo as flores – por esta razão é chamado pelo nome de pica-flor.

Por serem de natureza quentíssima – de modo que comem e digerem ferro – os avestruzes³³³ também amam as regiões quentes, portanto acham-se muitos no Brasil por este clima lhes ser favorável. É uma ave

328. “Perichiti” no original (vide Anexo 8), nome conferido a diversos Psittacidae de pequeno porte. Os poucos detalhes descritivos talvez sugiram um representante do gênero *Brotogetis* como o periquito-verde, *Brotogetis tirica* (Gmelin, 1788).

329. Ou seja, com voz tremida e esganiçada.

330. “Cardinale” no original (vide Anexo 8). A breve descrição de um pássaro com a plumagem de um vermelho purpúreo exuberante evoca sobretudo a imagem de um macho de tiê-sangue, *Ramphocellus bresilius* (Linnaeus, 1766) (Fringillidae, Thraupinae).

331. “Beccaflores” no original (vide Anexo 8), termo conferido aos diferentes representantes dos Trochilidae.

332. Sem paralelo com qualquer outra referência conhecida até o momento, os surpreendentes comentários de Zucchelli alinham-se com a crença popular de os beija-flores constituírem – à semelhança de borboletas e mariposas – seres aziagos indicadores da morte e do infortúnio (BRANDÃO, 1959; CASCUDO, 1944; PIMENTEL & LIMA, 1983; J.A. TEIXEIRA, 1959). Como existe a convicção de que essas aves nasceriam de borboletas – fábula mencionada desde o século XVI pelos jesuítas (e.g. ANCHIETA, 1933; CARDIM, 1925; VASCONCELLOS, 1663) – não parece de todo impossível que a suposta letalidade das jaquiranaboias (Fulgoridae) acabasse sendo estendida aos beija-flores, pois esses homópteros inofensivos até hoje são vistos como borboletas ao extremo venenosas. Para alguns, a peçonha das jaquiranaboias seria potente ao ponto de secar uma árvore caso o terrível inseto nela cravasse seu mítico ferrão (LENKO & PAPAVERO, 1997; SANTOS, 1957), detalhe que lembra o mencionado temor de os beija-flores serem capazes de envenenar frutas com o bico.

333. “Struzzi” no original. Vide Anexo 8 e nota 252.

grandíssima com o corpo como o de uma cabra. Como é muito pesada não pode voar pelos ares, mas corre com as asas abertas com tanta velocidade que um cavalo, galopando a toda carreira, dificilmente poderia – [assim] creio – alcançá-la em uma corrida. Quando está em pé, tem o pescoço tão comprido que, junto com o restante do corpo, chega à altura de um homem bem grande. Nos pés, à diferença das outras aves, tem uma ossatura bastante forte e unhas de cabra. Seu corpo é nu e sem plumas, tendo nas asas e cauda penachos que se usam no cabelo como ornamento. Quando as fêmeas de avestruzes querem chocar seus ovos, juntam-se muitas e depois de haverem feito na terra um buraco bastante profundo, todas botam seus ovos nele. Ao chocá-los permanecem a um braço acima dos próprios ovos, pois sendo – como já se disse – de natureza quente, estes cozinariam se chegassem a tocá-los e não poderiam nascer. Estes avestruzes são vistos muitas vezes nos lugares contíguos à cidade onde estão os matadouros, porque havendo lá grande quantidade de ossos dos animais abatidos, eles os comem e digerem com toda facilidade. Quando alguém deseja criar e domesticar avestruzes tirados do ninho, deve prestar atenção quando [os filhotes] nascem dos ovos e fazê-los apanhar pelos negros – com muito esforço, porque começam a correr logo que nascem. Mas quando ainda não têm bem firmadas as forças nas pernas, por fim se tornam presas dos negros.

Já que discorri sobre várias narrativas de quadrúpedes e voláteis, quero também dizer alguma coisa das serpentes do Brasil. Os portugueses, pelo nome ‘cobra’, chamam todas as espécies de serpentes – derivam a etimologia do nome latino *coluber*. Acha-se nestas partes, portanto, uma espécie de víbora comumente chamada de víbora de chocalho e pelos portugueses ‘cobra-de-cascavel’³³⁴. Possui tal nome porque no fim da cauda tem um chocalho que produz som. O veneno desta é de tal maneira ativo, penetrante e agudo que a mordida é acompanhada imediatamente pela morte. As pessoas, porém, podem escapar-lhe comodamente porque é muito curta de vista, de modo que não enxergam senão em uma vizinhança de quatro passos. Ao contrário, o som de seu chocalho pode ser ouvido a uma distância de vinte passos e assim as pessoas podem fugir antes de serem vistas por ela. Há igualmente outra sorte de víboras com duas cabeças, as quais não possuem cauda porque em ambas as extremidades do corpo

334. “Vipere del Sonaglio, e da’ Portoghesei Cobras de cascavel” no original (vide Anexo 8). Óbvia referência à cascavel, *Caudisona durissa* (Linnaeus, 1758) (Crotalidae).

têm uma cabeça³³⁵. Essas também parecem possuir um veneno incurável. Aham-se ainda nos sertões algumas serpentes de tamanho desmesurado chamadas ‘jiboias’ pelos negros e ‘bommas’ pelos brasileiros, das quais existem algumas semelhantes em Angola e no Congo³³⁶. Estas têm um comprimento que chega até trinta ou quarenta pés³³⁷, com grossura da proporção da cintura de um homem. Graças às suas qualidades simpáticas, comem e engolem inteiro um animal tão grande quanto uma vaca, da mesma maneira que o sapo engole a doninha e a víbora o rouxinol³³⁸. Depois de fazerem essas grandes comilanças, ficam como que bêbadas e – para digerir tal quantidade de alimento – permanecem imóveis como mortas ao sol por três ou quatro dias. Descobertas assim adormecidas são mortas pelos negros e pelos brasileiros³³⁹. Cortadas sua cabeça e cauda, têm o restante do corpo – uma vez esfolado – reduzido a belíssimos bocados que, assados sobre brasas, são comidos em santa paz³⁴⁰. O Padre Superior da missão do Brasil³⁴¹ contou-me que, achando-se ele nos sertões no exercício efetivo do exercício da missão, seus brasileiros trouxeram uma destas [serpentes] – morta por eles – com trinta e seis pés de comprimento³⁴². Ele mesmo quis comê-la e disse-me que, além de ser saborosíssima, é também de grande substância.

335. Breve alusão às cobras-de-duas-cabeças (Amphisbaenidae), lacértidos inofensivos considerados extremamente peçonhentos na tradição europeia.

336. “Gibojas da’ Negri, e da’ Brasiliani Bommas” no original (vide Anexo 8). “Jiboia” é o nome indígena para a nossa *Boa constrictor*, enquanto “boma” é um termo aplicado às pitons africanas, *Python* spp. (Pythonidae). Este último, contudo, também passaria a designar a jiboia no Brasil. Vide notas 70, 240 e 342.

337. Portanto entre 9 e 12 metros, já que essa antiga unidade de medida linear – embora muito variável – oscilava em torno de 30 centímetros. Vide nota 70.

338. Ao apagar as diferenças entre a matéria e o espírito e visualizar o cosmo como uma unidade indissolúvel governada por uma complexa rede de influências vitais e espíritos invisíveis, o neoplatonismo corrente na Europa após o Renascimento postulava que cada parte do todo mantinha com as outras uma estreita relação imposta por uma série de “simpatias” e “antipatias” ocultas, princípio válido inclusive para os organismos vivos. Entre esses “inimigos naturais” regidos por inarredável antipatia estariam, entre outros, o cão e gato, o sapo e a doninha etc. Não obstante, os sapos teriam a inverossímil capacidade de fascinar as doninhas para devorá-las, tal como supostamente fariam as serpentes com os pássaros.

339. Isto é, pelos indígenas.

340. Certas fontes asseveram que “os índios” comeriam essas serpentes “sempre lançando fora a cabeça” (e.g. VILHENA, 1921).

341. Provável referência a Bernard de Nantes, capuchinho francês que foi nomeado Superior dos Capuchinhos na Bahia em 1687. Chegou ao Brasil por volta de 1677 e permaneceu até 1700, sendo autor de um famoso catecismo no idioma Kariri (BERNARD DE NANTES, 1709). Para maiores informações, vide FARIA (1954, 1965), GABRIELLI (2009) e REGNI (1988).

342. Portanto cerca de 10 metros. Vide notas 70, 240 e 336.

Antes de terminar esta relação, quero contar alguma coisa sobre o ‘bicho[-do-pé]³⁴³, uma péssima praga de todo o Brasil e de toda a Índia [Ocidental] peruana. Na primeira tarde que cheguei ao hospício, o Padre Superior quis fazer-me lavar os pés, mas como eu – por não ter necessidade dessa lavagem – mostrava-me renitente, replicou que não só me deixasse lavar, mas também que – daí em diante – os mantivesse bem asseados e limpos para poder preservar-me dos bichos[-do-pé], sendo preciso – mesmo sem [qualquer] outra necessidade – renovar tais lavagens até duas ou três vezes por semana. Este é um animáculo pequeníssimo como uma mariposinha, que mal se percebe com a vista e que começa logo a trabalhar assim que sobe no pé, penetrando imperceptivelmente e colocando-se entre a pele a carne de tal modo que não se pode vê-lo. Uma vez ocupado esse lugar, ali começa a gerar e produzir ovos, de maneira que – ao término de vinte e quatro horas – cresce até o tamanho de um grão de milho ou de uma lentilha. Caso seja deixado por muitos dias, [cresce] até o tamanho de um grão-de-bico. Tudo isto não aparece por fora e – o que é pior – muitos não o sentem nem o percebem senão quando está muito grande. Ele se mete, na maioria das vezes, sob ou ao redor das unhas – ainda que também em outras partes, superiores e inferiores, dos pés. É necessário, então, chamar algum negro bem experiente nessa tarefa para extraí-los. Com a ponta de uma tesoura ou de um canivete, ele deve escarificar a parte lesada com tal destreza que possa tirar dali todos os ovos sem romper a película que os encerra, porque de outro modo imediatamente se forma uma chaga que, para ser curada, requer muitos dias e semanas. De início, eu não fui muito molestado por esse bicho[-do-pé] e ria-me dos meus companheiros quando os via frequentemente manquitolando devido às chagas que lhes haviam sido feitas por este mesmo bicho – as quais por vezes chegavam a produzir febre em alguns. Cedo, porém, tive de arrepender-me, pois logo depois também fui molestado de tal maneira por estas pragas que – não podendo manter-me sobre os pés – não pude sequer celebrar missa no feriado de Santana³⁴⁴. Há alguns negros na cidade que por mera incúria – não tendo cuidado de extrair os bichos – possuem todos os dedos dos pés inutilizados e corroídos. Porém, quem quiser se preservar deste mal deve empregar toda a diligência em manter os pés bem limpos para que não possam prender-se à sujeira, fazendo-se depois examinar todas as noites por algum negro para que, achando algum, possa tirá-lo com as tesouras.

343. “Biccio” no original. Vide Anexo 8 e nota 56.

344. Celebrado em 26 de julho.

Próximo da festa de Santo Antônio³⁴⁵, as baleias já começavam a se deixarem ver rebolando no mar e bufando água nos ares. Sua pesca é contratada anualmente do Rei de Portugal por sessenta mil cruzados³⁴⁶, [moeda] que tem o valor de um florim alemão – pouco mais ou menos. Quando a supracitada pesca é abundante, o contratador consegue grande lucro – quando não, arrisca ficar falido. Dois senhores meus amigos tiveram ambos, sucessivamente, esse contrato por dois anos. Em sua época, um deles capturou oitenta baleias que lhe deram um bom lucro – no ano seguinte, o outro não capturou nenhuma e acabou falido³⁴⁷. Só a carne de uma baleia de tamanho médio é vendida por até mil cruzados – e isto sendo vendida a preços vilíssimos³⁴⁸, pois é uma carne muito ruim e alimento próprio dos escravos, que dela fazem boas pançadas. As pessoas gradas, porém, não a comem senão por pura necessidade, quando não podem ter peixes melhores³⁴⁹. Além da carne mencionada acima, extrai-se também da baleia uma grande quantidade de óleo que serve para arder nos candeeiros e preparar os couros³⁵⁰. Vendem-se ainda as barbatanas, as aletas e as caudas, das quais se servem as mulheres para por no busto. De todas estas coisas se extrai lucro e ganho. Uma baleia ordinária é tão grande quanto um navio de guerra, se bem que ainda se achem maiores e menores. Seu corpo é muito semelhante ao do golfinho com exceção

345. A temporada de caça às baleias tinha início no dia de Santo Antônio (13 de junho) ou de São João Batista (24 de junho), pelo que se celebrava uma missa na Capela de Nossa Senhora de Monte Serrat localizada no pontal de Tapuípe (ELLIS, 1969).

346. Estimativa provavelmente exagerada, já que nos anos de 1693 e 1696, Luís do Couto e Antônio Amorim pagariam por seus contratos de três e um ano, respectivamente, as quantias de 40.000 cruzados e de 29.000 cruzados (ELLIS, 1969).

347. Caso as condições de pesca fossem normais, em média capturavam-se 140 baleias por triênio. Entretanto, os contratadores podiam sofrer grande prejuízo se os ventos de nordeste predominassem e afastassem esses cetáceos da costa, pois a pesca da baleia no Brasil sempre foi uma atividade litorânea. Durante a vigência do contrato de Inácio de Velasco (1672-1675), por exemplo, não mais de cinco baleias pequenas teriam sido capturadas no primeiro ano, presas que renderam 1.500 cruzados contra um prejuízo de mais de 8.000 cruzados investidos nos preparativos para a pesca. As perdas prosseguiriam no segundo ano, quando se arpoaram 22 baleias que renderam apenas 11.000 cruzados (ELLIS, 1969).

348. Cortada em fatias, salgada e seca ao sol, a carne das baleias era acondicionada em pipas que valiam de 12 a 15 cruzados (ELLIS, 1969).

349. Além de distribuída aos baleeiros, a carne era vendida às negras quitadeiras e ao povo em geral, sendo consumida fresca. Parte era salgada para servir de alimento aos escravos durante o ano e o restante era distribuído aos pobres para revenda. Lembrava a carne do boi, malgrado fosse inferior na qualidade e sabor (ELLIS, 1969).

350. Cada período de pesca implicava na captura de trinta ou quarenta baleias, as quais rendiam de 600 a 800 pipas de óleo, em média 20 pipas por baleia. Como uma pipa de óleo valia entre 18\$000 a 20\$000, apurava-se de 12.000\$000 a 16.000\$000 em média. O óleo também podia ser vendido avulso, chegando a 320 réis por canada – cerca de 1,4 litros (ELLIS, 1969).

da cabeça, que a tem diferente. É lisa, sem escamas e de pele muito fina. Quando espirra água para o alto, lança-a até uma altura de três ou quatro piques³⁵¹ e anda rebolando pelos mares como rebola o golfinho. No dia de São João Batista³⁵², os pescadores destinados a dar caça à baleia partiram da cidade com suas barcas para esse fim. É coisa maravilhosa que estas baleias – apesar de serem tão grandes e desmesuradas – tenham, porém, o esôfago (ou canal pelo qual enviam o alimento ao estômago) tão estreito e apertado que por ele não pode passar senão um peixinho pequenino como uma sardinha. Entre os portugueses, é opinião corrente que Deus lhe cerrou as fauces desta maneira depois que uma delas engoliu o profeta Jonas. Para se fazer a pesca da baleia requer-se duas barcas ou lanchas – uma para uso efetivo e outra de reserva. Faz-se da seguinte maneira: na ponta de uma longa haste, amarrada a duzentos ou mais passos de corda, fixa-se um forte arpão de ferro. Quando se vê a baleia bufar, aprontam-se imediatamente as lanchas sobreditas e – posta uma destas na direção certa – deve lançar-lhe com grande força o arpão nos flancos, revirando com presteza o mesmo ferro para que não saia da própria ferida. Assim que a baleia se sente ferida começa a fazer grandes esforços, nadando a toda velocidade e fugindo debaixo da água. Deve-se rapidamente, então, afrouxar a corda o quanto se possa e – estando a própria corda bem atada à lancha – a baleia a arrasta atrás de si para onde for³⁵³. Estando ensanguentada, entretanto, esta vai continuamente derramando sangue da ferida até que, por tal efusão e pelo esfriamento da ferida, torna-se muito fraca, regressando pouco a pouco à tona d’água. Rebocam-na semimorta a uma ilhota vizinha, onde a despedaçam³⁵⁴. Cem negros ali trabalham nela sem que um deles atrapalhe o outro³⁵⁵. Por vezes, porém, sucede que o lugar em que a baleia recebeu o golpe do arpão seja muito profundo e então – descendo demais a baleia para atingir o fundo e não sendo a corda suficientemente longa – a própria

351. Entre 19 metros e 26 metros. Vide nota 284.

352. Celebrado no dia 24 de junho. Vide nota 345.

353. Abençoadas as armas e embarcações pelo padre local, as baleeiras punham-se ao mar com um arpoador, um timoneiro, um “moço d’armas” e mais oito “moços”. No litoral, a população acompanhava de longe a caçada à espera do hasteamento de uma bandeirinha branca indicativa do êxito alcançado. Não era incomum que algumas baleeiras fossem destruídas ou afundassem antes que a tripulação pudesse cortar a corda do arpão (ELLIS, 1969).

354. Os primeiros estabelecimentos da indústria baleeira no Recôncavo baiano remontam ao início do século XVII, estando situadas na Ponta da Cruz, Ilha de Itaparica, local próximo aos pontos de pesca das baleias.

355. Depois de morta, a baleia era rebocada até a Ponta da Cruz e levada para terra com o auxílio de cordas e cabrestantes, sendo retalhada por cerca de 80 homens – em geral escravos – que se incumbiam de “desmanchar o peixe” seguindo as ordens de um “feitor de praias” (ELLIS, 1969).

lança mantida pelos negros que a feriram se abisma e afunda. Em tal caso, estes [negros] devem ser rápidos em sair nadando para subir na outra lanca que se mantém de reserva, como disse acima, até que a baleia venha à tona da água por si mesma e se recupere a baleia morta com a lanca submersa. Cada vez que se captura uma baleia, capturam-se também com ela milhares e milhares dos já mencionados ‘peixes pegadores’ que se fixam nas baleias – como já disse que se prendem aos tubarões – e vivem de sua sujeira³⁵⁶. Certo dia, um dos padres franceses do hospício quis dar a todos os missionários destinados às missões do Congo e de São Tomé que se achavam na Bahia, um pouco de recreação em Santo Antônio da Barra, [local] distante três milhas da cidade onde existe uma fortaleza que defende a entrada do porto³⁵⁷. Para minha satisfação, vi darem caça a uma baleia bem grande que andava bufando a menos de uma milha de distância da terra. Não pude, porém, ter a completa satisfação de vê-los lançar o arpão, pois antes que os pescadores colocassem a barca na direção certa, a baleia deixou de bufar e se retirou debaixo d’água. Por maiores que sejam, as baleias capturadas na Bahia parecem ser pequenas [quando] comparadas com as que se pescam no Rio de Janeiro – outra cidade do Brasil sob o Trópico de Capricórnio – porque estas ordinariamente são muito grandes. Pode-se confirmar isto porque só da língua – que é verdadeiramente gordíssima e parece um grande pedaço inteiro de pura gordura – extraem-se seis pipas inteiras de óleo, o que vêm a ser vinte e quatro cargas de cavalos. Tudo isto foi contado ao Senhor Luís César de Menezes na ocasião em que foi Governador do Rio de Janeiro³⁵⁸. Como ele considerava isto uma hipérbole, no intuito de esclarecer a verdade ordenou expressamente que deveriam avisá-lo imediatamente assim que se capturasse a primeira baleia, pois queria assistir em pessoa ao cozimento da língua para ver, com toda certeza, quanta gordura se retirava dela. E assim foi feito: capturou-se uma baleia bastante grande e ele assistiu – pessoalmente e com seus próprios olhos – extraírem não apenas seis, mas dez pipas inteiras de óleo só da língua. Como testemunha visual, ele passou então a acreditar piamente no que antes considerava incrível. Esta é, portanto, a pesca das baleias do Brasil e cada baleia, descontadas todas as despesas, trará de puro lucro

356. “Pesci Apagadori” no original (vide Anexo 8). Provável referência à rêmora, *Echeneis naucrates* Linnaeus, 1758 (Echeneidae).

357. Trata-se do Forte de Santo Antônio da Barra. Vide notas 270 e 300.

358. Governador do Rio de Janeiro entre 1690 e 1693, Luís César de Menezes terminaria por assumir o governo-geral do Estado do Brasil entre 1705 e 1710.

ao contratador uns bons mil ducados venezianos e ainda mais. Há duas opiniões quanto ao âmbar-gris³⁵⁹ que por acaso se encontra nas praias do mar, mas nem uma nem outra podem ser provadas categoricamente. Alguns são do parecer de que é gerado da espuma do mar, outros que é o esterco da baleia. Contudo, matam-se tantas baleias e nunca se encontra nos intestinos delas sequer um grão de âmbar, de tal modo que não se pode saber realmente de que coisa ele seja produzido.

Entrementes, a frota que viera comigo de Portugal ao Brasil e as outras naves que da mesma forma encontrei já ancoradas neste porto – por terem partido um mês antes de Lisboa – estavam todas, com toda a presteza, metendo a carga para retomar o caminho de volta para a Europa e chegar a Portugal a tempo oportuno – por volta de meados do mês de outubro – antes que dominassem os ventos boreais que costumam tornar trabalhosas as navegações da Ilha Terceira³⁶⁰ até Lisboa durante o outono. Pela escassez de açúcar, que faltava neste ano em todo o Brasil, as embarcações tentavam obter a carga que pretendiam. Apesar disto, só nesta cidade da Bahia, carregaram quinze mil caixões e – adicionada a estes a carga de tabaco e de outras coisas próprias do Brasil – ficaram prontas para principiar sua longa viagem. Suspenderam por alguns dias, entretanto, sua partida, tendo corrido a voz que – para maior segurança do comboio – também a frota do Rio de Janeiro devia unir-se a esta e ambas, em conjunto, teriam depois de levar consigo a terceira frota de Pernambuco para passarem todas juntas a Lisboa. Mas como a do Rio tardou em vir, talvez por falta de carga, para não ter mais desvantagens com despesas içaram âncora aos catorze de julho – festa de São Boaventura – e com vento próspero puseram-se de velas para Portugal. Partiram nesse comboio cinquenta navios, mas como algumas grandes naves não tinham ainda a carga adequada – e considerando-se, por outro lado, por si só suficientes para poderem se defender de algum mal encontro com corsários – protelaram ainda por duas outras semanas sua partida. Eu, no entanto, que por falta de embarque já tinha experimentado uma demora de vários meses no Brasil, desejava ao extremo concluir minha viagem na primeira oportunidade que pudesse ter alguma embarcação partindo para o Reino de Angola na Etiópia. Com esta esperança fiz todas as provisões necessárias para essa navegação, esperando com impaciente desejo descobrir alguma oportunidade de embarcar.

359. "Ombra griggia" no original. Vide Anexo 8 e nota 122.

360. Uma das nove ilhas principais do Arquipélago dos Açores.

RELAÇÃO SEXTA.

DA LONGA VIAGEM FEITA DA CIDADE DA BAHIA ATÉ A ETIÓPIA INFERIOR OCIDENTAL NA ÁFRICA, AOS REINOS DE BENGUELA E DE ANGOLA, CONQUISTAS DE PORTUGAL CONTÍGUAS AO REINO DO CONGO.

Entrementes, estava se aprestando um patacho pertencente ao Governador do Reino de Angola³⁶¹ – dedicado à Imaculada Conceição de Maria Virgem Nossa Senhora – para passar do Brasil à Etiópia. Fui rogar ao Capitão Antônio Coelho, portanto, que se apiedasse de dar-me passagem para aquela viagem, pois não ansiava outra coisa senão poder terminar minha viagem. Ele condescendeu prontamente com as minhas instâncias com toda cortesia e humanidade, tanto pelo afeto que ele próprio mostrava ao hábito da Ordem, como também pelo comando preciso e expresso do supracitado Senhor Governador de Angola de dever levar todos os missionários capuchinhos destinados ao Congo que encontrasse no Brasil. Assim avisado pelo capitão, subi a bordo em três de setembro [de 1698] e nesse mesmo dia – apesar de o vento não ser muito favorável – fizemo-nos à vela com um total de sessenta pessoas. [...]”

361. Provável referência a Luís César de Meneses, Governador e Capitão-General de Angola entre 1697 e 1701.

VERSÃO PARA O PORTUGUÊS ATUAL DO TEXTO REFERENTE À SEGUNDA ESTADA DE ANTONIO ZUCHELLI DA GRADISCA NO BRASIL (1703)³⁶²

“RELAÇÃO VIGÉSIMA.

DA NAVEGAÇÃO DE VOLTA FEITA PELO PADRE MISSIONÁRIO À CIDADE DA BAHIA EM NAVIO CARREGADO DE ESCRAVOS NEGROS, QUE SE TRANSPORTAVA DESSA VEZ E DA SEGUNDA ESTADA DO MESMO NA PROVÍNCIA DO BRASIL.

Estava-se aprestando nesse tempo, para uma viagem à Bahia no Brasil, uma nave chamada ‘Turone’³⁶³ dedicada a São Pedro Gonçalves³⁶⁴ e às almas do Purgatório, [embarcação] do amabilíssimo Tenente-General Rodrigo da Costa³⁶⁵ de Luanda. Apesar de não levar nenhuma peça de artilharia – por não ser esta passagem molestada por corsários – era, não obstante, uma grande nave capaz de transportar quarenta canhões. Havia fretado a câmara da popa certo Antônio Falcão, comerciante assaz rico de Luanda, que resolvera – após uma residência de muitos anos naquela cidade – passar à Bahia com mulher e filhos e daí em seguida a Lisboa para repatriar-se pelo restante de sua vida. Havendo ele ouvido que eu também tinha a mesma ideia de embarcar para o Brasil e Portugal para depois passar para a Itália, sendo muito devoto dos missionários, veio visitar-me no hospício³⁶⁶ e com calorosas instâncias pediu se eu queria que ele me acompanhasse naquela viagem, demonstrando-se sumamente desejoso de ter em sua companhia um missionário capuchinho para qualquer necessidade espiritual que lhe pudesse ocorrer nesse longo trajeto de mar desde a África até a América. Como viu que ainda me encontrava enfermo de uma febrícula lenta que sobrava da última enfermidade e que me havia

362. Tradução livre baseada em ANTONIO ZUCHELLI DA GRADISCA (1712) e WALCKENAER (1842).

363. Conforme o original (vide Anexo 8).

364. São Pedro Gonçalves Telmo, protetor dos navegantes. Vide nota 57.

365. Radicado em Angola em 1670, Rodrigo da Costa de Almeida ocupou os postos de Capitão-Mor da Província de Lobedo, Tenente-General da Artilharia e Provedor da Fazenda. Deixou a armada após seis anos de atividades, passando a dedicar-se ao comércio e ao tráfico negreiro. Fixaria residência em Salvador no ano de 1713 como um rico homem de negócios (vide também PANTOJA, 2003).

366. Provável referência ao Hospício de Santo Antônio, construído em Luanda no ano de 1668.

surpreendido chegando a Angola, quando terminava a viagem terrestre do Congo, com muita cortesia e carinho ofereceu-me tudo aquilo que me fosse necessário para essa viagem sem que eu tivesse que cuidar minimamente de prover-me de coisa alguma necessária para a vida humana, pois ele levava consigo abundantíssimas provisões – bastantes não só para a comodidade de toda sua família, mas muito mais do que algum capuchinho embarcara o necessário – com as quais poderia acudir-me em tudo que pudesse necessitar nessa navegação. Vendo oferta tão cordial e vantajosa para a pouca saúde que tinha, julguei não dever deixar fugir das mãos uma tão boa ocasião de embarque e de simultaneamente consolar aquele amigo que, com tanta ansiedade, desejava minha companhia. Tinha só alguma preocupação com a atual febre que me molestava, a qual – mesmo que fosse ligeira – era contínua e sem novos acessos, mantendo-me muito débil e fraco. Considerando, todavia, que na própria nave não me faltaria nenhuma comodidade que se poderia ter em terra – tanto de repousar em um leito, como de ter barbeiros que pudessem sangrar-me nas ocorrências que pudessem sobrevir, [além de] remédios e a preparação de alimentos adequados à enfermidade – finalmente resolvi abraçar o partido. A nave já estava quase toda carregada e – para não perder mais tempo – fui logo falar com o Senhor Tenente-General para que se compadecesse e me desse passagem em seu navio. Ele demonstrou alegrar-se muito com esta minha instância e, pelo bom afeto que me tinha, não só concedeu-me – com toda benignidade – o quanto lhe pedi, mas quis também agradecer – além disso – o [fato de] ter decidido embarcar em sua nave, dizendo ter sempre o bendito Deus lhe dado um bom resultado em seus negócios e uma feliz navegação todas as vezes que algum capuchinho seguira em seu navio. Ordenou logo ao capitão que devia tratar-me em toda a viagem do modo e da maneira que houvera tratado sua própria pessoa, socorrendo-me com toda a possível e maior caridade em tudo que eu pudesse necessitar até o Brasil. Quis ainda que me designassem como alojamento um camarote muito cômodo, localizado no castelo de popa, para que ali – apartado das pessoas – pudesse gozar meu isolamento e fazer a viagem com toda comodidade.

Recomendando-me então à divina providência – para que, com Sua santa graça, me assistisse nessa longa viagem, ainda enfermo e febricitante – embarquei de volta para o Brasil, dando um último adeus à Etiópia. Não é coisa fácil contar quão grandes são os sofrimentos padecidos nessa navegação e quão dolorosos os incômodos e as misérias que

nela se experimentam, porque estando estas naves que partem de Luanda para o Brasil extremamente carregadas de negros – os quais representam o principal negócio da Etiópia com a América – estes emanam um fedor tão desagradável ao olfato e um bafo tão insuportável por toda a nave que são capazes de fazer desfalecer e desmaiar em delíquio os passageiros brancos não habituados com essa espécie de civetas³⁶⁷. Remediam-se estas misérias limpando o navio todos os dias das imundícies e lavando-o com vinagre forte, mas todas essas diligências, contudo, não são ainda suficientes para eliminar o grande fedor produzido por essa copiosa negraria que está agrupada, como bestas, no passadiço e na coberta. Além dos vários passageiros embarcados para a Bahia e dos marinheiros pagos para dirigir a embarcação, a nave levava também setecentos ou mais escravos, transportados para serem vendidos no Brasil. Setenta destes negros morreram na viagem, alguns pelas já mencionadas e inevitáveis misérias que se sofrem e outros pelas quizílias e pactos que tinham com o diabo. Muitos deles, mesmo isentos de qualquer enfermidade, pela pura repugnância de passar ao Brasil preferiram antes morrer voluntariamente revirando por si mesmos os olhos e a língua, sufocados pelo diabo através dos conciliábulos anteriores que tinham com ele. A este desvairamento, desde que não seja muito súbito e previsível pelos brancos, acode-se com fogo. Quando eles, para morrer, começam a revirar a língua, estando os brancos prontos para tocá-la com um tição em brasa, o demônio desiste de sua atividade e eles são preservados da morte. Desta maneira preservamos a vida de muitos negros, mas isto quando estes acidentes aconteciam de dia, pois para tal efeito sempre se tinham vários tíções no fogo. Mas quando aconteciam à noite, eles ficavam – como já disse – sufocados e [quando] encontrados mortos na manhã seguinte, eram jogados ao mar. Para evitar qualquer desordem, soada a Ave Maria, separavam-se as mulheres dos homens e estas eram mantidas com suas crianças pequenas no passadiço, baixo chave, enquanto os homens [ficavam] de fora na coberta. Além dos escravos para o comércio levados para vender no Brasil, havia também outros – já domesticados há muitos anos nas casas de brancos – que atendiam como criados a todas as necessidades que surgiam durante o dia no navio. Um desses, mais desgraçado que os outros, roubando várias vezes à noite a chave do passadiço onde, como

367. “Zibetti” no original (vide Anexo 8). Antonio Zucchelli maldosamente compara o fétido odor reinante em um navio negreiro ao cheiro das civetas (Viverridae), carnívoros de pequeno porte bem conhecidos por suas fortes secreções almíscaradas. Um “odore di Zibetti” poderia ser entendido, portanto, como um pronunciado “cheiro de almíscar”.

disse, ficavam encerradas as mulheres, por vezes deleitava-se indo visitá-las. Mas pouco tempo pôde manter oculta sua patifaria, porque o capitão, sabendo desse delito, mediu-lhe as espáduas com uma carga de bastonadas bem calcadas, suficientes para livrá-lo dessa tentação venérea pelo resto da viagem. Talvez pelos já mencionados incômodos da navegação, por esse tempo também se enfermou um passageiro branco. Agravando-se-lhe a enfermidade e depois de ter recebido os Santos Sacramentos da penitência e da extrema unção, em poucos dias rendeu sua alma ao Criador, sendo atirado ao mar como os outros.

Soube então muito bem o quando me fora necessário e útil aquele camarote – a mim destinado por parte do tenente-general proprietário do navio – para poder preservar minha vida, porque – continuando quase sempre minha febre durante o resto da viagem – parece-me moralmente impossível que tivesse podido levar minha pele ao Brasil se não tivesse gozado esse mínimo conforto, [mantendo-me] afastado dos sofrimentos comuns que inevitavelmente devem ter sofrido todos os outros na nave. Entre os outros males que sofria – ocasionados não menos pelas penas misérias da navegação do que pela doença que me trazia a febre – o maior de todos foi o doloroso fluxo que, pouco antes de partir de Luanda, me sobreviera nos olhos e que aumentou no mar de tal maneira que quase me fazia enlouquecer. Passando de um olho ao outro com espasmos sobremodo excessivos, de tal modo me empanara a visão que cheguei a crer que aqueles densos humores, caso se fixassem nos olhos, deixar-me-iam totalmente cego por fim. Para impedir esse humor pernicioso mais de uma vez fiz sangrar a veia da cabeça, mas [mesmo] com tudo isto nunca logrei de fato impedir o fluxo nem eliminar de todo aquelas dores acerbísimas que me eram causadas pelo próprio fluxo. Em todas essas minhas desgraças sempre me acudiu com toda a caridade possível o mencionado Antônio Falcão e – com o socorro externo de víveres bem preparados e com a assistência interior da amorosa mão de Deus – fui prosseguindo a viagem, sofrendo com tolerância todos estes males por ser esta a vontade divina que me as mandava. Entre tantos sofrimentos, a única consolação que tínhamos todos nós – restringidos às entranhas de um madeiro sobre as volúveis ondas do elemento líquido – era que a divina clemência sempre nos favoreceu com próspero e favorável vento, pois bastou nos afastarmos das terras da Etiópia para nossa navegação prosseguir sempre com tal felicidade que nunca tivemos que perder uma só hora de boa marcha.

No décimo oitavo dia depois de nossa partida do porto de Luanda, descobrimos perto uma ilhota com nove milhas de circunferência chamada Ilha da Ascensão. Apesar de desabitada, [esta ilha] torna-se muito adequada, porém, para as navegações, porque tendo em seu interior muitas fontes de água doce e salubre, as embarcações que por ali passam – especialmente as que partem da tramontana para o meio-dia³⁶⁸ a caminho das Índias Orientais – podem comodamente fazer suas provisões de um elemento tão necessário à vida humana. Nosso capitão, entretanto, tendo-se provido de bastante água antes de partir de Luanda, não quis ali fundear para não perder tempo. Eu, por minha parte, desejava fortemente que ele fizesse uma nova provisão pelo menos para as pessoas brancas que se encontravam na nave, pois já previa que no restante da viagem – como depois sucedeu pontualmente – todos estaríamos limitados a beber água verminosa e fétida. Todavia, ele persistiu em sua decisão para poder prosseguir mais rapidamente em sua derrota para a Bahia. Em toda esta viagem não há necessidade de tomar a altura do pólo ao meio-dia, porque – sem virar para parte alguma – sempre se navega diretamente do levante ao poente, sendo os ventos dominantes sempre favoráveis, levando as embarcações da África para a América com a possível exceção de, acidentalmente durante uma travessia, soprar um vento diferente. Mas uma vez cessado este, o mar volta à sua tranquilidade anterior e o voltam a soprar os ventos dominantes do Levante. Isto não se passa, entretanto, com as embarcações que vão da América para a África, porque tendo elas sempre os ditos ventos contrários à proa, por segurança da navegação os pilotos são necessariamente forçados a atingir mais ou menos a altura do Cabo da Boa Esperança, conforme a situação dos portos que têm a intenção de alcançar. Atingindo a dita altura conveniente, após terem descoberto terra, devem costear o litoral da Etiópia até chegarem aos reinos e províncias pretendidas.

Depois de encontrarmos a dita ilhota da Ascensão, que muito ajuda no bom desempenho da navegação, fomos continuando sempre nosso caminho no mesmo rumo. Chegadas as festas do santíssimo Natal de Jesus Cristo, celebramos no mar essa solenidade o melhor possível. Pelo excessivo agravamento de minha enfermidade – que de tal maneira me tinha tolhido as forças que nem mais podia manter-me em pé para dar algum passo – podia apenas ficar sentado na cama, ansiando ardentemente vislumbrar as terras do Brasil para poder livrar-me das moléstias da navegação. E

368. Vide nota 273.

temia muito ser forçado a protelar o desembarque por alguns dias devido a algum acidente no mar, podendo ao fim perder a vida e encontrar naqueles vórtices minha sepultura. Quis finalmente o bendito Deus consolar-me, pois vindo o primeiro dia do ano 1703, à tarde chegamos a descobrir terra para alegria geral de toda a nave. Para não arriscar a perda da embarcação, o capitão quis manter-se ao largo ao cair da noite. Na manhã seguinte as velas foram novamente içadas ao primeiro alvorecer – embora com vento fraco, que amiúde sói faltar à vista da terra – e fomos pouco a pouco nos avizinhandando do porto da cidade de Bahia. Apesar de não podermos atingir o porto, pelo menos avançamos outro tanto com maior segurança do que na tarde anterior até podermos fundear com uma âncora, desta maneira assegurando de não perder a vantagem conquistada durante as horas de correntes contrárias. Assim ancorados permanecemos toda aquela noite e na manhã do dia três de janeiro – o trigésimo terceiro de nossa navegação – foi içada a âncora com a qual havíamos fundeado e prosseguimos, fundeando novamente na Bahia, às quatro horas da tarde, no lugar habitual – com doze passos de água. Esta viagem foi melhor do que todas as outras que fiz antes, pois consistiu de 3.000 ou mais milhas em linha reta percorridas ao termo de trinta e três dias com toda a felicidade, sem jamais encontrar – em todo esse tempo – nem borrascas, nem acidentes marítimos e nem algum outro trágico acontecimento frequentemente vistos nas longas navegações.

Governava a essa época o Brasil, com título de Governador-Geral, Dom Rodrigo da Costa³⁶⁹, piedosíssimo cavalheiro de Portugal, a quem – na frota anterior – tinha passado o governo Dom João de Alencastre³⁷⁰ após dois triênios de regência. Como poucos meses antes – por intrigas políticas e por várias máculas e suspeitas imaginadas nas delicadas matérias de Estado – Sua Majestade o Rei de Portugal³⁷¹ havia removido das missões do Brasil nossos padres franceses do hospício³⁷² onde também os missionários italianos em trânsito para a Etiópia costumavam alojar-se

369. Fidalgo português e Cavaleiro da Ordem de Cristo, Dom Rodrigo da Costa (1657-1722) foi Governador da Índia (1686-1690), Governador-Geral do Brasil (1702-1705) e Vice-Rei da Índia (1707 a 1712).

370. Militar português, Dom João de Alencastro – ou Alencastre – (1646-1707) foi Governador de Angola (1688-1691) e Governador-Geral do Brasil (1694-1702).

371. Referência a Dom Pedro II, que ocupou o trono português entre 1683 e 1706.

372. Após impedir a chegada de novos capuchinhos franceses no ano de 1687, Dom Pedro II terminaria por expulsar os que aqui já residiam através de uma determinação régia datada de 1701. Tal decisão teve como pano de fundo tensões diplomáticas criadas entre Portugal, França e a Santa Sé, bem como o conflito desses religiosos com a poderosa Casa da Torre e a disputa dos capuchinhos franceses e italianos pelo controle do Hospício de Nossa Senhora da Piedade, localizado em Salvador. Para outros detalhes, vide GABRIELLI (2009) e a nota 230.

nos anos passados, eu não sabia – nesta minha segunda chegada ao Brasil – onde encontrar abrigo para morar nos meses que devia passar nesta cidade. Tomei o expediente, [portanto], de ir ver pessoalmente o dito Senhor Governador para que tivesse a bondade de permitir-me passar ao Hospício da Piedade – do qual pouco antes haviam sido banidos os padres franceses – até que, tendo-me refeito de minhas indisposições, tivesse a boa fortuna de encontrar algum navio para ir a Lisboa. Acolheu-me ele com singulares demonstrações de benignidade e amabilidade e com raras finezas de afeto usou todas as artes possíveis para manter-me junto a ele no Palácio Real durante todo o tempo que devesse permanecer na Bahia, mostrando muita renitência a que eu fosse para o dito Hospício da Piedade por uma causa precisa: porque estando esse hospício já desabitado há alguns meses e eu – por outro lado – necessitado de bons cuidados por estar maltratado pelas enfermidades habituais contraídas na Etiópia e quase totalmente destituído de forças, não podia conseguir ali qualquer ajuda de criados ou alimentos obtidos por caridade, dos quais grandemente precisava. Em contraposição, argumentei que esta minha estada no Brasil deveria estender-se por muitos meses, não me parecendo conveniente submeter por tanto tempo esse cavalheiro a tal sujeição e tão grande incômodo. Instei de novo, calorosamente, para que não tivesse essas preocupações com minha pessoa, pois tinha a firme esperança que o clementíssimo Deus haveria de instilar tais sentimentos de caridade nos corações de nossos antigos devotos, que não deixariam de acudir-me – com toda a amabilidade e afeto – com tudo que pudesse necessitar. Vendo ele, então, que eu ainda persistia em meu pedido, não mais quis obstar a meus desejos, condescendendo com seu beneplácito à minha petição. Com singulares expressões de afeto, ofereceu-me todo empenho de sua parte em prover-me, a qualquer instância, de tudo que pudesse precisar durante o tempo de minha estada nesta cidade. Apresentei-lhe então os agradecimentos que devia a tão benignas e cordiais expressões, despedi-me dele e fui para o mencionado Hospício da Piedade.

Durante todo o tempo que passei na Bahia – seis meses inteiros – nunca deixou esse devotíssimo cavalheiro de dar-me a conhecer, por obras e resultados, a singular devoção que desde o princípio, com vivas expressões de palavras, havia me demonstrado de boca, enviando muitas vezes por semana pessoas de sua corte a visitar-me para indagar como andava de saúde e mostrando-se sobremaneira interessado em meu bem-estar. Amiúde

provia-me com muitos socorros de coisas relativas ao sustento de um convalescente e de tudo quanto podia persuadir-se que me fosse de alguma necessidade. Muitas vezes condescendeu em enviar seu próprio médico – do qual se servia – para visitar-me e por tal meio descobrir claramente minhas necessidades, a fim de que não me faltasse qualquer auxílio necessário para recuperar a saúde. Chegando ao hospício, comecei a conversar e a fazer amizade com aqueles vizinhos que antes tinham sido afetuosos com nossos padres franceses, entre eles especialmente duas irmãs casadas com opulentos e ricos comerciantes, as quais se mostraram muito amáveis e logo combinaram entre si – durante todo o tempo que me fosse conveniente permanecer no Brasil – enviar-me diariamente comida já preparada, uma delas nos dias de carne e a outra peixes nos dias de abstinência. Foram assim tão fiéis em manter essa boa proposta que nunca tive o cuidado de dever preparar uma só refeição no hospício. Quando o supracitado Senhor Governador ou outras pessoas amáveis me mandavam presentear outras coisas de comer, eu remetia tudo para as mãos daquelas duas irmãs, para que as preparassem com o devido cozimento. Tanto nisso como em qualquer outra ocorrência, elas me acudiram com tanto afeto e caridade que conservarei para sempre perpétuas dívidas. Com esses meios humanos – e principalmente com a ajuda do bendito Deus – comecei pouco a pouco a refazer-me do mal e a recuperar algo das forças, tanto que já começava a celebrar a santa missa e posteriormente dar alguns passos, tanto dentro como fora do Hospício. Porém, como as enfermidades contraídas em Angola e no Congo são doenças crônicas e inveteradas que fixam suas raízes nos ossos, em todo esse tempo nunca logrei recuperar por completo a saúde anterior. Tinha recaídas de quando em quando e o mencionado fluxo dos olhos particularmente agravou de tal maneira a acerbidade das dores anteriores que, ao final, deixou-me muito debilitada e enfraquecida a vista. Estava já habituado, entretanto, a sofrer as moléstias da enfermidade e parecia-me ser bastante valente e forte todas as vezes que me achava em uma competente convalescença que não me obrigasse a permanecer na cama e que me permitisse poder dar alguns passos dentro do hospício.

Assim, portanto, vivia na Bahia como aprazia a Deus, ou seja, um pouco bem e um pouco mal. Para falar mais a verdade, todavia, mais mal que bem, porque na maioria das vezes fui afligido por várias indisposições e apesar de ir melhorando um pouco delas, nunca mais pude gozar uma real e verdadeira saúde. Sobreveio então a quaresma, e eu, em benefício das almas, devi prestar-me a tomar as confissões do povo, sendo hábito de

muitos sepultar voluntariamente seus pecados nos ouvidos de confessores que não os conhecem. Tal sucedia comigo não só de dia, mas bem frequentemente também à noite, em cuja escuridão amiúde vinham mulheres brancas gradas que, vivendo à vista do mundo em estado de virgindade, não ousavam sair de casa à luz do dia pela natural vergonha de se deixarem ver com o ventre túmido de uma voluntária e animada hidropisia³⁷³. O serviço de Deus e a caridade fraterna que eu devia ter para com o próximo não permitiam que, apesar de convalescente, pudesse subtrair-me daquele trabalho por minha própria comodidade. Para exercer esses atos de caridade, era meu dever baixar a cabeça à paciência e submeter-me a esse peso do qual esperava resultarem honra e glória à Divina Majestade e benefícios espirituais àquelas almas que se encontravam dominadas pelo duro jugo do pecado. Para não comer, por assim dizer, ingratamente o pão, eu devia ainda corresponder de alguma maneira às muitas caridades e socorros corporais que me eram abundantemente oferecidos nesta cidade. Nem tinha outro modo mais próprio e conveniente de satisfazer tais deveres senão o de servir ao povo – mesmo com meu incômodo e tanto quanto me permitiam as forças – nas necessidades espirituais de suas almas. Para tal efeito, havendo-me sido feitas sobre isso várias instâncias de pessoas notórias, abracei também o encargo de pregar, em língua portuguesa, todas as tardes dos sábados da quaresma em nossa Igreja da Piedade, comparando todo o povo daquela vizinhança aos sermões tanto pelo conceito corrente que têm de serem os missionários mais fervorosos que os outros ao pregarem a palavra de Deus, como também pela curiosidade de ouvirem os pregadores da nação italiana, que pregam com estilo e ações muito diferentes que os dos portugueses.

Nesta cidade da Bahia conheci e fiz amizade com certo Luís do Vale³⁷⁴ o qual – apesar de ser flamengo de nascimento – residiu na maior parte da sua vida nas Índias Ocidentais, tanto no Peru como no Brasil. Este homem singularíssimo e – direi melhor – único em seu gênero no mundo – que nunca mais verá um segundo, conforme o universal parecer de todos – foi o inventor de fazer tiras de papel entalhadas com tesouras e colocadas por segurança entre dois vidros, [trabalhando-as] com uma fineza e sutileza tão grandes que causam espanto e admiração em todo o mundo. Todos os que viram e examinaram bem suas obras ficaram ao extremo atônitos e quase

373. Ou seja, estavam grávidas.

374. Talvez um aportuguesamento de Lodewijk de Waal.

fora de si mesmos pelo estupor, parecendo-lhes impossível que um simples indivíduo pudesse humanamente chegar, com sua própria e natural indústria, a entalhar com tesouras um pedacinho de papel com tanta delicadeza e perfeição como são feitas essas tiras, hoje tão estimadas por príncipes e reis do mundo. Normalmente se persuadem terem sido entalhadas ou por algum anjo ou por algum demônio. Ao tempo em que este homem – tão singular nesta arte de uma nova invenção não aprendida de nenhum mestre, mas apenas devida ao seu próprio gênio – residia no Reino do Peru, foi citado muitas vezes pelos inquisidores do Santo Ofício para que prestasse conta de com que arte fazia esses seus trabalhos, mantendo eles forte suspeita de que não podia fazer aquelas tiras senão com a ajuda de algum espírito familiar. Para tanto, quando ele fazia seus entalhes, mandavam frequentemente pessoas espionarem com toda minúcia cada ação sua para se certificarem fundadamente se essas obras eram realmente feitas com a arte humana ou então diabólica. Mas vendo que sempre trabalhava sob a vista e na presença de qualquer um – e que na verdade essas obras eram executadas através de sua grande indústria e habilidade – eles nada mais tiveram a fazer senão dar de ombros, partindo atônitos e admirados com tanta capacidade. Esta sua atividade consiste principalmente em três coisas: na firmeza da mão (de modo que é capaz de fender – direta e longitudinalmente com suas tesouras – um fio de cabelo sem que fique truncada nenhuma parte lateral), na acuidade de sua vista ser perfeitíssima (que com o avanço da idade era ajudada com simples óculos) e na perfeição das tesouras (das que ele mesmo aguçava a ponta até a sutileza de um pelo). Essas tiras são, na maioria, ovais ou então octogonais, com quatro dedos ou mais de comprimento e três de largura. Veem-se distintamente milhares e milhares de detalhes e para descobri-los é preciso gastar horas inteiras e possuir uma vista muito aguda e perfeita.

De ordinário, ele faz essas tiras da seguinte maneira: ao longo da borda externa da obra faz um friso de largura adequada no qual, com artifício e beleza admiráveis, entalha flores e frutos com uma fineza e simetria tão bem ordenadas que acrescenta um extremo embelezamento à própria obra. De ambos os lados, tanto no interior como no exterior do friso (e por vezes só no exterior ou transversalmente do exterior para o interior), entalha passagens de textos das Escrituras, motes ou frases semelhantes – conforme lhe é pedido – com entalhes tão finos e diminutos que não sei se a imprensa poderia extrair do prelo outras semelhantes feitas com tanta

perfeição. Depois disto, na parte de cima do interior da tira, entalha um pequeno bosque com várias espécies de árvores bem colocadas onde, com a devida distinção, vêem-se os ramos separados uns dos outros, as frondes, as folhas e por vezes também os frutos que costumam produzir. Em alguns lugares existem ramos secos e sobre estes se veem diversas espécies de aves dispersas aqui e ali como papagaios, canindés, periquitos e outras aves das Índias [Ocidentais]. Em outros ramos estão ainda macacos, saguis e congêneres, uns com uma postura e outros com outra. O substancial, na parte inferior, consiste em figuras de santos, por exemplo: um São João Batista, uma Madalena, uma Imaculada Conceição, um Natal do Senhor e coisas semelhantes, fazendo não só a sombra dos hábitos mas as feições dos rostos com finíssimas incisões, por fim cercando os próprios santos com coros de anjos ordenadamente dispostos. Pode-se deduzir o quão finos são esses entalhes [pelo fato] de na cabeça de um santo – apesar de tão pequena quanto a cabeça de um alfinete mediano – ver-se distintamente esculpido com tesoura os olhos, o nariz, a boca, as orelhas, as sobrancelhas, a barba e qualquer outro detalhe que levam ao encantamento e ao estupor aqueles que os examinem bem com a devida exatidão. Aqueles que nunca viram as obras deste homem não podem imaginar como eu posso exaltar tanto a sua habilidade neste tipo de recortes. Ao contrário, parecer-lhes-á mero exagero querer com tanta energia descarregar a pena para descrever um recorte de papel feito à tesoura e mantido entre dois vidros. Mas os que, pelo contrário, os viram reconhecerão claramente que, por mais esforço que eu faça para descrevê-las, jamais poderei chegar a imprimir nas mentes dos que leem estas páginas o sumo conceito em que são tidas, sendo elas – diria – quase inestimáveis em sua própria essência e dignas de se acharem somente nas mãos de príncipes e monarcas. Enquanto ainda me encontrava no Brasil, o capitão de uma nave francesa teve a boa fortuna de comprar por uns poucos trocados uma dessas tiras. Ao levá-la para bordo e mostrá-la a outros no barco, um comerciante de sua tripulação ofereceu-lhe logo por ela duas mil peças de Espanha. Ele não quis, porém, vendê-la por preço algum por mais vantajoso que fosse, pois tinha a intenção de levá-la a Paris como presente a seu rei na qualidade de coisa preciosa parelha a qualquer joia. Pois este homem tão único e singular neste mérito, que ao parecer de todos deveria ser riquíssimo de recursos – pelo contrário – é tão pobre e miserável que nunca tem um tostão no bolso. E por não ter vivenda própria paga aluguel de casas, tendo como benemerência passar boa parte de sua

vida nos cárceres. Quando cheguei ao Brasil, ele estava ainda na prisão por vários delitos. Havendo feito com ele uma interessante amizade, após haver cooperado com sua libertação conduzi-o comigo para o hospício, onde ficou por vários meses até que eu partisse para Lisboa – e soube cativar-me com tal arte e bom afeto que todos os recortes que produziu nesse tempo mos deu gratuitamente. É pessoa grada e bem nascida, tendo sido nos anos de sua juventude capitão de infantaria em Flandres a serviço do Rei Católico³⁷⁵. Tendo casado no Brasil, quase sempre se divorciara das mulheres por ser homem muito extravagante e inquieto com suas namoradas, com as quais casava ou prometia casar.

Chegou nesse tempo das Índias Orientais uma nave francesa de volta à Europa. Tendo a intenção de prover-se de víveres na Ilha de Santa Helena, habitada por ingleses, ao desfraldar a bandeira nacional francesa assistiu à descarga de mais de quarenta canhões de balas pelos ilhéus. Por esses sinais de hostilidade, soube que entre a Inglaterra e a França havia guerra³⁷⁶. Persuadindo-se, pois, que nas presentes circunstâncias Portugal ainda tivesse se mantido neutro, tomou o expediente de voltar a proa para o Brasil, vindo fundear na Bahia. Fiquei muito perplexo à chegada dessa nave, por não saber como resolver se para mim seria melhor esperar a frota de Portugal – e com ela passar a Lisboa – ou então servir-me dessa ocasião oportuna e ir com essa embarcação para o porto de Brest na França, com a posterior esperança de que ali não me faltaria a comodidade de passar aos portos de Toulon e Marselha no Mediterrâneo e em seguida para a Itália. A nave tinha grande força – com quarenta peças de canhão montadas – e o capitão era um homem de bem [que, por ser] muito afeiçoado à nossa Ordem, ter-me-ia dado de bom grado passagem em seu navio até a França. Havia igualmente gente suficiente para poder defender-se em qualquer ocorrência que lhe pudesse advir do encontro com embarcações inimigas, mas considerando – por outro lado – a duração da viagem, minha pouca saúde e – pior ainda – que o mar nessa época estava muito infestado de armadas e barcos corsários da Inglaterra e Holanda, acabei sendo persuadido e exortado por meus amigos e decidi permanecer no Brasil até outra ocasião mais oportuna e mais segura para embarcar para as terras de Portugal. A dita nave partiu finalmente da Bahia e soube-se depois que em tempo oportuno chegou a salvo ao porto de Brest, para onde se dirigia.

375. Vide nota 127.

376. Tratava-se da Guerra de Sucessão de Espanha (1702-1714), travada após a morte de Carlos II. Para maiores detalhes, vide CLUNY (2002).

Partida a mencionada nave, logo depois sobreveio outra – da mesma nação francesa – procedente da China e riquíssima, de cinco milhões para cima, em mercadorias preciosíssimas pertencentes aos negócios do rei. Tinha cinquenta peças de canhão todas em bronze e as próprias âncoras, também fabricadas na China, eram igualmente de bronze. Uma vez fundeada na Bahia e avisada das ferozes guerras que se desenrolavam na Europa entre a Inglaterra e Holanda contra a França, de muito má vontade resolveu seguir seu caminho, timorata e talvez pressaga dos sinistros acontecimentos que poderia encontrar com as embarcações inglesas que, com seus navios, corseavam as costas marítimas da França. Na longa viagem feita do Oriente para o Ocidente já haviam morrido ao capitão muitos marinheiros da nave, outros se achavam doentes no momento e ainda outros – finalmente chegados ao Brasil – desertavam continuamente, escondendo-se na cidade em casas de particulares para garantirem sua vida, passando a Lisboa com a frota de Portugal quando esta para lá se encaminhasse na volta. Apesar de ter grande desejo de partir do Brasil, ao ouvir essas histórias – e como não tinha tomado o partido de ir com a nave precedente pelos muitos perigos que poderiam suceder nessa navegação – assim tampouco quis abraçar esta segunda oportunidade, não me parecendo expediente por à prova minha vida em uma embarcação tão perigosa da qual os próprios marinheiros pagos procuravam por-se em segurança através da fuga. O próprio capitão, cheio de temor, não sabia resolver se içava as velas. Por ele mesmo, teria de boa vontade esperado a frota para ir de comboio com ela de forma mais segura, se é que podia se certificar que a Coroa de Portugal havia ainda permanecido neutra. Partiu finalmente essa nave contra a vontade e contra o próprio gosto, assim obrigada por respeito ao Senhor Governador. Chegando às vizinhanças da Ilha Terceira e encontrando nesses mares os ingleses, após haver combatido seus inimigos por dois dias contínuos ficou por fim em poder desses ingleses – e em lugar de prosseguir sua rota para os portos da França, para onde se encaminhava, foi constrangida contra sua vontade a dirigir a proa para a Inglaterra para ancorar com a bandeira pendente no Tâmis, em Londres.

Neste mesmo tempo aproou de Goa e fundeou no porto da Bahia a costumeira nau de Portugal que anualmente se envia ao Oriente. Como todos os navios que vêm da Índia são riquíssimos em preciosas mercadorias, costumam sempre – para sua segurança – ou esperar a frota ou ser comboiada por outras fragatas de guerra reais até Lisboa. Não se

tinha ainda no Brasil nenhuma notícia certa de como andavam os interesses de Estado dos príncipes da Europa e especialmente se a Coroa de Portugal ainda se mantinha neutra tanto em relação à França quanto com a Inglaterra e Holanda, pois dessa neutralidade dependiam a segurança e o perigo da navegação dos portugueses. Vieram finalmente essas novas com a chegada de uma grande embarcação procedente de Lisboa, chamada Princesa, dando a notícia que – ao tempo de sua partida daquela cidade – Sua Majestade o Rei de Portugal³⁷⁷ mantinha ainda na neutralidade com todas as mencionadas coroas e que para melhor assegurar a nau da Índia Oriental, havia expedido ao Rio de Janeiro duas embarcações de guerra para que, em seu retorno, a comboiassem a Lisboa com segurança. Entrementes, esclarecido por estas notícias, comecei a matutar comigo mesmo que resolução e que partido deveria tomar. Considerando maduramente que por enquanto a nação portuguesa não tinha outros inimigos senão os turcos da Barbaria e – por outro lado – que a supracitada nave, em seu regresso a Portugal, era bastante capaz de defender-se de todo encontro sinistro não só com um, mas também com dois ou três barcos berberes, achei bom não deixar escapar das mãos a boa ocasião desse navio para esperar muitos meses a frota que, como se dizia, não havia nem saído da barra de Lisboa. Inclinavam-me muito a abraçar esse partido a consideração e a reflexão de que, partindo do Brasil no mês de junho – levando-se de ordinário cerca de três meses, pouco mais ou menos, na viagem – chegaria a Lisboa em uma estação muito temperada como é o outono. Pelo contrário, se quisesse retardar minha partida para esperar a frota, teria que chegar a Portugal no próprio coração do inverno – como havia chegado a frota do ano anterior – com grandes sofrimentos de frios rigorosos causados pelos ventos setentrionais e com perigo de o barco também perder-se no mar pelos muitos azares e borrascas marítimas que mui frequentemente costuma-se encontrar nos mares e nas costas de Portugal em tempo de inverno. E se quisesse escapar de todos esses inconvenientes, toda a frota devia – em tal caso e com graves despesas – permanecer por muitos meses no Brasil, assim podendo chegar a Lisboa em uma estação mais doce e oportuna como é a primavera.

Nesse meio tempo, ainda irresoluto, andava remoendo na mente estes pensamentos. O próprio capitão da mencionada nave Princesa, que

377. Vide nota 371.

se chamava António Vaz Salgado³⁷⁸, veio visitar-me no hospício acompanhado por outros comerciantes interessados no navio. Após várias discussões, havendo ele entendido que eu tinha a intenção de retornar a Lisboa após ter regressado das missões no Congo, disse finalmente que – estando justamente se preparando para essa viagem – consideraria uma singular fortuna se eu lhe desse o gosto de ir em sua companhia e embarcasse em sua nave, dizendo ter sempre o costume, em todas suas viagens, de buscar algum missionário capuchinho dada a sua firme fé em Deus e que – estando acompanhado por qualquer religioso nosso – teria sempre uma boa viagem e conduziria o navio a salvo até o porto. Respondi-lhe que, embora atualmente me achasse com pouca saúde, mais do que contente abraçaria esse partido dada a cordial oferta que fazia, tendo já pleno conhecimento de sua bondade e do bom afeto que sempre havia demonstrado aos nossos religiosos. Todavia, devendo a nave – tal como corria a voz – por-se à vela em poucos dias e não tendo eu então nenhum aviamento das providões necessárias para empreender tal viagem, não sabia ainda se poderia – nesta escassez de tempo – prover-me do necessário para o embarque. Replicou-me que ele queria que tudo isto corresse por sua conta sem que eu tivesse sequer a ideia de prover-me de coisa alguma necessária para viver, pois estava à minha disposição tudo quanto tinha na nave e que, quanto às minhas indisposições corporais, destinar-me-ia um camarote à parte – um dos melhores cômodos do navio – para que pudesse fazer aquela travessia com toda tranquilidade, repouso e comodidade. Quanto ao aspecto espiritual, queria que eu tivesse o posto principal com o título de capelão da nave, sobrepondo-me a outro religioso – um agostiniano, seu primo carnal – vindo da Índia Oriental no mesmo navio e que tinha tomado embarque para Lisboa. Disse que também queria conferir-me um grau superior ao seu [na esfera] temporal, pois pretendia declarar-me Capitão-Mor para ele mesmo obedecer-me em tudo que lhe comandasse. Confundido sobremaneira por tantas e tão generosas ofertas feitas realmente com a mais viva e devota expressão, aceitei de bom grado o convite e dei-lhe minha firme palavra que, eliminada qualquer outra consideração, com ele embarcaria para Lisboa.

Nesse ínterim, a nave estava diariamente subindo a carga e como de açúcar e fumo de corda consiste o principal negócio do Brasil, levou nesse tempo 860 ou mais caixões de açúcar e 2.300 rolos de fumo, além dos negócios particulares dos passageiros e marinheiros os quais, todos

378. Consta que António Vaz Salgado já havia sido capitão da Armada das Índias em 1678, portanto durante o reinado de Dom Afonso VI.

juntos, perfaziam uma carga considerável. Em caráter particular, o capitão levou ainda 30 arrobas de ouro, parte em pó e parte em barras. Contudo, este não ocupava lugar, pois o havia colocado sob um travesseiro em um pequeno baú bem guardado com boas chaves para que ninguém se enamorasse dele. Só os fretes da nave pertencentes aos interessados ou donos dela montavam a oitenta mil cruzados de puro lucro e o valor da mercadoria passava de dois milhões. Uma vez carregado o navio, o capitão mandou avisar-me que, estando já pronto para partir, eu podia passar a bordo quando quisesse, tendo ele intenção de por-se à vela na primeira maré baixa. Eu então fui inclinar-me perante o Senhor Governador-Geral e igualmente reverenciar e despedir-me dos amigos e dos outros devotos que com tanto afeto e caridade me haviam mantido em minhas necessidades. Com todos eles havia contraído muitas obrigações durante a longa permanência de seis meses naquela cidade. Nesta minha partida, nenhuma outra paga poder-lhes-ia oferecer em troca senão assegurar-lhes a contínua lembrança que terei deles ao recomendá-los a Deus nas minhas orações, apesar de fracas. Considerando as grandes ofertas que me foram feitas pelo Capitão, não tencionava levar comigo nenhuma provisão de coisas relativas a víveres, mas esses devotos, na ocasião de minha partida, por si mesmos quiseram mostrar-se tão generosos e liberais que me mandaram para o navio uma provisão tão abundante que excedia em muito a necessidade que eu poderia ter durante toda a viagem.

RELAÇÃO VIGÉSIMA-PRIMEIRA.

EMBARCA O PADRE MISSIONÁRIO DA BAHIA NA NAVE CHAMADA PRINCESA PARA PASSAR COM ELA A PORTUGAL E DESCREVEM-SE VÁRIOS SUCESSOS OCORRIDOS NA DITA NAVEGAÇÃO.

Como disse na relação anterior, feitas as despedidas e dado o último adeus aos benfeitores e amigos que tive no Brasil após uma longa estada de seis meses nesta cidade da Bahia, fui novamente avisado pelo capitão que deveria o quanto antes embarcar e passei a bordo com a comodidade de uma lancha que para tal efeito ele mesmo me mandara, apesar de ainda não estar perfeitamente são, mas pelo menos com uma boa convalescença. Já estava preparado o navio para a partida, estando a maré ainda nos últimos quintos de sua subida. Assim que principiou a diminuir e tornar-se baixa, içada a última âncora com a qual ainda estava presa a nave e feitas as convenientes saudações à Fortaleza Real, à nau da Índia e aos outros navios amigos, despegamos finalmente as velas ao vento e sob os auspícios de Maria Virgem Nossa Senhora, a quem justamente era dedicada a nave, no último dia de junho do ano de 1703, um dia de sábado, demos feliz início à nossa viagem de retorno à Europa [...]"

Anexos

ANEXO I. A PRIMEIRA VIAGEM DOS CAPUCHINHOS AO CONGO (1645) SEGUNDO A TRADUÇÃO DE PELLICER DE OSSAU SALAS Y TOVAR (1649)³⁷⁹

[Página 1r]

“Don Alvaro, que fue el Sexto deste Nom-/bre, entre los Reyes de Congo, i Hermano/ de Padre, i Madre de Don Garcia Segun-/do, que al presente Reyna³⁸⁰; celoso de la Re-/ligion Catolica, de sus Provincias, escrivio el Año/ Treinta i nueve deste Siglo, vna Carta al Pontifice Vr-/bano Octauo³⁸¹, de Feliz Recordaciõ, en que con afectuo/sa instancia suplicava a su Santidad, le embiasse Minis-/tros Evangelicos, para la Conservacion, i Aumento/ de la Fè Catolica en su Reyno. Siendo vna de las calida-/des que pedia en los Ministros, que fuessen Religiosos

[Página 1v]

desinteresados, y que no llevasen otro fin, que la Hon-/ra de Dios, i salvacion de las Almas.

El Põtifice Sumo, como celosissimo, i deseoso de la/ Exaltacion, i gloria de la Fè, embiò cõ su Breue Apos-/tolico, i cõ carta al Rey Don Alvaro el año Mil seiscie-/tos i quarenta; seis Religiosos de la Orden

379. Vide GIOVANNI FRANCESCO DA ROMA (1649b).

380. Dom Álvaro VI Afonso, Rei do Congo de 1636 a 1641, foi sucedido pelo irmão, Dom Garcia II Afonso, que ocupou o trono até o final de 1660.

381. O florentino Maffeo Barberini (1568-1644) adotaria esse nome após ser eleito para o trono pontifício em agosto de 1623.

Serafica/ Capuchinos. Conviene a saber, el Padre Fray Buena-/ventura de Alessano, Predicador, i Guardian de la Pro/vincia de Roma, al qual la Sacra Cõgregacion de Car-/denales, de la Propagacion de la Fè, nombrò por Pre-/fecto desta Mission Apostolica. Fueron los demas, el/ Padre Fray Antonio de la Torrella, Guardian, i Maes-/tro de Nouicios, de la Provincia de Napoles: el Padre/ Fray Ianuario de Nola, Difinidor, i lector de Teolo-/gia de la Provincia misma: Fray Iuan Francisco de Ro/ma Predicador de la Provincia Romana. Fray Anto-/nio de Lugagnano, i Fray Marcos de Monte del Ol-/mo, ambos legos, i de la Provincia de Roma.

Llegaron a Liorna, donde esperaron embarcaciõ pa/ra Lisboa; por quanto tenian Noticia, que en su playa/ auia casi siempre comodidad de Navios, que navega-/van à Angola, i tomavan Puerto en San Pablo de Loã-/da, muy cercano al Reyno de Congo. Entrando pros-/peramente en Lisboa, solicitaron con toda eficacia Pa-/saporte para poderse embarcar en qualquier Nauio, q̃/ se hiziesse a la vela la buelta de Angola. Pero con el/ leuantamiento de aquel Reyno³⁸², fueron tantas, i tales/ las dificultades, que sobre esta Demanda tan justa, mo-/vieron varias personas; que no fue possible conseguir/ Pasaporte en espacio de Diez Meses, que se detuuieron/ en aquella Ciudad, en casa de Geronimo Bataglini, en-/tonces Vice-Collector de Portugal, del qual fueron/ tratados con igual caridad, que cortesia.

Estando pues esta Negociacion, embaraçada de tales

[Página 2r]

turbaciones, i Repulsas, sobrevino la Nueva de q̃ Olã-/deses se auian apoderado de Angola³⁸³; i en esta Conse-/quencia de la Ciudad, i Puerto de San Pablo de Loan-/da, echando de alli los Portugueses. Oyendo este su-/cesso los Padres de la Mision, i reconociendo que ya/ no podia serles de Provecho el Pasaporte de Portu-/gal, se resolvieron de bolver a Roma; con designio de/ tomar otro expediente, para el Cumplimiento de su/ Mision; juzgando por mas conveniencia, negociar a/ boca, que por Cartas. Alli dieron quenta de lo su-/cedido a su Santidad, que mostrò sentimiento de que no/ huuiesen tenido Passage para el Congo. Y tratando/ los Religiosos el Modo que podia facilitar su viaje, so-/brevinieron los accidentes de las

382. Referência à Revolução da Independência de 1640. Vide nota 7.

383. Vide nota 8.

Guerras de Italia³⁸⁴, q̃/ fueron causa de que por algun tempo se dilatasse la em-/presa.

Celebrose en este Intermedio, el año de Quarenta i/ tres en Roma, el Capitulo General en que fue Electo/ por Ministro General el Reverendissimo Padre Fray/ Inocencio de Calatagirona. Entonces de nuevo se tra/tò en el capitulo, i en Presencia de su Santidad, el Ne-/gocio de la Mision; i se concluyò que los Padres pro-/curassen la Embarcacion por medio, del Magestad Ca/tolica, del Rey Nuestro Señor Don Felipe Quarto; i/ para mas facilitarla, fue admitido por Compañero de/ la Mision, Fray Francisco de Pamplona Lego de la/ Provincia de Aragon, llamado en el Siglo Don Tibur/cio de Redin Cauallero del Orden de Sant-Iago, de/ Mucha calidad, i Soldado de Gran Valor, aviendo si-/do Capitan General de vna Armada; igualmente esti-/mado, que favorecido de los Grandes de Castilla, i en/ particular del Rey Católico. Fue nõbrado junto cõ èl,/ el Padre Fray Miguel de Sesa Sacerdote de la misma/ Prouincia de Aragon. De forma que todos venian a

[Página 2v]

ser siete en Numero; cuyos Nombres renovaremos: q̃/ fueron Fray Buenaventura de Alessano Prefecto de la/ Mision: Fray Ianuario de Nola, Fray Miguel de Sesa,/ Fray Francisco de Pamplona, Fray Buenaventura de/ Sorrento, Predicador, i Guardian de la Provincia de/ Napoles, Fray Iuã Frãcisco Romano, Fray Angel de/ Lorena lego de la Provincia de Lorena; no aviẽdose sen/tido los otros cõ fuerças para bolver al caminho, aca-/so por ocasiõ de los Trabajos padecidos, en el passado.

A los fines de Setiembre del año dicho, partieron de/ Roma a Genoua; i de alli embarcados a España, surgie-/ron en Vinaroz. Alli el Padre Prefecto con solo Fray/ Ianuario de Nola q̃ lleuò por cõpañero, partiò a buscar/ à Fray Francisco de Pamplona: i junto con èl à Ma-/drid; à negociar con su Magestad la embarcacion de-/seada para el Congo: i en tanto los otros Tres Religio-/sos caminaron à Seuilla.

Fue muy facil, de alcançar quanto se deseava de su/ Magestad; que como Monarca tan Piadoso; y tan ar-/diente en el celo de la Propagacion de Nuestra Santa/ Fè Catolica; conociendo el deseo que el Pontifice te-/nia, de que estos Religiosos, pudiessen passar, à aquellas/ Prouincias tan

³⁸⁴. Provável referência à Guerra de Sucessão de Mântua (1628-1631), conflito menor da Guerra dos Trinta Anos no qual a França e os Habsburgos disputariam o controle do norte da Itália.

remotas; para ayudar a la Salvaciō de/ tantas Pobres Almas; concedio quanto era necessario/ para el Viaje. Y demas desto, volūtariamente, i sin aver-/selo suplicado, mādò se les diesen Mil Escudos de Li-/mosna, para todo aquello que fuesse necesario a la Pro-/vision de las cosas de Sacristia, como Calices, y Or-/namentos.

El Prefecto avido tã buē Despacho, i viēdo ser tan/ corto el Numero de Siete, teniēdo comodidad tã apro/posito de Nauegaciō, procurò cō el Nuncio de su San/tidad, q̄ se añadiesen de Religiosos Españoles, hasta lle-/nar el Numero de Doze; no juzgando poder tener tiē-/po para escribir a Roma. Assi fueron añadidos a la Mi-

[Página 3r]

siō, Fray Ioseph de Antequera, muchos Años Difini-/dor, i Maestro de Nouicios de su Prouincia de Andalu/cia: Fray Angel de Valēcia, Predicador, i Guardiã de/ la Prouincia de Valencia: Fray Buenaventura de Cer-/deña, Difinidor, y Lector de Theologia de la Provin-/cia de Castilla; Fray Iuan de Sant-Iago, Sacerdote de/ la Provincia misma; i Fray Geronimo de la Puebla le-/go de la Prouincia de Aragon.

Partiò el Prefecto de Madrid, cō Fray Frãcisco de/ Pãplona, i llegãdo a Seuilla, se començò a tratar de la/ embarcaciō. Mas como las obras del seruicio de Dios,/ quãto son Mayores, suelē padecer iguales dificultades,/ permitiò por ocultos Iuizios suyos, q̄ se leuãtassen di-/versas cōtradiciones cōtra esta Misiō, y cōtra quãto su/ Magestad Catolica cō tanta largueza avia cōcedido pa/ra ella. I si biē pudierã ser suficiētes a estoruarla; no bas/tarō, mediãte la Protecciō divina, a desahuciar el nego/cio de tal suerte q̄ no surtiesse el Efecto deseado. Retar/daron, empero, algun tiēpo la Nauegaciō, pues passarō/ Catorze Meses, primero que todo estoviesse dispuesto.

Señalado el Dia de la Partida para Veinte de Enero/ dia de Sã Sebastiã del año Mil Seiscientos i Quarēta i/ Cinco, todos los Padres de la Misiō referida, se embar/carō de Seuilla para San Lucar de Barrameda, dōde es/tava el Navio q̄ avia de cōducirlos al Cōgo. No se po-/drã cō facilidad referir, quã grande fue el cōcurso del/ Pueblo, la Deuociō, y Caridad de los Caualleros, y Se/ñores para cō los Religiosos. Porq̄ si bien su Magestad/ les auia dado todo lo necesario para el Viaje de Seis/ Meses; los regalaron con mucha cantidad de Manteni-/mientos, i Regalos, que excedian a las

Necessidades, i/ Ocurrencias de tan larga Navegacion. El dia, pues,/ del glorioso Martir Sã Sebastian, aviendose juntado to/dos en su Cõvento de S. Lucar, a hora de Visperas el P./ Fr. Angel de Valẽcia hizo vn muy Deuoto Sermõ, cõ

[Página 3v]

ardëtissimo Espiritu, i feruor, en la Iglesia de aquel Mo/nasterio, donde estaua expuesto el Santissimo, y avia/ concurrido, infinita Gente para verlos partir. Y aca-/bado fueron en Procession à la Marina, acompañados/ del Padre Guardian Fray Hermenegildo de Antequ-/ra, y de todos los demas Religiosos de su Obediencia./ El qual subiendo en vna Eminencia, i los Missionarios/ todos de Rodillas, para tomar su bendicion, escogien-/ do por Thema aquellas Palabras que el Euangelista S./ Lucas escriue en el Capitulo Doze. aver dicho Chris-/to Nuestro Señor a sus Discipulos: *No querais temer,/ Pequeño Rebaño, porque a mi Padre le ha complacido daros/ vn Reyno.* Hizo vna breve Platica, animandolos a la/ Empresa de su Mision, con alto afecto, i ternura. Y des-/pues de auerles dado la bendicion, los abraçò vno a v-/no, haziendo lo mismo todos los demas Religiosos de/ su Familia.

Grande fue la Commocion del Pueblo, a vista de tã/ piadosa, y deuota Funcion, derramando copiosas la-/grimas, assi Religiosos, como Seglares. Y porque te-/nian por cosa infalible, que en llegando al Congo, aviã/ de ser hechos Pedaços; corriendo Voz que el/ Rey de Congo avia prevaricado a Persuasion de los O/landeses; Cada qual procurava besarles el Abito; i fue/ tal el Numero, y el Aprieto, que no era possible passar/ a la embarcacion. Siendo necessario que muchos Ca/valleros les abriessen el passo con las Espadas desnu-/das.

Embarcaronse; mas permitio Dios, que se moviesse/ vn temporal tan contrario, que fue forçoso detenerse/ en el Puerto Quinze dias contínuos, que no les dio pe/queña congoxa, i Pena; deseando llegasse el Dia de su/ Navegacion al Congo. Y porque cada Hora esperavã/ el viento favorable, hiziron resolucion de estarse en el

[Página 4r]

Nauio, i no boluer al Conuento, de donde avian hecho/ ya su Despedida vltima. Pero sus Religiosos venian/ continuamente a visitarlos con varias

maneras de Re-/galos; y lo mismo hizieron muchos Caualleros. Desem/ barcauan Mañana, i Tarde a Tierra, a dezir Missa, Re-/zar las Horas Canonicas, y emplearse en otros exerci-/cios Santos, a vna Iglesia alli vezina; y a pedir cõ sumo/ fervor a Dios, que se siruiesse de darles Prospero vien-/to para su viaje, y librarles de semejante detêcion, que/ si bien de solos Quinze Dias, la juzgaron por de/ Quinze Meses. A las Oraciones añadieron Ayunos, i/ Disciplinas; siendo Dios seruido de oir sus Plegarias./ Porque Sabado à Quatro de Febrero cessando el vien-/to contrario, y soplando el Fauorable, se desplegaron/ las Velas, i se dio Principio al Viaje, con sumo Regoci/jo de los Nauegantes. Cantaron el Himno de las Gra-/cias; i dados los postreros abraços à los Religiosos que/ quedauan, i a los Caualleros que concurrieron a su Na/uiro, no sin copia de lagrimas, cerca del Medio Dia, die-/ron tambien el Vltimo à Dios à la Europa.

No les durò mucho esta Alegria, porq̃ al cerrar la No/che, se levâtò el mismo viêto cõtrario, con mayor violê/cia que antes, i mouiò en el Mar tan fiero tempestade q̃/ todos se dieron por perdidos. Mayormente que no a-/viendose el Nauio apartado mucho de tierra, por aver/se hecho a la vela tarde, i no ser el viento favorable,/ muy fuerte; iba el Nauio arrojado del viento, y de las/ ondas a dar al Cabo de San Vicente, que sale con vna/ Gran Punta à fuera al Mar; no siendo posible endere-/zar a outra Parte la Proa, por ser el viento impetuossimo: de forma, q̃ ni el Piloto, ni los demas esperavã otro/ sucesso, que la Perdida del Navio con la Muerte de to-/dos. Iuzgue cada qual, quales serian los Ruegos, i O-/raciones que hizieron aquella Noche los Religiosissi-

[Página 4v]

mos Navegantes, pidiendo a Dios, i a la Purissima/ Virgen Maria su Madre, que se dignassen de librarlos/ de tan grave, i peligroso Naufragio. No, empero, faltò/ su Misericordia, pues passada la Media Noche, al tiem-/po que ya el Vaso iba à dar a tierra, cessò el Viento cõ-/trario, i sucediò en su lugar el favorable, q̃ fue el *Leste*,/ q̃ Nosotros dezimos *Leuante*, i aviendo sido el de an-/tes *Sueste*, que por otro Nombre llaman *Siroco*; con que/ pudo el Navio librarse de tan Gran Peligro. Que si/ bien la Mar venia muy alta, i Contraria, la Gallardia/ del Viento pudo ser mayor que su Furia.

Llegò la Mañana, i viendose libres de las Manos de/ la Muerte, aunque el Mar venia hinchadissimo, no ces-/savan de rendir à Dios, i a su Santissima Madre mu-/chos Hazimientos de Gracias. Iuzgandose esta tan/ cruel Tempestad, à la primer salida del Puerto, por sin/gular auxilio suyo; aviēdo tenido antes Nueua, que an-/davan por aquella Costa algunos Navios de Turcos, q̃/ avian hecho presa de vn Grande Navio cargado de/ Mercaderias. Y ansi el Capitan del de los Padres, qui-/so hazerse la vela algo tarde, porque llegando la No-/che, pudiesse engolfarse, i huir aquel encuentro. Y aviē/do permitido Dios vna seme-jante tormenta en tal Pa-/raje, i a tal tempo, fue señal manifiesta que por medio/ della, los quiso librar del Rigor de los Turcos: particu-/larmente no siendo su Navio de igual Grandeza. Y esta/ fue la Primera, i la Vltima Borrasca que tuvieron en/ tan larga Nauegacion.

A pocos dias, corriendo favorable el Viento, dierō/ vista a las Islas de Canaria. Donde siēdo preciso aver/ de proveerse el Capitan de algunas cosas Necessarias,/ desembarcaron todos aquellos Padres en la Gran Ca-/naria. Era Governador el Capitan General Don Pedro/ Carrillo de Guzman, Cauallero del Orden de Sant-Ia

[Página 5r]

go. El qual siendo en el Siglo muy Amigo de Fray Frã/cisco de Pãplona, no se puede explicar con quãto Afec-/to, i Deuocion le recibì, y a todos los demas Religio-/sos en su casa; y tãto mas, quãdo llegò a saber el intēto/ de su Iornada. Dioles vn muy esplēdido Banquete. Co/rrio la voz de la llegada de los Padres, i andãdo ellos/ visitãdo los Tēplos de la Ciudad, concurrìa el Pueblo/ por todas partes tã Numeroso, q̃ no podian andar por/ las calles. Hizierō los mas Principales, vivas instãcias,/ q̃ se quedassen alli Algunos Padres para fũdar en aquel/ Reyno Monasterio de su Ordē. Pero como ibã destina-/dos a otro, no fue possible cōplacer a sus Ruegos. Pues/to ya todo a punto, i estãdo para partir, el Governador/ i Don Miguel de Peralta Oydor de aquella Audiencia,/ les embiò Quatro Camellos³⁸⁵ cargados de Pollas, Galli/nas, Gallos de las Indias³⁸⁶, Frutas, Vino, Azucar, y otros/ Regalos, para refrescarse en la Nauegaciō. Pero reco-/nociēdo los Religiosos q̃ de nada teniã necessidad, no/ lo acetarō. Solo tomaron algunos Limones, i

385. Na verdade seriam dromedários, *Camelus dromedarius* (Linnaeus, 1758) (Camelidae).

386. Vide nota 279.

Frutas de/ la India, q̃ en Canaria llamã Platano; de los cuales ay/ en el Congo mucha abundancia; llamandolos en el len/guaje de aquel Reyno: *Nicefos*³⁸⁷.

Hizieronse a la Vela, i en pocos Dias siêdo muy fa-/vorable el viêto, llegarõ casi a tocar la Linea Equino-/cial, caminãdo siêpre la Nauë engolfada en alta Mar, i/ en ciê leguas distãte de la Tierra de toda la Costa de A-/frica. Cinco Grados debaxo de la Linea, ordinariamen-/te hazia el Norte (que llamã Tramõtana) i otros cin-/co hazia el Sur (q̃ dizẽ Medio-Dia, ò Austro) se vieron/ en la Mar infinidade de Pescados, q̃ parecia estar el A-/gua bullendo con sus continuos saltos. Se pescan en/ Gran cantidad, i tan facilmente, que apenas se arroja/ el Ançuelo quando se sube el Pez; i quando no està/ avn claro el Dia, no es necessario añadirle el cebo./ Estos, de que ay tanta copia, se llaman Pez Dorado;

[Página 5v]

por tener sobre el lomo vn color como de oro. Es de/ casi dos Palmos, i medio, i de bonossimo sabor³⁸⁸. Ay tâ-/biẽ mucha cãtidad de Pescados q̃ buelan, del Tamaño/ de Arêques, la color azul sobre las Escamas del lomo,/ i debajo blanco. Tienen las Alas en el proprio lugar q̃/ los demas Pescados, junto a la cabeça, pero mucho Ma/yores, i de misma Hechura, i Espinas. Levantanse/ con el Buelo, poca altura de la Agua; i dura quanto vn/ Tiro de Arcabuz, hasta que se le secan las Alas; i cae al/ Mar. Al contrario de los Pajaros de Tierra, que tanto/ mas buelan, quanto mas enjutas tienen las Alas. Este/ Pez bolador³⁸⁹, es muy perseguido del Dorado; que a na-/da atiende, sino a comersele. Pero quando le vè venir/ contra èl, alça el buelo fuera de la agua; i en tal manera/ huye de su boca. Mas el Dorado, que por el instinto re/conoce la calidad del que buela, i que se detiene poco/ en el Ayre, i buelue al Mar; mientras èl và bolando, el/ Dorado corriendo sobre las Ondas le và siguien-/do, siempre llevando el vn ojo arriba, i con tan-/ta velocidad, que quando el Bolador se vè necessi-/tado a caer, se halla el Dorado alli con la boca abier-/ta, i se le traga. Tambien es perseguido de ciertos/ Pajarotes Grandes que buelan por el Mar, a vãdadas,/ en mucha

387. Vide nota 59.

388. A julgar pela cena descrita, talvez seja uma referência ao dourado-do-mar, *Coryphaena hippurus* (Linnaeus, 1758) (Coryphaenidae).

389. Vide nota 72.

copia. Estos viendo bolar al pez, se calan so-/bre èl, i le despedaçan. De forma que este Pobre Pesca-/do no vive seguro, ni en el Ayre, ni en el Agua.

Debajo desta misma Linea, Ocho Grados al Norte, i/ Ocho al Sur, por donde ya el Oceano corre siempre/ al Oriente, desde el Cabo de las Palmas, que es en la/ Guinea; se experimentan grandissimas calmas, lluvias/ continuas, con insoportables calores. Las lluvias tan-/to vienen de hazia vna Parte, como de hazia otra: y cõ/ vientos tan Furiosos, que si no se amaynassen con toda/ presteza las Velas, correrian peligro de hazerse Peda-

[Página 6r]

ços, i de quebrar los arboles del Navio. Y ansi es pre/ciso dexarle correr segun el Impetu del Viento; suce-/diendo muchas veces, que aviendo navegado algun tre/cho con vno; levantandose otra lluvia contrario, se vie/ne a desandar lo andado; de forma, que antes que se pas/sen las Influencias de la Linea, es necesario tal vez, gas/tar vn Mes, i mas.

Passados pues esos Trabajos, cortada la Linea, i en-/trando en el Oceano, que llaman Etiopico los Geo-/grafos; encontraron los Navegantes con otro no Infe/rrior, que fue el viento contrario; porque soplò el Sur/ derechamente opuesto a su Navegacion. El Piloto no/ queriendo acostarse a la Parte de Africa, por temor de/ las Grandes Calmas que alli suelen padecerse, guiò la/ Proa hazia el Brasil, andando à Sudueste Quarta à Oes/te; que es dezir à Lebeche Quarta à Poniente. Y por-/que el viento durò muchos Dias, no ganaron, antes per/dieron mucha Parte de su Viaje, desviandose todavia/ la Naue de la parte de Africa, i acercandose a la de A-/merica.

Al fin fue Dios seruido, que cessasse el viento Sur, i/ que soplasse el Leste favorable para Nuestros Peregri-/nos; i con èl en algun espacio de tiempo pudieron arri-/bar a los Veinte i Tres Grados de la Linea Equino-/cial; siendo preciso hazer tanto viaje para encontrar/ los Vientos que derechamente conducen al Congo./ Arribados pues, i hallado el Viento propicio, se ende-/reçò la Nave a aquel Reyno; si bien passaron muchos/ Dias primero que se llegasse a ver Tierra; i entonces se/ reconociò quan lexos estauã del Congo, i quan cer-/ca del Brasil; conviene a saber casi Novecientas le-/guas del vno, i del otro poco menos de Ciento; siendo/ la distancia toda que ay del Brasil al Congo, Mil le-/guas.

[Página 6v]

Bien es verdad que en este tan largo viaje, por ser el/ Mar Oceano, en dexando atras las Canarias, tan en es/tremo Quieto, i Tranquilo, pudieron los Religiosos ce/lebrar cada dia tres, y quatro Missas, no de las que vul-/garmente se llaman Missas secas; sino las verdaderas, i/ como se celebran en Tierra (saluo algunos Dias en que/ el Mar andava alborotado) i los demas Comulgavan./ Cantavan las Horas como en el Coro; y teniã las de su/ Oraciõ Mental; i cada tarde se oficiavã las Ledanias de/ Nuestra Señora. Predivã sus Sermones la Quaresma/ casi cada dia; de suerte q̄ parecia la Nave, mas Conven/to de Religiosos, que Vajel de Navegantes.

Ni fue pequeño el Fruto que se hizo en las Conciencia/cias de los Marineros; porque movidos de los Sermo-/nes, i de las Platicas Espirituales, frequentavan los Sa-/cramentos de la Penitencia, y la Eucaristia; y vivian/ con Suma Modestia. La Semana Santa despues de aver/ se Predicado la Passion, hizieron todos vna Disciplina/ General; i llegando la Pascua todos cumplieron con la/ Iglesia, Confessando, i Comulgando; i al celebrar la/ Missa solemne se adornò la Naue con diversas Vande-/ras, i se dispararon muchos Mosquetes; con que la San-/ta Pascua se festejó con Grande Fiesta, Paz, i Ale-/gria.

Con orden, y concierto semejante, navegavan la/ buelta del Congo; quando vn Domingo a Veinte, i V-/no de Mayo de 1645. despues de Medio Dia, la Cen-/tinela que estaua sobre la Gavia del Arbol Mayor, sien-/do muy Sereno, i Claro el Dia; començò a descubrir/ Algunas Cimas de Montes; con que Gritando en Al-/tas Vozes, *Tierra, Tierra*, fue indecible el gozo, que in-/troduxo en el Animo de Cada Qual; porque de las Ca-/narias hasta alli no avian visto Tierra Alguna. Y deste/ Alborozo, nadie podrá hazerse capaz, sino es quie hu-

[Página 7r]

viere experimentados, que cosa sea estar largo tiẽpo/ en el Mar, sin ver outra cosa q̄ Cielo, i Agua, i sin sa-/ber la Altura, ò Paraje en que se halla. Porque dado/ que caminãdo de Tramontana a Medio-Dia, se puede/ reconocer por el Astrolabio, hasta vn Minuto, quanto/ a la Distancia del Lugar donde se parte, al Lugar don-/de se vã, navegando, empero, del Oriente hazia el Oc-/cidente, i del Occidente hasta el Oriente, no se ha podi/do

hasta aora hallar algun Modo de saberse com certe-/za, quan distante se esté del Puerto de donde se parte; i/ quan cercano a aquel a donde se camina; sino solo por/ conjeturas mas ò menos, segun los vientos, i el Curso/ del Navio³⁹⁰.

Acercandose ya mas el de los Padres, a la tierra, se/ començaron a manifestar Gran cantidad de Promon-/torios, i Montañas; i siendo ansi, que el Congo es tan/ Montuoso, tiene tambien profundissimos Valles corta/dos de gran Copia de Rios. La Mañana siguiente ha-/llandose ya muy cercanos a tierra, se aparecieron muy/ a la vista las Colinas, i los Prados, tan verdes, i colma-/dos de Arboles altos, y Frondosos, que parecia descu-/brirse vn Parayso Terrenal; si bien quando saltaron en/ Tierra no la hallaron, en la Realidad, como juzga-/ron los ojos. Corrieron siempre cercanos a Tierra,/ hazia Tramontana; i el dia de la gloriosa Ascension de/ Christo Señor Nuestro, que fue quando mandò a sus/ Discipulos ir a predicar el Santo Evangelio, con las/ Palabras que san Marcos Refiere en el Capitulo diez/ i seis: *Caminando por el Vniverso Mondo, Predicad el Euan-/gelio a toda Criatura*, entonces a Hora de Visperas, i cõ/tandose Veinte i Cinco de Mayo del año ya notado de/ Mil Seisciētos Quarēta i Cinco; llegarõ al Deseado Ter-/mino de su Peregrinaciõ, dando fõdo a vn puerto del Cõ

[Página 7v]

dado de Sono, cercano al Rio caudaloso llamado Zaire [...]"

390. Sobre a questão da longitude, vide BROWN (1949) e SOBEL (1995).

ANEXO 2. AS ATRIBUIÇÕES DE GIOVANNI FRANCESCO DA ROMA E ANGEL DE VALENCIA COMO EMISSÁRIOS DO REI DO CONGO (1646-1647), SEGUNDO A TRADUÇÃO DE PELLICER DE OSSAU SALAS Y TOVAR (1649)³⁹¹

[Página 32v]

“Y por/ quanto se resintieron que celebrassen alli el Santo Sa-/crificio de la Missa, i Administrassen el Sacramento de/ la Penitencia, i la Eucharistia a algunos pocos Catoli-/cos que se hallavan en la Ciudad, se retiraron a la Isla/ que està enfrente, dõde se saca la Moneda que corre en/ aquel Pais³⁹². En la qual, por ser del Rey de Congo, pu-/dieron Celebrar con Libertad; i alli, concurriendo los/ Isleños de todas Partes, Predicarõ la Palabra de Dios,/ Confessaron, i Baptizaron muchos, Grãdes, i Pequenos³⁹³.”

[Página 33r]

Estuvieron detenidos en estos Exercicios Mes i/ Medio; i llegando la Ocassion en que los Directores,/ despachavan vn Navio al Brasil, con buen Numero/ de Soldados, partieron los Religiosos de la Isla el/ dia de la Purificacion de Nuestra Señora³⁹⁴, i se hizie-/ron à la Vela a Quatro de Febrero de 1647. i en Qua-/renta Dias, arrivarõ vn Sabado a la Ciudad de Nfor-/nabuch³⁹⁵, no sin auer padecido Peligros de morir en el/ Mar de Sed, i Hambre: porque llevando el Navio/ mas de cien Personas sin los Marineros, con los Bas/timentos, i Agua, bastâtes para vn Mes, con la conti-/nua experiencia de que nunca se gasta mas en este/ Viaje, ni aun tantos Dias; passados los Veinte i cinco/ de la Navegacion, sobreviniendo

391. Vide GIOVANNI FRANCESCO DA ROMA (1649b).

392. Situada ao largo de Luanda, a Ilha do Cabo ou Ilha de Luanda pertencia ao Reino do Congo e constituía sítio de coleta das conchas de moluscos utilizadas como moeda, no caso *Olivancillaria nana* (Lamarck, 1811) (*Olividae*).

393. Conforme exposto no início desse ensaio, o presente trecho narra as difíceis negociações travadas por Giovanni Francesco da Roma e Angel de Valencia, emissários do Rei do Congo, com as autoridades holandesas da Companhia das Índias Ocidentais, cujas tropas haviam ocupado Angola em agosto de 1641 (vide nota 8). Tendo chegado a Luanda em dezembro de 1646, Francesco da Roma e Angel de Valencia acabariam transferidos para o Recife em fevereiro de 1647, sendo enviados para a Holanda nesse mesmo ano. Apesar de todos os esforços, suas tentativas de obter livre trânsito para os capuchinhos na região estariam destinadas ao fracasso.

394. Data celebrada no dia 2 de fevereiro.

395. Conforme o original. Grafia incorreta de “Pernambuco”, i.e. o Recife.

Calmas; sin espe-/rança de tierra a la Vista; el Capitan mandò acortar/ las Raciones; i alargandose la Navegacion, hasta/ Quarenta Dias lo passaron todos muy mal con la li-/mitada Comida i Bevida; i en particular la Bevida,/ pues no se le dava a cada vno sino tres onças tastadas/ de agua al Dia. De forma que quando se llegó al Puer/to, se avia acabado toda la Provision; i fue preciso/ que saliessen a tierra los Marineros por ella.

Luego que desembarcaron los Padres, supo su Ve-/nida Ludovico Heyns (el que como dizimos, tuvo/ hospedados a los Quatro Religiosos Genoveses³⁹⁶) i al/ punto fue alborozado a buscarlos, i a semejanza de/ Otro Patriarca Abraham, los abraçò i suplicò vinies-/sen à aloxarse en su Casa³⁹⁷. Fue para los Padres aquel/ Encuentro de Superior Consuelo, i acetado el Hos-/pedaje, fue tanta la Cortesia, Caridad, i Esplendidez,/ con que los regalò, Cinquenta Dias que se detuvierõ/ esperando Embarcacion, que no acaban de ponde-/rarlo las Relaciones. Refirio como avian estado alli/ Fray Buenaventura de Taggia, i sus Compañeros; i

[Página 33v]

quanto les sucedio en el Viagen, i, como tenia nuevas/ de aver llegado a Olanda, aviendo dado Sepultura en/ el Mar a Fray Salvador de Genova. Celebraron alli/ todos los dias Missa, aunq̃ cõ mucho secreto: i el co-/mo tan devoto, las oia entrâbas, en medio de su Ocu-/pacion en Varios Negocios. Confessò, i comulgò/ muchas vezes: i assi en esto como en sus Conuersacio-/nes, i en su modo de Negociar, mostrava biẽ ser muy/ temeroso de Dios. El mismo Tratamiento i Caridad/ vsò Iuã Voltrin³⁹⁸ Mercader Frãces, muy amigo de Lu-/dovico, que como pio i devoto venia cada Dia a oir/ Missa, i frequentava los Sacramentos.

396. Referência ao trecho anterior no qual se relatam as vicissitudes sofridas pelos frades Salvatore da Genova, Bonaventura da Taggia, Francesco Maria da Ventimiglia e Pietro da Dolcedo durante a ocupação de Luanda pelos holandeses. Enviados de Angola ao Recife como prisioneiros e submetidos a condições bastante precárias, os religiosos seriam amparados por Ludovico Heyns. Este conseguiria arrancar das autoridades a permissão de hospedar os capuchinhos em sua própria casa durante dois meses, tempo necessário para a chegada de uma embarcação disposta a trasladá-los para a Holanda.

397. Vide nota 18.

398. Datado de 3 de Dezembro de 1652, o alvará régio que concede a naturalização portuguesa a João Vaultrin menciona que esse francês teria residido vários anos em Portugal e territórios ultramarinos. Boa parte de sua vida teria se passado no Recife, onde sempre favoreceu os prisioneiros portugueses e ajudou a fuga de Francisco Barreto de Meneses da prisão, mantendo-o informado de segredos dos invasores holandeses (F.L. de FARIA, 1954).

Llegandose ya el tiempo de la Embarcacion, i a-/viendo visto los Directores de Nfernabuch las Car-/tas del Rey de Congo, ordenarõ que los Padres fues-/sen recibidos en vna de tres Naves que despachavan;/ i que se les diesse la Racion ordinaria. Pero Ludovi-/co Heyns resolvió embarcarse tambien para Olan-/da; a concluir ciertos negocios suyos. Fue esta deter-/minacion de sumo consuelo para los Religiosos, de/ que fuesse en su Compañia, tan Devoto Bienhechor/ suyo, que siendo muy liberal, i lucido se hazia estimar/ i querer de todos: i por estar en su Compañia eran/ tratados de aquella Gente con algun respeto, que de/ otra suerte los huvieran hecho mal tratamiento. Par-/tieron con prospero viento del Brasil, àzia el Norte;/ i a pocos dias començaron a probar los Influxos de/ la Linea Equinocial. Solo vna circunstancia hecharõ/ menos a Repassarla; i fue aquella gran Cantidad de/ Pescados, porque no se veia ninguno. De que se conocio con certidumbre, que no en todos los parajes/ debaxo de la Linea se halla aquella Muchedumbre q̃/ vieron quando la Cortaron a la Ida à Congo, aunque/ navegavan el Mismo Mar. Y que aquel numero tan

[Página 34r]

grande de Pezes, corren mas a Vanda de la Africa/ que àzia la America, i el Brasil. Cortada la Linea co/mençaron a ver despuntar en el Oriçonte la Estrella/ del Norte, aviendola perdido de vista al passar por/ la otra parte quando navegavan al Congo. Han di-/cho algunos, que passando de la otra Vanda de la E-/quinocial, la Estrella del Norte no influye en la Agu-/ja de Marear, sino el otro Polo de allà. Lo qual reco-/nocieron por falsissimo, porque el Norte influye en/ todos los Parajes del Mundo, como en la misma Eu-/ropa. Y que de otra parte de la Linea no hay Estre-/lla que constituya Polo; sino vna gran Cantidad de/ Estrellas, situadas en tal manera que vienen a formar/ muchissimas Cruces, qual grande, qual pequeña, que/ los Marineros llaman el Crucero.

Navegaron los Religiosos, a veces con Vientos/ favorables, i a veces con Contrarios, elevando-se siē/pre mas el Norte sobre ellos. Y auiendo corrido des/ta suerte Dos Meses i Medio comēçò a faltar la Pro-/uisión. Porque yendo en la Naue casi Dozientas Per-/sonas, i con mantemiētos limitados para solo tres/ Meses, por no averse allado mas en Nfernabuch;/ passados Setenta i seis dias, quedaron tan pocos que/ acortandose las Raciones, como fue preciso, vinierõ/ a quedar en Dos onças de Vizcocho

llenos de gu-/sanos, cõ algunas Legumbres cocidas; i Agua podrida,/ i essa muy poca. Era vniuersal el Trabajo en todos:/ porque si bien Ludovico Heyns, avia embarcado mu/chissima Provision, creyendo llegar presto hizo mu-/chos Presentes, con que se vino a consumir toda, i/ quedaron con sola la Racion Ordinaria, que estre-/chandose en la forma referida, apenas se podia con-/seruar la Vida. Pero Dios que alimenta los Pollue-/los de los Cuervos, como dize David, no los desam-

[Página 34v]

paro por su Infinita Bondad, socorriendolos cõ par-/ticular modo, i extraordinario. Porque permitiò vn/ Sabado, que Vn Navio Ingles, avnque pequeño, biẽ/ proveido de Mantenimientos, que iba àzia el Brasil,/ llegasse a la Vista de los tres de Olanda. Y si biẽ con-/forme al estilo del Mar, devia huir dellos siendo muy/ grandes, i fuertes, se vino a buscarlos; i dio nuevas como estavan Ciento i Ochenta leguas casi distantes de/ tierra; i ofrecio los Viveres que llevavan. Estavan/ los otros dos Navios en el mismo estado, i Necessi-/dad; i assi cada vno se proveyò de lo necessario, com-/prando del de Anglaterra, Vizcocho, Havas, i lo de-/mas, que les durò hasta llegar a tierra, que fue a tiẽ-/po que de todo no auia quedado, ni vna Onça de Vizcocho de lo comprado; i assi reconocierõ todos aver/ sido singularissimo Beneficio, i Misericordia de Dios;/ que sino huvieran encontrado aquel Navichuelo, era/ fuerça morir todos de Hambre; no viendose en aquel/ Mar vn solo Pez de que poder valerse.

Desembarcados, con este socorro, en Olanda, sin/ aver muerto en aquel viaje sino solas tres Personas, i/ otras tres en los demas Navios, se embarcarõ de nue-/vo los dos Padres, con Ludovico Heyns, para Rotterdam, donde salieron a tierra de Dia, i a vista de to/dos con sus Abitos de Capuchinos, sin que ninguno/ se lo estorvasse. De Rotterdam passaron con el traje/ mismo a la Haye, donde residia el Principe de Oran-/ge³⁹⁹. Entraron de Noche, i Ludovico los llevò en casa/ de vn Verdadero Catolico llamado Bartolome Ge-/rardo de Vvinden. Quedarõ los de su Casa como ato-/nitos, por no aver visto jamas Capuchinos; i los mira/ como Personas de otro mundo. Fue Grande la Cari-/dad, i agasajo que alli recibieron, en el espacio de cin/quenta i dos dias; porque a Comida, i Cena tenia vna

399. Willem II, Príncipe de Orange (1626-1650), filho de Amalia von Solms-Braunfels e do "Stadhouder" Frederik Hendrik, Príncipe de Orange. Em 1641 desposou a princesa inglesa Mary Henrietta Stuart, a qual daria à luz ao futuro Rei da Inglaterra William III.

[Página 35r]

muy esplendida Mesa, aunque se lo repugnaban quã-/to era possible. Se consolavan todos de aquella/ Casa, como muy Catolicos, en oir cada Dia dos Mis-/sas, que secretamente dezian en su Oratorio, donde/ concurrían otras Personas devotas. Y fue tal su Afe-/cto con los Padres, que lloraron con gran ternura su/ Partida. Ludovico Heyns partiò en dexandolos à/ Amsterdam con intento de bolver a buscarlos em cõ-/cluyendo sus Negocios.

En tanto hizieron los Padres saber al Principe de/ Orange su Venida, i la Embaxada que le traian del/ Rey de Congo; pidiendo les señalasse Dia para darles/ Audiencia. Ordenòles que el Domingo siguiente/ Onçe de Agosto fuessen a su Palacio; pero con Ha-/bito Seglar: porque no les sucediesse algũ disgusto an-/dando con el de Religiosos por la Corte. Fueron el/ Dia señalado, a darle su Embaxada, con la Carta del/ Rey de Congo, i la de Creencia, en que les dava po-/der para negociar con el Principe quanto conuinies-/se. Respondiò se le diesse por escrito todo lo que pe-/dia el Rey, para proponerlo en el Consejo. Embiarõ/ a otro Dia el Papel, que en sustancia contenia, que no/ dando lugar los Olandeses que residian en Angola,/ para que entrassen en su Reyno, los Religiosos Ca-/puchinos, sino llevavan Passaporte de sus Superiores/ suplicavan al Principe, que se les diesse a los dichos/ Religiosos, todas las vezes que fuessen de Nacion A-/miga, ò se embarcassen en Navios Amigos de Olan-/da. Este Negocio, que no consistia solo en la Absolu-/ta Auctoridad del Principe; sino que pertenecia a la/ Compañia de Olanda, fue preciso proponerse en el/ Consejo; i entonces no hallandose inconveniencia en/ contrario, respondieron se podia conceder el Passa-/porte en la forma que el Rey lo pedia. Mas como los

[Página 35v]

Olandeses son tan Politicos, tienen por Maxima vti-/lissima de Estado, proponer muchas vezes en Conse-/jo vna misma cosa. Y assi la Segunda que se propuso/ este Negocio, se levantò en Pie vn Zelante, dizien-/do, que de ninguna Manera se devia conceder tal/ Passaporte; pues permitiendo Ellos, que entrassen/ Capuchinos en aquel Reyno a sembrar la Fe Papista/

(que assi llaman a Nuestra Santa Fe Catolica) ve-/nian a cometer vn Pecado muy Grave, porque los/ castigaria Dios severissimamente. Y esto lo supo vestir/ de tal fervor, i eloquencia, que Ninguno ossó cōtra-/dezirle. Siendo estilo en aquel Consejo, que quan-/do Vno de los Consejeros se opone a la Materia que/ se trata com Punto tocante a la Religion, Nadie se a-/treve a replicarle.

Sabiendo el Principe la Negatiua dada a la De-/manda del Rey de Congo, i deseando que se le diesse/ todo gusto, i satisfacion, procurò que se bolviesse o-/tra vez a proponer en Consejo, con vivissima Reco-/mendacion. Pero fue en Vano; con que desconfiado/ de poder conseguir el intento dio a los Religiosos la/ Respuesta para el Rey, i el Passaporte para su viaje./ Cooperò para el Buen Sucesso desta Embaxada Mo-/siur Gaspar Coignet de la Thurllerie, Embaxador/ del Rey Christianissimo en Olanda⁴⁰⁰, que como devo-/tissimo de la Religion de San Francisco (despues de/ averlos combinado, i regalado muchas veces en su/ Casa con toda Largueza, Afabilidad, i Amor) quan-/do supo las Contradiciones que padecia su Despacho,/ le tomò muy a su cargo, hablando al Principe de O-/range, i a los demas que podian tener Parte en el. Y si/ pudiera aver hecho mas, mas obrara. Del modo mis/mo Don Luis de Portugal, i Doña Ana Maria Cape-/ce⁴⁰¹ su Muger (que allá llaman Principes de Portugal)

[Página 36r]

siendo igualmente devotos de la Religion, no faltarõ/ à hazer todos los Esfuerços Possibles, para que se/ determinasse en favor del Rey, i los convidaron a co-/mer diversas vezes, honrando a los Religiosos quan-/to fue Possible. El Conde Mauricio de Nassao, aunq̃/ de contraria Creencia, mostrò grande Afecto a los/ Capuchinos, haciendo varias demostraciones

400. Entre 1640 a 1648, Gaspard Coignet, Senhor de la Thuilerie e de Bizi (1596-1653), seria embaixador dos reis de França junto à corte de Haia.

401. Dom Luís Guilherme, Primeiro Marquês de Trancoso (1601-1660). Trata-se do neto de Dom Antônio, Prior do Crato, que foi aclamado Rei de Portugal em 24 de julho de 1580 após a morte do Cardeal Dom Henrique, último representante da dinastia dos Avis. Em 25 de agosto do mesmo ano, entretanto, perderia a Batalha de Alcântara para as tropas de Felipe II da Espanha, predentente ao trono português, tendo de fugir para a Ilha Terceira dos Açores. Com a ocupação do arquipélago em 1583, Dom Antônio terminaria se refugiando na França. Seu filho, Dom Manuel, seguiria para a Holanda, casando-se com Emilie de Nassau, Princesa de Orange, em 17 de novembro de 1597, união destinada a gerar oito descendentes, entre os quais Dom Luís Guilherme. Este, por seu turno, desposaria Anna Maria di Capece-Galeoti de Monteleone em 7 de junho de 1631, formando o casal mencionado pelos capuchinhos nessa passagem. Para maiores detalhes, vide CASTELLO BRANCO (1883).

en su fa/vor, sintiendo mucho que los de la Compañia negas-/sen semejante Gracia al Rey de Congo a quien teniã/ tanta Obligacion; que por aver estado el Conde en/ aquellas Provincias, sabia bien quantos Beneficios/ devian al Rey los Olandeses⁴⁰². Convidò a comer a los/ Religiosos, dandoles el Primer Lugar en la Mesa;/ tratandolos com aquel Respeto, i devocion que pu-/diera el Principe mas Catolico. Y viniendo en esta/ Ocasion a verle dos Predicantes de los de mas Nom-/bre en La Haye, tuvieron con ellos vna Larga, i Va-/liente Disputa, en la qual no quedò el Conde poco/ desengañado de sus errores.

Y si bien se hallaron los Religiosos con Valedo-/res de tanta Autoridad; i que les guiò la Materia/ Teodorico de Fouge, Abogado de mucha Estima-/cion; que como Persona Piadosa, i devota, se les ofre-/cia voluntariamente, i los assistio desde el Principio/ al fin, con su Inteligencia, i Consejo; no por esto fue/ possible conseguir el Designio. Permitio, empero,/ Dios, castigar a los que estorvaton causa tan justa./ Pues antes que saliessen de la Haye, llegò aviso, de/ que los Portugueses avian tomado la Ciudad de/ Nfornabuch, echando de alli la Guarnicion de Olã-/da. Quedaron los Padres grandemente marauillados/ de los profundos juizios de Dios. Porque perdiendo/ los de la Compañia el Brasil, de nada les sirve tener/ el Puerto de San Pablo de Loanda; porque en tanto

[Página 36v]

les era de Vtil, en quanto podian sacar de alli los Ne-/gros, i conducir al Brasil, para labrar el Açucar: con/ que avièdole perdido, era fuerça desamparar el Puer/to de Loanda. En que se conoce quan mal pensò a-/quel Consejero, que propuso castigaria Dios los de/ la Compañia si concedian el Passaporte a los Capu-/chinos para entrar en el Congo; pero como el Suces-/so lo dio a entender, antes nos podemos persuadir/ fueron castigados de la Mano del Altissimo, por no/ aver querido concederle.

Con esto previnieron su Partida los Religiosos,/ para Amberes, Nobilissima Ciudad de Flandes, don-/de estava de partida el Señor de Cabau, Cauallero/ Principal, i devotissimo de la Religion, que se ofre-/cio llevarlos en su Compañia; que les fue de mucho/ vtil: porque Ludovico Heyns, no havendo cõcluido/ sus Negocios, fue preciso se quedasse en Olanda. Qui-/so Don Luis de Portugal, darles todo lo Necesario/ para

⁴⁰². Não consta que o próprio Nassau tenha estado na África durante os anos que governou os territórios conquistados pela Companhia das Índias Ocidentais no Brasil (1637-1644).

el Viaje, i acompañarles a Rotterdam; pero no/ lo acetaron por Respeto del Señor de Cabau, en cu-/ya compañía nada les faltò; tratados con quanta/ Caridad, i Amor puede dezirse, hasta Amberes. De/ alli passaron a Paris, donde hallaron Cartas del Mi-/nistro General de su Religion (Respondiendo a/ las que escribieron de Olanda) en que los man-/dava fuessen a buscarle a la Prouincia de Turenne:/ porque deseaua saber por menor los Sucessos de la/ Mission. Hallaronle en Orleans, i dando alli quen-/ta de todo con grandissimo Consuelo Espiritual su-/yo, los dio licencia para que prosiguessen su Viaje a/ Roma”.

ANEXO 3. AS CARTAS DE MICHELANGELO DA GUATTINI DA REGGIO REFERENTES AO BRASIL, SEGUNDO A “VIAGGIO NEL REGNO DEL CONGO” DE DIONIGI CARLI DA PIACENZA & MICHELANGELO GUATTINI DA REGGIO (1679)

[Página 43]

“NAVIGATIONE/ DAL PORTO DI LISBONA SINO AL PORTO DI PERNABUCH NEL BRASILLE

Pax Christi,

Carissimo Padre.

Doppo l’addio dato all’ Europa nel/ Porto di Lisbona, vi soggiungo l’/ arriuo in Pernabuch nel Brasille, felice/ sì, mà sfortunato per li calamitosi acci-/denti, con che la diuersità del Clima, l’/ instabilità del Mare, nè hà quasi sempre/ annoiato. La distanza delli gradi vinti-/noue, quale è da Lisbona alla Linea/ Equinotiale e quella d’ altri dieci, che/ a questa si misura per portarsi al Brasil-/le, fù tutta velicata da noi in meno di trè/ mesi, mercè dell’aure fauoreuoli, che/ galleggiano sempre sopra di questi Ma-/ri, che al paragone di quei d’ Italia non/ si sarebbe varcata in vn’ anno. Per or-/dine innalterabile si praticaua da tutti/ giornalmente questo in Vascello: Sona-/ta l’Aue Maria del giorno, quasi tutti si/ portauano à salutare il Capitano, e dop-/po li Signori Offtiali; nel qual mentre

[Página 44]

si preparauano li Sacerdoti [ch’eraua-/mo sei] per celebrare; Fornite le Mes-/se, e reficiato [chi voleua] della solita/ collatione, ciascuno ripli-gliaua il pro-/prio essercitio, chi di Scriuano, di Cal-/zolaio, di Sarto, di Marangone, di Fer-/raro, e simili. De passaggieri, chi dor-/miua, chi giocaua, chi discorreua, ch’/ pescaua sino al mezzo giorno, nel qual/ calcolato il Sole con il Quadrante, per/ sapere la quantità del viaggio, che s’era/ fatto, si chiamaua col solito segno di/ Campana il pranso, doppo il quale

vni-/tamente si rendeuano gratie à Dio be-/nedetto, e ricreati per qualche puoco di/ qualch' honesta conuersatione ogn'vno/ si ritiraua à qualche riposo, eccetto mai/ il Maestro del Timone, e l'Assistente/ alla Bussola; e d'indi poi ciascuno ritor-/naua alli suoi lauorieri: Alle vintitre/ hore, pure si daua il Segno con la Cam-/pana, per vnirsi à recitare le Litanie del-/la Santissima Vergine, con altre deuo-/tioni, doppo le quale fino all'Aue Maria/ ogn' vno conforme al suo genio con/ qualch' lecito trattenimento in gannaua/ l' otio. Sonata, e detta l'Aue Maria, e/ recitato il Rosario, tutti andauano à ri-/posare, eccetto le sentinelle, quali per li/ emergenti, che ponno accadere, staua-/no vigilanti. Qui trouassimo il rouer-

[Página 45]

sio della natura, cio è il Pesce, che vola:/ Questa è vna sorte di Pesce bianchissi-/mo, della longhezza d'vn palmo, con/ due ali squamose alla proportione del/ Pesce, quale fuggendo la vorracità d'vn'/ altro suo inimico, chiamato Dorato, si/ scaglia dall'acque, volando tant' oltre,/ quanto dura l' humidità dell' squame/ pennute, quali asciugate dagl' ignei va-/pori dell' aria, tracollando giù à ramaz-/zone nel Mare, è ingolato dall' inimi-/co, che nol perde d' occhio sotto acqua;/ ò pure viene abrustollito da Nauiganti,/ se cade sopra le Naui, ò euiscerato da/ qualche augello rapace volando, talche/ il meschino essigliato dalla natura non/ hà luogo nell' acqua, nella Terra, nell' Aria, e questo gli auuiene per la pretio-/sità del suo cibo. Vi è quì pure vn' altra/ sorte di Pesce, che chiamano Tubero-/ne, qual volontieri si ciba di carne hu-/mana; pigliano questo, gettando in Ma-/re vna fune ben grossa, auuiriccata ad/ vna forte catena, à capi della quale viè/ inchiodato vn' hamo tenace, quale so-/stenta vn gran pezzo di carne, all' esca-/della qualle accorso il Tuberone, per in-/goiarla, hauendo di già traccanata, e la/ carne, e l' hamo, e quasi che dissì la cate-/na, tirano li Marinari la fune bel bello, e/ l' auuicianano al bordo, oue accorsi vin-

[Página 46]

ti e più huomini, lo inalzano, & à pena/ scopertogli il capo, gli danno sopra/ due, ò tre mazzate con vn legno ben/ grosso, e gettatogli poscia vn laccio for-/tissimo alla coda, nella qualle consiste/ tutta la sua difesa, lo tirano sopra del/ bordo, di doue messogli vn grosso palo/ in bocca, gli vanno

sopra con molti col-/telli, dalla moltitudine de quali in vn/ momento resta tutto infranto. Nell' au-/uicinarsi poi alla costa della Guinea,/ cominciasimo à partire qualche arsura,/ per la vehemenza de i coccenti raggi/ del Sole, che qui è nel suo Zenith,/ nel penetrar più a dentro, diuene così/ feruido ne suoi bollori, che in puochi/ giorni ci deprese lo Spirito vitale in ma-/niera, che essigliato il riposo, non si dor-/miua, nauseato il cibo non si mangiaua,/ e massime accrescēdo ogni dì più d' ori-/dezza la stomacheuole innapetenza per/ la quantità de Vermi, che insporcaua-/no, e putiauano in tutte la beuande,/ & in tutti i cibi. Per quindici giorni con-/tinui, ne quali durò la nostra Nauiga-/tioni giusto sotto la linea, penassimo in/ questo tormento; potendo asserire, che/ il nostro viuere fù miraccoloso, à benche/ fosse nel mese d' Agosto, stagione, che/ nell' anno è la più fresca di tutte in/ queste parti. Costumano li Portughesi

[Página 47]

tutti in questo passaggio fare la loro/ Callioffa, ò sia festa, per impetrar da/ Dio benedetto l' vscita felice da vn var-/co cotanto funesto. Quelli, che ma più/ nauigarono sotto la linea, sono astretti/ à pagare, ò danari, ò cosa mangiatua, ò/ qualche altra sorte di merce, non esclu-/dendo alcuno, a benche sia Capuccino,/ pigliàdo da questo Corone, Agnus, Dei,/ e simili; il che tutto poi messo all' Incan-/to, di quel danaro si celebrano poi tante/ Messe, in suffraggio dell' anime nel Pur-/gatorio. Frà questi, se v' è qualche strer-/to di borda, che contenda il tributo, li/ Marinari vestiti da Zuffi conducono/ questo legato d' auanti al Tribunale,/ oue siede vn Marinaro tutto togato,/ quale fà da Giudice, che costituendo,/ interrogando, e decretando, sententia il/ Reo ad essere gettato tre volte in Ma-/re, in questa maniera: Stà appesa ad vn/ pennone dell' albero vna girella di fer-/ro con dentro vna fune, alla quale lega-/to, e sospeso il Reo, lo lasciano cadere/ trè volte à piombo sotto acqua; e pure/ v' è sempre qualche stitico, à cui tocca in/ beffe. Lo stesso pure si pratica nell' in-/gresso del Stretto di Gibilterra, e del/ Capo di bionna Speranza. Nel valicare/ poi della linea ci spirò sempre vn' aura/ anche troppo felice, à tutta pienezza di

[Página 48]

Vele: mà, per il meglio, Dio Nostro Si-/gnore ci spinse all' incontro vn' corrente/ d' acqua si fiera, che coll' vrto sostentan-/do, e trattenendo il Vascello, mai/ l' abbandonaua al precipitio, senza la/ quale haurebbe bisognato, ò fermarsi, ò/ tornar à dietro con pericolo euidente/ della perdita di tutti noi Doppo alquan-/to auanzatisi, col mancarsi il vento, ci/ mancò ogni refrigerio, per il che si das-/simo tutti in preda della desperatione, si/ per la vehemenza del calore, che per/ anche non era cessato, comme per la/ mancanza de viuerei, che era vicina; e/ massime fatti occulati dal sfortunato/ successo, che intrauenne quì pure (anni sono) all' infelice Vascello, detto Cat-/tarinetta: Questo carico di pretiosissimi-/mo tesoro, partio tutto festante dalli/ Mari di Goa, con vna calma, assistita/ da tutte le grazie, si fece scala al Brasil-/le, di doue à garra dall' aure più fortu-/nate, che adorino questi Marinari, spie-/gò le Vele à Lisbona; nel passar della/ linea, soproso dal grand' incendio, vi/ rimase il Pilloto; puoco più auanti mo-/rirono li Paroni più pratici, quasi, che/ dissi, bolliti in quell' acque, oue che ri-/manendo il Vascello, come Polledro/ sbrigliato, in libertà di vagare al stolido/ capriccio dell' onde, errò miseramente

[Página 49]

sette mesi per questi Mari infedeli, per il/ che consumati li viuerei, mangiare le/ scarpe, vccisi i Gatti, abbrustoliti li Ca-/ni, diuorati li Sorzi, tranguggato ogni,/ più necessitosa turpezza, mancato il vit-/to mancò parimente la vita, non vi re-/stando di quattrocento, che v' erano, al-/tri che cinque persone. Frà questi vi-/uendo il Capitano, agitato dalle furie di/ que' pensieri, che importano la morte,/ considerò in tale vrgenza, che perden-/do la vita, perdeua ancora la riputatio-/ne, imaginandosi, che la fama mentitri-/ce propallarebbe vna marca infame di/ fuga, impretiosita in paesi stranieri, col/ trasporto di tanto tesoro; per il che/ propose alli compagni la sorte di chi/ doueua morire, per soccorrere di cibo/ necessitoso al viuere delli quattro so-/prauienti: all' horrida proposta non/ fù, chi contradicesse, mà ben sì con vi-/ue espressioni procurarono escludere il/ lor Capitano dal copo di questa sorte/ inhumana doppo varie proposte, e ris-/poste elternatiuamente contese, giurò il/ Capitano di non voler sotranersi al fer-/ro micidia le di quella giusta vittima,/ tanto più ragioneuole, quanto più ne-/

cessitosa. Gettato finalmente da tutti/ il Dado, assorti disgratiamente la/
morte all' infelice Capitano, quale da

[Página 50]

tutti è deplorato, e compatito (mentre/ questo raccomandaua l' anima sua
a Dio [determinoron gli altri, esser da Ca-/tolico ben sì il morir tutti; ma
da bar-/baro l' insanguinarsi del compagno, al/ che Iddio concorrendo,
inspirò ad vno/ Pascendere sopra dell' Arbore maestro,/ don' egli guat-
tando scoperse da lungi/ vn non sò che d' oscuro, de che auuisa-/tone
il Capitano, anch' esso salito sù/ l' Arbore, scoperse col Cannocchiale,/
quella vista esser di Terra ferma; alla/ quale al meglio, che potero, volto-
rono/ la proa; & iui arriuati conobbero quel-/la essere vna Città confe-
derata di Por-/tughesi: sbarcati [coll' aiuto di Dio] si/ portarono subito
dal Gouvernatore, al/ quale fecero vn fedel racconto de loro/ sfortunati
successi: furono da questo/ humanamente accolti, e gratiosamente/ di
tutto il bisogneuole ristorati. Men-/tre quì dimororono (per sonseglio de/
Medici) furono necessitati per meglio/ della loro salute, fare vna buonis-
sima/ purga, nel progresso della quale due de/ più estenuati, e derelitti
dalla natura/ resero l' anima al Creatore: Li altri trè/ per la singolarità di
rimedij, e pretiosità/ de medicamenti si fecero sani. Doppo/ che (rese à
S.D M; le debite gratie, e/ complimenti al Gouvernatore, rassarcitò

[Página 51]

il Vascello) s' incaminarono, alla me-/glio, verso Lisbona; nel Porto della/
quale peruenuti, vno delli tre, che per la/ natura non bene consolidata,
era già ri-/caduto nella nauigatione, se ne morì./ Finalmente sbarcorono il
Capitano, &/ vn Marinaro, frà tanti rimasti, quali/ subito si portorono all'
vdienda del Rè,/ auanti al quale esposero la flebile nar-/ratiua de loro acci-
denti funesti. Quella/ Maestà compatendo, e consolando, fe-/cegli risto-
rare di doni considerabili, o/ dichiarò il Capitano Almirante di tutta/ la
Flotta, & il Marinaro Capitano del/ primo Vascello. Quì noi fra tanto pas-
sata la line a di dieci gradi, nel tramon-/tar del Sole scorgessimo pur alla
fine/ in lontanissima distanza il Promonto-/rio di S Agostino: e la mattina
(Dio lo-/dato) vedessimo Vcelli lunghi da terra/ volare, come ancora scor-
gessimo Bal-/lene, che gettando in aere copia assai/ d' acqua, ci pareuano,

in prospertiu di-/stante, bellissime, & artificiosissime/ fontane che dal Mare risorgessero: Qui-/ui la copia di queste Ballene è tanta,/ che scio vi dicessi, vn Marcante pagaro/ d' appalto al Rè di Portugallo 50. milla/ scudi d' oro, per farne oglio, non men-/tirei Nel passar poi che facessimo d' auã-/ti la S. Vergine di Nazareth, la salutas-

[Página 52]

simo tutti coll' Aue Marie tre volte, e/ con tre sbarri di Cannone. Questa è/ vna Chiefa distante dalla Città di Per-/nabuco miglia cinque, nel qual luogo,/ prima che fosse erretta detta Chiesa,/ passando il Sig. Francesco Brith (grande/ di Portugallo) deuotissimo della Beatis-/sima Vergine se li fece incontro vna po-/uera donna, vestita di bianco, con vn/ fanciullo in seno, chiedendogli humil-/mente la carità questo posto mano alla/ borsa gli diede vn Ducato, nel qual atto/ di dare, e di riceuere mirandosi scam-/bieuole in faccia; doppo il Brith pros-/seguì il suo camino, puoco distante/ quasi rapito occultamente da quell' vni-/co sguardo, s' andaua bene spesso riuol-/gendo per vedere la vita di chi gli haue-/ua trafitto il cuore; mà tutto in darno;/ che se bene in quel tratto di campagna/ aperta non vi era nascondiglio, ne im-/pedimento di vista, mai più porè vedere/ la bella mendica. Fatto perciò tutto an-/sioso, & annhelante, ritornò là, doue ha-/ueua lasciato l' argento, & il pensiero;/ giunto non ritrouò che due pedate im-/presse nella terra: dal qual miracoloso/ accidente s' auide, che la pouera fù Ma-/ria Vergine, che cò la diuinità de suoi/ occhi gli haueua incenerito il cuore,/ col suo bello di Paradiso gli haueua in-

[Página 53]

uolata l' anima: ne potendo per la gioia/ estrema più il cuore rauiar lo spirito, ne/ lo spirito più rauiarsi nel cuore, penaue/ delitiosamente in vna spiritual agonia di/ soauissima morte: oue che subito in me-/moria di comparsa cotanto gratiosa, e/ di gratie cotanto miracolosa, erresse/ quiui vn memorabil Tempio alle glorie/ sublimi della Santissima Vergine, dota-/to, mantenuto, & officiato al pari della/ bontà, e splenndidezza d' vn tanto Caua-/gliere. Noi alla fine peruenuti alla/ Torre, qual serue di Fortezza al Porto/ di Pernambuch, non potendo in quello per/ la strettezza delli angusto seno entrare, ne soggiornare Vaacelli, gettassimo l' an-/cora, e

con i soliti tiri prestassimo la/ douuta obbedienza alla Città: il Capita-/
no subito scese nello schiffo col portar-/uisi per impetrar la licenza del
sbarco./ In questo mentre osseruassimo, che da la/ sudetta Torre si spicca
vn muro, qual/ chiamano Oriciffo (dicono che è natu-/rale) di longhezza
miglia trecento, da/ vn braccio del qual viene il Porto chiu-/so, & assicu-
rato, questo muro spartisce/ questo il Mare da vn fiume, quale bagna/ nel
mezo questa Città: per il che diue-/nendo alle volte il Mare borrasco,/ /
col' insolenza de flutti tumultuanti,/ sbalza orgoglioso sopra di detta mura-

[Página 54]

glia, infestando con la propria salsedine/ la dolcezza dell' acque di quel
nitido fiu-/me, nel qual pescano poi gli Habitatori/ con mista curiosità in
vno, e nell' altro/ Pesci dolci, e Pesci sallari, per esser si fat-/to con insolita
metamorfosi, non sò se io/ dica il Mare in vn fiume, ò il fiume in/ vn Mare.
Da vn' altra intenderete più/ distinta ogni particolarità di Pernabuch, per
hora v' abbraccio caramente con la/ mia diletteissima Madre, e vi prego
salu-/tare affettuosamente tutti di Casa, riue-/rire li Signori Canonici,
e Cantelli, co-/me tutti gli amici, & à tutti auguro la/ beneditione del
Signore.

Dal Porto di Pernabuch li 8 Settem-/bre 1667

Vostro Obligatiss. e Cor-/dialiss. Figlio

F.M. Angelo Capuccino

[Página 55]

INFORMATIONE/ DALLA CITTÀ DI PERNAMBUCH, E QUA-/LITÀ DEL SUO PAESE

Pax Christi,

Carissimo Padre.

Con altra mia per vna Ceruia, che/ di qui parti per Europa giorni so-/
no, vi diedi parte del mio felice arriuo/ (con l' aiuto del mio Signore) nel

Bra-/sille. Hora coll' occasione, che s' alle-/stisce la Flotta per Lisbona, scriuo que-/sta, col auuisarui, come smontati in/ terra dal Porto di Pernabuch, osseruas-/simo frà la gran folla delle genti, sì de/ bianchi, come de' neri, che s' ammassò/ per vederci, vna Mora, che ingenocchia-/ta, battea le mani in terra, sul petto, ed/ assieme, io incuriosito di sapere a che/ fine ella facesse quelli strani arteggiamē/ ti, rispose vn Portuguese: Padre quella/ Mora è naturale del Congo, battezzata/ da vn Capuccino, & hauendo inteso,/ che ellino vanno là per battezzare, si/ rallegra, e festeggia. Nell andar poscia/ al nostro Hospitio, qual è dall' altra par-/te della Città ci bisognò passare per me-

[Página 56]

zo di questa, quale ozo di questa, quale ouassimo in grā-/dezza esser ordinaria, mà in quantità/ popolatissima, Massime de Mori, de qua-/li sono condotti d' Angola, Dongo, Con-/go, e Mettamba ogn' anno dieci milla/ per schiaui, ad' vso di seruirsene per la-/uorare il Tabaco, Zuccaro, e per rac-/cogliere il Bombace, che quì nasce co-/piosissimamente sopra alberi dell' altez-/za d' vn' huomo; come per tagliare/ tutti li legni da tingere seta, & altri ore-/tiosi; e per lauorare il Coci, el' Auo-/rio. Li Mori naturali poi del Brasile/ (quale si chiama America meridionale,/ o Mondo nuouo) sino ad hora li Portu-/ghesi non hanno potuto per anche do-/mare, per esser gente barbara troppo, e/ feroce. Vengono chiamati questi Ta-/buios, ò Caboclos, & il color della/ carne è di Tanè scuro; vanno nudi affat-/to, e per arme portano vn arco di lar-/ghezza trè braccia, con la freccia simi-/le, fatta parte di canna, e parte di legno/ durissimo, massime nell' estremità della/ punta, quale è à modo di ferro (del qua-/le affato scarseggiano) assottigliata, &/ addentata come sega, acciò nel ferire/ faccia più squarzo, e nell' estrarla sia/ più difficultosa; e siate certo, che scoc-/cando à segno tal freccia, passerà qual si/asi a semplice tauola, à tiro di qualsiuoglia

[Página 57]

moschetto. Mangiano questi Tabuios/ [quando possono] carne humana: ne ha-/uendone della loro propria, si cibano di/ quella de forestieri, non la perdonando/ in tal caso à niuno, che capita ne loro/ paesi. Giunti all' Hospitio nostro, tro-/uassimo cinque Capuccini Missionarij, e cõ questi

potremmo fermarsi qualche/ tempo, nel quale mi conuerrà fare vna/ purga per certa cōpressione d' humori,/ & infiamatione di sangue, mediante la/ quale si potrebbe rihauere assai la mia/ sanità. Due de nostri Compagni pure/ stano in letto oppressi da febre conti-/nua; è però vero, che frà pochi giorni/ spero (con l' aiuto di Dio) si leueranno/ liberi, e franchi, essendo quasi natura-/le ad ogn' vno, che capita sotto questo/ Cielo, cadere ammalato, sì per la diuer-/sa mutatione de cibi, come per la total/ alteratione dell' Aria. Vna mattina sù/ l' alba inuitati dal concorde fragore di/ molte Trombe giulieue sù' l Porto, con/ modesta curiosità vi accorressimo per/ veder la vga vnione delle Nauti di/ tutta quanta la Flotta, che ascendeuano/ al numero d' ottanta legni, tutti benissimo-/mo corredati, per la vastità de quali non/ essendo capace l' angusto seno del Por-/to, stauano al di fuori ancorati, aspet-/tando, che si fornisse di caricare il Va-

[Página 58]

scello, sopra del quale noi eravamo ve-/nuti, quale portaua commodamente/ mille Cassoni di Zuccaro. Veramente/ posso asserire, che questa riuscua vna/ delitiosissima prospettiva alla vista;/ l' haureste giurata, ò vna gran selua nel/ Mare, ò vn Mare trasformato in tor-/regiante Città. Qui pure riceuissimo/ nuoua del P. Gio: Mareia Mandelli da/ Pauia, Prefetto d' ambe le Missioni di/ Angola, e Congo, quale là rese l' Ani-/ma à Dio con fama di santità grandissi-/ma, sospirato, e pianto inconsolabil-/mente da tutti que' Popoli, alla salute de/ quali haueua cooperato, e cò sudori in-/defessi affaticato per spatio di vinticin-/que anni Di qui si partissimo vn giorno per vedere la Villa d' Ollinda, distante/ solo trè miglia; già Città grande vna volta, mà hora dirroccata tutta per cer-/ta inuasion fatta dalli Olandesi. In/ certe campagne palludose ci furono/ mostrati alcuni alberi, ch' hanno le ra-/dici auuiticchiate in terra, come gli al-/tri, ma la stessa ancora li pende sopra/ dalla cima, per la lunghezza della quale/ restano coperte quasi tutte le foglie. Qui/ li Papagalli, e Peruchetti verdi sono in-/finiti. Delli Maccacos, che sono Gatti Maimoni, ve ne sono in spetie diuerse,/ ma quella de più piccioli, che chiamano

[Página 59]

Sagorini è la più accreditata. Questo/ breue viaggio fù fatto da noi in barca,/ detta Cannoua, qual è vn' arbore gran-/de incauato, e guidato da due Mori nu-/di, che coprono con vn palmo di strac-/cio malamente le parti più vergognose,/ e questo è habito solenne di tutti li Mo-/ri del Brasille. Il temperamento di que-/sto clima, benche sia molto estivo, e/ quiui il Sole troppo accalorato riscaldi,/ non è però molto nociuo, ne meno la/ rugiadosa humidità della Luna riesce/ troppo infestante, potendosi viaggiare/ commodamente tanto di giorno, come/ di notte. In questa Città, come in tut-/to il Brasille si spende moneta d' oro, &/ d' argento: per vna Messa dano due/ Testoni, e per vna Predica Trenta, e/ Quaranta se ne riceue: Qui non vi na-/sce frumento, ne vino, benche se ne tro-/ua (mà caro) venendo portato tutto/ dispendiosamente dalla nostra Europa./ Per essere quì tutto il paese sabbioso,/ vengono afflitti li habitatori, e li pas-/saggieri del trauglio di certi vermi, che/ chiamano alcuni pedocchi di Faraone,/ volendo alcuni, che siano ancora quelli/ d' vna delle dieci piaghie, con le qualli/ Dio percosse tanto seueramente l' Egit-/to. Sono questi più piccoli delli Pulci/ quali nel camminare entrano inaueduta-

[Página 60]

mente ne piedi frà carne, e pelle, & in/ vn giorno crescono alla forma d' vn fag-/giolo, per il che è necessario farsi vede-/re ogni giorno da qualche Moro pratti-/co, che li caua benissimo, perche tran-/scuratamente restando, in breuissimo/ tempo tutto il piede marcisse. Passati due/ giorni, non potendo camminare, mi feci/ visitare, di doue mi fù cauato quattro di/ questi animaletti diuenuti assai grossi; ne/ vi era giorno, che giunti all' Hospitio, e/ chiamati li detti Mori, non si facessimo/ estraere otto, dieci, e dodici di questi ver-/mi per ciascheduno, e guai à chi trapel-/ano sotto l' vnghia, che se non si è oc-/culato, mangiano il piede, non la per-/donando alli Portughesi stessi, a benche/ siano calzati. Vn giorno andando per/ la Città, capitammo in vn Giouine nel/ mezo d' vna strada assentato sopra d' vn/ sazzo con le mani, e piedi incatenato, e/ sopra la testa vna lastra di ferro, che à/ modo di celata, gli callaua giù per la fac-/cia, alla qual diueduta fermandosi il P./ Dionigi, & lo interrogassimo per qual/ causa stasse così legato: rispose, per esser/ fugito tre volte dal suo Padrone, che/ perciò

hauerlo fatto sfezare/ molto bene, l' haueua di più fatto espo-/nere in quel modo legato: ci pregò à la-/grime, ch' per carità volessimo piamente

[Página 61]

assistergli con feruorose preghire ap-/presso il suo infellonito Padrone, acciò/ placato gli perdonasse, il che di buon/ cuore, e subito operassimo, coll' intoppo/ però di qualche restio, per esser fugito/ tre volte, deliquio troppo irremisibile,/ nulladimeno per esser questo Signore,/ tutto auscerato de cappuccini restassimo/ consolati, e quelloo liberato. Ne vedessi-/mo poi molti altri à quattro, à sei, à otto/ per volta incatenati, chi per il collo, chi/ per le mani, ch' per i piedi, medicina sa-/lutare, ch' sēza questa fuggirebbono tut-/ti d' accordo. Per vn tal giorno nella/ Chiesa Maggiore, che si chiama il Cor-/po Santo, per solennizzare vna festa del/ Rosario, fecero vn' apparato veramente/ vistoso: tutta la gran Chiesa, con il sof-/fitto era coperta di spalliere richissime/ di collar giallo; ne compartì, diuisi per le/ pitture, in' bellissimo suolazzi, pendeua-/no aggiustati drappi pretiosi del Croco/ più fine dell' Indie, e tutto l' addobbo si/ vedea bizaramente rabescato con nastri/ di sera di color di fuoco in tanta quanti-/tà, che per detto seuitio solo ne haueua-/no speso vinti milla brazza [come ci/ giurorono] e tutto appeso co gl' Aghi, Il gran Tarbernacolo, che per l' altezza/ torreggiaua in immenso, era ammanta-/to d' Seta, e d' oro tutto d' fiamme, che

[Página 62]

illuminare dal chiarore d' vn passamano/ d' argento, abbaccinaua la vista, quasi si/ mirasse al naturale nella propria Sfera/ del Fuoco. Il tutto poi veniua abimato/ dal spirito delle corde, e dal fiato di quei/ spiriti, che tasteggiate, & ispirati ani-/mauano quell' Arpe, quelle Viole, e Cor-/netti à decantare le lodi delle sacre Pal-/linodie. Vdite il modo, che tengono/ questi Religiosi per spender puoco nel/ far simili funtionì; Frà tutti della Città,/ elleggono il più ricco Mercante, quale, e/ con la persona indefesta assiste, con la/ bolsa aperta socorre ad ogni, e qualun-/que operoso dispendio, che gli viene/ ambitosamente architettato dal proprio/ capriccio. Il Padrone, che fece la festa/ sudetta mi giurò d' hauer speso solo nelli/ fuochi della sera antecedente quattro/ milla Ducati, in questa maniera però de-/siderando noi di partire con la maggior/ celerità, che si potesse da questi paesi

dell'/ america, per portarsi quanto prima nell'/ Africa, vltimo intentionale delle nostre/ fatiche, fossimo vn giorno à ritrouare/ questo Signore, che era Mercante ric-/chissimo da Vele, e nostro affetionatis-/simo, acciò doppio caricato il Vascello,/ che veleggia in Africa, ci facesse la/ Carità di concederni la Camera di pop-/pa per detta nauigatione, al che tutto di

[Página 63]

buon cuore assentito, mentre eramo per/ imbarcarci, il predetto (p. voler di Dio) fù/ scoperto casualmente inhabile, e fracci-/do in maniera, che bisognò scaricarlo, e/ disfarlo de tutto, per sciogliere i ferri, &/ altri otensigli migliori, e delle touole poi/ si fecero que fuochi, che dissero costare/ quattro milla Ducati, perche tanto sbor-/sò questo Mercante per la compra di/ detto Vascello. Forsi ci liberò il Signo-/re da questa morte, per hauerci destina-/to ad altro più accettabile sacrificio. Per/ solleuarsi, vn giorno fossimo a visitare il/ curioso ordegno dell' espression del Zuc-/caro. Questa è vna gran Ruota giratta/ con vehemenza grande da molti Mori,/ quale supreme vna machina pesantissi-/ma d' vn Torchio di ferro massiccio, sor-/to del quale s' infrangono le canne piene,/ di Zuccaro, ragliate in pezzi minuti, il li-/quor del quale và stillando in vna vasta/ Caldaia, sotto i bollori della quale vi stà/ acceso vn gran fuoco: il vedere poi tra-/uagliare à sudori anhellāti questi schiaui/ Etiopi in simil lauorezzo, hà del miraco-/loso, sapendo massime la loro pigra,/ vigliacca natura, poi mirarli qui tutti af-/facendati, e destri, particolarmente nell'/ aggiungere tanto occultamente sotto/ del gran Torchio què minuti di canna,/ per non restar tronchi del braccio, ò del-

[Página 64]

la mano sotto quella gran massa di fer-/ro, e peò, che li neghitosi, & annoiati d'/ lauorare, rendono Snelli, e volonerosi/ con tali netuate, che fanno compassione/ lenitiuo però miracoloso alla dapocag-/gine di costoro, che sono genti ne' loro/ paesi così connaturale dell' otio, che/ si potrebbe asserire il Prouerbio, esser di/ più il Mondo, come narrerò seriuendo/ del Congo. Gli frutti di queste parti,/ che durano sopra gl' arbori tutto l' anno/ in generale, sono assai buoni, e delicati:/ frà quali visono Niceffos, come li nostri/ Cedroni, che nascono sopra d' vn fusto,/ come la canna d' India,

e di due foglie di/ questa si farebbe vn' habito alla moda/ per qualsiuoglia grand huomo; da simil/ fusto non ne nasce per volta altri, che vn/ caspo, à guisa di Rozzi d' vua, che appen-dano li Contadini di Lombardia al tas-/ sello, dal quale ne nascono assieme cin-/quanta Niceffos, quali per maturare, fà/ d' mestieri tagliarli dalla pianta in aggre-/sto, e sospenderli a ll' aria, che frà puochi/ di verdi vengono gialli, oue che poscia/ per mangiarle, tagliate per mezzo in tut-/te due le parti, si scuopre al naturale im-/pressa l' Imagine d' vn Crocefisso. Inciso/ il caspo, il fusto si secca, rinascondone/ presto vn' altro, figliato della stessa radi-/ce, qual cresce alla misura della Melica

[Página 65]

rossa Italiana. Quasi della medesima/ natura è il Bananas, eccetto, che il Ni/ceffos è longo trè oncie, & Bananas il/ doppio. L' Ananas è à guisa d' vna pigna/ della longhezza d' vn palmo, e la pianta/ non ne produce, che vno, de quali leua-/ta la correccia, appariscono tutti gialli,/ e rendono il succo naturale dell' vua/ moscatella, di questi se ne mangia con/ qualche riguardo, per essere la loro so-/stanza calida nel terzo grado. Vi sono/ ancora d' altre sorti infinite, come frutti/ del Conte, quali nascono sopra vna piã-/ta dell altezza d' vn Aranzo, che in sapo-/re sono dolcissimi. Li Manaci ressemi-/gliano meloncini piccoli di cotesti paesi,/ fruttano questi sopra arbori grandissimi,/ vi è il marracupias [sic] alla forma d' vn gros-/so pomo, quale è rotondo, e per di fuo-/ri è giallo, il modello naturale del quale,/ come d' altri molti, quanto prima farà/ dato in luce dal Sig. Giacomo Zanoni/ Bolognese, mio partialissimo, all' osser-/uanza del quale m' astrinsi con nodo/ d' obligatione indissolubile, di mandarli/ [come farò quanto prima] frutti, fiori,/ radiche, semplici, e semi di tutte quelle/ sorti, che potrà indagar la mia indu-/stria, e la mia diligenza, per farlo seruito/ con gl' altri miei Amici, e Padroni. De frutti poi dell' Europa se ne vedono in

[Página 66]

qualche giardino appartato, come Vua,/ Meloni, Granati, Fichi, Zucche, Coc-/comeri, Cedroni, Aranzi, Limoni, e/ Cedri così felici d' humido radiale, che/ crescono à giusta portione delle Zucche/ in Italia. Quì ancora

gli Aranzi della/ China, quanto moltiplicano in quanti-/tà, tanto miglio-
 rano di qualità, poiche/ certo sono pretiosi, mercè della natura/ madre
 loro così benigna, che per mol-/tiplicargli il frutto, solleua la pianta in/
 arbori altissimi. Il viaggio, che siamo/ per fare ad Angola, sarà di quattro
 mil-/la, e cinquecento miglia, poiche biso-/gna spiegar le Vele à misurar l'
 altezza/ del Capo di Buona Speranza, per sfugir/ l' incontro della malig-
 nità de venti, che/ regnano in quei Mari più corti. Siamo/ quì in sei Padri
 Missionarij, nella par-/tenza de quali bisogna diuidersi in due/ parti, per
 la stretezza de Nauiglij, non/ leuando per cadauno, che trenta Mari-/nari
 al più. Il Padre Dionigi con vn/ Compagno, & io partiremo sopra d' vn/
 Vascello comprato di nuouo da vn mio/ Amico parziale per quattro milla
 Cro-/sadi benissimo corredato. Se il Signo-/re ci farà gratia di condurci-
 colà a salua-/mento, subito ne sarete da me auuisa-/to, sperando là ritrou-
 arui Nauiglij sicu-/ri di ritorno à Lisbona. Per hora non

[Página 67]

mi allungo più in scriuerui, rimetten-/domi ad altra mia, che già vi hò scrit-/
 to: intanto non vi scordate pregar il/ Signor Iddio per me, ed abbracciar la/
 mia cara Madre, e di salutare i Fra-/telli, e Nipoti con tutti di Ca-/sa, che
 io con ogni pienez-/za di cuore vi prego/ à tutti la pace, e la benedittione/
 del Signo-/re.

Pernambuch li 12. Settembre 1667.

Vostro Obligatiss. & Affet-/tionatiss. Figlio

F. M. Angelo Capuccino

[Página 68]

DA PERNAMBUCH NEL BRASILLE MAN-/DA CERTE CURIOSITÀ AL PADRE/ CON
 ALTRI AUUISI.

Pax Christi,

Carissimo Padre.

Ad vna Ceruia, che d' quì per Eu-/ropa, partì giorni sono, affidai la/
 premura d' alcune mie lettere, che vi/ scrissi, col darui raguaglio del mio
 viag-/gio al Brasille. e di molte particolarità/ di questi Paesi: hora con la
 presente, vi/so sapere, che la Cassetta, quale mi man-/daste à Genoua,
 e vota à segno, che ap-/pena vi è rimasto il fondo, non hauendo/ potuto
 di meno, per rendermi amoreuo-/le ch' bisognaua captiuarmi con qual-/
 che offerto di cortesia. Vi giuro quando/ aprij la sudetta in Lisbona, non
 potei/ trattenermi le lagrime di tenerezza, cõ-/siderando l' indissolubile, &
 amorosa/ carità con che v`a prosseguendo vn amo-/reuolissimo Padre il suo
 pouero Figlio,/ anche in paesi lontani, oue che affidato/ da i tratti suscetati
 della vostra paterna/ pietà, ardisco pregarui di nuouo, quan-/do vi porta-
 rete, ò mandarete à Liorno/ vi contentiate inuiarmi qualche curio-

[Página 69]

sità di Vetro, Corone de Camandoli,/ Anelli d' osso, & altre simili galanterie,/ il
 semplice dono delle quali sul parago-/ne degl' occhi di questi Cittadini riesce/
 più pretioso di qualsiuoglia oro delle più/ isquisite miniere di questo paese.
 Coll'/ occasione, che di quì parte la Flotta d' Zuccaro, e Tabacco v' auuiso,
 che io/ v' inuio per Genoua vn picciol Bauullo/ pieno d' diuerse curiosità d'
 questa Pro-/uincia; De varij semi, che dentro vi tro-/uarete di ciaschedune sorti
 ne farete/ due parti, delle quali vna sarà vostra, e/ dell' altra ne chiuderete vn
 pacchetto, so-/pra del quale metterete la lettera, che/ sarà nello stesso Bauullo,
 e tutto manda-/rete à nome mio, acompagnato con/ ogni sicurezza, al Sig.
 Giacomo Zano-/ni, Spetiale in Bologna da San Biaggio,/ col farlo certo, che la
 maggior parte di/ questi sono semplici, quì ritrouati, mà/ io, come quello, che
 di simili estratti non/ hò contezza alcuna, hò scielto di quelli/ solo, quali mi
 hà parso, non hauer mai/ veduto in Italia. Animatelo à seguirtare/ la studiosa
 coltiuazione del bellissimo/ suo Giatdino de semplici, & à coronare/ con vn
 fine glorioso il virtuosissimo/ suo libro, già principiato, li carratrerì/ del quale
 saranno tanti elogi all' im-/mortalità del suo nome, appresso gli vir-

[Página 70]

tuosi di tal professione, & anche di tut-/to il Mondo. Rinserrate poi nel mede-/
 simo Bauullo riceuerete certe cose cu-/riose, che io vi mando, prima vna pelle/

di Biscia di sette braccia, quale è però/ delle piccole, poiche ve ne sono delle/
grandi, che ingoiaranno vn castrato, od/ vn Ceruetto intiero. Vi è vn osso mas-/
siccio d' vn Pesce, che porta sopra del/ capo, che per essere in forma di Spada,
lo chiamano Spada di Pesce. Vedrete/ due Pesci, che vollano al pari d' vccelli,
hauendo l' ali alla loro similitudine,/ Frà queste, & altre bizzarie, che vi man-/
do, come dalla nota leggerete, vi sono di-/molti medicinali cò suoi bollettini à
par-/te, che specificano la loro virtù. Eui an-/cora vna Corona di Cocco, & vn
Rosa-/rio per la mia diletissima Madre; le al-/tre quattro giunte assieme, le
dispensa-/rete alli miei Fratelli, & ad altri di Casa,/ Queste cose tutte mi sono
state donate/ da questi Mercanti, nell' amicitia de/ quali mi sono con manie-
rosa destrezza/ introdotto; benche cò gli Portughesi/ non vi vuol gran pena, poi
che sono lui/ sceratissimi della nostra Religione, Pa-/timente mi hanno rega-
lato di due baril-/letti de Dolci, de quali professano quì di/ hauere la vera, e reale
manipulatione/ frà tutto il Mondo; costumando ogn'

[Página 71]

vnp dopo il pranso prendere vn boc-/cado per sigillo del stomaco. Altro per/
hora non vi posso mandare, hauendo/ solo impetrato, anche per gratia, da/ vn
mio partialissimo la permissione di/ questo piccolo Bauullo. Seruate le cu-/
riosità (vi prego) ne le donate, perche/ spero col beneficio del tempo, di met-/
teru in stato di poter fornire di queste/ vna stanza à modo di Galleria, singola-/
rizata tutta di bizzarie, estrattr dall'/ America, e dall' Africa solo, massime/
insegnandomi l' esperienza, non esser/ molto difficoltoso à chi è prouisto d'
ag-/giustate corrispondenze, il trasportare/ da paesi reconditi à più remote
contrade/ ciò, che si vuole. E però, vero che biso-/gna con dire di gran soffe-
renza, l' amaro/ dell' impatiente longhezza, di chi tarda/ l' arriuo: poiche giunto
vno di questi/ Nauigli qui in Porto, non può che con-/sumate trè, ò quattro mesi
almeno nel/ concerto delle pratiche, per caricare, e/ scarricare le Merci, tanti
altri haurà po-/sto nel viaggio, altri simili spenderà nel/ ritorno in Lisbona,
hauendo ancora il/ subito dispacio per l' Italia; di modo,/ che calcolando con
ogni auuantaggio,/ questa mia, che vi scriuo al presente/ non vi capitarà, che
verso al mezo, ò fi-/ne di Quaresima. Hoggi sul mezo gior-

[Página 72]

no qui hanno approdato li Nauiglij di/ tutta la Flotta, caricati alla Baia, & al/ Rio di Geneiro, quali nel termine di tre,/ ò quattro giorni partirano con questi/ per Lisbona, che in tutti adesso saranno/ quaranta Vascelli, venendo accertato/ per altre volte hauer fatto l' vnione di/ ottanta, e nonanta. Vno di questi gior-/ ni fossimo conuitati ad vn pranso Ita-/liano da vn nostro Amoreuole (per go-/ derci auanti partiamo) oue il pane non/ era bonissimo, per essere tutto fatto di/ farina nauigata dall' Europa, quale, e/ per la distanza del viaggio, e per il vehe-/mente calore nel passar della Linea, s' in-/humidisce, si riscalda, per il che molto/ patisce. Di frittura ve ne fù in quantità,/ di Galline ve ne era per le Galline, e/ varij, e diuersi Manichareti esquisite, di/ carne, mà tutta di Vacca, per essere, e/ non hauere questo paese altro Seuaggio/ più pretioso, e delicato di questo. Vi fù/ del vino, ma troppo generoso, e molto/ più caro, se io vi dicessi, che costa più/ del Zaffarano, nò v' ingannarei. Questo/ si porta dall' Isole Madere, in distanza di/ 2000 miglia paga d' datio per Pippa [che ciascheduna fà 7 dell' nostre misure] più/ de otto doppie, per il che poco ne viene,/ e manco se ne beue: e poi tutti li Blan-/chi, che quì si trouano, ò sono Porto-

[Página 73]

ghesi, ò discendono da Portughesi, qua-/li tutti beuono poco vino, ò niente. Spe-/ro, che alla fine di questo (se piacerà al/ Signore) partiranno tre Padri sopra di/ vn Nauiglio; di li à puoco gli seguiremo/ il mio Padre Dionigi, & io con vn' al-/tro compagno, sopra d' vn aggiustato/ Vascello d' vn mio particolar Amico, vn/ fratello del quale si partirà con noi di/ conserua. Per la strettezza de Nauigli,/ e per l' angustia di tutti li legni, che quì/ si ritrouano, bisogna separarsi, non po-/tendo di meno. Sò di non vi hauer so-/disfatto col puoco, che hò scritto delle/ curiosità di questo paese, mà per dirue-/la, vi è tanto di marauiglioso, che/ tutto riesce considerabile, & il conside-/rabile mi si fà impossibile in questo puo-/co di tempo, e poi basta dire, è vn/ Mondo nuouo. Se Dio mi darà vita,/ con maggior commodità, e con più commoda applicatione scriuerò più dif-/fuso, e mi diffonderò più curioso con/ distinte, & appuntate relationi (in or-/dine à che, meco porto qualche memo-/ria) di tutte le particolarità, sì de Cit-/tà, Costumi, Natura, Leggi, Vitto,/ & Vestito, & altro di tutti li paesi di/

questa mia Nauigatione, e Peregrina-/tione, per renderne appagato, e conso-/lato, chi desidera. Non vi scordate

[Página 74]

(vi supplico) pregare Iddio per me. Raccomandatemi à tutti di casa, e/ frà primi alla mia cara Madre, riuerite/ gli Amici, e Padroni, & viuete felici con/ la pace del mio Signore.

Pernabuch li 17. Settembre 1667

Vostro Obligatiss. & Afet-/tionatiss. Figlio

F. M. Angelo Capuccino.

AL SIGNOR CONTE/ FRANCESCO ROLLI./ MANDA CERTE CORTESIE, & AUUISI.

Illustriss. Sig.

Per leuare ogni dubio à V. S. Illustris-/sima, che la lontananza di 5000./ miglia hauese potuto sminuire quel' os-/seruanza, che le deuo per li molti fauori/ riceuua dagli effetti della sua gentilezza/ lo scriuo questa mia dall' America, nella/ Prouincia del Brasille, nella Terra d' Per-/nabuch: doue per la Iddio gratia sono

[Página 75]

gionto à saluamento. Il Viaggio da/ Lisbona sin quì non è stato di compita/ felicità; egli è vero, che non habbiamo/ girato con urti di procellose tempeste/ per lunghi errori i Mari/ ne incalzato/ dalli nemici, vi è stato di che temere, mà/ angariati bensì da qualche calma n' hà/ occasionato di che tediare; mi contento/ però d' hauer speso ne anche tre mesi, in/ sì longa

Naugatione. Il dar poi esatta/ informazione à V. S Illustrissima di que-/sta parte di mondo, non hò le spalle/ d' Atlante da poter foggiaer à carica/ tanto importabile; è Mondo nuouo,/ che vuol dire fatto al rouersio di tutto/ l' altro. Delli huomini sono sorti diuer-/se, e differenti, come Negri, Mulatti,/ Vermigli, Tabui, & Mamaluchi, quali/ nascono da vn naturale Indiano, da vna/ di queste Bianche. Salvi li bianchi, tut-/ti compariscono nudi, eccetto li mag-/giori di dodeci anni, che cuoprono le/ parti d' auanti con vn palmo di straccio,/ ò con vna semplice foglia. Li Tapui per/ saper più di bestia, che d' huomo, vanno/ del tutto nudi: questi, per parere,/ non sò, se più vaghi, ò più sparuti, porta-/no incastrati nella faccia pezzetti di le-/gno, e di pietra di varij colori, e dall'/ orechhhie gli pendono, à guisa de nostri/ Cani, non piombini, mà frusti materiali

[Página 76]

di legni. Tutti in vniuersale portano/ freccia, Arco, e Faretra, armi naturali di/ tutta l' India. Viuono di caccia seluag-/gia, e domestica, voglio dire di fere, e/ d' huomini. Infermandosi alcuno di lo-/ro, gli è dagli altri assegnato il tempo/ preciso per guarire, dentro del quale/ non riauendosi, per cauarlo di stento, con carità Leonina l' vccidono, e se lo/ mangiano, come fanno à tutti li morti,/ & insino alli proprij parenti, quali in-/uecchiati, e resi inutili all' indefesso es-/sercizio della Caccia, sono vccisi dalli/ proprij figliuoli, quali conuitati li parē-/ti, gli fanno vn lautissimo banchetto,/ impretilioso di varij intingoli di quella/ misera carne, che per hauer data à loro/ la vita, gli apprestano la morte, e la se-/poltura in quelle viscere, di che furono/ il cuore: questi però non sono Christia-/ni, gli altri tutti, ò buoni, ò cattui, che/ siano, sono Christiani di nome. Due/ sono le stagioni delle' anno in questo Cli-/ma, cio è il Verno assai temperato nel/ freddo, ma rigoroso di piogge, non spogliando mai la Campagna di foglie,/ mà ben sì innondano d' acque pretiose/ i torrenti; e l' estate assai rigorosa di cal-/do, e troppo temperata di piogge; per/ carestia delle quali se non cadesse in soc-/corso molta rugiada dal Cielo, dubitarei

[Página 77]

che la terra non diuenisse tutta vna mas-/sa di fuoco. Le piante sono tutte diuer-/se da quelle d' Europa; ecceto l' Vua,/ della quale ve ne è qualche

vite ordina-/ria, il di cui frutto è puoco, & agro, il/ quale si raccoglie ordinarimente due/ volte l' anno, & ancor tre. Altre sorti di/ frutti di spetie diuerse si veggono, e/ si mantengono tutto l' anno sopra degli/ Arbori; mà per dirla, sono insipidi, e/ mi piacciono più quelli di Europa, e frà/ tutti questi d' Italia. In luogo di pane si/ mangia farina fatta di radice d' vn Arbo-/re, che si chiama Mandioca; e per vino si/ beue acqua, più cattiu, che buona./ Questo paese è, poi ameno, e salubre; mà oue intentionammo portarsi, mi di-/cono essere altrettanto inculto, e mali-/gno. Sia come si voglia, viua Dio, quan-/to prima lo vedremo, e lo prouaremo:/ di qui vi è la distanza di quatro milla, e/ seicento miglia, quali speriamo varcar-/li, al più, in ottanta giorni, à gloria del/ mio Signore. Quì congionto mandò/ alla Signora Contessa sua Madre,/ mia Signora, vn Rosario di Cocco, fe-/dele attestato delle mie obligationi, e/ diuoto compendio delle espressioni cor-/diali d' vn pouero Capuccino. Restarà/ seruita supplicarla in mio nome, di rac-/cordarsi di me nelle sue affettuose ora-

[Página 78]

tioni, nelle quali molto confido, come/ anco di riuerirmi il Sig. Conte Frances-/co Masdoni, tanto mio Padrone, il Sig./ Conte Ancini, & il Sig. Brami, restando/ qual fui, e farò sempre.

Di V. S. Illustrissima

Pernabuch li 17. Settembre 1667.

Obligatis e Partialiss. Seruo

F. M Angelo Capuccino.

DÀ PARTE D' VNA SUA INDISPOSITIONE,/ AUUISA DELLA SUA PARTENZA, E
DÀ/ ALTRI RAGUAGLI.

Pax Christi,

Carissimo Padre.

E da Lisbona, e dal Mar Oceano do-/uereste hauer riceuuto mie
Lettere./ Quì di Pernabuch, con l' occasione, che/ si parte la Flotta, e prime
per vna Chiar-/uia, sò d' hauerui scritte più mie. Di pre-/sente partendosi
da questo Porto vn

[Página 79]

Nauiglio per Portugallo, scriuo ancor/ questa per dirui, esser stato vn
miraco-/lo, che tutti non si siamo persi sopra d' vn/ Pettacchio. Vn giorno
ascesi sopra di/ questo, per far Vela al nostro viaggio,/ essendo già caricate
tutte le merci, s' aui-/dero li marinari, che facea molt' acque,/ di ciò auertito
il Padrone, ch' era vn/ mercante ricchissimo, e partialissimo/ mio, fatte le
diligenze ordinarie, non/ puotè (per ouuiare il male) indagar la/ cagione
senza iscaricarlo de tutto; il che/ fatto con impatienze grandissime, si ri-/
trouò (prouidenza di Dio) nel fondo più/ d' importanza nō vi essere pure
vn chio-/do valeuole, per esser tutti consumati/dalla ruggine, e corrosi dalla
edacità del/ tempo vorace. Onde ci conuene diffe-/rire molte settimane
la nostra partenza,/ auanti che il Padrone potesse prouedere/ d' altro più
sicuro Pettachio. Si tiene/ per infallibile, che Sabato prossimo/ habbia da
essere il giorno prescritto del/ nostro felice imbarco. Felice dico, per-/che
il Legno, sopra del quale andiamo,/ frà tanti, che ne possiede, e con che/
traffica indeffesamente per questi mari/ il Padrone, il molto guadagno di
quest'/ vno l' hà destinato, e lo spende in suffrag-/gio delle Anime tutte del
Purgatorio,/ mediante l' intercessione delle quali spe-

[Página 80]

rarei vna prospera Nauigatione. V' au-/uiso d' auuantaggio, molti giorni
sono/ sui necessitato andar col Padre superio-/re à certo luogo, distante di
quì puoche/ leghe il camino del quale venendo in-/terotto dal piccol corso

d' vn allagato/ fiume, bisognò, farci portare di là per/ due Mori, condotti à tal' effetto. Oc-/corse (per mia disgratia) al moto, che/ mi passò, nel farmi scendere dalle sue/ spalle, mi pose sopra d' vna pietra inegua-/le, da vn corno della quale inaueduta-/mente sdruscito, per l' abbaccinamento/ degli occhi, aggirati dal rapido corso/ dell' acqua, percossi petto sopra d' vn/ angolo acuto di quella, dalla percossa/ della quale riccadei di nuouo tramorti-/to sopra la terra, credendomi tutto la-/cerato il peto; e le coste intrante nel/ corpo: di doue [con l' aiuto del mio Dio]/ e l' immensa carità del Padre Superiore,/ qual subito tutto diligente v' accorse:/ rinuenni, & à bell' aggio comodo/ appoggio de' Mori, si portassimo al luo-/go intentionato, già puoco distante, oue/ fui prouisto per due, ò trè giorni di qual-/che lenitio più presentaneo al mio bi-/sogno. Ristorato vn pò puoco, alla/ meglio ritornassimo al Conuêto nostro/ oue con bagni di vino, con beuande/ di certi liquori, estratti da piante natura-

[Página 81]

li del paese, vnzioni, empiastri, con mol-/ti sallassi ne bracci, e ne piedi, e ventose/ in quantità, seruitù de Padri, carità di/ Amici, benefitio di tutti, cominciai pian-/piano à star meglio. Per molti giorni/ però mi fù di pena il respiro naturale, &/ il tossere mi era tormento insoffribile./ La caduta fù li 5. Ottobre, & hoggi che/ n' habbiamo 19 è il primo nel qual dico/ la Messe, che per l' addietro non poteuo/ leuar le braccia per il dolore nel petto:/ Sperarei che non vi fosse lenitio più cõ-/faceuole, e più presentaneo al mio male:/ che i Bittumi di mare, tenendo per in-/dubitato, che il desiderio cruciabile, che/ mi tormenta, per non proseguire il mio/ viaggio di subito imbarcatomi, non ha-/uerò vn male al mondo. Virinuouo, che/ è vna piaga insoffribile quella di questi/ Vermi, che entrano ne piedi, ciaschedu-/no di noi li hà infranti da questo inciam-/po maligno: dicono però, che nell' Afri-/ca, oue habbiamo da portarsi, non se ne/ troua, che lodato Iddio, ci reca grandis-/sima consolatione. L' altro hieri il Sig./ Gouernatore di Pernambuch mandò mil-/le, e quatrocento huomino detti Cabo-/coli (che sono di quelli, che habitauano qui, quando vi vennero li Portughesi)/ per soggiogare li Neri dos Palmares, quali sono schiaui fugiti da suoi Signori,

[Página 82]

e cresciuti al numero di 20. milla, col/ lungo beneficio del tempo, oue molti-/plicate in pace, infestano di continuo li/ confinanti loro, che sono Bianchi, ò Ca-/bucoli, ò Indiani, con furti rapaci, con/ rapine lacrimuoli di robbe, di Bestia-/mi, e sino delle proprie persone. Questa/ gente, come li Tabuì habitano que bos-/chi seluaggi, quali diuidono il Rio della/ Platta del Perù, che sono l' Indie proprie/ della Spagna; Da questa parte però di/ Pernabuch, il paese loro è di questo Re-/gno. Qui poi nel più recondito del Bra-/sille eui vna Terra chiamata S. Paolo,/ quale si può dire la Cuccagna del Mon-/do; in quella capitando qualche stranie-/ro, abenche pouero, infelice, e misera-/bile (se vuole) ritroua di subito di tutta/ sua satisfatione vne moglie, con patto/ però rigoroso, di smemorarsi ogni tra-/uaglio, ne pensare ad altro, che bere da/ Todesco, mangiare da Parasiro, e sol-/lazzare da spensierato; mà sopra il tutto/star auuertito di non inditiarsi, ne anco/ leggermente, di vagheggiare altra don-/na, che la propria moglie, ne di render-/si vn tantiuo sospetto di fuga, coll' abbā-/donarla, poiche subito questa diuenuta/ vna furia, gli dà il veleno, e col veleno/ la morte: ma per il contrario accarez-/zandola, questa fà ogni sforzo, adopra

[Página 83]

tutte le inuentioni, studia a tutte le finez-/ze, sforza tutti gli affetti per compiacer-/lo, e delitiarlo con tutte le pienezze di/ desiderij più gratiabili, premendo mas-/sime ciascheduna di far comparire à ga-/ra il suo marito più guardingo, e più ra-/fazzonato di quelli dell' altre. Questo/ paese è felicissimo di Clima, sì all' huo-/mini connaturalizarli d' vn bellissimo/ sangue, com alla terra per influirli ali-/mento fecondissimo di tutte le cose/ cibarie, anche sourabbondante per li/ stranieri ad ogni loro disgratia. Scorre/ per questo Paese vn fiume sì douitioso,/ che col suo tesoro socorre alle miserie/ di qualunque necessitoso, che gl' implo-/ra d' aiuto; pescando in tal caso frà quel-/le arene pretiose tant' oro, che vale per/ appagare quel suo bisogno, la quinta/ parte del conuiene tributarla al/ suo Rè; e prouisti al lor presentaneo bi-/sogno, non mouerebbono vn piede per/ raccogliere altr' oro, per tutto l' oro più/ impretiosito del Mondo. Strani, e ma-/rauiglie si costumi si raccontano di que-/sto paese, ma per dirla, non vi essendo/ stato, per essere nel più recondito di/ questo Regno, contiguo

a quello della/ Platta non posso affermarle, mà vi dito/ bene, che quì più niente mi si rende in-/credibile, perche à costoro ogni sproppo-

[Página 84]

sito si rende fattibile. Finisco, e col fi-/nire caramente v' abbraccio assie-/ me cò la mia amatissima Ma-/dre, raccomandatemi alli/ Fratelli, salutare i Nepo-/ti, riuerite gl' Amici, e/ tutti pregate il Sig./ Iddio per me.

di Pernabuch li 19. Ottobre 1667.

Vostro Obligatiss. & Affet-/tionatiss. Figlio

F.M. Angelo Capuccino

[Página 85]

VIAGGIO/ DAL PORTO DI PERNABUCH, SINO ALLA CITTÀ/ DI LOANDA, CON QUALCHE RELATIONE DI/ DETTA CITTÀ DI LOANDA

Pax Christi.

Carissimo Padre.

Per altre mie da Pernabuch bel Bra-/sille haurete inteso la mia partenza/ da quel Porto quale fù li 2. Nouembre/ 1667. Hora con questa vi dò contezza/ del mio arriuo in Loanda, Metropoli/ del Regno in Angola, comme delli altri/ tutti in Etiopia ...

ANEXO 4. PASSAGENS REFERENTES AO BRASIL EM “IL MORO TRASPORTATO NELL’INCLITA CITTÀ DI VENEZIA” DE DIONIGIO CARLI DA PIACENZA (1687)

“NAUIGATIONE AL MONDO NUOVO, & ALLA CITTÀ DI
PERNAMBUCO. CAP. IV

[Página 21]

[...] nel tramontar del Sole, scoprimmo pur alla fine, in lontanissima distanza, il Promontorio di/ Sant’Agostino; e la mattina vedesimo Vcelli di terra volar sopra di noi, com’anche Balene, che gettando nell’aria copia assai d’acqua, ci pareuano in pros-/pettiva distante bellissime fonti, che dal Mare risorgessero; e tanta è la quantità/ delle Balene, che vn Mercante paga d’appalto al Rè di Portgallo cin-/quanta mille Scudi d’oro, per farne dell’Oglio. Vedemmo pure quantità di Mo-/ri, che pescauano in tal modo; pigliano trè legni grossi di Cocco, e perciò leg-

[Página 22]

gierissimi, concatenati assieme in debita distanza, mà triangolati; nel mezzo/ de quali è piantata vna pertica, nella di cui sommità è legato vn sacchetto di farina di Palo (quella fanno di radici seccate al Sole, e poi pestate) che serue al/ Moro per cibarsi, hauendo fame, per esser questa il pane del Brasil; poi questo/ stà a sedere nel legno di mezzo, e con le punte de piedi ne legni laterali, e pesca/ con vna corda fatta d’herba nera, com’è lui; nel capo della quale v’è vna palla/ di ferro, con quattro, ò sei hami, e ne piglia in grandissima quantità, e sono/ pesci di quattordici, e quindici libre l’vno; & il più curioso è, che facendo il/ Mare le solite onde, il Moro hora apparisce, hora non si vede, ch’al certo noi/ credeuano sedesse sopra dell’acqua, imperoche non si possono di lontano scor-/gere quei legni, sopra de quali stà assentato, senza punto di pericolo di bagnarsi/ le vestimenta, perche non ne tiene.

Nel passar, che facessimo dauanti la Madonna di Nazareth, la salutissimo tut-/ti con l'Aue Maria, e con molti tiri di cannone. Questa è vna Chiesa distante/ dalla Città di Pernambuco cinque miglia, nel qual luogo, prima que fosse eret-/ta detta Chiesa, passando iui il Signor D. Francesco Brith (grande di Portogal-/lo) diuotissimo della Beata Vergine, il Rosario della quale spasseggiando reci-/taua, se gli fece incontro vna pouera Donna vestita di bianco, con vn fanciullino nel seno, chiedendoli humilmente la carità; questi, posto mano alla borsa, gli die-/de vn ducato; nel qual atto di dare, e di riceuere, miratisi scambievolmente in faccia, il Brith proseguendo il suo camino, poco distante, quasi rapito occul-/tamente da quell'vnico sguardo, s'andaua ben ispesso riuolgendo, per godere/ la vita, di chi gli haueua traffitto il cuore, mà tutto in darno, che se bene in/ quel tratto di Campagna aperta non v'era nascondiglio, ne impedimento di vi-/sta, mai più puote vedere la bela Mendica; fatto per ciò tutto ansioso, & anhe-/lante, ritornò la doue haueua lasciato l'argento, & il pensiero; giunto non ritro-/uò, che due pedate impresse nella terra, dal qual miracoloso accidente s'auuid-/de, che la pouera fù Maria sempre Vergine, che con la diuinità de suoi occhi gli/ haueua incenerito il cuore, col suo bello di Paradiso gli haueua inuolata l'ani-/ma, ne potendo per la gioia estrema più il cuore rauuiuare lo spirito, ne lo spiri-/to più rauuiarsi nel cuore, penaua delitiosamente in vna agonia di/ soauissima morte; oue che subito in memoria di comparsa cotanto gratiosa, e di/ gratia cotanto miracolosa, eresse quiui vna memorabile Chiesa alle glorie subli-/mi della Santissima Vergine, dottata, mantenuta, & officata al pari della bon-/tà, e splendidezza di tanto Caualliere. Il resto del viaggio fù speso in scaricare/ il Vascello, gettando in Mare grandi, e pesanti pietre, che vi haueuano posto per compimento del carico./

Peruenuti alla Torre, quale serue di Fortezza al Porto di Pernambco, non/ potendo in quello per la scarsezza dell'acqua, essendo di poco fondo, entrare/ Vascelli grandi; getassimo l'ancora, e con i soliti tiri fù salutata la Città. Il Ca-/pitano vestito alla grande (cosa, che fanno tutti arriuando à Porti) si portò in/ vn battello per la solita licenza di sbarcare. In questo mentre osseruai, che dalla/ sopradetta Torre si spicca vn Muro, qual chiamano Oreciffo, che è naturale, di

lunghezza, cento leghe, da vn braccio del quale viene il Porto chiuso, & assicura-/to. Questo Muro separa il Mare da vn fiume, quale passa per mezzo la Città, pas-/sandosi per vn Ponte, la metà di pietra, & il resto di Tauole. Quando il Mare/ cresce, sbalza quel Muro, tramischiando il pesce d'acqua salata, con il pesce d'acqua dolce, e perciò il detto fiume è abundantissimo di pesce; e perche l'Ore-/ciffio vien sbattuto dal continuo flusso, e riflusso del Mare, è tutto pertuggiato:/ nel mancare dell'acqua, tutti quei buchi restano pieni di pesci, all'esca delli quali/ accorsi à migliaia i Papagalli, e Peruchetti, & altri Vcelli di bellissimi colori/ per cibarsene; ciò veduto da Cittadini, subito con battelli pieni di gente, cias-/cuno con la sua schioppetta, ne fanno vna buona caccia.

DISCORSO DEL BRASIL, E COSTUMI DI QUELLE GENTI. CAP. V.

Smontati in terra, ringratiammo Dio d'hauerci condotti à saluamento nel/ Mondo nuouo (tralascio l'allegrezza, che da tutti si fece, perche il Lettore/ per se stesso lo può considerare) poscia incaminandoci, osservai frà la gran folla/ della gente, vna Mora, che genuflessa batteua le mani sopra le coscie, sul petto,/ & assieme; Io curioso di sapere à che fine ella facesse tali atteggiamenti; mi dis-/se vn Portoghese: Padre quella Mora è naturale del Congo, battezzata da vn Ca-/puccino; & hauendo inteso ch'eglino vanno colà per predicare, e battezzare,/ quelle genti, si rallegra, e festeggia. Nell'andare poscia al nostro Ospitio, qual/ è fuori dall'altra parte della Città, ci bisognò passare per mezzo di questa, quale/ è di grandezza ordinaria, mà popolatissima, massime di Mori, quali sono con-/dotti sì dal Regno d'Angola, com'anche da Regni di Congo, Dongo, Mattam-/ba, Loango, Cassange, & altri paesi dell'Africa, ogni anno dieci milla per Schia-/ui, quali seruono per il lavoro del Tabacco, Zucchero, e Bombace, essendouene/ le campagne vastissime, e nasce sopra alberi dell'altezza poco più d'vn huomo, e/ produce pallotte della grandezza d'vn'ouo, con pelle sottile, e verde; e compi-/ta la misura destinatagli dalla natura, la cortecchia si secca, & apre, mostrando/ di dentro come stoppa bagnata, e del medesimo colore, qual poi col Sole, e rug-/giada diuiene bianca, sin tanto, che peruenuta alla pertettione di Bombace, ca-/dono in terra trè fagioli neri, che seruono per la semente; e da se stessi nasco-/no, moltiplicando

all'incredibile. Lauorano il Cocco, e l'Auorio; tagliano di/ tutte le sorti di legno, sì per tingere, come per far lauori, mà particolarmente/ del Verzino chiamato in quella lingua, Brasil; e tanta è la quantità, che il Paese/ hà pigliato il nome dal legno.

Le genti, che habitauano questo Paese sono detti Tapuij, ò Cabocoli, non/ Mori, ne Bianchi, mà di color Tanè, ò Lionato; vanno affatto ignudi, e per ar-/ma portano vn'arco più alto d'vn huomo, e la frezza di lunghezza due braccia,/ fatta parte di canna, e parte di legno durissimo; e per non hauer ferro, l'assotigliano con pietre, accomodandole como vna sega, acciò nel ferire faccia più/ squarcio, e nel cauarla sia più difficoltosa. Tira il detto arco al pari d'vn mos-

[Página 24]

chetto con tal vehemenza, che trapassa vna tauola semplice. Vididi vn giorno/ vno di questi Lionati, qual era vestito in questo modo: haueua infilato vna filza/ di penne lunghe vn braccio tutte di diuerse sorti, e la portaua cinta à lombi, e la/ piuma volta all'insù; e questo era fatto Christiano, e mi raccontò cose orrende/ delle sue genti, quali non sono stati soggiogati da Portoghesi; ma all'arriuo di/ questi si sono ritirati dentro terra in vastissimi boschi, e si rendono difficilissimi/ da superare. Questi mi mostrò vn suo figlio di dieciotto anni di color di rosa sec-/ca, cosa curiosa da vedere, e ciò è auuenuto per hauer lui pigliato per Moglie/ vna Mora, e tutti i suoi figli nascono del medemo colore, si che in vna casa, ò/ capanna vi sono genti di trè colori, il Padre di color di Tané, la Madre Mora, e/ Figli di color di rosa secca.

Nel nostro Ospizio ritrouammo cinque Capuccini Missionarij, hauendo noi/ Missioni per tutte le parti del Mondo; e questo dico per intelligenza di chi pen-/sa, che noi non habbiamo Missioni, non vi essendo luogo, che non vi sia de no-/stri Padri, ò Italiani, ò Francesi, ò Spagnoli; perche in quanto alli Tedeschi, e/ Fiamenghi hanno assai che fare à casa loro; ne deuo tralasciare le Missioni, che/ habbiamo nella Valle Mesalcina sopra Milano, in Piamonte nella Valle d'Osta,/ e di Perosa, e sopra l'Alpi di Brescia nella Rhetia, & altre. Nel tempo, che fa-/cessimo dimora in questa Città s'ammalarono due Padre Compagni, mà con/ l'aiuto di Dio presto risanarono, ancorche nel principio fosse assai dubbiosa la/ loro vita.

Vna Mattina sù l'alba fossimo riuagliati dal suono di molte trombe, tambur-/ri, e tiri di cannoni; e però affacciati alle fenestre verso il Mare, scoprimmo l'v-/nione di tutta la Flotta al numero di ottanta Vascelli tutti benissimo correati;/ per la vastità de quali non essendo capace l'angusto seno del Porto, stauano al di/ fuori ancorati, aspettando, che si terminasse di caricare il Vascello, sopra del/ quale noi erauammo uenuti, qual portaua mille cassoni di Zucchero, senza i mil-/liaia rolli di Tabacco, & altre merci. Veramente posso asserire, che questa riusci-/ua vna delitiosissima prospetiuua alla vista; l'haueresti giurata, ò vna gran Selua/ nel Mare, ò vn Mare trasformato in Torreggiane Città. Dalli sodetti Vascelli/ sbarcarono di ritorno dal Congo il Padre Gio: Antonio da Monte Cuccoli, e Frà Ignatio da Valsasna, da quali hauessimo nuoua della morte del Padre Gio: Maria/ Mandelli da Pauia, allieuo della Prouincia di Bologna, quale essendo Prefetto Ge-/nerale delle Missioni, rese l'anima à Dio con fama di bontà non ordinaria, sospi-/rato, e pianto inconsolabilmente da tutti quei Popoli, alla salute de quali haue-/ua cooperato, e con sudori indefessi affaticato per ispazio di vintiotto anni, es-/sendosi partito d'Italia in compagnia del Padre Dionigi Moreschi da Piacenza,/ Fratello dell'Illustrissimo Signor Co: Girolamo Moreschi Presidente del su-/premo Consiglio di Piacenza./

Si portassimo vn giorno per vedere la Villa d'Olinda distante vna legua, già Città riguardeuole, mà fù distrutta la maggior parte da gl'Olandesi, quando/ fabricarono Pernambuco; nel camino ci furono mostrati Alberi, ch'aua-

[Página 25]

no le radici sopra le foglie nella cima, si che si possono dire Alberi da due radi-/che, da vna parte radicate nella terra, e dall'altra nell'aria, e nel mezo i rami/ con le foglie, cosa curiosa à vedere. Rimirassimo poscia quantità di Papagalli,/ Peruchetti, Gatti Maimoni, Scimie di diuerse sorti, e spetie, e particolarmente/ di quelli, che chiamano Sagoini, stimatissimi per la loro picciolezza. Questo/ breue viaggio fù fatto da noi quasi tutto per acqua in vna barca detta Canoa, qual'è vn legno d'vn sol pezzo incauato, e guidato da doi Mori, che coprono/ con vn palmo di straccio malamente le parti più vergognose, e questo è l'habi-/to solenne di tutti li Mori in generale; non portano altrimenti touagli, ò faz-/zoletti auanti, come alcuni pretendono pubblicare. Io ne hò veduto alcuni e-/stimamdio vestiti di tutto punto;

alcuni altri con touaglie, ò fazzoletti; mà è da/ sapersi, che questi hanno qualche talento particolare, e perciò vsano anche par-/ticolare vestito, mà Io parlo in generale. Guidauno dunque la nostra Canoa/ doi Mori, posto ciascuno di loro nelle due estremità del legno, col remo in mano,/ fatto à guisa d'vna palletta; e non vogano alla nostra vsanza, mà pare, che zap-/pino l'acqua. Il temperamento di questo Clima, abenche sia molto caldo, non/ è però molto nociuo, ne meno la ruggiada, ne la Luna, onde si può caminare la/ notte, seruato però il pericolo delle Tigri, essendouene grandissima quantità./ V'è anche vna bestia detta *Zamendoa*, è grande come vn porco, mà l'vngie/ smisurate, e viuue di formiche; & hauendo trouato il bucco doue stano, vi cac-/cia dentro la lunga lingua, che tiene, quale caricata di formiche, la tira à se, e le/ mangia; hà la coda tanto grande, che vi nasconde sotto tutto il corpo. I nostri/ Padri haueuano in casa vn'animale detto *Tetusia*, fato come vn picciolo por-/chetto, curiosa cosa da vedere, Io non sapendo cosa alcuna di questo animale, in/ passando per vna stanza, e vedendolo hebbi non poco timore, perche si nascon-/de tutto nelle grosse scaglie, che tiene, etiamdio le gambe, che sono lunghe mez-/zo palmo, in modo che sembra vna palla, e per questo nell'allongarsi hebbi qual-/che paura. Vn'altra curiosa bestia vidi in casa d'vn Mercante, quale hà sotto/ il ventre due borse, oue ne bisogni, e pericoli accolgono in vn tratto, e portano/ via li suoi figliolini; lo chiamani *Cerigone*. Parimente ne viddi vn'altro assai/ più curioso, grande come vna Volpe, mà di moto tanto lento, ch'è cosa incre-/dibile; ne si moue del suo passo, ne per carezze, ne per bastonate; i Portoghe-/si per questo lo chiamano *Pigritia*, nome molto confaceuole ala sua destrez-/za.

Trè nomi danno à questa terra, di cui parliamo; la nominano America, perche/ prese il nome d'Americo Vespucci Italiano, che ne scopri vna parte l'anno 1496./ sei anni doppo, che da Christoforo Colombo, pur Italiano, furono trouate/ l'Isole Spagnola, Cuba, Giamaica, & altre, il che è di non poca gloria alla/ Nazione Italiana. Si dice India Occidentale, perche fù scoperta nel tempo, che/ cominciassi à nauigare nell'Indie Orientali, & anche per essere l'vne opposte all'/altre. Si chiama poi Mondo nuouo per la sua vastità, superando di grandezza/ (con tutto, che non sia per anche scoperto il resto) l'Europa, è l'Africa insieme; nuouo perche non si sà, se mai alcuna notitia ne hebbero gl'Antichi.

Si diuide quest'America in due gran Penisole, Settentrionale, e Meridiona-/le, giunte insieme per vn Istmo di dieciotto leghe, chiamato da vna parte *Panamà*,/ e dall'altra, *Nombrededios*. Istmo é vn angusto tratto di terra, che lega la Pe-/nisola col Continente. La Settentrionale contiene di là dall'Istmo la Castiglia/ dell'Oro, & il Perù; di quà dallo Stretto Magallanico contiene la *Plata*, & il/ Brasil, del quale di presente andiamo fauellando. Quì si spende moneta d'Oro,/ e d'Argento; per vna Messa danno, à chi tocca denari, due Testoni; per vna Pre-/dica trenta, o quaranta: non vi nasce formento, ne vino, (hò però veduto qual-/che pergolata ne giardini) ne oglio abenche se ne troui di tutte le sudette cose,/ mà caro però venendo portato con ispesa, e fatica dall'Europa, in cambio di grano vi portano botti di farina, e di biscotto.

Per essere il Paese sabbioso, vengono afflitti gli Habitatori, e Forestieri dal tra-/uaglio di certi animaletti, di color, e grandezza di picciola pulice; questi nel/ camminare entrano all'improviso sotto l'vngie de piedi, e succhiando il sangue,/ si fanno grossi, e rotondi, como vna granella di lente, mà di color bianco, per/ il che è necessario farsi vedere ogni sera da qualche Moro pratico per cauarli,/ perche trascuratamente restando, in breuisimo tempo tutto il piede si mangia-/no, moltiplicando all'incredibile; e però ogni sera vn Moro faceua la cerca de/ già detti animaletti (chiamati da Portoghesi, *Bichios*) ne piedi di tutti noi, & à/ chi ne cauaua dieci, à chi quindici, e sino à vinti per vno; e guai à chi li lasciasse/ incarnare sotto in modo, che non si potessero vedere, perche bisognaria tagliar/ il dito, ò piede, e perciò tutti stauammo molto ben auertiti, perche noi vede-/uammo, che ne meno à Portoghesi quantunque calzati la perdonano.

Vn giorno andando per la Città, ritrouai vn Moro d'età de sedici anni in cir-/ca, nel mezzo d'vna strada assentato sopra d'vna pietra con le mani, e piedi inca-/tenati, e sopra il capo vna lastra di ferro al modo di celata; alla qual veduta fer-/matomi, l'interrogai per qual causa stasse così legato: rispose, per esser fuggito/ dal suo Patrone, quale doppo d'hauerlo fatto sferzare molto bene, (quando ciò/ fanno li legano le mani assieme con i piedi, come si fà da noi à vitelli) l'haueua/ di più fatto esporre à quel modo legato à vista del popolo; questi mi pregò, che/ volessi essergli Padrino, il che non intendendo Io, gli replicai, che si dichiarasse/ meglio: e mi disse, che quando fuggiuano, e poscia ritornauano, cercauano vna/ persona

di qualche autorità, acciò il Padrone gli perdonasse, al che volentieri/ m'offersi, & ottenni con qualche difficoltà però, per esser la terza volta, che era/ fuggito, che poi non s'ammette Padrino; nulladimeno per essere quel Signore/ tutto de Capucini, restai sodisfatto, & il Moro liberato. Ne viddi poi molti/ altri à quattro, à sei, e otto incatenati, chi per i piedi, chi per le mani, chi per/ il collo, e simile medicina salutare, che senza quello fuggirebbero tutti; al prin-/cipio mosso da vna natural compassione, mi parue vna crudeltà, mà poi fatto ca-/pace della loro natura, e come ne loro Paesi dell'Etiopia sono datti totalmente/ all'otio, stimai il tutto fato prudentemente.

Per vn tal giorno nella Chiesa Maggiore, chiamata il Corpo Santo, per solen-/nizare la Festa del Santissimo Rosario fecero vn apparato veramente vistoso:

[Página 27]

Tutta la Chiesa con il soffito era coperta di spaliere di color giallo, ne compar-/ti, diuisi per le pitture in bellissimi suolazzi pendeuano aggiustati drappi pretio-/si dell'Indie, e tutto l'addobbo si vedeua bizzaramente rabescato cò nastri di Se-/ta di color di fuoco in tanta quantità, che per detto seruitio ne haueuano posto/ in opera vinti milla braccia, e tutto appeso con gl'aghi. Il Gran Tabernacolo/ era ammantato di seta, e d'oro tutto di fiamme, che illuminato dal chiarore di/ vn passamano d'argento, abbaccinaua la vista, quasi si mirasse al naturale nella/ propria sfera del fuoco. Il tutto poi veniuo animato dallo spirito di quelle cor-/de e dal fiato di quei spiriti, che tasteggiate, & ispirati animauano quelle/ Arpe, Fagotti, e Cornetti à decantare le sacre lodi. Et acciò che il tutto riesca/ con ordine, e senza confusione in tal solennità, frà tutti della Città eleggono vno/ de più ricchi Mercanti, qual'è con la persona indefessa assiste, e con la borsa a-/perta socorre ad'ogni qualunque dispendio, che gli viene ambitosamente in/ capriccio; Il Padrone, che fece la già detta, mi giurò d'hauer speso solo nè fuo-/chi della sera antecedente quattro milla ducati, in tal modo però. Desiderando/ noi da partire con la maggior celerità, che si potesse dal Mondo nuouo, e portar-/si al Vecchio, cioè nell'Etiopia, meta delle nostre fatiche, fossimo vn giorno à/ ritrouare questo Mercante ricchissimo, acciò doppio caricato vn suo Vascello,/ che velleggiaua in Africa, ci facesse la carità di concederci la camera di poppa,/ per nostra habitatione; al che

tutto volontieri assentito, mentre erauammo per/ imbarcarsi (per voler di Dio) fù scoperto inhabile alla Nauigatione, che però bisognò disfarlo tutto per sciegliere i feramenti, & altre cose migliori, e dele tauole si fecero quei fuochi, che disse costare quattro milla ducati, che tanto/ sborsò quel Mercante per la compra di detto Vascello: e forse ci liberò Iddio per/ hauerci destinati ad'altro più accetabile sacrificio.

In questo mentre andassimo à vedere il curioso ordegno dell'espressione del/ Zuccaro. Questa è vna gran ruota girata con vehemenza grande da molti Mori,/ quale supprime vna gran macchina d'vn Torchio di ferro massiccio, sotto del/ quale s'infrangono le canne di Zuccaro tagliate in pezzetti, il liquore del quale/ v'è stillando in vna vasta caldaia, à cui st'è sottoposto il foco. Il vedere poi traua-/gliare à sudori anhelanti questi pueri Etiopi in simile esercizio hà del miracolo-/so, massime à chi hà capacità della loro pigrizia, e vigliacca natura; poi mirar-/gli in questo caso tutti affacendati, e snelli, particolarmente nell'aggiungere/ tanto occlatamente sotto il gran Torchio quei minuti di canne, per non restar/ monchi del braccio, ò della mano sotto quella gran massa di ferro; è però vero,/ che gli neghittosi, & annoiati dal laurare, sono suegliati da neruate terribili,/ che fanno compassione; lenitivo però stupendo alla dapocagine di costoro, che/ sono genti, che non fanno altro che ballare, come dirò scriuendo del Congo.

Rendeua difficultosa la nostra partenza l'essere noi in sei; per tanto il Padre/ Superiore stimò bene mandar auanti in vn Vascello, ch'era di partenza il Padre/ Filippo da Galese, & il Padre Buonauentura da Cento, come più vecchi; e però/ accompagnatili all'imbarco, fecero vela per l'Africa, nel qual viaggio furono/ in pericolo di perdersi.

[Página 28]

Mi resta à dire qualche cosa de frutti, che durano sopra gli alberi tutto l'anno;/ in generale sono assai buoni, e delicati; trà quali vi sono li *Niceffi*, sono come li/ nostri Cedroni, ò vogliamo dire Coccomeri, e nascono sopra d'vn'albero come/ di canna d'India, e due foglie di queste si farebbe vn vestito alla moda per qual si/ voglia grand'Huomo; da simil fusto non nasce per volta altro ch'vn caspo, e/ possono essere assieme cinquanta *Niceffi*, quali per maturare si taglia il caspo dal-/la pianta in agreste, e si sospende in alto, che frà poco di verdi vengono gialli;/ oue poscia per mangiare si leua facilmente la scorza, e tagliati per trauerso in/ due parti, si scuopre al naturale vn Crocefisso

attorniato da splendori; inciso il/ caspo, la pianta si secca, rinascondone però subito vn'altro figliato dalle stesse/ radici, quali moltiplicano come quelle dela gramigna, e sono eterne senza/ fargli manifattura alcuna, in tanto, che basta piantarne vna, che in termine d'/vn'anno si fà vn boschetto.

Quasi della medema sorte sono le *Banane*, eccetto, che il frutto è lungo vn/ palmo, & il *Nicesso* la metà. L'*Anana* è à guisa d'vna pigna, mà di lunghezza/ vn buon palmo, e la pianta non ne produce che vno, e rassomiglia à quello de no-/stri Carchioffoli, da quali leuata la corteccia, (lineata come le squamme del pe-/sce) appariscono tutti gialli, & hanno il succo di moscatello; di questi se ne/ mangia con riguardo per esser calidi. Vi sono ancora altre sorti di frutti, come/ quelli del *Conde*, che nascono sopra alberi, como Aranzi, e sono di sapore dolci,/ della grossezza d'vn Limone; simili à questi sono i *Mamaui*, eccetto che nasco-/no sopra alberi altissimi. Vi è il *Marracugià*, che hà la forma d'vn pomo, mà/ rotondo, di fuori giallo, e rosso di dentro, & il sapore alquanto brusco; den-/tro tiene piccioli granelli. Tralascio gl'altri di poca consideratione, & estima-/tione, come il Cocco, del quale ve ne sono infinite piante.

Trè cose pretiose ne traggono i Portoghesi da queste parti al mio parere; la/ prima è l'Ambra, la seconda è il Balsamo, la terza è vn liquore, che scaturisce/ da vna pianta detta *Copalbas*, & è ottimo per le ferite; onde vi concorrono e-/tiamdio le stesse bestie quando sono ferite; potrei aggiungere la quarta, che è il/ Belzouaro perfettissimo.

De Frutti d'Europa se ne vedono in qualche giardino appartato, come Vua;/ Meloni di grandezza, e bontà straordinaria; Pomi granati, mà tutti dolci, an-/corche innestati agri; Fichi, Zucche, Cocomeri, Cedroni, Aranzi, e massime/ di quelli, che noi diciamo della China; Limoni, e Cedri di smisurata grossez-/za.

Il Viaggio da questo luogo ad Angola sarà ordinariamente da quattro, in cin-/que milla miglia; perche non potendosi andare per dritta linea, (il vento viene/ tutto l'anno in faccia) è necessario andare all'altura del Capo di Buona Speran-/za; e perciò considerando noi tal lunghezza di camino, erauammo desiderosis-/simi di partire, e però non lasciano per la mia parte passar quasi giorno, che non/ andassi al porto per vedere, se fosse capitata qualche speditione di Vascello per/ l'Africa, come già era stato mottiato; e perciò andato nella Città, e già pas-/sato il Ponte, che la framezza (come dissi) restai oltra modo stupito, non veden-

do pur vna persona; auuicinatomi poi alla volta del Mare, scopersi di lontano/ molta gente inuiata verso il Porto; impatientauo per non ritrouar vno à chi di-/mandar di tal nouità la caggione; finalmente più auanti ritrouai vn Moro, qual/ da me interrogato, oue fossero andate le genti della Città, e doue corresse il Po-/polo, mi rispose hor hora esser arriuato vn Vascello di Cipolle, e però tutti la-/sciando ciò, che haueuano per le mani, sono accorsi al Porto per comprarne; & Io pure hò pigliato queste due, & erano Cipolle ordinarie. L'interrogai quanto le hauesse pagate: mi disse: non vogliono meno d'vn Testone al paro, e tanto ne/ hauesse, come à tal prezzo le venderia. Partito il Moro, seguitai il mio camino/ tutto stupito, e diceua frà me stesso; che cosa pagarebbero quelle di Lugo, che/ sono quattro volte più grandi? Giunto al Porto, vedendo tanta calca di gente à/ símile mercantia, mi spiacea d'esser solo, per non potere discorrere sopra tal fat-/to; perchè oltre al bisbiglio, che faceua il popolo per non volersi dar luogo; era/ poi curioso il vedere, che retornando vn Moro con vna mano alzata, nella quale/ due ne teneua, come trionfando della vittoria, ad'alte grida le dimostraua; & vn'altro Moro incontrandolo, voleua leuargliele; e questi recusando, si comin-/ciarono à dare dele busse, si che cadendoli le Cipolle, in arriuando vn terzo, se/ le pigliaua, e fuggiua; e di tali baruffe ne staua piena la piazza del Porto. Ritor-/nato all'Ospitio, tutti quei Padri mi vennero incontro, per narrarmi il caso/ sudetto. Già hò veduto il tutto, risposi, e difficilmente l'haueria creduto, spo-/gliarsi (così per dire) vna Città per gire à prendere delle Cipolle. La causa è,/ perche in questo Paese per il caldo non possono perfettionarsi, e restano piccio-/le. Ma sempre non riesce al Capitano far tale guadagno, perche alle volte se li/ marciscono tutte; com'auuene già à quell'altro nella noua Spagna, ò Però, che/ caricato vn Vascello di Gatti, li vendette à peso d'oro; ma ritornandoui pari-/mente con tal mercantia, niuno ne pigliò, essendo cresciuti quei primi à merai-/glia, e però perdette tutta la spesa fatta, e fece ritorno al suo paese con perdita;/ come me dissero esser auuennuto molte volte à questo delle Cipolle.

Sotto à tal Clima quasi sempre v'è l'Equinotio; dodeci hore di giorno, & altre/ tanto la notte, qual'è assai fresca, e si può riposare senza fastidio del caldo. I Por-/toghese v'hanno introdotto di tutte le sorti d'Animali commestibili. Le Genti so-/no come dissi di diuersi colori, come Bianchi,

Mori, Mulati, e questi sono oleas-/tri oscuro, nati da vn Bianco, & vna Mora; i Cabocoli sono di color Lionato, ò/ Tanè, e quelli di color di Rosa secca. Saluo li Bianchi tutti compariscono ignu-/di Huomini, Donne, da dodeci anni cominciano à portare vn palmo di straccio,/ ò vna semplice foglia auanti, e costumano la cinta sotto il ventre, volendo che/ questo sia affatto libero, acciò riempuito, e gonfiato per la qualità de cibi, non/ vogliono l'impaccio d'hauer à largare, e stringere la cinta. Tute queste gene-/rations, quelli, che non sono battezzati viuono da Bestie; mangiano carne hu-/mana, mezza abbrustolita; habitando ne Boschi, e cauerne; quelli, che sono/ fatti Christiani si nutriscono di quella farina di Palo detta da Mori *Mandioca*;/ quale quando è cauata dalla terra è velenosa, mà con stare nell'acqua perde il ve-/leno; di questa pure se ne cibano i Portoghesi, & anche i Forastieri, e tutti la

[Página 30]

mangiano così tritta, non potendosi vnire assieme: tutti beuono acqua, e po-/co buona; il vino, quando se ne troua, è carissimo; mà non è paese da vino, per-/che hò veduto esser morto molti, che l'vsauano, come in Europa, mà temperato con molt'acqua, non nuoce.

In questa Città vi sono trè Religioni, come i Padri Giesuiti, i Padri Zoccolan-/ti, e noi Capuccini. In Olinda vi sono di più i Padri di San Benedetto tutti di sin-/golar bontà, e Dottrina. Et i Padri Benedittini al loro solito, ci regalarono di/ diuerse prouisioni per il viaggio, e ben posso asserire essere la Religione Capucci-/na molto tenuta à questi Nobilissimi Monaci, non solo per l'affetto, che per tutto/ il Mondo ci portano, mà molto più per gl'effetti, che l'innata loro gentilezza,/ corteseamente, e con gran carità all'occorrenze ci somministrano, onde l'obbligo de-/ue essere, e sarà eterno.

Vn giorno il Signor Gouvernatore, chiamato D. Bernardo de Miranda, mandò/ vn'Essercito per soggiogare i Mori delle palme; quali sono Schiaui fuggiti da Pa-/troni, che cresciuti al numero di vinti milla atti al combattere, infestano del con-/tinuo li confinanti, (siano Bianchi, ò di qual si voglia colore,) con furti, rapine di bestiamе, e sino d'Huomini, Donne, e Ragazzi; e però prudentemente era/ stato inuiato la sudetta gente contro di costoro. Intesi poi, che i Portoghesi ne/ haueuano pigliato, & vccisi molti; nulladimeno si sono fatti forti poco lontano/ dal *Rio della Plata*, doue comincia il Dominio del Rè Cattolico, e continua set-/te miglia di costa;

Monarchia per se sola, se tù hai riguardo alle ricchez-/ze di tal Paese; e quello de Portoghesi, quasi due milla milia, che tanto s'esten-/de il Brasil. In faccia del quale v'è l'Isola di San Paolo, qual si può dire sia la Cu-/cagna del Mondo. In quelle parti capitando qualche Forastiero per accidente,/ questo abenche pouero, e miserabile, se vuole ritroua subito Moglie, con patto/ però rigoroso di smemorarsi ogni trauaglio, ne pensar ad altro, ch' à mangiar, e/ bere; mà sopra il tutto star auertito di non famigliarizarsi, ne anche per poco/ con altra Donna, che la propria moglie, ne di rendersi vn tantino sospetto di fuga/ coll'abbandonarla, però che questa diuenuta vna Furia, gli dà il veleno, e col ve-/leno la morte; mà per il contrario mostrandosi contento, questa fà ogni sforzo,/ adopra tutte l'inuentoni per corrisponderli; e di più farlo comparire più ad-/dobbato, e polito de gl'altri. Quest'Isola è felicissima di Clima, sì alli Huomi-/ni per renderli di bellissimo sangue, com'alla terra, perche influisse alimento fe-/condissimo di tutte le cose necessarie, anche soprabondanti per li Stranieri ad'o-/gni loro disgratia. Scorre per questo Paese vn Fiume sì douitioso, che col suo te-/soro soccorre alle miserie di tutti; pescando frà quelle arene pretiose tant'oro/ sufficiente à satiare ogni ingordiggia; vero è, che la quinta parte si paga al loro/ Sourano di tributo; e sodisfatto al loro bisogno, non mouerebbero vn piede,/ per raccogliere altr'oro. Strauaganti, e marauigliosi costumi si raccontano di/ questo Paese; mà non v'essendo che passato auanti, ò poco lontano, non posso/ affermare ciò, che mi fù riferito; mà dico bene, che in tali parti niente si rende/ incredibile, perche à coloro ogni sproposito si rende fattibile.

[Página 31]

*PARTENZA DALL'INDIA OCCIDENTALE PER L'AFRICA/ ALLA
CITÀ DI LOANDA. CAP. VI./*

Venuto finalmente il tempo tanto da noi bramato della partenza, ringratiati/ i Padri nostri della carità, e fauori riceuuti; ci portammo in quattro all'embarco, Trè Missionarij, & vn Laico per nostro seruitio. Intrammo in vn Va-/scello detto da Portoghesi *Nauio das Almas*; cioè Vascello delle Anime del Pur-/gatorio; haueua tutte de corde d'herba nera, si come

hanno tutti i Vascelli di/ queste parti, e sono fortissime; vero è, che costumano bagnarle spesso. Si dice-/ua poi del Purgatorio, perche il Padrone tutta la rendita, e guadagno, che li da-/ua detto Vascello, era da lui speso in beneficio di quelle Benedette Anime, quali/ veramente pare, che habbino cura di questo lor Vascello, stante che aueua fat-/to più volte questo viaggio senza vn minimo pericolo di consideratione; non così/ de gl'altri, che s'hauessero senso all'vdire il nome del Capo di Buona Speranza/ si spauentarebbero; e beati si stimano li Marinari, che hanno fortuna di seruire/ in questo Vascello; e tutto ciò, per hauer fede d'esser difesi da quelle benedette/ Anime; il che à noi pure ci fù di gran conforto, sperando, che con tal agiuto sa-/ressimo gionti à saluamento. Sarpato dammo le vele à venti, e l'addio all'Ame-/rica il giorno appunto de' Defonti dell'anno 1667 [...]"

**ANEXO 5. A CARTA DE MICHELANGELO GUATTINI
DA REGGIO ENCAMINHANDO MATERIAL BOTÂNICO
BRASILEIRO PARA GIACOMO ZANONI (1667)⁴⁰³**

"Pax Christi.

Molt' Illustre Sig. Mio Osseruandis

Come scrissi à V. S. Molt' Illust. da Lisbona, colà non ritrouai cosa per man-/darle, hora di là si siamo imbarcati, e col fauor del Signore in 54. giorni/ ci siamo ritrouati nell'America nel Regno del Brasile, in questa Terra di Per-/nambuco, oue veramente quasi tutte le Piante sono diuerse da quelle d'Italia, e/ di tutte quelle sementi, che mi hà parso non hauer veduto la Pianta prima, ne/ hò preso, e quì annesso le mando. Se frà queste ve ne riuscirà alcuna, che sij di suo/ gusto, ne hauerò somma consolatione, caso che nò, mi compatisca, perche son po-/co simplicista. Di quì partiremo in breue per la nostra Missione del Congo nell'/Africa, se piacerà a S. D. M. di leuarci colà à saluamento, farò diligenza/ per altre sementi, perche col seruiria in questa conosca, che hò animo grande di ciò/ fare in cose maggiori, ricercando con l'obligo, che tengo con V. S. alla quale af-/fetuosamente riuierendola mi dichiaro.

Di V. S. Molt' Illustre

Il dì 17. Settembre 1667. Pernambuco.

Obligatiss. & affettionatiss. Seru.

F. Michele Angelo da Reggio, Predicatore

Capuccino, e Missionario al Congo."

403. Original em ZANONI (1675).

ANEXO 6. PASSAGENS REFERENTES AO BRASIL NA “ISTORICA DESCRIZIONE” DE GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO (1687)

“LIBRO SETTIMO

[Página 869]

143. Non deuo da i racconti della quinta Missione separare quello/ del mio ritorno in Europa. Erano le mie indisposizioni contratte in/ Etiopia, auanzate à tal segno ch'essendo rimasto più statua, che huomo, mi conuenia partire di colà, ò pure se pensauo tratternermi, accomo-/darmi ancora, per uiuere miserabile à me stesso, & inutile à tutti. Il/ P. Gio: Maria da Pauia allora Prefetto, hauendo inteso il mio bisogno, propose condurmi seco à Roma, mà sopraggiunto dalla chiama-/ta del Signore, che volle con l'eterna requie remunerarlo delle sue

[Página 870]

temporali fatiche, non potette effettuare il suo disegno; anzi prima di/ morire mi astrinse à riceuere la soprintendenza del Gouerno in sua ve-/ce, e trattenermi in Loanda sin'all'arriuo di altri Missionarij, che di/ giorno in giorno vi si attenduano. Mi fermai dunque sino al Settem-/bre seguente del 1667. quando giunsero trè nouelli Operaj, coè il/ P. Paolo da Monte S. Sauino, il P. Gregorio, e Fr. Bartolomeo da Pe-/rurgia de' quali parleremo nell' vltima Missione.

144. Trouauasi approdato pochi giorni prima nello stesso Porto di/ Loanda il Nauilio S. Pietro d'Alcantara, che dall'Indie Orientali por-/taua D. Antonio de Melo, già Vicerè per la Corona di Portogallo in/ quelle parti: vi fui cortesemente accolto col mio Compagno Frate/ Ignazio da Valsasna, ed in termine di trentacinque giorni, trauersando/ con prospera nauigazione ottocento ottanta leghe di quell'Oceano,/ peruenimmo alla Baya de todos los Sanctos nel Brasile, & à dirittura/ n'andassimo al Conuento de' Padri Minori Osseruanti; la carità de'/ quali nell'ottimo trattamento, che ci fecero, à sufficienza non potrei/ replicare. Confuso da tante dimostrazioni, e preuedendo, che la mia/ dimora si sarebbe differita

souerchio, aspettando la nuoua Flotta per/ Lisbona, determinai, passare à Pernambuco, Città situata dietro/ la medesima Costa del Brasile, doue i Nostri, della Nazione Francese, hanno/ il loro Ospizio. A capo di dieci giornate ponessimo piede in quel Porto/ distante dalla sudetta Baya circa cento ottanta leghe; e la Vigilia di/ tutti i Santi col di segueute godemmo la compagna di altri nostri Mis-/sionarij, i nomi de' quali registrarò nella sesta Missione. Essi, celebrata/ la solenne Commemorazione de' Morti insieme con noi, partirono/ per Angola. Confesso, che nel passaggio dalla Baya à Pernambuco,/ non potendo, per fiachezza di spirito, resistere à l'incomodi vera-/mente straordinarij, più volte pregai di essere posto sù la spiaggia, con/ animo di compire il camino stentamente à piedi, quantunpue il Pae-/se fosse habitato da gente diuoratrice di carne humana; mà la bontà de'/ Nocchieri, oppostasi alla mia temeraria risoluzione, mi saluò la vita. Quando arriuai nel Porto, era partita la Flotta verso Europa, conforme/ à quello m'era imaginato, laonde fù necessario aspettare (poco men di/ vn'Anno) la partenza di vn'altra, numerosa di sessenta Vascelli, la qua-/le, doppo molte burrasche con perdita di gente, e mill'altre disauuen-/ture, erasi longo tempo trattenuta dietro le Coste del Brasile. L'aria/ di questo Clima, molto humida per le frequenti lagune, aggrauò le mie/ infermità mediante vn'Ersipilla molto focosa nelle gambe, la quale mi/ s'infiammò ben cinque volte, mentre, per non viuere otioso, trascorreuo/ il Paese couicino, per soddisfare la diuozione de' Popoli, che volen-/tieri confidano le proprie coscienze in mano de' Nostri: e per la stessa

[Página 871]

intemperie (cred'io) soggiacque il mio Compagno ad alcuni accidenti/ apopleatici, i quali, oltre il pericolo della vita, gli contorsero strana-/mente la bocca, si che ne restò poscia con qualche deformità./

145. E qui pare à me di non lasciare sotto ingiurioso silenzio la pietà di Gio. Pereira, Caualiere Portoghese, quello appunto, che trasportò quattro nostri Missionarij sino in Angola (come si dirà nella seguente/ Missione) & allora dimoraua in Pernambuco. Basta dire, che sopra/ vna sua Fregata di trenta Pezzi, con cui, sotto la protezione di Nostra/ Signora, solcaua l'Oceano, egli hebbe costume di non denegare giam-/mai cortese imbarco à chiunque glie lo addimandasse per amor di Dio,/ e fosse conosciuto veramente sì meschino, che non potesse pagarne il no-/lo.

La chiamauano perciò l'Arca di Nè, e mi fù detto, essersi egli pro-/telato più volte, che non ostante gli riuscisse impossibile, ritrarne il net-/to delle spese, nulladimeno hauer voluto perseuerare in questa genero-/sa carità, confidando, che il Sig. Dio lo remunererebbe nell'altro Mon-/do. Al mio arriuo fui à visitarlo nell'Oratorio di S. Amano, doue faceua/ gli exercizij del Ritiramento spirituale in compagnia de' Preti Riforma-/ti, specie di Religiosi, che viuono in Congregazione, e vanno como Mis-/sionarij frà quei Barbari, non risparmiando fatiche per la salute di quel-/l'Anime. Prouiddemi egli amoreuolmente di molte cose per lo im-/barco verso Europa; e la stessa mercè deuo al Sig. D. Andrea Vidal Ne-/grero, & à D. Gio: Fernando Vieira, che erano stati già Gouvernatori/ l'vno doppo l'altro in Loanda, e nelle Conquiste: così pure al Sig./ Gio. Vltrini Francese, & al Sig. Lodouico Heyns Fiamingo, de' quali/ hò fatta menzione, parlando del P. Gio Francesco Romano, e del/ P. Angelo da Valenza, quando dal Rè del Congo furono spediti Am-/basciatori al Sommo Pontefice. Insomma tutti i Portoghesi garreggia-/rono in souuenirci, facendo conoscere, quanto sia innata ne' petti loro/ la splendidezza, e quanto cordiale affezione professino à Capuccini.

146. Siami permesso con la semplice digressione intorno ad alcune/ cosarelle da me vedute nel Brasile, vscire alquanto da limite, che mi/ ero prescritti nella presente Istoria, potendo queste notizie giouare as-/sais-simo à gli altri Missionarij, poiche questo stesso è il loro tragitto ordi-/nario, quando passano à Regni del Congo. Vna sorte di Animaletti/ picciolissimi, e molto simili à Pulici di Europa, infestano gli huomini:/ entrano essi trà l'Vnghie, e la carne, specialmente di coloro, che cami-/nano scalzi, e penetrando addentro vi si annidano, & ingrossano, quasi/ quanto vn grano di Cece, producendo altri Animaletti, con vn dolore,/ che senza dubbio recarebbe lo spasimo, se Iddio benedetto non a-/uesse prouueduto d'industria à Paesani per cauarli, e liberarsene: ta-/gliano adunque la carne tutta d'atorno, e ne alzano l'vnghie sù la

[Página 872]

corona, accioche escano intieri, peroche se vi rimanessero quelle, che/ diressimo semenze, nascendo, e moltiplicando, come fanno l'altre schi-/fezze del corpo, roderebbero la carne, impiagarebbono il piede, e/ molti se ne sono veduti perdere le dita, e restarne monchi, e storpiati/ affatto. Per la

mia parte ne fui nolestatto otto fiata in pochi giorni, mà/ poscia auuertito, di vsare certo vnguento, che forse sarà loro micidiale,/ mi preseruai.

147. Le Formiche tanto infeste in Etiopia, quì senza paragone sono/ in maggiore quantità; e guai doue sbucano, perche ad vn trato cuo-/prono il pauimento di vna Casa, e diuorano tutto quello, che intoppa-/no. À questo disordine, che senza dubbio renderebbe sterili tutte le/ delizie, i frutti, le piante, e qualsiuoglia seminato della Campagna, pro-/uedono gli abitatori per mezzo de' Schiaui, i quali, raccogliendo foglia/ di Giegero⁴⁰⁴, glie la gittano, nella guisa, che si fà à Bachi della Seta quel-/la di Moro, con che satollate si partono. Vero è che in America non/ dimorano longo tempo in vn'istesso luogo, mà doppo qualche hora,/ purchè sollecitamente siano prouuedute di cibo, se ne vanno altrouue.

148. Osseruai il Camaleonte assai più grande, e più velenoso di/ quello d'Etiopia. Questo Animaletto, que non eccede mai la gran-/dezza di vn grosso Sorce⁴⁰⁵, mà somiglia il Ramarro, salendo sopra gli Al-/beri, tende le sue insidie à gli altri animali, che vi si fermano sotto, in/ questa maniera. Hauendolo la natura dotato di vna pelle quasi diafa-/na, e tanto trasparente, che sembra vna vesica, pare che riceua, e tra-/mandi le specie del colore, sopra di cui si ferma, dimodoche sù i rami/ dell'Albero difficilmente si discerne; tolto ch'egli hà di mira il bersa-/glio, e la preda, con tutta diligenza se le posa à piombo, indi, aperta la/ bocca, vomita vna saliuia tanto mortifera, che toccata appena la testa, ò/ anche il dorso dell'insidiato, questo immediatamente ne rimane vcciso.

149. Ne' contorni di Pernambuco hauui vna specie di Serpi, chia-/mate Corallo, per essere formate à guisa di vn Monile di vaghi Coralli/ infilati, e framischiati di altri bianchi, e di altri neri; Serpe veramente/ gentilissima à vedere, mà altrettanto perniciosissima, asserendose vni-/uersalmente ch'ella sia forse forse la più velenosa del Paese, e souuienmi,/ che hauendone vccisa vna, sentij stupidirmi la mano; tuttauolta pren-/dendo Teriaca rinuene. Amazzai alcuni Ragni della grandezza di vn Cranchio Marino, e cauai loro i denti, neri, e lunghi quanto quelli/ di vn Cane ordinario; como ponno attestare molte Persone, alle quali/ ne feci dono, quando fui giunto in Italia.

150. Euui copia grande di Papagalli, vagamente colorati, peroche/ in Congo nascono di colore cenericcio, & hanno simiglianza con gli/ Auoltoj: oltre la bellezza, che sicuramente può chiamasi prodigio del-

404. Talvez "gingero", variante de "zenzero", *i.e.* o gengibre, *Zingiber officinale* Rosc. (Zingiberaceae).

405. Palavra arcaica substituída atualmente por "topo", termo geral empregado para designar os ratos e ratazanas (Rodentia).

la Natura, riescono dolcissimi: si alimentano di Noci Moscate, di Zen-/ zeri, di Pistacchi, e cose simili, calide in sommo grado: quindi procede,/ che rarissimi ne scampino longo tempo fuori del Clima loro: e se in Ita-/ lia se ne vedono alcuni, io me persuado, che siano portati da qualche/ Isola meno distante dalle nostre contrade; come si scorge dal non essere/ nè si vaghi, nè sì grandi quanto quelli dell'America.

151. Le Scimie, e Gattimamoni sono innumerabili nella loro diuer-/ sità: ve ne hà alcuni con cesso profilato, come la faccia di vn'huomo dis-/ pettoso, mà crinita d'attorno col pelo ritto, e di varij colori. Dalla lon-/ ghezza della Coda, di cui sommamente si pauoneggiano queste bestie,/ argomentasi da paesani la loro fierezza. Addomesticate impazzano/ dietro al Padrone, accuratamente seruendolo, sol tanto che del di lui/ bisogno s'accorgano. Ne vidi alcune, ammaestrate à scherzare, come i/ Giocoleri con tanta leggiadria, che anco le Persone mature, e più com-/ poste ne prendeuano trastullo.

152. Vn'altra Bestiuola trouasi nel Brasile, che mi sembra stupendo/ epilogo di tutti gli Animali terrestri. Non è maggiore della palma di/ vna mano: La profilatura della faccia si è appuntino, come quella di/ vn'huomo; mà ella è crinita tutta all'intorno à somiglianza delle ac-/ cennate Scimie: hà le basette così ben'attillate, e piccioline à propor-/ tione del rimanente, che non può imaginarsi cosa più bizzarra: hà il/ dorso ammantato di giuba à guisa di Leone, e ne fà pompa quase discer-/ ne la propria bellezza: hà le groppe ben formate, rotonde, lisce, puli-/ tissime come di Cauallo; le gambe, & i piedi somiglianti à quelli del/ Cane. Sciamasi Sagoino, e per essere gentilissimo, stimasi delizia per/ le Dame; si che in America, & in Angola si vendono, e si tengono in/ gran pregio. Non riesce trasportarli in Europa; e sò, che vn Caualiere/ Portoghese, hauendone recati seco sino al numero di trenta, non ostante/ vsasse tutte le diligenza imaginabili, non potette saluarne solo che due,/ de' quali vno fù donato alla Regina di Portogallo, e l'altro disegnaua/ mandarlo alla Regina di Francia, mà (per quanto mi fù detto) morì su-/ bito che sentì l'aria fredda del nostro Clima.

153. Nel tempo, che mi trattiene in Pernambuco, accadere trè casi/ memorabili, e degni di riflessioni. Alcuni Soldati hauendo riceuuto/ ingiuria da certi giouanotti insolenti, dieron loro la carica sin dentro il/ Collegio de' Padri della Compagnia di Giesù, e non rispettando l'im-/ munità del luogo ne

vccisero trè. Vno di questi, ferito com'egli era,/ ricouerandosi nella Chiesa, cadde bocconi sopra la sepoltura di vn tale,/ da lui stesso, pochi anni prima, empicamente amazzato: & in quel sito ap-/punto lo vidi esalare l'Anima. Esemplare castigo, che ci conferma la/ minaccia del Vangelo à Micidiali.

[Página 874]

154. Il secondo caso succedette pure dietro le medesime Coste del/ Brasile in vna Città situata alla foce del Rio Iannero. Vn tale, in ven-/detta dell'offese riceute dal suo inimico, non contento di hauerlo vcci-/so, gli spiccò dal busto la testa, e gittola in acqua tanto segretamente,/ che non era possibile scoprire il malfattore. Fù questa più volte,/ dalla Domenica sino al Giouedi, rigettata dall'onde sul Lido (per quan-/to raccontarono alcuni fanciulli di Pescatori) alla fine fermatasi sù la/ spiaggia, il Parroco ne la leuò, per darle conueneuole sepoltura entro la/ Chiesa. Concorse molta gente alla nouità, e frà gli altri lo stesso hom-/micida, quasi il fatto non fosse suo, vi si accostò per vederla, mostran-/do compatire la disgrazia del Defonto, quando ecco à vista di tutti,/ sgorgò dalle canne della gola viuo sangue, il che hauendo colui molto/ ben considerato, destramente se ne fuggì: e forse non vi fù chi l'osser-/vasse: ma se per allora ei scampò la giustizia de gli huomini, seppe rag-/giugnerlo ben presto quella di Dio: si come attestò, e disse di conosce-/re nel punto della morte; manifestando à circostani la serie di questo/ suo delitto.

155. Il terzo è poco dissimile dal sudetto. Vna Persona souerchio/ risentita diede la morte, senza ragiouenole impulso, ad vn tale; indi/ per occultare la sceleratezza sommerse il Cadauero entro il Fiume in/ luogo distante da quello, doue commesso haueua l'homicidio, e non/ pensando alla Diuina Vendetta, ritornossene quieto alla propria habi-/tazione, situata dietro le medesime riue; mà nell'entrare, auueggendosi,/ che il corpo morto, in vece di correre al basso, era salito contr'acqua,/ de fiate con vncini trascinollo ben da lontano, ed altrettante rimontò/ esso la corrente, sino à fermarsi tutto à gala nel medesimo sito, rimpetto/ alla Casa dell'vccisore, il quale atterrito fuggì, e gli sarebbe riuscito,/ se incontrato da Sbirri, che s'insospettirono di vederlo mutarsi in fac-/cia, non fosse stato condotto in carcere, doue, rimprouerato dalla sin-/deresi, manifestò (prima che il Giudice l'interrogasse) la propria colpa,/ e ne riceuette il condegno castigo.

156. Mâ non vuò scostarmi da racconti del mio viaggio. Frà molti/ Capitani, che mi si esibirono cortesi, vno fù Antonio Fernandez, quel/ lo, che due volte haueua nauigato da Portogallo in Angola; e condot-/tiui, per mero amor di Dio, i Padri Antonio da Teruelli, e Bonauentura/ da Correglia. Il Nauilio era Fregata di 24. Cannoni, nuoua, ben cor-/redata, prouueduta di Marinari esperti, & il suo vero Padrone era Mer-/catante Francese, per nome M^r. N. de gli Andrei, il quale dimoraua in/ Lisbona, & haueua imposto à Capitani di qualsifosse Naue; che andas-/se à suo conto, di giammai denegare l'imbarco à Capuccini, perloche/ accettai l'inuito; sù questo appuntamento bisognò tardare finche com-

[Página 875]

parue la Flotta, di cui era Generale D. Pietro Giaches, Caualiere del-/l'Habito di Christo. Fermossi in alto Mare quattro leghe da Pernam-/bucco, aspettando i Vascelli, ch'erano ne' Porti della Costa, & haue-/uano ordine di speditamente vnirsi all'Armata, onde fossimo astretti/ entrare nel Palischelmo la notte de' dieci d'Ottobre, affine di portar-/ci al suddetto Nauilio, mà con tanta trauersia di venti, che appena scam-/passimo il naufragio; sorpreso io adunque da suenimento, fui leuato da/ due Schiaui, e posto nella Fregata, non me ne auuidi, se non doppio qual-/che poco di tempo, senza speranza di rihauere molte scritte, lasciate/ addietro. Il giorno seguente sarpammo l'Ancore al ribombo dell'Ar-/tiglierie, e de gli altri stromenti militari, raccomandando à Dio l'esito auuenturoso di quella condotta [...]"

**ANEXO 7. PASSAGENS REFERENTES AO BRASIL NA “BREVE
E SVCCINTA RELATIONE DEL VIAGGIO NEL REGNO DI
CONGO” DE GIROLAMO MEROLLA DA SORRENTO (1692)**

“PARTE PRIMA

**PARTENZA DELL’ AUTORE DA NAPOLI PER/ CORSICA, E SARDEGNA, E
D’ INDI PER/ LISBONA, CON CIÒ CHE GLI/ AUUENNE, E VIDE**

[Página 26]

“[...] A’ 17. Gennaio si sbarcò nella Baija ò Cit-/tà di S. Salvatore situata 13. gradi di là dalla/ linea equinozziale. E’ il suo Porto di molta/ fama, e per vastità, e per sicurtà; imperòche/ nell’ entrare vi si scorgono due punte di mon-/ti, delle quali l’ vna s’ intrapone coll’ altra,/ mediante bensì la distanza del mare, che nel/ mezo d’ ambedue resiede per l’ entrata, ed vscita.

Nel metter il piede in terra, incontrai vna/ Vedoua, che andaua in vna rete portata da due/ schiaui mori sù le spalle, cinti con panni di/ lutto, e quattro altre schiaue nelli quattro/ cantoni della coltre, che ad essa, ed alla rete/ seruiua di coperta: Stimai à prima vista, co-/me cosa nuoua à miei occhi, esser qualche/ morto, che si portasse al sepolcro; Domandai/ à chi m’ accompagnaua, se era christiano, ri-

[Página 27]

spose di sì, e che era vna Vedoua Portoghesa:/ All’ hora Io soggioksi, almeno già ch’ è chri-/stiana vi conducessero auanti vna Croce, inco-/minciãdo con diuotione à dire il Deprofun-/dis per quell’ anima, mosso da vera carità; fù/ cosi dissoluto, e smoderato il riso di colui, che/ subito vi se formò vn cerchio de’ curiosi, con-/corsiui per inuestigar la cagione, ed io inchi-/nando humilmente il capo senza punto vol-/tarmi in dietro, affrettai bene il passo per/ miei affari, per esser quella vna Signora viua,/ e non morta, conforme semplicemente mi/ persuadeno.

Le reti ordinarie hanno solo vn guanciaie,/ ò coscino dentro, oue può giacersi, ò corica-/to, ò seduto; Per le donne s' accomoda la rete/ in terra con vn tapeto di sotto, sopra di cui/ siedono, e li portatori giontamente s' inalza-/no, spandendoui sopra vn' altro tapeto piccio-/lo colle loro schiaue di corteggio, dette da/ esse, *Moccamas*, e sono quelle, che seruono in/ Camera. A gli altri, che sono de' più facolto-/si, e ricchi, accomodano il Cielo à modo di/ carrozzino con le cortine dall' vna, & altra/ parte, che dette Palangas, e stanno in vso/ non solo nel Brasile, mà comunemente in tutta l' Etiopia.

[Página 28]

Questa Baija è la principal Città del Bra-/sile, per risieder iui l' Arciuescouo, ed il Gouver-/nator maggiore, che hà dominio al pari d' vn/ Vicerè. Tutte le riuere del mare son habi-/tate da Portoghesi, cominciando per quanto/ io sò dal Rio della Plata sin al Magegliano, e/ parimente dentro terra quanto possono; Nel/ rimanente poi si scorgono habitationi di Gẽ-/tili. Il principal maneggio esercitato quì, me-/diante il nolo, e mercantili guadagni da quei/ di Portogallo, sonno il Tabacco e Zuccheri,/ de' quali con graui, e ponderosi carichi non/ solo nella Città già scritta, mà nel Rio di Ge-/nero, e Rio di S. Francesco, ambidue Porti/ molte, e molte nauì per ciascun anno se n' em-/pieno.

Per mantenere l' ingegnose machine del/ zucchero, è bisogno, che più, e più schiaui si/ tenghino, sì per piantar, e coltiuar le canne,/ come per somministrare sufficientemente le-/gna al continuo fuoco sù de' vasti caldaroni/ giorno e notte brusciante con altri officij per/ tal effetto seruili. Trouasi pure chi à questo/ fine hà da 500. schiaui, la vita de' quali, al dir/ di loro stessi, per la gran fatica, e limitato so-/stegno, quando si gionge al settimo anno di/ seruigio, assai lunga si stima; e però chi s' in

[Página 29]

contra nell' hauer qualche possibilità di scam-/pare, e fuggire, non la trasferisce al sicuro,/ portandosi dentro terra, in alieni, paesi per ri-/trouar il refugio.

E tanta la loro applicatione in simili trafi-/chi di Tabacco, e Zuccheri, che poco, ò nul-/la si curano di coltiuar i campi, e farui semi-/nato d' altra vittouaglia; dal che ne deriuu,/ che queste parti sono penuriose di

vitto, ed/ ogni cosa val cara, ed è di costo. Il lor pane/ ordinario, è farina di Mandiòca, qual è certa/ radice d' herba, che per moltiplicarla se ne/ prende vn ramo, e sotterrantolo, crescendo,/ forma le radici, e tien le foglia somiglianti al-/li nostri lupini: In alcuni mesi le scauano, e/ fresche à forza di Ruota da venti palmi in/ circa di rotondità, che há nel suo giro vn fer-/ro come grattarola, da due girata, ed vno frá/ le mani stringendole; fattone vn buon cumu-/lo, si racchiude ne' facchi, che calcati da pre-/mente torchio, diffonde vn licore attissimo à/ farne perfettamente amido; asciugata tal/ massa, ò si mangia asciutta cosi infranta, ò/ pure posta nel brodo, che non la priua d' abõ-/dante crescimento; del che si serve ancora il/ Regno d' Angòla, e molt' altre Regioni, e Pro-/ujncie.

[Página 30]

Il pesce val carissimo, essendoui pochissima/ gente, che nella pesca- gione si eserciti. Le car-/ni vengono da lunghi molte giornate distan-/ti per cagione de' pascoli, che non si trouano à/ sofficienza vicino alle terre habi- tate, e molti/ animali nel condurli muoiono per strada, e/ gli altri gion- gono quasi col cuoio attaccato/ immediatamente all' ossa. Dell' acque, ele-/mento sì necessario, ve n' è anche scarsezza,/ mentre la maggior parte d' esse sà di salsugi-/ne, e chi fa viaggio è, d' vopo prouedersene/ più che del cibo, stante che per tutto (intendo/ dentro terra) si trouano frutti, che se non/ sono somiglianti à nostri Europei, son però di/ maggior sostanza dell' istessi. Frà gli altri da/ me veduti sono li Cocchi specie di Palme (Figura N. 1),/ che trà foglia, ò rami nascono à branchi, ò/ truppe sin al numero di venti, più, e meno pen-/denti, nella grossezza ciascan è quanto vn/ fiasco impagliato con due scorze al pari della/ noce; la prima non è in stima conforme la se-/conda, che l' adoprano per coppa nel bere; Il/ frutto è di bianchezza à guisa di latte, ma/ molto denso, ottimo al gustarsi; Racchiude/ nel mezo vn acqua come distillata à misura/ d' vn bicchiero ordinario; quando è acerbo/ contiene più acqua, quale asseriscono esser

[Página 31]

rinfrescatiua; e perfettionata nella maturità,/ esser calda di sua natura: Di tal fruto ne go-/de pur l' Etiopia coll' Indie Orientali, cauan-/done il vino per tutto l' anno. Fiorisceni vn' / altro col nome di Mamào; ed è al più

senza/ rami ([Figura] N. 2); il tronco è in forma di traucello, ador-/nato di frondi, e frutti insieme; Ogni foglia/ dona il suo frutto simile al Pepone, ò Melone/ di pane picciolo, di cui n' hà quasi il gusto; la/ semenza è come il pepe, e n' hà in parte il sa-/pore: lo stipite delle frondi, che son grandi/ inchinate al rotondo, intagliate come i pam-/pini delle viti d' Europa, è quattro, ò cinque/ palmi disteso.

La Banane sono più tosto vn' aggregatione/ di foglia ([Figura] N. 3), che Albero, intessute così bene l' vna/ con l' altra, che formano vna pianta, intorno à/ quindici palmi d' altezza: sporge vn grappolo/ acinoso à somiglianza di quell' vua, che da noi,/ Corniola si dice, ed è tanto vasta, quanto può/ portare vn huomo: ogni Banana, granello, ò/ acino è d' vn palmo in circa di lunghezza, la/ grossezza è rotondamente simigliuole al/ polso del braccio virile, e la cortecchia all' a-/rancio. Raccolto tal grappolo, si recide l' al-/bero, acciò sparga di nouo i rampolli; si che/ vna volta piantato, ed in tal modo coltiutato,

[Página 32]

si scorge sempre atto al germogliare, ed habi-/bile, e pronto ad offerir il frutto al Padrone,/ ed è chiamato da essi Cacchio, che anche ver-/de, ed immaturo s' appende in casa, e tutta/ via à poco à poco maturandosi tutto di gial-/lezza si cuopre. Se accade seccarlo, si diuide/ per mezo, e poi gustato, reca al palato vn sa-/pore di fico secco di calabria. Le frondi so-/no così ben strisciate, e lisce, che paiono, non/ dalla natura, ma dall' arte per via di stromenti/ polite, stendendosi intorno à diece palmi nel/ lungo, e dilatandosi in mezo, trè nel largo.

Di queste si congettura, & argomenta da/ molti si cuoprissero li nostri Primi Padri/ Adamo, ed Eua nel Paradiso terrestre doppo/ la trasgressione del precetto Diuino, non/ essendo fuora di qualche ragione, e per la lo-/ro accennata lunghezza, e larghezza, e per/ hauer tal frutto in alcuni paesi la denomina-/tione di Fico. E che di Fico fussero quelle/ prime spoglie, colle quali la nudità de mede-/simi si velasse, quando per testimonianza del-/la Sacre Scrittura *Fecerum sibi perizomata/ Gen. 3.* varij, e diuersi sacri Scrittori l' attestano/ e frà gli altri *Nicolò di Lira* nell' istesso luoco;/ *Consuerunt folia ficus, &. Ex hoc dicunt He-/braei, quod ficus erat arbor, de cuius fructu co-*

[Página 33]

mederunt. Fecerunt sibi perizomata, idest suc-/cinctoria circa lumbos, à περι, circum, & ζῶμα/ cingulum, quasi circum cingulum. Cornelio à/ Lapide parimente qui; Putat S. Irenaeus lib. 3./ c. 37. ex ficu haec fecisse; così il Maestro del-/l' histor. scolastica presso Bartolom. Sibilla. prim./ decad. c. 3. tralascio gli altri per non deuiar-/mi dalla breuità promessa. Se pure non fusse/ quel fico dell' Oriente, scritto dall' Abulense,/ le cui foglia s' accostano all' ampiezza dello/ scuto militare. Perhibetur enim in Oriente esse/ ficulneam, cuius folia ad scuti magnitudinem ac-/cedunt. in c. 3. ò pure quell' altro, addotto da/ Pietro della Valle nel suo Viaggio dell' Indie/ p. 3. litt. B. 1623. chiamato dagli Arabi, e Per-/siani, Mouz; e nell' India da Portoghesi, Fico/ d' India, di cui gl' Indiani in vn conuito ne di-/stesero vna gran foglia in vece di touaglia.

Li Nicefi sono dell' istessa specie, e se l' as-/somigliano nel tronco, frutti, e frondi, discordano solo nella grandezza, per esser questi/ più piccioli ([Figura] N. 4). Tagliato questo frutto per mezo,/ ò per qualunque parte d' esso, eccetto per lun-/go, vi si mira figurato in schizzo, & in ab-/bozzo vn Crocefisso; Io lo stimo più ammira-/bile del Baruth, pianta nel Porto, mediterr-/neo, chiamato dal volgo: Fico Paradiso, nelle

[Página 34]

viscere del di cui frutto impresso si vede il se-/gno del Tau; rauuisādosi nel Nicefo il nostro/ Redentore, trafitto in Croce.

Per mancanza d' occasioni di portarmi più/ oltre dentro terra, fui accertato da persone/ degne di fede, natiue del paese, esserui bo-/schi grandissimi di Cedri; E che sia così, l' e-/sperienza il dimostra, per la quantità di scor-/ze, che da Portoghesi, mediant' i zuccheri,/ s' accomodano: Ed acciò sù le piante diuen-/ghino ben maturi, piegano i rami à terra, fa-/cendo, che stijno i Cedri dentro il terreno,/ quali diuenuti tenerissimi, e gialli, gusteuol-/mente si mangiano, Cesso dal rapportar i tanti/ frutti, che nascono ne' boschi, e nelle/ selue foltissime, e mi fermo alquanto à narrar/ succintamente degli Alberi.

Sono così vasti gli Alberi nelle foreste, e/ luoghi seluosi, che ne formano d' essi intiere/ le barche tutte d' vn pezzo, e si dicono; Can-/nòue. In questo Porto della Baija ne viddi/ vna frà l' altre, ch' era la più grande,

d' altezza/ più d' vna feluca, larga quanto l' istessa, di tal/ lunghezza, che per la voga richiedea noue,/ ò vndecì remi stratti, aggiuntoui solo nella/ prora lo sprone; l' altre nauì comunemente/ si vogano co' remi à modo di palette, ma-

[Página 35]

neggiando quelle in piedi, più, ò meno da/ vna parte, che dall' altra, sicome ricerca il bi-/sogno. I Gentili poi vsano per pescare, altre/ sorti di Barche, fatte come di ferole, poste/ l' vna sù l' altra al pari di scabelli, che presso/ di noi di simil materia si cõpongono, non cu-/randosi, che l' acqua v' entri, ed eschi, per non/ hauer vestimenti addosso da bagnarsi. Vi si/ veggono boscaglie, ed Alboreti di legni no-/tabili per i lauori, che ordinariamente dicon-/si: Legni del Brasile: quali paiono, ò come il/ porfido, ò al tutto neri, somiglianti all' ebano./ Vi nascono pure Alberi, da quali scaturisce il/ vero balsamo. Altri produttori d' vn olio, che/ hà per nome: Coppaiua: perfettissimo à gua-/rir ferite, dolori freddi, e corroborar lo stomaco; Altri d' Almesega, le lagrime de quali/ sono non dissimiglianti all' incenzo, e seruono/ per curar le percosse, e contusioni, e per dar/ forza, ed apportar vigore parimente allo sto-/maco. Alcune piante di più vi si trouano,/ nomate: Bicoiua, ò vero Noce Muschiata, il/ licore delle quali è di giouamento non poco/alle flussioni, e dolori.

Non molti anni in dietro vi s' introdusse/ dal Rè di Portogallo la Cannella, con ordine/ alle Naui, che veniuano dall' Indie Orientali,

[Página 36]

à portarne le piante, e consignarle alli RR./ PP. della Compagnia di Giesù, per hauer/ questi vn Tanche, ò Laguna quattro miglia/ distante dalla Città, doue riesce bellissima;/ anzi gli Vcelli, con pigliarne la semenza, la/ vanno aumentando per lo contorno, e di/ questa ne viddi arboscelli, e' l più grande/ l' haueuano incominciato à scorzare, man-/dandone le primitie à quel Rè di quattordici libre.

Stimo non vscir di proposito, se non passas-/si col silentio l' origine de' Gentili, che qui/ dentro terra vi habitano, di cui cadauno/ Scrittore sin al presente non trouasi, che/ n' habbia potuto hauer la certezza; la quale,/ per ciò, che potei intendere, ed vn Padre del/ Terz' Ordine del P.S. Francesco

ne fà mentio-/ne in lingua Portoghese, cauatala dagli Olã-/desi, è che quei popoli hauessero il lor prin-/cipio dall' isole di Suetia, e che ò per esser/ quelle troppo rigide, e fredde, ò à caso per/ via di tempeste, e procelle andassero à sog-/giornar in quest' America, vna delle quattro/ parti del Mondo, scuerta dalla parte di/ mezo giorno, da Cristoforo Colombo. E gli/ Abitatori del Brasile natiui, li chiamano: Ta-/bareos, i figliuoli de' Portoghesi, nati dalle

[Página 37]

donne natiue, ottengono il nome di: Caboc-/cos. Sono di color bruno con capelli lunghi,/ e grossi, di statura mediocre, e piena, gli oc-/chi al quanto piccioli, e rotondi, e per vesti-/mento portano solo quel tanto, che dalla na-/tura medesima li fù concesso nel nascere./ Si nodriscono di caccia, e frutti; d' onde/ auuiene, che non sempre in vn luogo dimo-/rano, mà caminano secondo le stagioni de'/ frutti, e mangiano carne humana nel seguen-/te modo: Stando vn lor parente ammalato,/ auanti, che peggiori, l'ammazzano, e se lo di-/uidono trà il parentado, con dire esser cosa/ più honoreuole, l' esser consumato da suoi/ congionti di sangue, che diuorato da vermi,/ e scarafaggi; e viuendo con tal massima à/ guisa di bestie, allegri, e contenti bestial-/mente ne muoiono.

Mi narrò il P. Martino Francese, nostro/ Cappuccino, ed all' hora iui superiore, e quat-/tordici anni era dimorato in quei paesi, che/ tal sorte di gente è docile nell' apprendere à/ maggior segno; ed auuenga che non sapesse-/ro leggere, cantauano nondimeno con essi la/ Messa, e'l Vespero. Questo Padre hauea ri-/dotti alla Santa Fede gran quantità degli/ stessi, nè capiua in se per l'allegria riuscendo

[Página 38]

buoni Christiani, in modo, che quando stan-/no in Chiesa (dico à nostra confusione) si veg-/gono quasi immobili come statue, riuerenti, e/ genuflessi con amb' i ginocchi à terra; e ben-/che sentissero qualsiuoglia rumore, ò strepito/ niuno ardisce voltarsi in dietro; anzi il dire/ parola alcuna in luogo sacro, è da loro tenu-/to per sacrilegio. Mi soggiunse di più, hauer/ nel principio grandemente stentato per ap-/prender la lingua,

il che ottenne per lo/ spatio di quattr' anni, mercè alla gran dif-/ficoltà, che confermata da stenti, l' esperienza/ l' approua.

E perche quella gente viuea senza Capo, e/ Gouerno, l' istesso Padre elesse il migliore/ per Gouernatore, à cui gli altri obediua, / riducendoli prima all' vso del viuere huma-/no qual' era, che desinassero à tempo de-/bito; atteso per lo passato la pentola, ò pigna-/ta staua sempre lesta, e pronta nel fuoco, ed in/ qualunque hora, che lor pareua, e piaceua, le/ dauan di mano. Insegnò loro à piatar la Man-/diòca, farina già nominata di sopra; Gl' istruì/ nel modo di filare, e tesser la bombace, per/ tener modestamente ascose almeno le parti/ secrete; essendogli accaduto, che frà tanti, e/ tanti da lui nel viaggio incontrati, vn solo ne

[Página 39]

vedesse di costoro con vn pannicello di cot-/tone ligato nel seno, donatogli da non sò chi/ Missionario, col quale la sua nudità ricopriua.

Hauendo il medesimo Padre perfetta-/mente il possesso della lor lingua, ed essendo/ da tutti amorosamente obedito, hebbe an-/cor campo spatioso di piantarui con forti ra-/dici la Santa Fede, e se gli facilitò l' impresa/ per non hauer tal natione Idoli, ò altra ado-/ratione. Della Diuinità solo affermano esser-/ui due Personaggi d' auanti à Dio, e pregano/ per essi: quali siano questi, non lo sanno affat-/to; il che non è poco, già che altri non/ sanno cosa veruna. Quanto sian zelanti della/ nuoua legge, può scorgersi dal seguente ca-/so, che gli auuenne. Fù preso vn certo Stre-/gone, addottrinato forsi da Neri d' Etiopia, / che vanno fuggitiui, per non inciampar di/ nuouo nelle mani de' loro Padroni; ed hauu-/tolo alla sua presenza gli fè penetrare il dan-/no, e' l gran male, che faceua; e fattagli vna buona riprensione, si fè promettere di mai/ più farlo per l' auuenire; mà la pronteza/ nella promessa, si conuertì incontanente in/ mancanza di parola, seguendo l' arte sua pri-/stina, ed infame. Afferrato la seconda volta/ da zaffi, e troncatogl' il capo, lo presentarono

[Página 40]

al P. Martino, con dirgli: O caro nostro Padre/ lei è troppo compassionevole nel perdonare;/ questa razza di gente può apportare non po-/cunocumento alla nouella Chistianità; per/ tanto l' habbiamo leuato dal

mondo vna vol-/ta per sempre; ecco la sua testa. E vigilano in/ ciò con tal' accortezza, che non si fida il Pa-/dre del figliuolo, nè figliuolo del Padre.

Le carni che mangiano sono ordinariamē-/te d' animali seluaggi, procacciati da loro in/ grande abbondanza con gli archi, e sopra/ tutte d' alcuni serpenti, nominati Bomme, i/ quali doppio hauer diuorata la presa, ben sa-/tollo si danno preda al sonno, e trouati così/ dormendo, da predatori crudeli, sono con/ le saette predati da Cacciatori. Testificano/ esser la carne di questi bianca, e saporita, di/ grassezza non differente dal porco; onde/ buttatone il capo con l' interiora, ingorda-/mente la gustano. Facendosi non sò che fe-/sta nella Baija, mirai le finestre in vece di ric-/ che tapezzarie, e nobili arazzi, adobbate de/ cuoi di questi serpenti, larghi quanto la pelle d' vn grosso Bue, e lunghi à proportione, e/ misura d' vna lunghissima biscia.

Hauendo procurato il P. Martino, che' l/ Capitano eletto da lui, pres- tasse obediienza

[Página 41]

al Governator de' Portoghesi, n' auuene, che/ questi si trouino intro- dotti co' medesimi, me-/dianti le loro mercantie, che quantunque sia-/ no di tenue lucro, e poco rileuanti, seruono/ almeno per estrarne quanto basta per co-/pirsi, e gli stromenti di ferro, necessarij à lo-/ro minis- teri. I commerci non consiston in al-/tro, che in legni, detti del Brasile, Cocchetti,/ Simie, e Pappagalli d' ogni sorte; le femine/ de' quali son chia- mate Coricas, e la maggior/ parte delle medesime si veggono esser assai/ più loquaci degl' istessi maschi. Araras sono/ gli altri di grandezza al pari del Cappo-/ne, con la coda lunga à somiglianza di/ quello, sparsi di varij colori, ò dipinti d' in-/carnato, ò colorati di cremesino. I Perechit-/ti sono vguali al Tordo, hanno le piume abel-/lite dal verde chiaro, e proferiscono tutti le/ voci humane.

Simie ne portano anche d' ogni maniera,/ tutte però con le code; vna sorte delle quali,/ quanto è più stimata dell' altre, tanto è più/ difficile à trasportarsi, non dico in Italia, ma/ in Spagna, & altroue à causa del freddo: Han-/no il nome di Sagoris, ò Sagorini, di grossez-/za, non più d' vn Ghiro, e si mantengono con/ la bombace ne' manichetti. Quei pochi Si-

[Página 42]

miotti, che peruengono in Portogallo, si com-/prano da quelle Dame vna dobla l' vno, e se/ fussero maschi, e femine vniti, il prezzo è più/ alterato, e per lo più se ne seruono à regala-/re. Queste, & altre cose non men curiose, che/ galanti, e vaghe son portate da essi à vendere./ Ne mancano di coloro, che non hauendo/ genio à simili mercantie, e baratti, vanno al/ seruitio de' Portoghesi per vn tanto il Mese,/ ò l' Anno.

Perche hò toccato di passaggio gli Vccel-/li, vò dar vn brieue raguaglio de' Struzzi, se/ pure attribuir gli vogliamo il titolo di vola-/tile, trouandosi impresso da penne autoreuoli/ *Struthiochamelus maxima Auis est si tamen/ Auis dicenda, cum pennas dumtaxat habeat, vt/ ad currendum adiuuet. Dict. 7. ling.* Non ostan-/te quell' altro del *Farnesio de Verbor. interpret. Parit enim oua, verùm neque illa incubatu fo-/uet, neque pullos nutrit.* In queste parti lo/ Struzzo chiamasi Hiema, & è di quella gros-/sezza, che può comprendersi dalla grandez-/za dell' ouo, da se prodotto. Io n' hò veduto/ de' giouani, e de' vecchi, de' piccioli, e grandi;/ ha colorite le penne dal chiaro scuro, e gli/ sono da due gionture rinforzate l' ale; mangia/ ogne sorte di cibo, fia pur legno, ò ferro, che

[Página 43]

lo diuora, e consuma. Fà l' oua nell' arena, e/ con la medesima le ricuopre, non sò, se per/ dar à suoi parti più tosto tomba, che culla, se/ nascimento, ò sepolcro. Quindi è, che il più/ delle volte non ricordandosi doue l' hab-/bia sotterrate, schiude quelle de gli altri, &/ appena usciti dal guscio i polcini, subito da/ loro medesimi si procacciano il vitto. Nel/ fuggire alza solamente vn' ala, seruendosi an-/che de' piedi, doue non hà, che due sole dita;/ & è così veloce nel correre, che se d' auanti/ gli viene il vento fauoreuole (come n' hà cura/ d' incontrarlo) sia pur veloce quanto si vo-/glia vn Corsiere, che giàmai lo potrà arriua-/re. Quando i Cacciatori ne vogliono far/ preda, lo seguirano à cauallo à stesa carriera,/ e con forcinetta ben lūga guadagnandone il/ collo, d' hauer riportata la gloria di si buona/ caccia non di rado si vantano.

Prima di licentiar mi dal Brasile per seguir/ il mio viaggio, e valicar di nuouo questi ma-/ri, vò far mentione d' vn altra caccia, non/ d' huomini contro gli animali, mà d' animali/ contro gli huomini, & animali minutissimi,/ che per esser cosa appartenente à piedi, l' hò/ riserbata per l' estremità di questa narratione./ Si genera quiui vna sorte di vermicciuoli qua-

[Página 44]

si inuisibili, chiamati Nigua, che saltellando à/ guisa di polci sù i piedi, penetrano dentro la/ pelle, e per ordinario s' ascondono frà carne,/ & vnghia; danno su'l principio vn piaceuole/ prorito, s' ingrossano poi qvant' vn cece, e se/ con prestezza non si cauano, ò vi muoiono, ò/ vi lasciano i lendini, con grandissimo dispia-/ cere corre il paziente manifesto pericolo, non/ solo di perder il deto, mà buona parte del/ piede; e quando s' interna frà l' vnghia, ò bi-/sogna al tutto scarnarla, ò mancar tanta car-/ne, quanta fà di mestieri per giungere oue ri-/siede il malageuole. Io con hauerne la parte/ mia, n' hò sperimentato i dolori, & i pericoli;/ mà vn certo nostro P. Francese hebbe tanti/ assalti da sì picciol nemico, che se non hauea/ la prestezza del Chirurgo, esperto nel medi-/carlo, non gli sarebbe stato possibile in conto/ veruno, sfuggir la perdita di tutte le dita.

Vogliono alcuni, sicome parimente s' ac-/cenna nel suo viaggio al Regno del Congo/ dal P. Michelangelo de' Guattini da Regio/ Missionario Capuccino in vna lettera, scritta/ da Pernambuch al proprio Padre. fogl. presso/ di me 55. che tali animaletti, così infesti, e/ nociui siano inclusi fra le diece piaghe, man-/date da Dio al superbo Faraone, per suo me-

[Página 45]

ritato castigo nell' Egitto. *Posuit in Aegypto sua/ signa. Psal. 77.* descritte ne' seguenti versi da/ *Saliano An. Mundi 2543. apud Engelgr. lib. 2./ Dom. I. Adu.* & addotti da *Cornelio, Bon-/frerio, e Tornelli*, tutti eruditissimi Alunni/ dell' Illustrissima Compagnia di Giesù.

Prima rubens vnda: ranarū plaga secunda.

Indè culex tristis: post Musca nocentior istis.

Quinta pecus strauit, Vesicas sexta creauit.

Postq; subit grando: post bruchus dente nefando.

Nona tegit Solem, primam necat vltima prolem.

Nell' Isole di Capouerde ritrouansi altri/ vermicciuoli, che penetrano il calcagno/ e salendo per la gambe, si allungano al pari d' vn/ pelo di cauallo: e per estirparli, ò bisogna/ tagliar la carne, e troncar la strada, fatta da/ loro nell' ascendere, ò prenderli per vn capo,/ & à poco à poco tirarli

tutt' intieri. E credo,/ che di questi intenda dire quel sopra da me/ citato, e famoso Pellegrino della Valle, ben-/che quelli veduti da lui, conforme hò letto/ nel suo Viaggio, siano più lunghi, più dannosi, e mortiferi.

Mentre durò la nostra dimora nella Baija,

[Página 46]

tutto il nostro intento, & ogni nostra cura/ impiegauasi à ritrouar imbarco. Non eraua-/mo più che trè, e ritrouammo vn Petacchio/ che frà quattro mesi hauea da spiegar le vele/ per la volta di Congo; Vn trattenimento si/ grande non si accordò con la nostra souer-/chia brama di partire. Alla fine capitò vna Somacca, legno simile ad vn Bergantino, ò/ Fragata, il di cui Capitano, mediãte la nostra/ promessa, promise portarci ad Angòla. Men-/tre stauamo sicuri dell' imbarco, il Gouverna-/tore del Brasile comandò al Capitano, che/ conducesse noue prigionieri relegati ad An-/gòla, tra quali v' era il suo Secretario, disgr-/atiato da lui per hauer malamente parlato di/ sua persona, e per maggior affròto mādollo ad/ imbarcarsi legato per le piazze à polso, à pol-/so cō vn schiauo nero. Il Capitano riceuuto l' ordine, scusossi cō noi, & asserì di non poterci/ più condurre, stante la picciolezza della barca, incapace di tanta gente. Non per questo/ ci perdemmo d' animo, mà confidati nel Si-/gnore, stendemmo subito i passi verso il Go-/uernatore; lo pregammo, che lasciasse à terra/ parte de' carcerati, acciò restasse nella So-/macca alquanto di luogo per noi: alle nostre/ preghiere non piegossi questo vn tantino, &

[Página 47]

ostinato nel suo proposito volle, che con/ quelli ancor noi c' imbarcassimo. Fù obedito,/ ma appena vsciti dal porto, il Capitano/ vestito di zelo (non sò però se fusse zelo da/ vero, ò pur zelo d' hauere) disse à Marinari: I/ poueri PP. Cappuccini doue starãno? vuole il/ douere, che li diamo luogo: e fatto allestire il/ batello, mandò à terra il Secretario con/ due altri prigionieri, e forsi hauerebbe anche/ mandati gli altri, se fusse stato regalato; e con/ questo noi ci accomodammo al meglio, che si potè [...]"

**ANEXO 8. PASSAGENS REFERENTES AO BRASIL NAS
“RELAZIONI DEL VIAGGIO E MISSIONE DI CONGO” DE
ANTONIO ZUCHELLI DA GRADISCA (1712)**

“RELAZIONE QVARTA.

*DELLA LUNGA NAVIGAZIONE FATTA PER L'OCEANO, DALISBONA SINO ALL'INDIA
OCCIDENTALE NELLA PROVINCIA DEL BRASILE, ALLA CITTÀ DI S. SALVATORE,
DETTA LA BAHIA DI TUTTI SANTI, CON TUTTI QUEGLI AVVENIMENTI, CHE
SUCCEDETTERO NELLA MEDESIMA.*

[Página 61]

“[...] Sull'albeggiare del giorno, qual'era il quartodecimo di Maggio, salpassimo l'anchora, e quantunque il vento fosse leggerissimo, coll'ajuto però della corrente favorevole, / che cominciò subito doppo il mezzo-giorno entrassimo nel Porto. Qui / ritrovassimo anchorate più di cinquanta Navi, che stavano attualmen-/te caricando Zuccheri, e Tabacco, per trasportarli colla flotta tutta / unita in Portogallo: e fra queste ritrovammo due altre Navi di guer-/ra, una delle quali venuta da Goa, Piazza principale del Re di Por-/togallo nell'Indie Orientali, era carica di ricche merci, e l'altra, che / doveva servire d'Almirante per ricondurre la flotta à Lisbona. In que-/sta maniera dunque, doppo d'havere ricevuti, e reciprocati li saluti di / più cannonate fatti da varie Navi amiche del nostro Capitano, salu-/tassimo la Nave dell'Indie, che batteva la Fiamma, e dato fondo si / salutò la Fortezza del Porto. Io intanto e sano, e sal-/vo per grazia del Clementissimo Iddio, senza haver patito in tutto / questo viaggio un minimo dolore di capo, doppo sessenta otto gior-/nate di navigazione, sbarcai co' compagni nell'America Meridionale, / detta Mondo nuovo, ed India Occidentale, nella Città di San Salva-/tore, comunemente chiamata la Bahia di tutti li Santi, qual'è Me-/tropoli del Brasile: e la sera stessa mi portai all'Ospizio della Pietà, ha-/bitato da' nostri Padri Capuccini Francesi, quali tenevano la Missio-/ne del Brasile, e da' medesimi fossimo caritevolmente accolti.

RELAZIONE QUINTA.

*NELLA QUALE SI RACCONTA DIFFUSAMENTE LA PRIMA DIMORA FATTA/ DAL
P. MISSIONARIO NELLA PROVINCIA DEL BRASILE, CON/ DARE UNA DISTINTA
NOTIZIA, NON MENO DE' RITI, E/ COSTUMI DI QUEGL'INDIANI, CHE DELLA
QUALITÀ DI QUEL PAESE./*

I. Hora voglio descendere à raccontare qualche parti-/colarità di questo Paese del Brasile, Principato/ vastissimo della Corona di Portogallo, e sua più/ riguardovole conquista; quale da Tramontana à/ mezzo-giorno sino al Rio della Plata tiene 1500./ miglia di lunghezza: la larghezza però non si/ può sapere distintamente, perche tuttavia non si/ è finita di scoprire, impedita da Deserti imprati-/cabili, non essendosi sin' hora ancora mai incontrati li Castigliani/ del Perù con li Portoghesi del Brasile. Tutta l'America si può chiama/re giustamente Mondo nuovo, non solo per essere stata scoperta da poco/ tempo in quà da Cristoforo Colombo, che fù il primo à rinvenire alcune/ Provincie Ultramarine; ma anche per essere ò del tutto spiccata dal con-/tinente dell'altre parti del Mondo, ò pure solamente attaccata con/ un Istmo à noi incognito nella parte Settentrionale: ed Io anche m'aggiungerei la terza ragione: cioè per essere un Paese in tutto, e per/ tutto diferente da' nostri. Non pretendo quì di fare una distinta relazione di tutta l'America, stanteche questa sola sarebbe bastevole per/ impinguare un grosso Volume; ma solo di raccontare alcune partico-/larità di questa Provincia del Brasile, dove prima d'imbarcarmi per/ il Regno d'Angola mi conviene dimorarvi per più Mesi. Per dimo-/strare dunque la differenza grande, che passa tra que' Paesi Ultramarini, e li nostri Europei, dico qualmente le fiere Selvaggie, gli Vc-

celli dell'aria, li Legumi, li Fruttami, l'Herbe, e gli Alberi stessi, / sono quasi tutti differentissimi da' nostri. Quelle terre non produco-/no nè Frumento, nè Vino, nè Oglio; ne ivi si fà, nè Sale nè For-/maggio, nè molt'altre cose, colle quali quotidianamente si vive in/ Europa; e sebbene vi è l'acqua marittima, e'l Latte degli Animali, / co'quali à nostro parere si potrebbe fare e Sale, e Formaggio; con-/tuttociò quantunque più volte vi siano state fatte le sperienze, non vi/ puono riuscire. Di tutte queste cose però se ne ritrovano, perche ven-/gono condotte dal Regno di Portogallo colla venuta delle flotte, che/ poi servono di negozio a' Portoghesi, per comperare colle medesime/ le merci Brasiliane, e singolarmente Zuccheri, e Tabacco, le tengo-/no però sostenute di molto ne' loro prezzi, per essere con fatiche, e con/ dispendio trasportate da Lisbona.

II. Tanto li plebei, quanto anche le persone civili, bevono comu-/nemente l'acqua pura, alla qual bevanda senza sentirne veruna diffi-/coltà, sin da fanciulli sono di già avvezzi li Portoghesi: ma se pure/ talvolta vogliono bere qualche poco di Vino, non potendolo bere con/ quella franchezza, colla quale si beve in Europa, senza detrimento/ della sanità, attesa la qualità di quel clima ardentissimo, nè bevono/ qualche bicchiere tripli-/catamente mescolato coll'acqua, e nel rima-/nente aqua pura. Li Brasiliani nazionali, che vivono fuori ne' Deser-/ti, costumano di far bolire in una caldaia d'acqua una scodella di me-/le, della quale n'hanno copia grande ne' Deserti medesimi, e con/ questa bevanda si conservano così sani, vigorosi, e robusti, che appe-/na sanno cosa sia infermità. Quest'acqua poi della Bahia, quantun-/que non sia molto fresca, è però assai buona, e conferisce alla sanità:/ ella si conserva nelle case in vasi di creta, nè si beve, che due giorni/ dopo d'essersi cavata dalla fonte, perche havendo in se una vena d'amaro, in detto tempo si purifica, e si riduce à perfezione. Il Pane or-/dinario poi, e comune, che si mangia non solo nella Bahia, ma an-/che in tutto'l Brasile, è farina di palo. Questo si fà dalla radice di Man-/dioca, qual cresce à guisa d'un'arboretto picciolo, più lunga, e più/ grossa delle rape: si tritta come il formaggio grattato, e poi si spre-/me fuori il succo per essere velenoso, e così spremuta, si mette à sec-/care al Sole; perdendo in questa maniera ogni qualità venefica. Secca-/ta ch'ella sia, pare alla vista segature di tavole, con questo solo diva-/rio, ch'ella è alquanto più bianca: e questo è il pane che si mangia nel/ Brasile. Io da bel principio duravo

fatica ad avvezzarmi; ma tutta-/volta quando havevo una buona fame mi pareva saporita. Questo Pa-/ne chi lo mangia asciuto col cucchiario, e col pugno, e chi l'infon-

[Página 64]

de, e l'inzuppa nel brodo, ò altre cose liquide, dove gonfiandosi fà/ come una minestra, ò vogliamo dire polenta; ed in questa maniera/ riesce meno discaro. Il Sale si porta per savorna da' bastimenti delle/ flotte: l'Olio parimente, ed altre cose vengono, come dissi, da Por-/togallo: delle Pecore ve ne sono pochissime, ma non li cresce la lana,/ havendo il pelo liscio come la Capra. Le Capre parimente sono in/ poca quantità, ed assai più picciole delle nostre, ma così dell'une,/ come dell'altre, molto di rado se ne mangiano. Il principal mante-/nimento di tutto'l Popolo è la carne di Manzo, essendovi un'abbon-/danza grandissima di Buoi, e di Vacche, che continuamente si con-/duscono alle Città, e Terre marittime da' deserti del Brasile. Si com-/puta, che nella sola Città della Bahia s'ammazzino trenta milla Buoi/ all'anno, e talvolta anche sino quaranta. Per ordinario s'am-/mazzano seicento Buoi alla settimana, ed in tutto'l tempo, che la/ flotta vi stà anchorata nel Porto, se n'ammazzano trecento al gior-/no, sì per l'accrescimo del popolo, come pure per le provisioni de' Vascelli. Questa carne però non è di molta sostanza; onde quantun-/que se ne mangi in quantità, si digerisce facilmente: non è parimen-/ti molto grassa, perche il lungo viaggio, che fanno gli anima-/li nel venire da' deserti, si smagrano di molto, non havendo poi tem-/po di potersi rifare con buoni pascoli, perche subito sono condotti al/ macello. Queste carni ordinariamente si comprano à Rubij, quali/ sono di quarenta, e più libre l'uno, e si vende à vilissimo prezzo, per-/che la carne più ordinaria, non vale che dodici ventini al Rubio, che/ verrà ad essere un soldo Veneto la libra, ò poco più. La carne poi mi-/gliore, che deve servire per le persone più civili, al più che possa va-/lere, valerà una Pattaca il Rubio, che sono sedici ventini. Si stima/ la sola carnaggione, perche quanto alla testa, piedi, sangue, ed in-/teriora, non sono stimati nulla, e sono cibi de' schiavi più vili, e mise-/rabili, eccettuate però le lingue, perche queste si vendono à parte, due/ ventini l'una. Subito que s'ammazzano li Buoi bisogna comperarli,/ e mangiarli, perche per essere l'estrinseco ambiente molto caldo, non/ s'arriva à ventiquattro hore, che subito la carne si corrompe, e ren-/de fetore. In quello

tempo però, ch'era di già entrato il Cacibo, che/ sono li Mesi meno ardenti dell'anno; cioè Maggio, Giugno, Luglio,/ e Agosto, quali fanno l'Inverno di quel Paese, per essere l'aria al-/quanto più temperata, durava la carne ventiquattro hore intere sen-/za puzzare. E per far vedere, qualmente quest'America Meridiona-/le è un Paese molto connaturale per gli animali bovini, e che quivi/ per molto consummo, che si faccia di carne, sempre si vanno multi-

[Página 65]

plicando più che in ogn'altro Paese del Mondo: voglio raccontare,/ qualmente ne' deserti comuni, e disabitati di Bonos Aeres vi è un'abbō-/danza così grande de Tori, e di Vacche silvestri, che da se di continuo si/ vanno li moltiplicando, senza havere alcun padrone, talmente che più/ volte vanno colà i Vascelli, solo per caricare le loro pelli. Smontati a/ terra li Marinari, n'ammazzano à loro piacere, e trenta, e quarenta, e/ cinquanta milla, e quanti ne vogliono, e trattane la carne migliore,/ quase seccano per mantimento, e provisione di bastimenti, l'altra/ tutta la lasciano marcire ne' deserti medesimi, e ritenendo se sole pelli/ ben seccate al Sole per carico de' bastimenti, queste le trasportano in/ Europa: e tutti questi animali sono comuni di chiunque li vuole, sen-/za che n'habbiano à fare una minima spesa per comperarli./

III. Quanto alli Polli: non si costuma nel Brasile di far capponi,/ perche li Pollastri per ordinario si mangiano nel loro proprio essere: si/ stima dunque la sola Gallina, perche questa con maggiore facilità si/ mantiene viva nelle navigazioni del mare. Io stesso poi non saprei ben'esprimere, se ve ne siano in abbondanza, ò pure in poca quantità: per-/che se dicessi, che ve ne sono molte, in certo modo verrei à mentire men-/tre dimorando nel Brasile vedevo, che con un Ducato Veneto alla ma-/no, con difficoltà se ne poteva ritrovare una sola per le persone amma-/late: e poi all'incontro volessi dire, che ve ne siano poche, mi pare pure/ che ancora mentirei, al solo riflesso che li bastimenti dele flotte ne le-/vano annualmente nella loro partenza, più di cinque milla per volta,/ per le loro provisione di mare. Il consummo poi, che ne fà tutto l'anno/ in una Città tanto popolata, com'è la Bahia, acresce di molto la loro/ molteplicità. Ve ne sono dunque molte: ma con difficoltà, ed à caro/ prezzo si puono havere: e ciò principalmente per le provisioni, che li/ Capitani si procurano per le loro Navi, quali à qualunque prezzo ne/ vogliono havere almeno un centinajo per cadauno, per ogni bisogno/ che potesse loro

occorrere di qualche infermità ne' lunghi viaggi, che/ fanno per que' mari. Vi sono parimente de' Galli d'India, detti da noi/ Gallinacci: e questi sono proprij, ed oriundi da questo Paese, e si chia-/mano col nome di Perù, quali per la stessa cagione di sopra mentova-/ta, si ritrovano à caro prezzo, stante che questi ancora vengono levati/ dalle Navi della flotta, che con ogni sedulità le procurano.

IV. Per essere in questo tempo, come già dissi, il Mese del Cacibo/ non era stagione propria de' frutti: ve ne ritrovai però d'alcune spezie,/ che di volta in volta vanno frutando tutto l'anno, come sono le Ba-/nane, le Niceffi, li Giunipapi, e li Mamoens, de' quali se ne ritro-/vano in ogni stagione. Fra la Banana, e'l Niceffo non vi è alcu-

[Página 66]

na differenza essenziale, ma solo accidentale, perche la Banana cre-/sce un palmo lunga, e'l Niceffo solo la metà, e quest'ultimo è più de-/licato, più tenero, più saporito, e più sano, ed è opinione de' Portoguesi-/si, che questi frutti siano il vero Platano dell'Indie. Entrambi si scorza-/no come si scorza il fico, e nel gusto tiene alquanto dell'aromatico:/ sono di qualità rinfrescative, e con ogni sicurezza si danno anche agli/ ammalati arrostiti sulle brace, ed inzuccherati, come da noi si danno/ li Melli, e li Peri. La pianta in pochi Mesi cresce quant'un'albero alto/ una picca, alla grossezza d'una cintura d'un huomo: ma tiene più to-/sto la denominazione, che non la realtà dell'albero, perche quantun-/que il suo tronco sia, come dissi, così grosso, egli è però tenero quanto/ una rapa, e si può tagliare da un fanciullo con un semplice coltello./ Quest'albero non fà alcun ramo, ma nella summità del tronco gitta/ fuori una buona quantità di foglie, tanto lunghe, e tanto larghe,/ che quando s'ammazza un porco, sopra d'una sola di queste foglie si/ possono fare tutte le funzioni di quel macello. Sotto le foglie medesi-/me tramanda al basso grappoli grandissimi di Banane, e de Niceffi,/ quali talvolta arriveranno sino à trecento, e quattrocento per grappo-/lo: ed à questo di buono, che quando questi si tagliano, li frutti non/ mai tutti assieme sono maturi, ma così tagliati si vanno da se stessi/ maturando un poco per volta; di modo che uno di que' grappoli du-/rerà successivamente sino dodici, e quindici giorni, e questo è uno de' migliori, e de' più sani frutti, che siano nel Brasile, quali con facilità, ad ogni tempo, ed à buon prezzo si possono avere, e come già dis-/si, sono buoni, e per li sani, e per gli ammalati.

V. Quasi nella stessa maniera produce li suoi frutti'l Mamoens,/ cioè, che dalla cima del tronco tramanda molte foglie grandi, ma/ nella forma però tutto differenti della Banana, e di sotto le mede-/sime foglie lancia fuori li grappoli di dieci, ò dodeci frutti l'uno della/ grandezza d'un picciol Mellone, che al gusto stesso hà qualche sapo-/re di Mellone. Questo è pure di molto rinfrescativo, e di dentro vi tie-/ne le sementi cavelline à guisa di granelli di pepe, e si mangia indiffe-/rentemente assieme colle sementi, perche essendo calide nella loro/ qualità, servono di correttivo del frutto medesimo; questo però è ve-/ro albero, perche il suo tronco è di legno sodo, quantunque non mol-/to duro. De' Giunipapi ve ne sono pochi, e questi fanno un'albero/ grande simile al Castagnaro: li frutti che produce, quali crescono alla grandezza d'un Mello granato, sono di qualità calida, e sono aromati-/ci, e pettorali: mangiati in poca quantità, conferiscono assai alla salu-/te corporale, massime alli deboli di stomaco, e perche non sono per al-

[Página 67]

tro modo gustosi al palato, si costuma di condirli col Zucchero. D'al-/tri frutti non ne ritrovai di maturi in questa stagione; ma in altri tem-/pi però vi sono le Giacas, venuti in quest'ultimi tempi dell'India Oriē-/tale, quali fanno un'albero grande quanto una Quercia, e questi frut-/ti crescono alla grandezza d'un Mellone rotondo colla scorza tutta ca-/rica di spini grossi, ed acuti, di modo che, quando talluno stando sotto/ l'albero, di questi frutti li cadesse sul capo, sarebbe capace d'ammaz-/zarlo immediatamente. Quando si taglia, pare che di dentro v'habbia/ da per tutto una buona quantità d'occhi, che pajono appunto occhi di/ Vitello: Questi si cavano colla forcina, e si mangiano, essendo assai gu-/stosi al palato; nel mezzo degli occhi vi è un'altro frutto si-/mile ad una piccola castagna, colla scorza, e col colore similmente/ di castagna, e queste sono le sementi, quali s'arrostiscono, e si mangia-/no come le castagne, ò pure, che si condiscono, e si fanno confetti. Vi è parimente la Palma del Cocco, qual'è un frutto assai gustoso, e stà/ attaccato di dentro attorno alla scorza del frutto, alla grossezza d'un/ dito: egli è bianco alla vista, e tenero quant'il Ravano, al sapore/ però há dell'Amandola fresca. Nel centro tiene una vacuità pie-/na d'acqua dolce, che pare condita col Zucchero: Il frutto è ca-/lido, ma l'acqua sudetta è rinfrescativa. Questa Palma cresce mol-/t'alta: nella sommità del tronco tramanda tutti li suoi rami, qua-/li sono molto lunghi,

e carichi di foglie, simile alle spade lar-/ghe, e sotto li rami vi nascono li grappolli colli frutti. Vi si ritrova-/no parimente molt'altre sorti di frutti, come sono le Mangave, le/ Guaiave, li Chesùs, il frutto del Conte, l'Ananàs, e molt'altri,/ che troppo lungo sarebbe à desciverli tutti minutamente: e perche/ varij di questi vi sono anche nel Congo, ed in Angola, dirò qualche/ cosa de' medesimi quando descriverò le qualità di que' Paesi dell'Etio-/pia. Quanto poi alli Cedri, Limoni, Lime, e Melaranci d'ogni/ qualità, questo è il loro proprio Paese: peroche vogliono un clima/ calido, e se ne ritrovano li boschi interi: li Limoni però sono piccio-/li assai, e tengono una scorza sottillissima: sono pieni di succo, qual/ molto è agro, ed acuto. Di questi Limoni non se ne vendono sulla Piaz-/za, ma chi li vuole, manda li suoi Negri in un Bosco contiguo alla/ Città, e ne pigliano quanti ne vogliono. Li Melaranci sono tutti/ dolci, e quelli che noi chiamamo della China, sono dolcissimi/ quanto il mele: non sono però così sani, come sono gli altri mode-/ratamente dolci, ne si puono mangiare con tanta facilità, perche/ cagionano flussioni di capo. Tutti quest'Agrumi sono à prezzo vilis-/simo: ma perche non sono di sostanza, per essere totalmente d'hu-

[Página 68]

more liquido, ad altro non servono, che per bagnarsi la bocca, e per/ rinfrescarsi le viscere.

VI. Le maggiori rendite che si tiranno da queste Terre del Brasile,/ si ricavano dalla copia grande de' Zuccheri, dal Tabacco, e dalle mi-/ niere d'oro scoperte da pochi anni in quà. Vi sono in tutto'l Brasi-/le le molt'Ingegneri di Zuccheri, ed ogni Ingegno valerà sino un Mi-/lione, e più, e meno di Crociati, ne' quali à suo tempo proprio vi/ lavorano, e giorno, e notte, sino cento, cento, e cinquanta, e du-/cento Negri ne' lavori, e manipolatore del Zuccheri. Tutto'l Brasi-/le, oltre il consummo grande che fà nel proprio Paese, manderà anche/ annualmente per negozio di Portogallo, sino cinquanta, e sessanta/ milla cassoni di Zuccheri, d'onde poi si dispergono per tutta l'Europa./ Questa sola Città della Bahia ne carica venti milla, e talvolta più cas-/soni: e quando ve n'è poca quantità, com'appunto era in quest'anno,/ ne carica quindici milla. Questo per ordinario si vende à prezzo bassis-/simo, e quest'anno medesimo, che come dissi, fù carestia, un Rubio di/ trentadue funti, che fanno quaranta, e più libre d'Italia, arrivò so-/lo alla valuta d'una pezza, e mezza di Spagna.

Doppo il Zucchero sie-/gue il Tabacco, che quivi nasce di tutta perfezione: e di questo pure/ ogni anno si mandano à Lisbona miglaja, e miglaja di Rubij, fat-/to in corda, oltre di quello che si manda già spolverizzato. Il primo/ appalto, che li Rè di Portogallo posero sopra quest'erba del Tabac-/co, fù di sessanta Scudi; ed annualmente di maniera è andato cre-/scendo, che hora arriva ad un milione, e seiscento milla Crociati, che/ ne ricava ogni anno dall'Appaltator Generale. Le miniere d'oro, che/ in quest'ultimi tempi si sono scoperte: (mentre negli anni addietro si/ tenne, che'l Brasile fosse totalmente privo di miniere:) sono dentro ne'/ deserti, non solo da quella parte, che per il Rio della Plata entra il Pe-/raguai nel Brasile, ma in molt'altri luoghi ancora, che tuttavia/ giornalmente si vanno scoprendo. Queste miniere le può scavare/ chiunque vuole, senz'altra obbligazione, che di pagare la quinta/ parte al Rè: ma se uno però non havesse, che quelle quinte, che/ sono rubate di questo diritto, con queste sole sarebbe un Principe/ molto grande. Quest'oro, e di tutta perfezione, perche ritrovato/ in propria specie nel suo essere, senza purgarsi ulteriormente nel Cro-/ciuolo, e di ventiquattro caratti. Dove sono le miniere, si scava la/ terra alla prodondità d'un passo, ed anche meno: quindi si ritro-/va un'incastatura naturale di pietre, e sotto di queste si ritrova/ l'oro in propria specie; cioè, in pezzetti grandi quant'un grano/ di Frumento, d'un Cece, d'una Fava, e più, e meno. Tutta

[Página 69]

la difficoltà di scavarlo consiste in questo, che le miniere sono dentro/ ne' deserti: onde chi le vuol scavare, bisogna che mandi colà li suoi pro-/prij Schiavi; e che continuamentte ancora li mandi vettovaglie da vi-/vere sulla schiena de' Cavalli. Vi sono stati molti, che si sono arrichi-/ti con centinaja di libre d'oro, solo con portare colli loro Cavalli ro-/ba da mangiare à que' Negri, che scavano le miniere: stanteche per/ ogni minima cosa che li davano, come sarebbe, una Banana, due/ Niceffi, un palmo di Tabacco in corda per fumare, e cose simili, per/ ciascheduna di queste cose buscavansi subito da' Negri una dramma/ d'oro. Vi sono similmente molte miniere d'argento, ed in più luoghi/ si ritrovano le pietre, una attaccata all'altra coll'argento medesimo,/ come da noi sono attaccate colla calce: ma queste però sin'hora non/ le scavano; mentre torna loro più conto à far scavare le miniere dell'oro, che sono di lucro più avvantagioso.

Dal Brasile si carica pari-/mente ogni anno per Lisbona gran quantità di Cuojo, ovvero pelli di/ buoi acconcie, per fare suolle di scarpe, quali sono d'una buonissima/ concia: e se di queste se nè carichino in molta quantità, si può ar-/guire dalla grande numerosità de' buoi, che di continuo s'am-/mazzano nel Brasile. Li legnami parimente da lavorare, che si ri-/trovano nel Brasile, sono così eccellenti, e perfetti, che non la ce-/dono punto, anzi sopravanzano di molto li legnami degli altri Paesi./ Ve ne sono di duri, e tosti, che pare vogliano garreggiare col ferro,/ e non essendo molto attraversati da' nodi, sono buoni; ed atti per/ qualunque lavoro grande. Alcuni sono vermigli, e di colore purpu-/reo, altri gialli come il Busso, altri Negri come l'Ebano, e questo/ è specialmente il Chiacarandà, qual'è legno molto stimato. Vi è pu-/re una copia grande di legno rosso, che da noi si trasporta per tingere,/ e colorire i panni, detto comunemente Brasile. Quanto poi ai lavo-/ri minuti, per far corone, appoggi di bastoni, e scatolette, vi è il frutto, ò la scorza stessa del Cocco, che come noi vediamo, sono mol-/to rilucenti, e di bella vista.

VII. Questa Città dela Bahia è molto vasta, e spaziosa nel suo/ circuito; ed è divisa in due parti ambe contigue: la parte superiore/ è fondata sopra d'una vaga, e piana collina, e l'inferiore alla spiaggia/ immediata del mare. Alla proporzione della sua grandezza, corrispon-/de parimente la popolazione della medesima, connumerandosi in essa/ ottanta, e più milla persone, che dètro vi dimorano. Ella però non è co-/sì ben formata come sono le nostre Città d'Italia, sì per essere smantel/ata di mura, come anche perche tutte le case, sebbene sono fabbricate/ di pietra e calce, sono però assai basse, o por lo più senza solajo. Per

[Página 70]

sua difesa tiene una Fortezza ben'intesa nell'imbocatura del Porto,/ qual'è grandissimo, e capace d'un infinità di Bastimenti, quale pro-/pria-mente si chiama Bahia, tre doppij maggiore della Bahia di Ca-/dice. A dirimpetto poi della Città tiene un'altra Fortezza considera-/bile in mare à filo d'acqua, con altre Fortezze, e Torri altrove dis-/perse, che sono di molto rilievo. Dalla parte di terra non è fortifi-/cata, mentre non teme, che dall'invasioni maritime. Qui la Mae-/stà del Rè di Portogallo vi manda da Lisbona un Governatore, che/ per lo più dura un triennio: e quello risiede alla Bahia, come luogo/ principale, e capo del Brasile; ne manda parimenti

altri subalterni,/ à Pernanbuco , al Rio di Gennaro, à San Paolo, ed altri luoghi più/ cospicui sù quelle spiagge Brasiliane. Nel cuore della Città v'è una/ bellissima Cattedrale, ò vogliamo dire Metropolitana, per essere Ar-/ civescovato, che tiene sotto di se come Suffraganei tutti gli altri Ve-/scovati Oltremarini. L'Arcivescovo che ritrovai in questo tempo, era/ un Prelato dignissimo, e molto ben'affetto ai nostri Missionarij, es-/sendo stato per più anni Vescovo di Loanda nella nostra Missione d'/Angola. Vi sono parimenti più Monasterj da Regolari, che ripartiti/ per l'altre Città del Brasile formano varie Custodie, e Provincie pic-/ciole, subordinate alle Provincie di Portogallo. Li Padri Gesuiti/ singolarmente, che sempre con zelo istancabile hanno insistito al be-/ne spirituale di quell'anime, ed al progresso della Santa Fede, sino/ dal primo scoprimento delle Terre del Brasile, hanno alla Bahia un/ Nobilissimo Collegio, numeroso di cento, e quaranta Religiosi: e/ la Sacristia della Chiesa per essere tutta di Tartaruga, in vistosità,/ ed in valore, è cosa singolarissima, e degna d'essere veduta.

VIII. Quanto poi agli habitatori della Città, sono questi ripartiti/ in quattro Classi. Vi sono primariamente gli huomini bianchi, e/ questi sono, ò nativi, ò almeno oriundi da Portogallo, quali conti-/nuamente stanno quì di permanenza: e questi soli arriveranno à ven-/ti, e più milla, colle loro donne parimente bianche. Vi sono poi li/ Negri schiavi de' Bianchi medesimi, quà condotti dall'Etiochia, qua-/li sempre si vanno moltiplicando, e per via di generazione, e per le/ continue condotte, che si fanno co' Vascelli, che vengono dall'Af-/frica: e tutti questi in segno della loro cattività sono marcati con un/ ferro rovente, ò nel petto, ò nelle spalle, come da noi si marcano li/ cavalli, per conoscere dal marco medesimo, di chi siano schiavi. Que-/sti fanno tutte le fatiche del Brasile, ed applicati da' loro Signori à/ qualunque arte, colla direzione del bastone riescono molto bene: Senza di questi non si potrebbe mantenere il Brasile, perche li Bianchi

[Página 71]

non potendo fare cose faticose per non essere avvezzi à quell clima co-/ sì calido, l'appoggiano tutte ai Negri medesimi, quali essendo schia-/vi, ed assuefatti ai calori, ed alle fatiche, le puono fare senza grave/ detrimento della sanità. Questi Negri arriveranno in questa sola Cit-/tà sino al numero di cinquanta milla, e più, e sempre come dissi, si/ vanno alla

giornata moltiplicando. Tanto huomini, quanto donne/ vanno sempre nudi, tenendo appena con una succida mutanda coper-/te le vergogne: anziche molti, si dell'uno, come dell'altro sesso, ò/ che vanno del tutto nudi, ò pure che tengono un semplicissimo strac-/cio davanti. A questi sieguono gli huomini di colore Olivastro, quali/ non sono, nè Bianchi, nè Negri, ma di colore d'Oliva: e questi sono/ bastardi degli uomini Bianchi, generati colle donne Negre, quali/ vendono, e prostituiscono con ogni facilità il loro honore: e comu-/nemente si chiamano Mulati, overo Pardi; ed il loro numero arri-/verà ad otto, ò dieci mille. La quarta specie di quest'huomini, so-/no gl'Indij nazionali, overo Brasiliani: e questi non sono, nè Bian-/chi, nè Negri, nè Olivastri, ma di colore vermiglio carico, simile/ al colore di Ponsò; di questi però sono pochi che habitino nella Cit-/tà, ma per lo più stanno fuori nelle foreste. Questi finalmente vanno/ ne' deserti del tutto nudi; ma quelli pochi c'habitano nella Città, si/ cuoprono le vergogne da' lombi sino al ginocchio, & à differenza/ de' Negri si lasciano crescere li Capelli. Li nostri Padri Missionarj che/ fanno la Missione ne' deserti del Brasile, per non vedersi davanti gli/ occhi que' spettacoli della loro nudità, in tempo che vengono ad ac-/costarsi ai Santi Sacramenti della Penitenza, ed Eucaristia, e similmente, quando nel matrimonio *in facie Ecclesiae* vengono à ricevere la/ Benedizione Sacerdotale, tengono in loro mani alcuni panni, che lo-/ro imprestano per quelle funzioni, accioche co' medesimi, se non si/ puono vestire, almeno per decedenza, ed honestà si cuoprono le par-/ti nude, dove poi terminate, li ripigliano; e custodiscono per altre/ simili occorrenze. Quest'Indiani, che di loro Religione sono Genti-/li, in alcuni luoghi sono assai docili, e facili à ricevere la nostra San-/ta Fede, quando con loro si proceda con piacevolezza, e con mansue-/tudine: ma altri poi tutto all'opposto, sono di natura fieri, ed indo-/miti, e mantengono tuttavia tra di loro l'empio, e crudele abuso/ di mangiar carne humana. Di questa stessa natura sono parimente li/ Pervani contigui alli Brasiliani, quali habitano ne' deserti interiori/ del Perù, dove hanno la Missione li nostri Padri Spagnuoli, de qua-/li mi raccontarono in Cadice due nostri Padri Missionarj, ch'allora/ appunto erano ritornati da quella Missione; qualmente poco prima

della loro partenza havevano quegl'Indij saettato, e martirizzato un/ nostro Missionario, non per altro, che per voler loro vietare l'abuso/ destabile di mangiar carne humana: e così morto se l'arrostitono, e lo/ mangiarono. La Divina Giustizia però non volle che passasse impuni-/ta questa loro Barbarie, mentre tutti quelli ch'intervennero à quel/ sacrilego convito, pagarono poco doppo colla propria vita il fio della/ loro temerità: onde molti intimoriti da quel castigo datogli dal Cie-/lo, riconoscendo la loro cecità, detestarono l'empio abuso di quell'/humana carnificina, e ricevero la Santa Fede. E questo può bastare/ per far venire in una bastevole cognizione dela naturalezza, e costu-/mi di quest'Indiani.

IX. Circa poi la fertilità di queste Terre del Brasile: dico, che in se/ stesse sono fertilissime in produrre abbondevolmente tutte le cose ne-/cessarie al vivere humano: all'eccezione però delle nostre cose d'Eu-/ropa, perche essendo li terreni assai pingui, ed irrigaci di sovente da/ piogge copiose, li rendono in se fecondissimi. Ma che? vi sono tanti/ ostacoli, che si oppongono à questa fertilità, che bene spesso di secon-/da la fanno apparire sterile: se hoggi si semina una semente, ò una bia-/da, in pochi giorni vi nasce; ma poi appena nata, se la mangiano le/ formiche, delle quali ve ne sono in tanta copia, che hà dell'incredibi-/le: e questo deriva dalla grande calidità del Paese, perche non essen-/dovi mai freddo, si vanno moltiplicando à dismisura, dove poi per/ mantenersi tutto l'anno, danno il guasto alle campagne. Vi sono/ molti, che per mantenere li loro seminati, si risolvono di portare gior-/malmente pascoli d'altre Erbe, solamente per mantenimento delle/ formicche , frammezzandole ne' seminati medesmi, accioche applican-/dosi à quelle, li lascino crescere à perfezione, sino à raccogliere la/ messe: e quelle formiche fanno un danno notabile à tutto'l Brasi-/le. In questi deserti si ritrovano due spezie di balsami ambo prezio-/sissimi, quali si cavano degli alberi per incisione de' rami, e delle/ scorze. Vno di questi chiamasi comunemente, Balsamo del Brasi-/le, e questo è il Balsamo del Perù, presentissimo non solo per fe-/rite, ma eziandio per molt'altre infermità, come si può vedere/ dalla sua ricetta, che si ritrova stampata ne' libri, che trattano del-/le Droghe medicinali: E questo si tiene, che sia vero Balsamo, che nasce ne' Giardini della Giudea, di cui se ne servono li Vescovi nelle/ consecrazioni, e nelle Benedizioni degli Oglia Sacri. L'altro si chia-/ma Balsamo Bianco di Cupaiba, qual parimente è tenuto in somma/ stima per le grandi,

e singolari virtù che tiene: e tutti questi Balsa-/mi si comprano dalle Navi à basso prezzo, e si traghettano in Eu-

[Página 72]

ropa, dove essendo tenuti in stima grande, si vendono poi con/ buon lucro à qualunque prezzo più avvantaggioso, che li ries-/ca.

X. Fù già opinione degli Antichi, sino da' tempi di Sant'Agosti-/no, che queste terre situate nel cuore della Zona Torrida, attesa l'/ardenza del clima fossero inabitabili: e pure la sperienza hoggi gior-/no ci fa vedere, che non solo sono habitate, ma anzi habitatissime./ Vero è, che li caldi sono sopramodo eccessivi; ma tuttavolta la Di-/vina Provvidenza và rimediando à questo disordine con un ventarello/ mediocre, che giornalmente sortisce, con cui resta temperata di mol-/to l'ardenza dell'aria: e certo è, che senza di questo vento non si po-/trebbe vivere lungamente. Ne' quattro Mesi di Maggio, Giugno,/ Luglio, e Agosto, ne' quali'l Sole fà il suo corso verso il Tropico del/ Cancro, li calori non sono tanto attivi, come sono negli altri Mesi/ dell'anno, ne' quali retrocede verso il Tropico del Capricorno: ma/ tuttavolta, sebbene non esercita quest'attività nell'ambiente estrinseco/ del corpo, l'esercita però molto bene, e con maggior antiparitasi,/ nell'interiore delle viscere humane: E la sperienza me lo faceva di so-/vente provare in me stesso, perche subito, che Io volevo fare quat-/tro passi per la Città, abbenche caminassi posatamente, e senza vio-/lenza, mi conveniva sudare da capo à piedi con un sudore copiosissi-/mo: da che con unanimo parere vengono à conchiudere tutti questi/ Fisici, che qualunque non sia ugualmente sensibile questo calore in/ tutti li Mesi dell'anno, sempre però si mantiene interiormente nelle/ viscere, che tengono necessità d'essere ben spesso rinfrescate con leni-/tivi refrigeranti. A quest'oggetto per conservare la sanità, e per mi-/tigare questo calore interno, quale, si nell'una, come nell'altra sta-/gione è ardentissimo, si costuma in tutta la Città, ed altre Terre di/ questo clima, e singolarmente delle persone bianche, che più d'ogn-/altro patiscono questi calori, di fare li bagni in acqua dolce mediocre-/mente riscaldata al fuoco nella seguente maniera. Si metta quattro di-/ta d'acqua tepida in una Ramina, ò altro vaso capace, e poi chiun-/que vuol pigliare questo bagno, deve porsi à sedere nell'acqua, con/ lavarsi, e strofinarsi molto bene, e le reni, e parte del dorso quanto/ commodamente può: l'acqua tepida intanto tramanda per l'orificio/ del sedere, e per le vene moroidali la sua natural frescura à tutte le vi-/scere, e l'esperienza ce lo fà vedere alla giornata, perche in un quar-/

to d' hora, che si stà in detto bagno, uno si sente sommamente invi-/gorito, e rinfrescato: e questi bagni si usano sino due, tre volte la setti-/mana; anzi ne' calori più ardenti, anche ogni giorno. E perche per lo

[Página 74.]

più questi gran caldi sogliono cagionare dolori eccessivi di capo,/ usandosi questi bagni, fanno svanire ogni dolia, e resserenano la/ mente. Li Medici de' nostri Paesi se ne rideranno nel leggere questi/ fogli, perche parerà loro cosa ridicola, che per medicare il capo, s'/habbino d'applicare li remedij al sedere: e pure bisogna haver pazien-/za, perche li mali di questo clima vogliono queste cure. A quelli/ poi, che per mera infingardaggine, ò per mancanza di volontà, non/ vogliono usare questi bagni, alterandosi più intensamente il calore,/ cagiona loro bene spesso la febbre, e colla febbre stessa segli allarga/ talvolta l'orificio del sedere, che tallora vi può entrare/ dentro tutta la mano: e questo per lo più è segno mortale. A questi/ tali per farli restringere, e rinserrare detto orifizio doppo d'essere sta-/ti nel bagno più volte al giorno, se gli applicano dell'orificio medesi-/mo ò filacci intinti nell'acqua rosa, e polvere di Biacca, ò pure/ qualche fetta medolosa di Limone, che tutti hanno virtù grande, e/ per restringere la parte allentata, e per alleggerire li dolori di testa,/ e per smaltire la febbre medesima.

XI. Le persone bianche, che per non essere avvezze à questo clima/ più degli altri patiscono il caldo, sono anche più soggette à queste in-/fermità: onde per conservarsi sani si astengono quanto puono dal mo-/to: ma perche pure non è possibile, che possano stare sempre rinfer-/mate nelle proprie case, quando vogliono uscire, non costumandosi/ quà nè Lettiche, nè Sedie, nè Carozze, si fanno portare da' loro Ne-/gri nelle Serpentine, ovvero Reti, tessute con maglie fisse, ò di bom-/bace, ò di seta, conforme la qualità delle persone. In queste Reti gli/ huomini vi vanno distesi con un guanciaie dietro alle spalle, e le don-/ne vi vanno sedendo colle gambe incrociate, alcuni tengono la Rete/ scoperta, ed altri coperta, e quando è coperta, pare poco dissimile/ dalle nostre Lettiche, con questo divario però, che se la Lettica vie-/ne portata da' muli, la rete col beneficio d'una stanga lunga, al-/la quale da capo à piedi si appende con funicelle, si porta da due/ schiavi, e sulle spalle, e sul capo. Quando poi ad onta di tutti que-/sti preservativi talluno si ammala di febbre, il modo usitatissimo da/ curare l'infermo è questo. Prima di dargli alcun medicamento, ò co-/mestibile, ò potabile, si procura di troncargli la febbre à forza di sa-/lassi. Per timore d'offendere l'arteria, per ordinario si fanno detti/ salassi ne' piedi, due volte al giorno, cioè

mattina, e sera, sino d'otto, e dieci oncie per volta: e se li pazienti sono di complessione vi-/gorosa, si salassano sino tre volte al giorno, con emissione più copiose/ di sangue, nè queste si tralasciano, sin tanto che non sia troncata la

[Página 75]

febbre, il che seguirà tallora doppo sei, ò otto salassi, e talvolta an-/cora doppo quindici, e venti. Doppo varij salassi si manda à chiama-/re il Medico, quale per primo interrogatorio, dimanda al paziente, quante volte si sai salassato? doppo di questo poi s'informa della con-/dizione del male, e s'avanza al tocco del polso. Egli intanto regolan-/dosi dalle risposte, che se li danno, li prescrive la Medicina per pur-/gare lo stomaco, accioche non gli ritorni la febbre, con altre regole/ necessarie per conservarsi: ed una delle Medicine più usitate è la Sa-/lappa in acqua fresca, qual purga molto li pazienti, e di sopra, e di/ sotto. Prima di me quasi tutti li miei compagni ebbero l'incommo-/do d'una leggiera infermità, e ricevertero, chi sei, e chi otto salassi:/ e finalmente Io ancora nell'ultime settimane di questa mia dimora nel/ Brasile, non potei far tanto il bravo, che non ricevessi tre scosse di/ febbre lenta, che mi necessito à cavare della sporta le lancette, per/ farmi dare cinque salassi, co' quali poi mi rihebbi. Più volte è avve-/nuto, che persone bianche venute quà dall'Europa, e cadute in in-/fermità anche non rilevanti, vedendo che si faceva così poca stima/ del sangue humano, profundendolo con salassi tanto soventi, e co-/piosi, volendo eglino dimostrarsi più zelosi del dovere nel conservar-/selo nelle proprie vene, furono in pochi giorni trabalzati ala sepol-/tura. La causa princpale, per la quale si frequentano questi salassi, è/ questa: perche per essere questo clima ardentissimo, per il gran bol-/lore, che fa il sangue nella sua circolazione, se non viene rareffatto/ con / salassi, subito si corrompe, e si adusta: onde quelli che sono re-/nitenti à salassarsi, quando poi troppo tardi si fanno aprire la vena,/ lo ritrovano di maniera adusto, e condensato, che nè meno li può/ uscire dalle vene, e così poi corrompendosi cagiona loro la morte. A tutte queste cure, che à noi pajono stravaganti, di bagni in acqua/ tepida, e di frequenti salassi, vi si aggiunge anche la terza: ed è, di/ frequentissimi clistieri, quali si fanno, non solo per risanarsi dal ma-/le, ma anche almeno una, ò due volte la settimana, per conservarsi/ la sanità; e questi si fanno per refrigerare le viscere, con acqua fresca,/ e succo di Melaranci, e di Limoni, e sono solamente rinfrescativi: ma/ se talluno poi vuole farli anche purgativi, vi si aggiugne un poco di/sale: anzi se di più si ricerca di farli confortativi, vi si sbatte dentro una/ gemma d'ovo.

XII. Doppo d'essermi molto diffuso in raccontare varie cose del/ Brasile, non sarà fuori di proposito, che io descenda à dire qualche/ cosa anche degli animali silvestri, e quadrupedi, e volatili di questo/ Paese, stanteche questi sono di specie, e di qualità molto dif-

[Página 76]

ferenti da' nostri. In questi deserti dunque si ritrova una specie de Ti-/gri di colore negro, quali dicono essere di molto più fiere dell'altre/ pitichiate: sono queste così veloci, e nel corso, e nel salto, che quelli/ che li danno la caccia, se non sono ben guardinghi, ed occulati sopra/ se stessi, assaliti dalle medesime, divengono spesse fiate, di predato-/ri, predati. Qui parimente si ritrova una copia grande di Macachi,/ della grandezza d'un gatto, e talluni alquanto più piccioli: La pelle/ d'alcuni di questi è odorosa, e spira una fraganza simile all'ambret-/ta muschiata. Questi animaletti si domesticano con facilità, e sono/ molto curiosi, e buffoneschi: Alla faccia, alle mani, & agli atteg-/giamenti della vita, sono in tutto simili alle Scimie, ed hanno assai/ dell'humano: sono capacissimi in apprendere varj giuochi; ed han-/no tanta accortezza, che chi arriva à burlarli una volta, difficilmen-/te può arrivare à burlarli la seconda, e sono sospettosissimi, e vendi-/cativi à maggior segno. Chi vuole mantener-seli ben'affetti, bisogna/ farli carezze, giuocare, e brincare con loro, e sono di maniera viva-/ci, che pajono un Mercurio, quase sempre in moto, che pare non/ possano stare fermi: corrono con velocità di volatili, e perche hanno/ le mani, ed i piedi come le Scimie colla loro leggierezza vanno saltan-/do sugli arbori, sino sù virgulti più teneri. Quando molti uniti as-/sieme dormono la notte sopra qualche albero, uno di loro sempre fà/ la guardia, quale se vede à passare qualche fiera, è tenuto à dargli/ subito il segno, ed à risvegliarli con un mugito che fà, acciò possano/ meglio assicurare la vita sù rami più eminenti: che se poi la guardia/ sudetta si addormenta, e perciò v'accade loro qualche disgrazia, po-/vera lei, perchi tutti rivoltandosi contro la medesima, la regalano/ di tante morsicature, che più volte le tolgono la vita. Nel dor-/mire due à due, dormono sedendo, ed abbracciati: hanno due sole/ mammelle nella parte superiore del petto come le donne, e nell'al-/lettare li loro figliuoli, stando le madri sedendo li tengono nelle brac-/cia, e l'attacano alle poppe, come fanno co' bambini le nostre balie,/ e sono diligentissime in cercargli colle loro manine li pulici, ed in te-/nerli ben netti. Quando la madre vuol partire da un luogo all'altro,/ il figlio picciolo che non può fare ancora la fatica di correre, li sal-/ta sulle spalle, e così

se lo porta via. A differenza delle Scimie, que-/sti macachi hanno la coda retorta all'indietro nella sua summità, e/ perche detta tortura si alenta, e si restringe à loro piacere, si servono/ di quella quasi come fosse una mano. Quest'animali per ordinario si/ pigliano quando vanno à rubare, perche sono tanto tenaci in ritene-/re li loro furti colle mani, che non potendo allora camminare che

[Página 77]

lentamente co' soli piedi di dietro, vengono con facilità presi da' caccia-/tori. Di questi Macachi già domesticati, ve ne sono molti alla Bahia/ nelle case de' particolari, e servono puramente per divertimento, e per/ ricreazione. Molte altre cose curiosissime si dicono di questi animalletti,/ ma per non essere tanto prolisso in queste minucciole, le tralascio per/ brevità.

XIII. Vi è parimente un'altro animale quadrupedo, che quase ar-/riva alla grandezza d'un Macacho, chiamato da' Brasiliani Gambà, qual'hà in se una cosa molto singolare. Questo di sotto'l ventre, tre di-/ta lungi dal sesso tiene un'apertura simile ad una borsa, che à suo bene-/placito l'apre, e la chiude. Questa ad altro non gli serve, che per rico-/verare li suoi figliuolini ancora teneri, quando inseguiti, non sono capa-/ci di potersi salvare colla propria fuga. Per ordinario le feminelle ne/ partoriscono uno, ò due al parto: e quando la madre si stà pascolando/ in qualche luogo, vedendosi sopraggiunta all'improvviso da' cacciatori,/ per non abbandonare alla preda li proprij partì, apre prestamète quel-/la borsa, ed ivi rinserratili se ne fugge con essi loro: e questi Gambà am-/mazzano gli animali piccioli ch'incontrano, e li succhiano il sangue./ Io medesimo ne pigliai uno alla Bahia, quale venendo molte volte di/ notte tempo à risvegliarmi in cella quando dormivo, per chiarirmi che/ animale fosse, tesi uma trappola, e la notte seguente vi pigliai un Gam-/bà; ed allora vidi distintamente la borsa, che tiene di sotto al ventre./ Voglio raccontare una cosa curiosa d'un altro animalletto della gran-/dezza d'un Cane mediocre, che tuttavia si ritrova nel Brasile, di cui/ non mi può sovvenire il nome: à quest'animale hà dato la natura un'arma potentissima per difendersi da tutti que' nimici, che cercano/ depredarlo. Quando questo si ritrova, ò nelle campagne, ò ne' deser-/ti, se si accorge che qualche Cane, ovvero altra fiera se li vogliano ac-/costare per ammazzarlo, quando questi si sono avanzati ad una pro-/porzionata distanza, dando egli fuoco alla sua polvere, li scarica contro/ per seccesso una ventosità così puzzolente, e pestilenziale, che quelle/ povere bestie hanno che fare a strofinarsi'l naso, e nella terra, e negli/ alberi per levarsi quel fetto d'attorno. Se doppo d'havere tentato d'accostarsi una fiera, vuol

anche tentare d'accostarseli un'altra,/ egli li scarica il secondo fiatto di non minor fetore del primo, e così/ valorosamente si difende da tutti li suoi rivali: che però rimanendo-/si egli Padrone del campo, dà la fuga alli suoi nimici. Quando poi/ accade, che qualche cacciatori arrivi, ad ammazarlo col schioppo,/ prendendolo così morto nelle mani, la pelle stessa li lascia una puzza/ così fette, e discara attaccata alle stesse mani, che hà che fare à

[Página 78]

lavarle, e rilavarle più volte col sapone, prima che del tutto se/ la possa levare d'attorno.

XIV. La Pigrizia è un'altro animale del Brasile, e viene chiama-/to con questo nome, perche nel suo camminare che fa, è la stessa pi-/grizia: questo se corresse le poste colla lumacca, ancora mi dò à cre-/dere, che la perderebbe nel corso. Quest'animale stà per lo più sugli/ alberi, ed ivi vi demora sin tanto che vi sono frutti da mangiare,/ quali poi consumati, con tutto suo comodo vi scende, e v'anda cer-/candone un'altro per procacciarsi pastura: ma con tanta flemma, e/ pausatezza, che per camminare un sol miglio, vi porrà benissimo/ un'intera giornata. Quest'animale io credo, che non sudi mai per/ fare moto troppo violento, stanteche tutti li suoi viaggi li fa con/ ogni commodità, senza prendersi veruna sollecitudine in affrettare li/ passi. Sopra tutti e belli, e vistosi, e ne' loro atteggiamenti grazio-/si, sono li Saguini, de' quali se ne ritrovano molti nelle case de' par-/ticolari, mentre questi ancora con ogni facilità si addomesticano, e/ sono piccioli come li Schiratti. Hanno tutte le fattezze, e la formu-/sura della faccia, come li Macachi, e mangiano dirizzati in piedi col-/le loro manine, com' appunto mangiano li Macachi medesimi. Le/ Navi della flotta ogni anno n'imbarcano molti per Lisbona; ma pochi/ però sono quelli, ch'arrivino à poterli portare vivi, perche essendo te-/neri, e delicati, subito che sono sopraggiunti dal freddo, se ne muo-/iono in mare. Nel Brasile si ritrovano parimente molte pietre di Bel-/zoar Occidentale, cordiale prestantissimo. L'Orientale che si ritrova/ solo nella Capra selvatica dell'India Orientale, è di colore, che tira/ al Ceruleo oscuro: ma questo Occidentale è cavellino chiaro, e si ri-/trova in più specie d'animali: quelli però del Porco selvatico, e del/ Cervo, sono li più stimati. Queste pietre Belzoarie Occidentali si ri-/trovano nel luogo medesimo, dove l'animale ricevette il colpo, per-/che subito ferito, gitta fuori la pietra, e se ne fuge, quando colpi-/to bene non vi resti sulla botta. L'Orientale è più attivo, e perciò se/ ne dà in minore dose, essendo calidissimo, l'Occidentale all'incon-/tro è meno caldo, e di questo si

reduplica la dose medesima: ambo/ sono ottimi per le febbri maligne, e mortali, ed operano per sudore,/ e per orina.

XV. Quanto agli Vccelli, confesso il vero, che'n tutto il Mon-/do non credo si possano ritrovare li più belli, li più vaghi, e di co-/lori più vivi, e nobili, e che realmente hanno del Regale, che nel/ solo Brasile. Li Canindè, le Arare, li Papagalli, e li Perichiti, per/ avere il becco torto, e la lingua rossa, tutti imparano à parlare

[Página 79]

per imparare però stroffe lunghe più d'ogn'altro hanno maggiore ca-/pacità li Pappagalli. Li Canindè, e le Arare, nella forma del corpo/ sono uguali, ambo sono grandi quant'una gallina, ambo hanno la/ coda stretta, e lunga mezzo braccio, ambo hanno il rostro molto/ grande, e forte, con cui rompono con ogni facilità gli ossi de' Persi-/ci: Il Canindè però lo hà negro, e l'Arara bianco; ed ambo simil-/mente mangiano col piede. Tutte le piume del Canindè sono di colo-/re azuro finissimo foderate di giallo, che lo rendono vistosissimo, e/ maestoso. L'Arara è quasi tutta vermiglia, con alcune penne azu-/re, e verdi nell'ale, e nella coda, che parimente li danno gran va-/ghezza. Li Pappagalli sono della corporatura d'un colombo, e quasi/ del tutto sono verdi, havendo solamente nell'ale, e nella coda al-/cune penne vermiglie; ed un poco d'azuro nella fronte, e di giallo/ nel collo, e nel petto. Di questi ve ne sono in tanta copia nelle case/ de' particolari, già addomesticati, ed alllevati dal nido, che dovun-/que uno passa per le strade, altro non si sente, che à cicalare Pappa-/galli: Se ne portano molti in Portogallo, e questi più degli altri re-/sistono al freddo. Li Perichiti pure sono bellissimi, piccioli quanto/ un tordo, e totalmente verdi di colore: sono graziosi assai, e parla-/no moderatamente con una voce di pulicinnella: rare volte però suc-/cede di poterli portare vivi à Lisbona, perche essendo piccioli, tene-/ri, e delicati, non puono sofferire il freddo; onde quasi tutti se ne/ muojoni in mare. Oltre agli Vccelli sudetti ve n'è un'altro, piccio-/lo parimente quanto il Perichito, che per essere tutto di colore ver-/miglio purpureo, chiamasi Cardinale: e questo pure è vistosissimo;/ sebbene difficilmente però si può mantenere vivo nelle gabbie. Non/ voglio trascorrere sotto silenzio la qualità d'un'Vcceletto, che ben/ centinaia di volte vidi alla Bahia, detto Beccaflores. Questo non/ eccede la corporatura d'un Cardellino: quando vola per l'aria, ed/ anche quando si riposa sugli arbori, pare alla vista totalmente ne-/gro; ma quando poi si piglia nella mano, si scuoprono in esso varij/ colori ganzanti, essendo simile al collo

della Colomba, che quan-/do si tiene nelle mani varia li suoi colori, con questo divario però,/ che il Beccaflores dà fuori li suoi colori più vivi, e più spiccati. Si/ dice, che la carne, e'l becco di quest'Vccello, siano veleno raffina-/to, di modo che se beccolasse qualche frutto comestibile, sarebbe ba-/stante à cagionare la morte à chi lo mangiasse, che però egli hà que-/sta proprietà datale dalla natura, di lasciare tutti li frutti intatti/ senza toccarli, e per il suo vivere và solo becco- lãdo, e mangiando li fio-/re, e per questa ragione potissima, si chiama col nome di Beccaflores.

[Página 80]

XVI. Li Struzzi, per essere di naturale calidissimo, di modo che/ mangiano, e digeriscono il ferro, amano parimente li Paesi calidi:/ che però nel Brasile se ne ritrovano molti, essendo loro questo clima/ molto connaturale. Questo è un'Vccello grandissimo, quanto può/ essere il corpo d'una Capra: e perche è molto pesante, non può vola-/re per l'aria: corre però coll'ale aperte con tanta velocità, che un ca-/vallo galloppando à tutta carriera, difficilmente mi d'ò à credere, che/ lo potesse raggiugnere nel corso. Quando stà diritto sù piedi, hà il/ colo così lungo, che unito al rimanente del corpo arriverà all'altezza/ d'un'huomo ben grande: ed à differenza degli altri Vcelli, ne' pie-/di che sono d'ossatura assa grossa, hà l'ungie di Capra. Il suo corpo/ è nudo, e senza piume, e nell'ale, e nella coda fà le pennacchiere,/ che per ornamento si portano sù cappelli. Quando le Struzzi femmi-/ne vogliono covare le loro ova, si uniscono molte assieme, e doppo/ d'havere fatto nella terra un bucco assai profondo, tutte nello stesso/ vi scaricano le loro ova: nel covarle poi, vi stanno un braccio più in/ alto dell'ova medesime, perche essendo, come dissi, di natura cali-/dissime, quando arrivassero à toccarle, queste si cuocerebbono, e non/ potrebbero nascere. Questi Struzzi spesse fiate si veggono ne' luoghi/ contigui alla Città, dove si fà il macello, perche essendovi colà gran/ quantità d'ossa d'animali ammazzati, essi se le mangiano, e le di-/geriscono con tutta facilità. Quando talluno desidera di nutrire, e/ di domesticare li Struzzi di nido, deve avvertire quando nascono dall'ova, e poi farli pigliare à stracche da' Negri, perche subito che so-/no nati cominciano à correre; ma non havendo ancora ben'assodate/ le forze nelle gambe, restano finalmente in preda de' Negri.

XVII. Giacche sono scorso in varie narrative de' quadrupedi, e de'/ volatili, voglio anche dire qualche cosa de' Serpenti del Brasile. Li/ Portoghesi col nome di Cobra, chiamano tutte le specie de' Serpenti,/ pigliano eglino l'Etimologia dal nome latino, *Coluber*. Si ritrova/ dunque in queste parti una specie di Vipere,

dette comunemente Vi-/pere del Sonaglio, e da' Portoghesi Cobras de cascavel: e tengono tal/ nome, perche vicino alla coda hanno un sonaglio, che rende suono,/ el il veleno di queste è di maniera attivo, penetrante, ed acuto, che/ col morso accompagnano immediatamente la morte. L'huomo pe-/rò le può commodamente fuggire, perche essendo assai corte di vi-/sta, di modo che non veggono, che nella vicinanza di quattro passi,/ all'incontro poi il suono del sonaglio si sente sino venti passi lonta-/no, e così le può fuggire prima d'essere veduto dalle medesime. Vi/ è similmente un'altra sorte di Vipere di due teste, quali sono senza coda

[Página 81]

perche d'ambe le parti del corpo hanno la testa: e di queste pure si dice/ c'habbino il veleno insanabile. Si ritrovano ancora ne' deserti alcuni Ser-/penti di smisurata grandezza, chiamati Gibojas da' Negri, e da' Brasi-/liani Bommas, de' quali similmente ve ne sono anche in Angola, ed in/ Congo. Questi in lunghezza arrivano sino à trenta, e quaranta piedi,/ colla grossezza proporzionata quant'è la cintura d'un'huomo. Per/ virtù simpatica mangiano, ed ingojano un'animale intero, grande/ quant'una Vacca, nella maniera stessa che 'l Rospo ingoja la Dono-/la, e la Vipera l'Vsignuolo. Quando hanno fatte queste grandi man-/giate, se ne rimangono come ubbriachi, e per digerire quella copia/ di cibo, sino tre, e quattro giornate se ne stanno immobili, e come/ morti al Sole: allora ritrovati da' Negri, e da' Brasiliani così sopiti,/ l'ammazzano, e tagliatele la testa, e la coda, il rimanente del cor-/po scorticato che sia, lo fanno in bellissime brasole, ed arrostitete sul-/le brace se le mangiano in santa pace. Il Padre Superiore della Mis-/sione del Brasile, mi raccontò che ritrovandosi egli fuori ne' de-/serti nell'attual esercizio della Missione, da' suoi Brasiliani li fù/ un giorno portato uno di questi, ammazzato da' medesimi, di/ trenta sei piedi di lunghezza: egli stesso ne volle mangiare, e mi/ disse, che oltre all'essere saporosissimo, è anche di gran so-/stanza.

XVIII. Prima di terminare questa Relazione, voglio raccontare/ qualche cosa del Biccio, qual'è una piaga pessima di tutto'l Brasile,/ e di tutta l'India Peruana. La prima sera ch'Io arrivai all'Ospizio,/ quel Padre Superiore volle farmi lavare li piedi: ma perche Io per/ non havere bisogno di tal lavanda mi dimostravo renitente, di nuo-/vo mi replicò, che non solo me li lasciassi lavare, ma che anche d'indi/ in poi dovessi tenerli ben mondi, e politi, per potermi preservare dal/ Biccio, essendo necessario anche senz'altra necessità di replicare tali/ lavande, sino due, e tre volte la settimana. Quest'è un'animalet-/to picciolissimo quanto

una gendina⁴⁰⁶, che appena si può scorgere/ alla vista, quale salito che sia sul piede subito comincia à lauora/-re, e penetrare insensibilmente, collocandosi fra la cute, e la car/-ne, in modo tale, che non si può vedere. Occupato questo luogo,/ comincia ivi à generare, e fare l'ova, di maniera che nel termine/ di ventiquattro hore, ne genera alla quantità d'un grano di miglio,/ e d'una lente: anzi che se si lascia per più giorni, sino alla grandezza/ d'un Cece. Tutto questo al di fuori non apparisce, e quello ch'è di/ peggio, molti non lo sentono, nè s'accorgono se non quando è molto/ grande. Per lo più si coloca, ò di sotto, ò d'attorno l'unghie, ò pure

[Página 82]

anco in altre parti, e superiori, ed inferiori del piede. Allora bisogna/ chiamare qualche Negro per farselo cavare, essendo eglino ben spe-/rimentati di tal mestiere, quali con una punta di Forbice, ò di Tem-/perarino⁴⁰⁷ devono scarnificare la parte lesa con tal destrezza, che possano/ d'indi trarne tutta l'ovatura intera, senza rompere la pellicella che/ li racchiude, perche altrimenti rompendosi subito vi fa la piaga, che/ per curarla vi vogliono poi, e giornate, e settimane. Io da bel prin-/cipio non ero molto molestato da questo Biccio, e me ne ridevo de' miei/ compagni quando li vedevo di sovente à zoppicare, per le piaghe fat-/tegli dal Biccio medesimo, che talvolta arrivarono sino à cagionare/ ad alcuni la febbre; ma presto però hebbi à pentirmene, perche po-/co dopo io ancora fui di maniera molestato da queste piaghe, che/ nel giorno festivo di Sant'Anna, non potendomi regermi sù piedi, nè/ meno vi potei celebrare la Santa Messa. Vi sono alcuni Negri nella/ Città, che per mera dappocagine non essendosi curati di farli cava-/re li Bicci, hanno tutte le dita de' piedi guaste, e corrose: che però/ chi vuol preservarsi da questa molestia, deve usar ogni diligenza in/ tenersi li piedi ben mondi, accioche non possano attaccarsi al succidu-/me, e poi oltre farsi guardare ogni sera da qualche Negro,/ perche ritrovandone alcuno, gli lo possa cavare colle Forbici.

XIX. Circa la Festa di Sant'Antonio, cominciarono già le Balene/ à lasciarsi vedere rottolando nel mare, e sbuffando l'acqua in aria. La/ pescaggione delle medesime si appalta annualmente dal Rè di Porto-/gallo per sessanta milla Crociati, che sono della valuta d'un Fiorino/ Alemano, poco più, ò poco meno: e quando la pescaggione sudetta/ riesce copiosa l'Appaltatore ne ricava gran lucro, quando nò, egli/ pericola d'andar fallito. Due Signori miei amici hebbero ambo suc-/cessivamente in due anni quest'Appalto: uno di essi nel suo tempo/ pigliò ottanta Balene,

406. Na versão alemã do texto (vide Antonio Zucchelli da Gradisca, 1715), "gendina" seria traduzida por "motte" (i.e. "mariposa"). Talvez o sentido pretendido fosse "traça".

407. Forma arcaica de "temperino" (i.e. "canivete").

e li furono di gran guadagno: l'altro poi/ nell'anno seguente non ne pigliò nè pure una sola, e rimase fallito./ La sola carnaggione d'una Balena di mediocre grandezza si venderà/ sino milla Crocioti , e pure si vende à prezzo villissimo, essendo una/ carne molto mastina, e cibo proprio de' Schiavi, che ne fanno di buo-/ne panzate: le persone civili però non nè mangiano che per mera ne-/cessità, quando non puono avere pesci migliori. Oltre alla carne su-/detta si ricava anche dalla Balena una grande quantità d'Olio, che/ serve per ardere ne' lumi, e per conciare le pelli. Si vendono ancora/ li baffi, l'aete, e le code, de' quali si servono le Donne per mettere/ ne' loro busti, e di tutte queste cose se ne ricava lucro, e guadagno./ Vna Balena ordinaria sarà grande quant'è un Vascello di guerra; seb-

[Página 83]

bene se ne ritrovano ancora, e di più grande, e di più picciole. La di/ lei corporatura è similissima à quella del Delfino, all'eccezione del/ capo, che lo tiene differente: ella è liscia, e senza squame, ed è sot-/tilissima di pelle: quando sbuffa l'acqua in alto, la lancerà sino all'/altezza di tre, e di quattro picchie, e và rottolando per il mare, co-/mo rottola il Delfino. Li Pescatori destinati a dare la caccia alla Ba-/lena, partirono per tal'effetto colle loro Barche dalla Città nel gior-/no di San Giovanni Battista. E cosa maravigliosa di queste Balene,/ che quantunque siano così grandi, e smisurate, contuttociò l'inghio-/titore, ò canale per cui tramandono il cibo allo stomaco, è così stret-/to, ed angusto, che non vi può passare per esso, che un pescettino pic-/ciolo quanto una Sardella: ed è commune opinione tra Portoghesi,/ che Dio in questa maniera li rinserasse le fauci doppo che una d'esse/ hebbe ingoiato il Profeta Giona. Per fare la pesca della Balena vi vo-/gliono due Barchette, overo Lancie, una per uso attuale, e l'altra/ di riserva, e si fà nella seguente maniera. Sopra d'un'asta lunga,/ attaccata à ducento, e più passi di corda, s'attacca un'arpone for-/te di ferro: e quando si vede à sbuffare la Balena, subito à quella/ volta si avviano le Lancie sudette, ed arrivata una di queste à giu-/sto segno, con gran veemenza deve lanciargli l'Arpone ne' fianchi,/ rivoltando con prestezza il ferro medesimo, accioche non esca per/ la stessa ferita. Subito che la Balena si sente offesa, comincia à fa-/re gran sforzi, nuotando con ogni velocità, e ritirandosi sott'acqua./ Allora se li deve subito allentare la corda quanto si puole, ed essen-/do la fune stessa ben'attaccata alla Lancia, la tira dietro di se dovun-/que và la Balena. Ella intanto essendo sanguinosissima, và di con-/tinuo gittando dalla piaga gran copia di sangue, sin tanto che per/ tal'effusione, e per il raffreddamento della ferita,

resasi molto debo-/le, ritornando pian piano à gala d'acqua, la rimburchiano semimor-/ta ad un'Isoletta vicina, dove poi ne fanno il macello: e cento/ Negri vi lavorano attorno, senza che uno impedisca l'altro. Tal-/volta però accade, che nel sito dove la Balena riceve il colpo dell'/Arpone, sia il mare molto profondo; ed allora abbassandosi trop-/po la Balena medesima per ritirarsi al fondo, non essendo la cor-/da bastantemente lunga, abissa, e profonda la Lancia stessa, nella/ quale vi stanno li Negri, che la ferirono: questi in tal caso devono/ essere solleciti ad ajutarsi col nuoto per salire nell'altra Lancia, che/ come dissi di sopra, si tiene di riserva, sin tanto che poi da se medesima/ venga à gala d'acqua, e si ricuperi la Balena morta colla Lancia som-/mersa. Ogni qualunque volta si piglia una Balena, si pigliano an-

[Página 84]

che con essa miglaja, e miglaja de' già mentovati pesci Apagadori,/ quali s'attacano alle Balene, come dissi, che s'attacano ai Tuberoni, e/ vivono del loro succidume. In un giorno che que' Padri Francesi dell'/Ospizio vollero dare à tutti li Missionarj che si ritrovano alla Bahia,/ incamminati per le Missioni del Congo, e di San Thomè, un poco di re-/creazione à Sant'Antonio della Bara tre miglia fuori della Città, dove/ vi stà fondata una Fortezza, che difende l'entrata del Porto, vidi con/ mia soddisfazione à dare la caccia ad una Balena ben grande, ch'an-/dava sbuffando meno d'un miglio in vicinanza di terra: non potei però/ avere la compita contentezza di vederli à lanciare l'Arpone, per-/che prima che li Pescatori arrivassero colla barca à giusto segno, ella/ cessò di sbuffare, e si ritirò sott'acqua. Le Balene che si pigliano alla/ Bahia, per grandi che siano, paragonate con quelli che si pigliano/ al Rio di Gennero, altra Città del Brasile sotto 'l Tropic del Capri-/corno, pajono sempre picciole, poiche quelle sono ordinariamente/ grandissime: e si può scorgere da questo, che dalla sola lingua, qual/ veramente è pinguissima, e pare un tocco intero di puro grasso, si ri-/cavano sei pipe intere d'Olio, che verranno ad essere ventiquattro some/ di Cavallo. Fù raccontato tuttociò al Signor Luis Cesar de Menezes,/ coll'occasione ch'egli andò per Governatore al Rio de Gennero: ma/ perche egli lo teneva per un'Iperbole, volendosi chiarire della verità,/ ordinò espressamente, che quando se pigliasse la prima Balena, doves-/sero subitamente avvisarlo, stanteche voleva personalmente assistere/ alla cottura della lingua, per vedere con ogni verità quanto di grasso/ si ricavasse dalla medesima. Così appunto seguì: si pigliò una Bale-/na assai grande, egli in persona v'assistì, e sugli occhi suoi medesimi si/ cavarono dalla sola lingua,

non solo sei, ma dieci pipe intere d'Olio:/ Egli dunque come testimonio di vista, credette allora francamente ciò/ che prima gli haveva dell'incredibile. Questa dunque è la pesca delle/ Balene del Brasile: ed ogni Balena detratte tutte le spese, porterà di/ puro lucro all'Appaltatore mille buoni Ducati Veneti, ed anco d'av-/ vantaggio. Quanto all'ombra griggia, quale à sorte suol ritrovarsi/ alla spiaggia del mare, vi sono due opinioni: ma nè l'una, nè l'al-/tra si puono provare categoricamente. Alcuni sono del parere che sia/ generata dalla schiuma del mare; ed altri che sia il sterco della Bale-/na: e pure s'ammazzono tante Balene, nè mai vi si ritrova nell'intesti-/na di quelle un solo grano d'ambra: sicche non si può sapere real-/mente da qual cosa ella sia prodotta.

XX. La flotta intanto che meco era venuta da Portogallo al Brasi-/le, e l'altre Navi parimente che ritrovai già anchorate in questo Por-

[Página 85]

to, per essere partite un Mese avanti da Lisbona, s'andavano tutte/ con ogni sollecitudine mettendo alla carica, per ripigliare il cammi-/ no di ritorno per l'Europa, ed arrivare in Portogallo à tempo oppor-/ tuno circa la metà del Mese d'Ottobre, prima che dominassero li ven-/ ti Boreali, che sogliono rendere faticosa la navigazione nell'Autun-/ no, dalla Terzera sino à Lisbona. Per la scarsezza de' Zuccheri, de'/ qualli quest'anno penuriava tutto 'l Brasile, stentavano li Bastimenti/ à ritrovare quel carico che pretendevano: contuttociò in questa sola/ Città della Bahia se ne caricano quindice milla cassoni: onde aggiun-/ to à questi anche il carico del Tabacco, ed altre cose proprie del Bra-/ sile, si posero in buon stato per dar principio al loro lungo viaggio./ Sospesero tuttavolta per qualche giornata la loro partenza, essendo/ precorsa una voce, che per maggior assicurazione del convoglio,/ anche la flota del Rio di Gennaro era per unirsi à questa; ed ambe/ assieme havrebbero poi levata seco la terza flota di Pernambuco, per/ passare tutte unite à Lisbona: ma perche questa prima tardò di veni-/re, forse per mancanza del carico, per non disavvantaggiarsi ne' dis-/pendij, alli quattordici di Luglio Festa di San Bonaventura, sarpate/ l'anchore, con vento prospero si pose alla vela per Portogallo. Parti-/rono in questo convoglio cinquanta Vascelli: ma perche alcune Navi/ grosse non havevano ancora la carica proporzionata, conoscendosi/ per altro bastevoli di potersi da se stesse difendete in qualche cattivo/ incontro di Corsali,

differirono ancora per due altre settimane la/ loro partenza. Io intanto, che per mancanza d'imbarco havevo di/ già fatta la demora di più Mesi nel Brasile, desideravo sommamente/ di terminare il mio viaggio al primo incontro, che potessi avere di/ qualche Bastimento, che partisse per il Regno d'Angola nell'Etio-/pia: onde sù questa speranza feci tutte le provisioni necessarie per/ quella navigazione, aspettando con impaziente desiderio di scoprire/ qualche apertura per imbarcarmi.

[Página 86]

RELAZIONE SESTA.

DELLUNGO VIAGGIO FATTO DALLA CITTÀ DELLA BAHIA SINO ALL'ETIOPIA INFERIORE OCCIDENTALE NELL'AFRICA, ALLI REGNI DI BENGUELLA, E D'ANGOLA, CONQUISTE/ DI PORTOGALLO CONTIGUE AL REGNO DI CONGO.

Si andava allestendo in questo mentre un Pettac-/chio, di ragione del Governatore del Regno d'Angola, dedicato all'Immacolata Concezione di/ Maria Vergine nostra Signora, per passare dal/ Brasile in Etiopia: donde Io che altro non sospira-/vo, che di poter terminare il mio viaggio, fui à/ pregare il Capitano Antonio Coeglio, accioche/ si compiacesse di darmi' il passaggio per quella/ volta. Egli con ogni cortesia, ed humanità condescese prontamente/ alle mie istanze, sì per l'affetto, ch'egli stesso portava all'habito/ della Religione, come pure per l'ordine preciso, ed espresso che te-/neva dal sudetto Signor Governatore d'Angola, di dover levare tutti/ li Missionarj Capuccini che incontrasse nel Brasile, incamminati per/ il Congo. Così dunque avvisato dal Capitano alli tre di Settembre/ andai a Bordo, e nel giorno medesimo quantunque il vento non fosse/ molto favorevole, in numero di sessanta persone si mettemmo alla ve-/la [...]"

[Página 354]

RELAZIONE VENTESIMA.

DELLA NAVIGAZIONE DI RITORNO FATTA DAL PADRE MISSIONARIO/ PER LA CITTÀ DELLA BAHIA, IN NAVE CARICA DI SCHIAVI/ NEGRI, CHE SI TRASPORTANO À QUELLA VOLTA, E/ DELLA SECONDA DIMORA FATTA DAL MEDESIMO/ NELLA PROVINCIA DEL BRASILE./

I. S'andava allestendo in questo tempo per il viaggio/ della Bahia nel Brasile una Nave del Tenente Ge/-nerale Rodrigo della Costa nostro amorevolissimo/ di Loanda, chiamata il Turone, dedicata à S. Pie-/tro Consalvo, ed all'anime del Purgatorio, quale/ tuttoche non levasse alcun pezzo d'altigleria per/ non essere questo passo molestato da' Corsali, era/ nulladimeno Nave grossa, capace di quaranta/ pezzi di cannone. Haveva noleggiata la camera di Poppa un tal'Anto-/nio Falcone, mercante assai ricco di Loanda, quale doppo la dimora/ di più anni fatta in quella Città, si era risolto unicamente colla mo-/glie, e colli figliuoli, di passare per allora alla Bahia, e d'indi succes-/sivamene à Lisbona per ripatriarvi nel rimanente di sua vita. Questo/ havendo inteso, che Io parimente havevo lo stesso pensiero d'imbarcar-/mi per il Brasile, e per Portogallo, per ripassare poi ulteriormente in Italia, essendo molto divoto de' Missionarj, venne à visitarmi all'Os-/pizio, e con calde istanze mi pregò, acciò volessi accompagnarli con/ esso lui in quel viaggio: dimostrandosi sommamente desideroso d'have-/re in sua compagnia un Missionario Capuccino, per ogni bisogno spiri-/tuale, che gli havesse potuto occorrere in quel lungo tratto di mare/ dall'Affrica sino in America. E perche vedeva, che Io mi ritrovavo/ tuttavia molestato da una febbrettina lenta rimastami dall'antecedent-/te infermità, che m'aveva sorpreso, quando terminato il viaggio terres-

[Página 355]

tre dal Congo arrivato in Angola, m'offersi con molta cortesia, e ca-/rità tutto ciò, che mi fosse stato necessario per quel viaggio, senza che/ Io m'havessi preso una minima cura di provedermi di cosa alcuna ne-/cessaria al vivere humano, mentre egli levava seco abbon-/dantissime provisioni, non solo bastante per il comodo mantenimen-/to di tutta la sua famiglia, ma anche di molto soprabbondanti, colle/ quali m'havrebbe potuto acudirli in tutto ciò c'havessi potuto ne-/cessitare in

quella navigazione. Io vedendomi prevenuto da oferte/ tanto cordiali, ed avvantaggiose alla poca sanità, che tenevo, sti-/mai bene di non lasciarmi fuggire dalle mani così buona occasione d’/imbarco, e di consolare unitamente quell’amico, che con tanta bra-/ma desiderava la mia compagnia. Havevo solo qualche riguardo alla/ febbre attuale, che mi molestava, quale quantunque fosse leggiera,/ era però continua, e senza nuove accessioni di termini, che mi tene-/va molto debole, e fiacco: ma considerando, che nella Nave mede-/sima non mi sarebbe mancato ogni comodo c’havessi potuto have-/re in terra, così di riposare nel letto, come di Barbieri di potermi/ salassare nell’occorrenze, che havessero potuto avvenirmi, di medi-/cine, e di preparamenti de’ cibi proporzionati all’infermità, risolsi/ finalmente d’abbracciare il partito. Era la Nave già quasi del tutto/ posta alla carica; per onde per non perdere più tempo, mi portai subi-/tamente ad abbocarmi col Signor Tenente Generale, accioche si/ compiacesse di darmi quel passaggio nel suo Vascello. Mostrò egli,/ di rallegrarsi molto di questa mia istanza, e per il buon’affetto,/ che mi portava, non solo mi concesse con tutta benignità quanto/ gli addimandai, ma oltre à ciò volle anche ringraziarmi, ch’Io ha-/vessi preso il partito d’imbarcarmi nella sua Nave: dicendo d’have-/re sempre sperimentato, che ogni qualunque volta haveva naviga-/to ne’ suoi Vascelli qualche Capuccino, Iddio Benedetto sempre gli/ haveva dato un buon’avvenimento a’ suoi interessi, ed una felice/ Navigazione. Ordinò subito al Capitano, che mi dovesse trattare/ in tutto quel viaggio nel modo, e maniera, che havrebbe trattato/ la sua persona medesima, soccorrendomi con ogni possibile, e mag-/gior carità in tutto quello c’havessi potuto necessitare sino al Brasile./ Volle inoltre, che m’assegnasse per alloggio un camerino assai/ comodo, que stava sur Cassaro⁴⁰⁸, acciò ivi appartato dalle genti, potessi godere la mia ritiratezza, e fare quel viaggio con tutta com-/modità.

II. Raccomandatomi dunque alla Divina Maestà, acciò colla sua/ santa grazia m’assistesse in quel lungo viaggio, infermo tuttavia, o

[Página 356]

408. Na verdade “cassero” (i.e. “castelo de popa”).

febricitante, dando l'ultimo addio all'Etiopia, m'imbarcai di ri-/torno per il Brasile. Non è cosa facile à raccontarsi quanto siano/ grandi li patimenti, che si sofferiscono in quella navigazione, e/ quanto dolorose le miserie, & disagi, che si sperimentano in essa:/ perche essendo queste Navi, che partono da Loanda per il Brasile/ caricate estremamente di Negri, ne quali consiste il principal nego-/zio dell'Etiopia coll'America, rendono questi un fetore tanto discaro/ all'olfatto, ed un tanfo così insoffribile in tutta la Nave, che è/ capace di far tramortire, ed isvenire in deliquio que' Bianchi Pas-/sagieri, che non sono avvezzi à quella sorte di Zibetti. S'accu-/disce à queste miserie con nettare ogni giorno la Nave dall'im-/mondezze, e con lavarla con aceto forte: ma con tutto ciò tutte/ quelle diligenze non sono ancora bastanti per levare la puzza grande,/ che rende quella copiosa Negraria, che come le bestie se ne stà ag-/grupata, e nel Corridore, ed in Coperta. Oltre à varij Passaggie-/ri c'havevano preso quest'imbarco per la Bahia, ed oltre alla gen-/te marinaresca stipendiata per reggere il Bastimento, levava anche/ la Nave settecento, e più Schiavi Neri, che si portavano à vende-/re nel Brasile. Di questi Negri settanta ne morirono nel viaggio:/ chi per le sudette inevitabili miserie, che si pativano, e chi per/ le Chigille, e patti, che tenevano col diavolo. Molti di questi,/ essendo liberi da ogni infermità, per la sola repugnanza c'haveva-/no d'andare al Brasile, eleggendosi più tosto di volontariamente mo-/rire, rivoltando da se medesimi, e gli occhi, e la lingua, restava-/no soffocati dal diavolo, per l'antecedenti convenzioni c'havevano/ con esso. A questo disordine però, quando non sia tanto subita-/neo, e venga preveduto da' Bianchi, s'accudisce col fuoco: perche/ quando eglino per morire cominciano à rivoltare la lingua, se li/ Bianchi sono pronti à toccargliela con un tizzone acceso di fuo-/co, il demonio desiste dalla sua attività, e si preservano dalla/ morte. In questa maniera conservassimo à molti Negri la vita;/ quando però questi accidenti avvenivano di giorno, che però à/ tal'effetto si teneva sempre acceso con più tizzoni il fuoco: quan-/do poi questi succedevano di notte, restando eglino, come dis-/si, soffocati, la matina seguente ritrovati così morti, si getta-/vano nel mare. Per evitare ogni disordine, suonata l'Ave Ma-/ria, si separavano le donne dagli huomini, e si tenevano que-/ste colli fanciulli piccioli sotto chiave nel Corridore, e gli huo-/mini di fuori all'aria sopra la Coperta. Oltre alli Schiavi merca-/ti, che si portavano à vendere nel Brasile, ve n'erano anche degli

altri già per più anni addomesticati nelle case de' Bianchi, quali come/ servidori servivano in tutti li bisogni, che alla giornata andavano oc-/correndo nel Vascello. Vno di questi più sgraziato degli altri, rubando/ spesse fiate di notte tempo la chiave del Corridore, dove come dissi,/ stavano rinsertate le donne, si dilettaua talvolta d'andare à visitarle:/ ma poco tempo però puotè tenere occulta la sua ribalderia, perche; avvetudosene il Capitano di quel disordine, gli misurò sulle spalle un/ carico di bastonate così ben calcate, che furono bastevoli à liberarlo da/ quella tentazione venerea per il rimanente del viaggio. S'ammalò in/ questo tempo, forse per li mentovati disagi della Navigazione anche/ un passeggiere bianco, à cui aggravandosi maggiormente l'infermità,/ doppo d'havere ricevuti li Santi Sacramenti della penitenza, ed estre-/ma Vnzione, in pochi giorni rese l'anima al Creatore, e come gli altri/ fù sepolito nel mare.

III. Conobbi allora molto bene, quanto mi fosse necessario, ed uti-/le quel camerino assegnatomi à parte dal Tenente Generale Patrone/ del Naviglio, per potermi conservare la vita; mentre continuandomi/ quasi sempre la febbre nel rimanente della Navigazione, quando non/ havessi havuto quel poco di ricovero appartato da' communi patimenti,/ che inevitabilmente si dovevano soffrire da tutti gli altri, che stavano/ nella Nave, mi pare moralmente impossibile c'havessi potuto riuscir-/mi di riportare la pelle al Brasile. Fra gli altri guai, che pativo, ca-/gionati non meno dalle penose miserie della navigazione, che dalle mo-/lestie, che mi recava la febbre, maggiore di tutti fù la dolorosa flus-/sione, che poco prima di partire da Loanda m'era sopravvenuta negli/ occhi, quale di maniera mi si accrebbe nel mare, che mi faceva quasi/ impazzire. Questa passando da un'occhio all'altro, con spasmi oltre-/modo eccessivi, m'haveva talmente appannata la vista, che dubitavo/ di molto, che fissandosi quegli humori densi negli occhi m'havessero fi-/nalmente à lasciare del tutto cieco. Per divertire quell'umor peccante,/ più d'una volta mi feci salassare dalla vena del capo: ma con tutto ciò/ non mai puoté riuscirci, nè di divertire affatto la flussione, nè di levare/ del tutto que' dolori acerbissimi, che mi venivano fomentati dalla flus-/sione medesima. In tutti questi miei disagi sempre m'accudì con ogni/ possibile carità il mentovato Antonio Falcone; onde con que-/sto esteriore sovvenimento di viveri ben condizionati, che coll'interiore/ assistenza dell'amorosa mano di Dio, sofferendo con

tolleranza tutti/ questi guai, per essere tale la Divina volontà, che me li mandava,/ andavo ulteriormente proseguendo il viaggio. L'unica consolazio-ne,/ che fra tanti patimenti havevamo noi tutti, che fra le viscere d'un

[Página 358]

legno sull'onde volubili di quel liquido elemento eravamo ristretti,/ fù, che la Divina Clemenza sempre ci favori di vento prospero, e favo-/revole; mentre appena scostati dalle Terre dell'Etiopia, andassimo sem-/pre proseguendo con tanta felicità la nostra navigazione, che non mai/ havevamo a perdere un'ora sola di buon cammino.

IV. Nel giorno decimo ottavo, che seguì alla nostra partenza dal/ Porto di Loanda, scoprimmo da vicino un'Isoletta, che gira nove/ miglia di circonferenza, detta l'Isola dell'Ascensione, quale tuttoche sia/ disabitata, riesce però assai commoda per la navigazione: perche ha-/vendo dentro di se molte fonti d'acqua dolce, e salubre, li Bastimen-/ti, che d'indi passano, e singolarmente quelli, che partiti da Tra-/montana per mezzo-giorno sono incamminati per l'India Orientale,/ puono commodamente fare le loro provisioni d'un'elemento tanto ne-/cessario al vivere humano. Nulladimeno il nostro Capitano essendo/ bastantemente provveduto d'acqua prima di partire da Loanda, per/ non perdere tempo non volle fermarsi con darvi fondo. Io però dal/ canto mio desideravo sommamente, che facesse qualche nuova pro-/visione, almeno per le persone bianche, che si ritrovavano nella Na-/ve, perche già m'avvedevo, come poco doppo successe à puntino, che/ nel rimanente del viaggio, tutti saremmo stati astretti à bere l'acque/ verminose, e puzzolenti: tuttavolta volle egli persistere nel suo pare-/re, per poter proseguire più speditamente il cammino per la Bahia. In/ tutto questo viaggio non è necessità di pigliare l'altura del Polo sul/ punto del mezzo-giorno, perche senza torcere à parte veruna, sempre/ si naviga dirittamente da Levante à Ponente, essendo li venti gene-/rali sempre favorevoli, che dall'Affrica spingono li Bastimenti all'/America; alla riserva però di qualche accidente casuale, che tal vol-/ta occorre in qualche fortuna marittima, perche allora quantunque/ spirino altre specie di venti, al cagliare però de' medesimi, con resti-/tuirsi del mare alla primiera tranquillità, ritornano di nuovo à soffia-/re li venti generali di Levante. Questo però non riesce à quei Bastimen-/ti, che dall'America passano in Affrica, perche questi havendo sem-/pre li sudetti

venti generali dirittamente contrarj à Prora, per sicu-/rezza della navigazione sono astretti di necessità li Piloti à pigliare l'/altura sino à Capo di buona Speranza, e più, o meno, secondo la si-/tuazione de' Porti, che sono intenzionati di pigliare: dove poi arriva-/ti che siano alla sudetta convenevole altura, doppo d'havere scoperto/ terra, devono costeggiare la costa d'Etiopia, sino ad arrivare ai Re-/gni, e Provincie pretese.

V. Noi dunque doppo d'havere scoperta l'Isola sudetta dell'Ascen-

[Página 359]

sione, che serve molto per buon governo della navigazione, andassi-/mo sempre continuando per lo stesso rumo il nostro cammino: ed ar-/rivati alle Feste del Santissimo Natale di Giesù Cristo, celebrassimo/ in mare quella Solennità al meglio che ci fu possibile. Per l'eccessivo/ aggravio della mia infermità, che m'haveva di maniera levate le for-/ze, che non potendomi nè meno reggere in piedi per fare qualche pas-/so, appena potevo stare sedendo sul letto, sospiravo ardentemente/ di scoprire le terre del Brasile, per potermi liberare da' disagi della/ navigazione: temendo di molto, che quando à cagione di qualche for-/tuna di mare m'havevato convenuto per qualche giorno di più di pro-/longare lo sbarco, potevo finalmente perdere la vita, con incontrare/ fra que' vortici la mia sepoltura. Volle finalmente il Benedetto Dio/ consolarmi; mentre arrivati al primo giorno dell'anno 1703. la sera/ sul tardi, con universale contenteza di tutta la Nave, venimmo à/ scoprire terra. Per non azzardare alla perdita il Bastimento, sull'im-/brunirsi della notte, volle il Capitano, che si mettessimo alla cappa,/ e la mattina seguente sù primi crepusculi del girno ripostisi di nuo-/vo alla vela, tuttoche con vento assai debole, che bene spesso suol/ mancare à vista di terra, s'andavamo pian piano avvicinando al Porto/ della Città della Bahia. Quantunque però non ci sortisse di poterlo/ imboccare in quella sera medesima, nulladimeno con maggiore sicu-/rezza della sera antecedente s'avanzassimo tant'oltre, che potessimo/ arrivare à dar fondo con un'anchora, assicurandosi in tal maniera/ di non perdere più nell'hore della corrente contraria il vantaggio c'/havevato acquistato. Così anchorati stassimo tutta quella notte, e/ la mattina delli tre di Gennajo, che fù il giorno trentesimo terzo/ della nostra navigazione, salpata l'anchora sulla quale stavamo fon-/dati, s'inoltrassimo più oltre, e dassimo novamente fondo alla Ba-/hia nel luogo solito, in dodici passi d'acqua le quattro hore dop-/po il mezzo-di. Questo viaggio fra tutti gli altri c'havevo fato per l'/addietro, fù rispettivamente il migliore, perche consistendo

in 3000./ e più miglia per diritta linea, mi riuscì di farlo con ogni felicità nel/ termine di trenta tre sole giornate, senza havere mai incontrato in/ tutto questo tempo, nè borasche, nè fortune di mare, nè verun'al-/tro sinistro accidente, che pure di sovente s'incontrano nelle lunghe navigazioni.

VI. Governava in questo tempo il Brasile con titolo di Governator/ Generale, Don Rodrigo della Costa, Cavaliere pijissimo di Portogal-/lo, à cui nella flotta antecedente, doppo due triennij di regenza, ha-/veva reso il governo Don Giovanni di Lancastro: e perche per gelosie

[Página 360]

politiche, e per varie ombre, e sospetti concepiti nelle delicate materie/ d'interesse di Stato, pochi Mesi prima la Maestà del Rè di Portogallo/ aveva rimossi dalle Missioni del Brasile li nostri Padri Francesi, ne-/gli Ospizi de' quali anche li Missionarj Italiani nel loro passaggio per/ l'Etiopia costumavano negli anni addietro d'alloggiarvi, non sapen-/do Io in questo mio secondo arrivo al Brasile dove ritrovare ricovero/ per habitarvi que' Mesi, ne' quali dovevo dimorare in quella Città,/ presi per ispediente di portarmi à riverire personalmente il sudetto/ Signor Governatore, con pregarlo ad havere la bontà di contentarsi,/ che Io potessi passare all'Ospizio della Pietà, dal quale poco prima era-/no stati levati li Padri Francesi, sin tanto che rimessomi dalle mie in-/disposizioni havessi havuto buon'incontro di qualche Nave per ripas-/sare à Lisbona. M'accolse egli con singolari dimostranze di benignità,/ e d'amorevolezza, e con rare finezze d'affetto usò tutte l'arti possibi-/li, perche volessi trattenermi con esso lui nel Palazzo Reale in tutto'l/ tempo, che dovevo dimorare alla Bahia, mostrando molta renitenza/ ch'Io andassi al sudetto Ospizio della Pietà, per questa causa precisa:/ ch'essendo di già quell'Ospizio disabitato da qualche Mese, ed Io all'in-/côtro necessitoso di buon governo, per essere maltrattato dall'infermità/ habituali portate dall'Etiopia, e quasi del tutto destituito di forze, non/ potevo ivi sperare d'alcuno quell'assistenza di servitù, e quegli alimen-/ti di carità, de' quali grandemente necessitavo. Io all'incontro, sul ri-/flesso che questa mia dimora nel Brasile doveva essere diffusa di più Me-/si, non parendomi conveniente di dare per tanto tempo à quel Cava-/liere una soggezione, ed incommodo così grande, instai novamente/ con ogni maggiore caldezza, acciò non volesse havere quei riguardi/ sopra la mia persona; mentre Io vivevo con ferma speranza, che'l Cle-/mentissimo Iddio havrebbe istillati ne' cuori di que' nostri antichi divo-/ti sentimenti tali di carità, che non havrebbero mancato di sovvenirmi/ con ogni

amorevolezza, ed affetto, di tutto ciò c'havessi potuto neces-/sitare. Vedendo egli dunque, che Io tuttavia persistevo nella replica/ dell'istanza, non volse più ostare ai miei desiderj: che però conde-/scendendo col suo beneplacito alla mia petizione, m'offersi dal canto/ suo, con espressioni singolari d'affetto, ogni sua abilità, nel far-/mi somministrare ad ogni cenno tutto quello, di che havessi potuto/ bisognare nel tempo della mia dimora in quella Città. Io intanto re-/sigli que' rendimenti di grazie, che dovevo à sì benigne, e cordiali/ espressioni, mi licenziai dal medesimo, ed andai all'Ospizio sudetto/ dela Pietá.

VII. In tutto'l tempo, che dimorai nella Bahia, che fù il corso di

[Página 361]

sei Mesi interi, non mancò mai questo divotissimo Cavaliere di farmi/ conoscere coll'opere, e cogli effetti quella singular divozione, che sin/ da principio con vive espressioni di parole m'haveva dimostrata in vo-/ce, mandando più volte alla settimana persone di sua corte a visitar-/mi, per vedere come me la passavo di salute, mostrandosi di manie-/ra interessato nel mio bene, che di sovente volle ancora somministrar-/mi molti sussidij di cose appartenenti ad un vivere di convalescente,/ in tutto quello, che si poteva persuadere, ch'Io havessi qualche necessi-/tà. Più volte si compiacque di mandare da se medesimo lo stes-/so Medico, di cui egli se serviva, à visitarmi, per iscoprire con tal mez-/zo più chiaramente li miei bisogni, affincbe non mi fosse mancato ogni / necessario sovvenimento per recuperare la sanità. Io poi arrivato, che/ fui all'Ospizio, cominciai à praticare, & ad amicarmi quei vicini, che/ poco prima erano sempre stati ben'affetti alli nostri Padri Francesi; fra/ li quali singolarmente due sorelle ambe accasate in mercanti opulen-/ti, e ricchi, quali mi si dimostrarono in maniera amorevoli, che su-/bito concertarono fra di loro, per tutto'l tempo, che mi fosse conve-/nuto dimorar nel Brasile, di mandarmi giornalmente il mangiare già/ stagionato, una di loro ne' giorni di carne, e l'altra ne' giorni esuriali/ di pesci e furono così fedeli nel mantenere questo buon proponimento,/ che non mai hebbi la cura di dovermi cuocere una sola vivanda nell'Ospizio. Quando poi il sudetto Signor Governatore, ò altri amorevoli/ mi mandavano à regalare d'altre cose di vivere, Io rimettevo il tutto/ nelle mani di queste due sorelle, acciò le preparassero colla convenevole/ cottura: onde elleno tanto in questo, quanto in ogn'altra occorrenza,/ mi sovvenero con tanto affetto di carità, che gli ne conservarò per sem-/pre perpetue l'obbligazioni. Con questi mezzi humani, e principalmen-/te coll'ajuto di Dio Benedetto, cominciai poco à poco à rihavermi dal'/ male, ed à rimettermi alquanto in forze, tanto

che già principiavo à/ celebrare la Santa Messa, e sucessivamente à fare anche qualche pas-/so, così dentro, come fuori dell'Opizio: ma perche l'infermità, che si/ portano d'Angola, e dal Congo, sono infermità croniche, ed invetera-/te c'hanno fissate le loro radici nell'ossa, non mai in tutto questo/ tempo potei interamente restituirmi alla salute di prima. Di volta/ in volta andavo di nuovo ricadendo, e singolarmente la mentova-/ta flussione degli occhi m'aggravò di maniera l'acerbità de' prece-/denti dolori, che alla fine mi lasciò di molto debilitata, ed infiac-/chita la vista. Ero nulladimeno già avvezzo à sofferire i disagi dell'/infermità; onde mi pareva d'essere bastantemente valente, e gagliar-/do, ogni qualunque volta mi ritrovavo in una competente convale-

[Página 362]

scenza, che non m'obbligasse à guardare il letto, e che mi permettesse/ di poter fare qualche passo almeno dentro l'Ospizio./

VIII. Così dunque me la passavo alla Bahia, come à Dio piaceva:/ cioè un poco bene, ed un poco male: ma per dire meglio la verità,/ più male assai, che bene, mentre per lo più molestato da varie indispo-/sizioni, quantunque m'andassi alquanto rimettendo dalle medesime,/ non mai però potevo godere una vera e reale sanità. Sopraggiunse in/ tanto la Quaresima; onde Io per beneficio dell'anime dovevo soven-/te applicarmi nel sentire le confessioni del Popolo: essendo stile di mol-/ti, che volentieri sepelliscono li loro peccati nell'orecchie di quei Con-/fessori, che non li conoscono: e questo m'avveniva non solo di gior-/no, ma anche bene spesso di notte, nell'oscurità della quale solleva-/no di sovente venire le donne bianche civili, che vivendo nell'apparen-/za del Mondo in stato di Virginità, non ardivano uscire di casa nella/ luce del giorno, per il natural rossore c'havevano di lasciarsi vedere/ col ventre tumido d'una volontaria, ed animata idropisia. Il servi/zio di Dio, e la fraterna carità, che dovevo usare verso il prossimo,/ non permettevano, che quantunque convalescente, mi dovessi sottrae-/re per mio proprio commodo da quella fatica; ond'era di dovere,/ che per esercitare quegli atti di carità, chinassi il capo alla pazienza,/ e mi sottommettessi à quel peso, dal quale speravo, che ne dovesse ri-/sultare honore, e gloria alla Divina Maestà, e beneficio spirituale à/ quell'anime, che si ritrovavano oppresse dal duro giogo del peccato./ Dovevo Io ancora, per non mangiare, come suol dirsi, il pane à tra-/dimento, corrispodere in qualche maniera alle molte carità, e sus-/sidij corporali, che mi venivano largamente somministrati in quella/ Città: nè havevo altro modo più proprio, e convenevole di soddisfar/ à tali doveri, che con servire quel Popolo,

anche con qualche mio/ scommodo, per quanto mi permettevano le forze, ne' spirituali biso-/gni dell'anime loro. A tal'effetto, essendomi state fatte sopra di ciò/ varie istanze da persone autorevoli, abbracciai anche l'impiego di/ predicare tutte le sere de' Sabbati della Quaresima nella nostra Chiesa/ della Pietà in lingua Portoghese, convenendo tutto il Popolo di quel-/la vicinanza ai sermoni, sì per il concetto comune, che tengono de'/ Missionarj, che siano più fervorosi degli altri nel predicare la parola/ di Dio, come pure per la curiosità di sentire li Predicatori della na-/zione Italiana, che predicano con stile, e con azione molto diferente/ da' Portoghesi.

IX. In questa Città dela Bahia hebbi cognizione, e feci amicizia/ grande con un tale Luis de Vale, quale tuttoche fosse Fiamingo di na-

[Página 363]

scita, la maggior parte però di sua vita haveva dimorato nell'India/ Occidentale, così nel Perù, come nel Brasile. Quest'huomo singola-/rissimo; anzi dirò meglio, in questo genere, unico nel Mondo, e che/ doppo di lui, conforme all'universal parere di tutti, non mai ne ver-/rà il secondo, fù l'inventore di far Lamine, intagliate in carta con/ Forbici, e poste per sicorezza tra due cristalli, con una finezza, e sot-/tigliezza così grande, che fa stupire, ed ammirare un Mondo intero./ Tutti quelli c'hanno vedute, e ben considerate l'opere sue, sono ri-/masti sommamente attoniti, e quasi fuori di se medesimi per lo stu-/pore, ne parendo loro possibile, che un puro huomo potesse huma-/namente arrivare colla propria, e natural'industria ad intagliare un/ pezzetto di carta con forbici, con tanta delicatezza, e perfezione, co-/me si veggono fatte le dette Lamine, hoggidì tanto stimate da' Prin-/cipi, e Regi del Mondo, comunemente si persuadono, che fossero sta-/te intagliate, ò da qualche Angelo, ò da qualche Diavolo. Nel/ tempo, che quest'huomo tanto singolare in quest'arte di nuova inven-/zione, appresa non altrimenti da alcun maestro, ma solo dal proprio/ genio, e dalla sua naturale attività, demorava nel Regno del Perù,/ più volte dagl'Inquisitori fu citato al Sant'Officio, acciò rendesse lo-/ro conto, con qual'arte facesse que' suoi lavori: sospettando eglino/ fortemente, che non potesse fare quelle Lamine, che coll'ajuto di qual-/che spirito famigliare: pertanto quando egli faceva li suoi intagli,/ mandavano di sovente più persone ad ispiare con ogni minutezza ogni/ sua azione, per accertarsi fondatamente, se quell'opere, che faceva/ fossero realmente fatte con arte humana, ò pure diabolica: ma ve-/dendo elleno, che sempre lavorava sugli occhi, ed alla presenza d'/ ogn'uno, e che con ogni verità quell'opere erano fatte dalla sua gran-/de idustria,

ed abilità, non sapevano far altro, che restringersi/ nelle spalle, partendo attoniti, ed ammirati di tanta virtù. Questa/ sua grande attività consiste principalmente in tre cose: cioè, nella si-/curezza dela mano, di modo che egli è capace di sfendere dirittamen-/te per lungo colle sue forbici un capello, senza che resti troncato in/ veruna parte laterale: nell'acutezza della vista nel suo essere perfettis-/sima, qual poi all'avanzamento degli anni veniva ajutata con sempli-/ci occhiali di prima vista: e nella perfezione delle forbici, quali da se/ medesimo doveva arruotare con acuirle la punta alla sottigliezza d'un/ pelo. Queste Lamine sono per lo più, ò di figura ovata, ò pure ottan-/golare, quattro dita, ò poco più di lunghezza, e tre di larghezza:/ e dentro una circonferenza tanto angosta, si veggono distintamente/ migliaja, e migliaja di finezze, che per iscoprirle bene vi vuole l'ap-

[Página 364]

plicazione d'hore intere, ed una vista molto acuta, e perfetta.

X. Per ordinario egli fa queste Lamine nella seguente maniera./ Nella circonferenza esteriore dell'opera, egli vi fa un friso competen-/tamente largo, in cui con artificio, e vaghezza mirabile, v'inta-/glia, e n'fiori [sic], e frutti, con una finezza, e simetria tanto ben'ordi-/nata, che rende un sommo abbellimento all'opera medesima. In am-/bi li lati, così interiore, come esteriore del friso, ò pure talvol-/ta, ò esteriore solamente, ovvero trasversale dall'esteriore all'interio-/re, v'incide, ò passi di sentenze scritturali, ò moti, ò scritte simi-/li, conforme li viene ordinato, con intagli, ed incisioni tanto fine,/ e minute, che non sò se la stampa ne potesse trarre da' torchi altre si-/mili, fatte con tanta perfezione. Doppo di questo, nella parte inte-/riore, ma superiore della Lamina, v'intaglia un boschetto con varie/ specie d'arbori ben disposti, dove colle debite distinzioni, spicatti gli/ uni dagli altri, si veggono li rami, le frondi, e le foglie, e talvolta/ anche li frutti, che sogliono produrre: à luogo, e luogo vi sono de'/ rami secchi, e sù questi si veggono varie specie d'uccelli quà, e là di-/spersi: cioè Papagalli, Canindè, Perichiti, ed altri uccelli dell'In-/dia; ed in altri rami poi, vi stanno Macachi, Saguini, e simili,/ chi con un moto, e chi con l'altro. Il sostanziale poi nella parte più/ inferiore, consiste nelle figure de' Santi, che v'incide nella Lamina,/ come sarebbe per esempio, un San Giovanni Battista, una Maddale-/na, un'Immacolata Concezione, una Natività del Signore, e simili:/ facendo non meno l'ombre degli abiti, che gl'impronti de' volti/ con finissime incisioni, attornando alla fine li Santi medesimi, con/ Chori

d'Angioli ordinatamente disposti. Quanto siano soprafine le/ sudette incisioni, si può scorgere da quello, che in una testa d'un/ Santo, quantunque picciola quant'è il capo d'una spilla mediocre,/ si veggono distintamente incisi colla forbice, gli occhi, il naso, la boc-/ca, l'orecchie, le ciglia, li capelli, la barba, ed ogn'altra singolarità,/ che fa restare incantati dallo stupore, chi bene le considera colla dovu-/ta maturità. Quelli, che non mai havranno vedute l'opere di quest'/huomo, non potranno restar capaci, ch'Io arrivi ad esaltare tanto la/ di lui habilità in questo genere d'intagli: anzi li pareranno mere/ esaggerazioni il volere con tanta energia scaricare la penna per descri-/vere un'intaglio in carta fatto con forbici, ed assicurato tra due cri-/stalli: ma quelli all'incontro, che l'hanno vedute, veranno chiara-/mente à conoscere, che per quanto studio Io vi ponga per descriver-/le, mai potrò arrivare ad imprimere nelle menti di chi legge questi/ fogli, quel sommo concetto, in cui sono tenute, essendo elleno nel

[Página 365]

loro essere, quasi direi inestimabili, e degne di ritrovarsi nelle sole ma-/ni di Principi, e di Monarchi. Mentre Io mi ritrovavo tuttavia nel/ Brasile, un Capitano d'una Nave Francese hebbe buona sorte di com-/perare per pochi quattrini una di queste Lamine, quale portatala/ seco à bordo: e mostratala agli altri del Vascello, da un Mercante di/ sua compagnia li furono subito offerte per la medesima due Milla pezze/ di Spagna: egli però non volle venderla à qualunque prezzo anche/ più avvantaggioso, intenzionato di portarla à Parigi in donativo al/ suo Rè, come cosa preziosa al pari di qualsisia gran gioia. Quest'/huomo poi tanto unico, e singolare in questo merito, che al pa-/rere d'ogn'uno dovrebbe essere doviziosissimo di facoltà; è al'incon-/tro tanto povero, e miserabile, che mai si ritrova avere un quat-/trino nella sacoccia. Egli sebbene non hà casa propria, di rado/ però paga fiti di case, mentre per le sue benemerenze, buona par-/te della sua vita l'ha consumata nelle carceri. Quando Io arrivai/ al Brasile, egli per varij delitti era tuttavia prigioniero, ed haven-/do fatta con esto un'interessante amicizia, doppo d'havere co-/operato alla di lui liberazione, lo condussi meco all'Ospizio, dove/ per più mesi si trattenne, sin tanto che Io partij per Lisbona: e/ con tal'arte seppi di maniera cativarmi il di lui buon'affetto, che/ di tutti quegl'intagli, che fece in detto tempo, me ne fece un/ dono gratuito. Egli per altro è persona civile, e di buona nas-/cita, essendo stato negli anni di sua gioventù, Capitano d'In-/fanteria nella Fiandra in servizio del Rè Cattolico: ma essen-/dosi poi

accasato nel Brasile, quasi sempre è stato in divor-/zio colla moglie, essendo egli un'huomo molto stravagante,/ ed inquieto nel suo conversare, che à chi ne dà, ed à chi ne pro-/mette.

XI. Capitò in questo tempo dall'India Orientale una Nave France-/se di ritorno per l'Europa, quale essendo intenzionata di provvedersi/ di rinfreschi nell'Isola di Sant'Elena habitata dagl'Inglesi, allo spie-/gare ch'ella fece della sua nazional Bandiera Francese, li furono sca-/ricate contro da quegl'Isolani più di quaranta cannonate a palla. Co-/nobbe ella da que' segni di ostilità, che tra l'Inghilterra, e la Fran-/cia v'erano guerre: onde persuadendosi, che nelle correnti emergen-/ze, Portogallo si mantenesse tuttavia neutrale, prese per ispediente/ d'indirizzare la Prora al Brasile, venendo à dar fondo alla Bahia./ All'arrivo di questa Nave Io stavo tra me medesimo molto perples-/so, nè mai sapevo risolvere, se fosse stato meglio per me, d'aspet-/tare la flotta di Portogallo, e con essa passare à Lisbona, ò pure

[Página 366]

servirmene di quell'occasione opportuna, andando con quella Nave/ Francese al Porto di Brest nella Francia, sulla speranza ulteriore, che/ d'indi poi non mi sarebbe mancato il comodo di passare nel Medi-/terraneo ai Porti di Tolone, e di Marsiglia, e conseguentemente an-/che in Italia. La Nave era grande, e forte, con quaranta pezzi di/ cannoni montati: il Capitano era huomo da bene, ed assai affez-/ziona-/to alla nostra Religione, qual volontieri m'havrebbe dato il passaggio/ nella sua Nave sino in Francia: haveva parimente gente bastante da/ potersi difendere in ogni occorrenza, che li potesse avvenire di qual-/che incontro con Bastimenti nimici: ma considerando dall'altro can-/to la lunghezza del viaggio, la mia poca sanità, e molto più, che'l/ mare era in que' tempi molto infestato dall'armate navali, e da' legni/ Corsali d'Inghilterra, e d'Olanda, persuaso anche, ed esortato da' miei amici, deliberai di trattenermi nel Brasile sino ad altra/ occasione più opportuna, e più sicura d'imbarcarmi per le Terre del/ Portogallo. Parti finalmente la sudetta Nave dalla Bahia, e per quan-/to poi s'intese, à tempo opportuno arrivò à salvamento nel Porto di/ Brest per dove si era incamminata.

XII. Alla partenza della mentovata Nave, poco doppo ne soprag-/giunse un'altra della stessa Nazione Francese procedente dalla China,/ ricchissima di cinque milioni in sù di merci preziosissime, quali si di-/cevano appartenenti al negozio del Rè. Haveva ella cinquanta pezzi/ di cannone tutti di bronzo, e l'anchore medesime fabbricate pure nella/ China erano parimente di bronzo:

dato c'hebbe fondo alla Bahia,/ avvisata delle guerre fiere, che passavano in Europa tra l'Inghilter-/ra, e l'Olanda contro la Francia, mal volentieri si risolveva di pro-/seguire il cammino, timorosa, e forse presaga de' sinistri avvenimen-/ti, che doveva incontrare co' Bastimenti Inglesi, che co' loro legni cor-/seggiavano le coste marittime della Francia. Erano di già nel lungo/ viaggio fatto dall'Oriente all'Occidente morti al Capitano molti Ma-/rinari della Nave, altri si ritrovavano attualmente ammalati, ed al-/tri finalmente arrivati al Brasile gli andavano di continuo fuggendo,/ nascondendosi nella Città nelle case de' particolari, per assicurare me-/glio le loro vite passando à Lisbona colla flotta di Portogallo, quan-/do si fosse incamminata à quella volta. Io quantunque havessi un de-/siderio grande di partir dal Brasile, sentendo però quest'Istorie, sic-/come non havevo abbracciato il partito della Nave antecedente, per/ li molti pericoli, che mi potevano occorrere in quella navigazione, co-/sì nè pure volsi abbracciare questo secondo incontro: non parendomi/ spediante di dover cimentare la mia vita sopra d'un Bastimento tanto

[Página 367]

pericoloso, dove vedevo, che li stessi Marinari stipendiati cercavano/ di metterla in sicuro colla fuga. Il Capitano medesimo pieno di timo-/re non mai si sapeva risolvere di mettersi alla vela, ed egli ancora dal/ canto suo avrebbe volentieri aspettata la flotta per convogliarsi più/ sicuramente con essa, quando avesse potuto accertarsi, che la Co-/rona di Portogallo si mantenesse tuttavia nella neutralità. Parti final-/mente questa Nave mal volentieri, e contro il proprio genio, così ob-/bligata per degni rispetti del Signor Governatore; ed arrivata in que-/sta maniera sino alle vicinanze dell'Isola Terzera, incontratasi in que'/ mari cogli'Inglesi, doppo d'havere combatutto con que' Bastimenti/ suoi nemici per due giorni continui, restò finalmente in potere de' me-/desimi Inglesi: ed in tal guisa, in vece di proseguire il suo cammino/ ai Porti della Francia, per dove si era incamminata, fù costretta con-/tro sua voglia à dirizzare la Prora all'Inghilterra, per anchorarsi colla/ bandiera pendente nel Tamigi di Londra.

XIII. In questo tempo medesimo approdò da Goa, e diede fondo/ nel Porto della Bahia la consueta Nave di Portogallo, ch'annualmen-/te si spedisce in Oriente: e perche tutte le Navi, che vengono da quell'/India, sono ricchissime di preziose merci, costumano sempre per loro/ sicurezza, ò d'aspettare la flotta, ò pure d'essere convogliate d'altre/ Fregate reali di guerra sino à Lisbona. Non si haveva ancora nel Bra-/sile alcuna certa notizia, come passassero gl'interessi di Stato de'

Prin-/cipi d'Europa, e singolarmente, se la Corona di Portogallo si mante-/nesse tuttavia neutrale, tanto colla Francia, quanto coll'Inghilterra,/ e coll'Olanda, stan-
teche da questa neutralità dipendeva la sicurezza,/ ed il pericolo della Navigazione
de' Portoghesi. Arrivarono finalmente/ queste novelle coll'arrivo d'una Nave
grossa di licenza procedente da/ Lisbona, detta la Principessa: avvisando, qual-
mente sino al tempo/ del suo distaccamento da quella Città, la Maestà del Rè di
Portogal-/lo viveva tuttavia nella neutralità con tutte le mentovate Corone, e/ che
per maggior assicurazione della Nave dell'India Orientale, have-/va spediti al Rio
di Gennero due Bastimenti di guerra, accioche nel/ loro ritorno la convogliassero
sicura à Lisbona. Io intanto illuminato/ da queste previe notizie, incominciai à
ruminare tra me medesimo,/ qual risoluzione, e qual partito havessi à pigliari: e
considerando ma-/turamente, che per allora la Nazione Portoghese non aveva
altri ni-/mici, che li soli Turchi di Barberia, e dall'altro canto, che la Nave/ sudetta
nel suo ritorno per Portogallo era bastantemente capace di di-/fendersi in ogni
sinistro incontro, non solo da uno, ma anche da due,/ e da tre legni Barbareschi,
stimavo bene di non lasciarmi fuggire dalle

[Página 368]

mani la buona occasione di quel Naviglio, per aspettare per più Mesi/ la flotta, che per
quanto si diceva, non si era per anco scostata dalla/ bara di Lisbona. Mi stimolava
di molto ad abbracciare quel partito,/ la considerazione, ed il riflesso, che partendo
dal Brasile dentro il Me-/se di Giugno, consumandosi per ordinario circa tre Mesi,
ò poco più/ nel viaggio, venivo ad arrivare à Lisbona in una stagione molto tem-/
perata, com'è l'Autunno: dove all'incontro, quando havessi voluto/ ritardare la
mia partenza per aspettare la flotta, mi sarebbe conve-/nuto arrivare in Portogallo
nel cuore appunto dell'Inverno, com'era/ arrivata la flotta dell'anno antecedente,
con grandi patimenti di fred-/di rigorosi cagionati da' venti Settentrionali, e con
pericolo di perder-/dersi [sic] anche in mare, per le molte fortune, e borasche mari-
time, che/ bene spesso in tempo d'Inverno si sogliono incontrare ne' mari, e nelle/
coste di Portogallo. E quando poi s'havessero voluto isfuggire tutti/ questi incon-
venienti, doveva in tal caso tutta la flotta tratternersi per/ sua sicurezza per più Mesi
nel Brasile con suo grave dispendio, ed in/ tal guisa disporsi di poter arrivare à
Lisbona in una stagione più dolce,/ ed opportuna, qual'è quella di Primavera.

XIV. Mentre ancora irresoluto andavo rivolgendo nella mente/ questi pensieri.
Lo stesso Capitano della mentovata Nave Principessa/ che si chiamava Antonio
Vas Salgado, accompagnato d'altri mercan-/ti interessati del Vascello, venne à

visitarmi all'Ospizio: e doppo varj/ discorsi, mi disse finalmente: c'havendo preinteso, qualmente Io ri-/tornato dalle Missioni del Congo ero intenzionato di ripassare à Lisbo-/na, allestendosi egli appunto per quel viaggio, havrebbe riputato à/ sua singular fortuna, quando Io mi fossi compiaciuto d'andare in sua/ compagnia, imbarcandomi nella sua Nave: dicendo d'havere sem-/pre costumato in tutte le sue navigazioni d'andare in busca di qualche/ Missionario Capuccino, con questa ferma fede in Dio, ch'essendo ac-/compagnato da qualche nostro Religioso, havrebbe sempre havuto/ un buon viaggio, conducendo la Nave à salvamento nel Porto. Io li/ risposi, che sebbene attualmente mi ritrovavo con poca sanità, attesa/ però la cortese offerta, che mi faceva, havendone di già una piena co-/gnizione, e della di lui bontà, e del buon'affetto, che sempre have-/va dimostrato ai nostri Religiosi, più che volentieri havrei abbraccia-/to il partito: ma che dovendo la Nave, per quanto correva la voce,/ fra pochi giorni porsi alla vela, non havendo Io sino allora alcun'av-/viamento delle provisioni necessarie per intraprendere un tal viaggio,/ non sapevo ancora, se in quell'angustie di tempo m'havessi potuto/ provvedere del bisognevole per quell'imbarco. Mi replicò egli, che tut-

[Página 369]

to questo voleva, che corresse à suo conto, senza ch'Io havessi à pren-/dermi un pensiero imaginabile di provvedermi di cosa alcuna necessaria/ al vivere; mentre quanto teneva nella Nave, il tutto stava à mia re-/quisizione; e che à riguardo delle mie indisposizioni corporali, acciò/ potessi fare quel passaggio con ogni mia quiete, riposo, e commodità,/ m'habrebbe assegnato un camerino à parte, ch'era uno de' migliori com-/modi del naviglio. Quanto poi allo spirituale, voleva che Io havessi/ il posto principale col titolo di Cappellano della Nave, antepo-/-ndo mi ad un'altro Religioso Agostiniano suo Cugino carnale, che venu-/to ultimamente dall'India Orientale, nello stesso Vascello haveva preso/ l'imbarco per Lisbona. Nel temporale parimente, disse che mi voleva/ conferire un grado superiore al suo; mentre mi voleva dichiarare Sopra/ Capitamio, per obbedirmi egli medesimo in tuttociò, che gli havessi/ comandato. Io confuso fuori di modo da tante, e così benigne offerte,/ fattemi realmente con ogni più viva, e divota espressione, accettai di/ buon cuore l'invito, e li diedi ferma parola, che posposto ogni qualun-/que altro riguardo, mi sarei seco imbarcato per Lisbona.

XV. La Nave intanto s'andava giornalmente mettendo alla carica:/ e perche nel Zucchero, e nel Tabacco in corda consiste il principal/ negozio del Brasile, capitò in questo tempo 860. e più cassoni di/ Zucchero, e 2300. rolli di Tabacco,

oltre ai negozij particolari de' Passaggieri, e de' Marinari, che tutti uniti facevano parimente un/ carico considerabile. Il Capitano levò ancora di singolare 30. Ru-/bj d'Oro, parte in arena, e parte in verghe: questo però non occupava luogo, perche acciò talluno non gli facesse all'amore, se lo tene-/va riposto sotto il capezzale in un picciolo bauletto, ben custodito con/ buone chiavi. Li soli fretti della Nave appartenenti agl'interessati, ove-/ro Patroni della medesima, portavano ottanta milla Crociati di pu-/ro lucro: li diritti del Rè, ascendevano à ducento milla: ed il valo-/re della mercanzia, passava due milioni. Posto che fù il Vascello alla/ carica, mandò il Capitano ad avvisarmi, che stando egli già allestito/ alla partenza, potevo Io à mio piacere portarmi à bordo, essendo/ intenzionato di mettersi alla vela nella prima marea mancante. Io/ intanto fui ad inchinarmi al Signor Governator Generale, e simil-/mente à riverire, e licenziarmi dagli amici, ed altri divoti, che con/ tanto affetto di carità m'havevano sovvenuto ne' miei bisogni. Con/ tutti questi havevo Io contratte molte obbligazioni nella lunga/ permanenza di sei mesi fatta in quella Città, nè con altra pa-/ga potevo loro rendere il contracambio in quella mia partenza,/ che con assicurarli della continua memoria, che sempre havrei tenuto

[Página 370]

di loro, nel raccomandarli à Dio nelle mie, sebbene deboli orazioni./ Attese le larghe offerte fattemi dal Capitano, non ero intenzionato/ di levare meco alcuna provisione di cose appartenenti al vivere: ma/ que' divoti da se medesimi in quell'occasione della mia partenza, vol-/lero dimostrarsi così generosi, e liberali, che mi mandarono al Vascel-/lo una provisione tanto abbondante, che eccedeva di molto la necessi-/tà c'havessi potuto havere in tutto il viaggio.

[Página 371]

RELAZIONE VENTESIMA PRIMA.

*S'IMBARCA IL PADRE MISSIONARIO ALLA BAHIA IN NAVE DI/ LICENZA
DETTA LA PRINCIPESSA, PER PASSARE COLLA MEDE-/SIMA IN PORTOGALLO,
E SI DESCRIVONO VARJ AV-/VENIMENTI OCCORSI NELLA SUDETTA NA-/
VIGAZIONE.*

I. Preso dunque commiato, e dato l'ultimo addio alli/ Benefattori, ed amici, che tenevo nel Brasile, co-/me dissi nell'antecedente Relazione, dopo la lun-/ga dimora di sei mesi fatta nella Città della Ba-/hia, sebbene non perfettamente sano, almeno pe-/rò con una buona convalescenza, avvisato nova-/mente dal Capitano di dovermi quanto prima/ imbarcare, col comodo della Lancia, che per tal'/effetto egli medesimo mi mandò, andai à bordo. Era di già allestito il/ Bastimento alla partenza, ed essendo tuttavia la marea nell'ultime/ quinde della sua crescita, subito che principiò à scemarsi, & ad'essere/ mancante, salpata l'ultima anchora sulla quale tuttavolta stava assi-/curata la Nave, e fatti le convenevoli saluti alla Real Fortezza, alla/ Nave dell'Indie, ed agli altri Vascelli amici, spie-
gassimo finalmente/ le vele al vento, e sotto gli auspizi benigni di Maria Vergine nostra/ Signora, à cui appunto era dedicata la Nave, nell'ultimo giorno di/ Giugno dell'anno 1703. in giorno di Sabato, dassimo un Felice principio al nostro viaggio di ritorno per l'Europa [...]"

Referências bibliográficas

ACOSTA, J. de. *Historia natural y moral de las Indias, en que se tratan de cosas notables del cielo, y elementos, metales, plantas y animales dellas y los ritos y ceremonias, leyes y gobiernos, y guerras de los indios*. Sevilla: Juan de León, 1590.

ALMEIDA, C. A natureza africana na obra de Giovanni António Cavazzi - Um discurso sobre o homem. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ESPAÇO ATLÂNTICO DE ANTIGO REGIME: PODERES E SOCIEDADES, 2005, Lisboa. *Actas ...* Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, p. 1-15, 2005.

ALPHONSUS TOSTATUS. *Opervm. Tomvs primvs. Continens Commentaria in Genesis*. Coloniae Agrippinae: Ioannis Gymnici & Antonij Hierati, 1613.

AMARAL, I. do. *O reino do Congo, os Mbundu (ou Ambundos), o reino dos "Ngola" (ou de Angola) e a presença portuguesa, de finais do século XV a meados do século XVI*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1996.

ANCHIETA, J. de. *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões do Padre Joseph de Anchieta, S.J. (1554-1594)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

ANTONIO ZUCHELLI DA GRADISCA. *Relazioni del viaggio e missione di Congo nell'Etiopia Inferiore Occidentale, del P. Antonio Zucchelli da Gradisca, predicatore capucino dela Provincia di Stiria, e già missionário apostolico in detto Regno*. Venezia: Bartolameo Giavarina, 1712.

ANTONIO ZUCHELLI DA GRADISCA. *Merkwürdige Missions- und Reise-Beschreibung nach Congo in Ethiopien, worinnen nich allein alles dasjenige, was sich auf dieser Reise aus Steyermarck, durch Italien, Spanien, Portugal und Indien biss nach Ethiopien denckwürdiges zugetragen, sondern auch die Sitten und Gebräucht der heydnischen Indianer, ihre Abgötterey und Aberglauben, ihre Regiments-Verfassung, ihre innerliche und auswärtige Kriege, ihr Handel und Wandel, ihre Krankheiten, und derselben Curen, ihre Art zubegraben, die Früchte, Bäume, Thiere, Fische &c*. Franckfurt am Mayn: Johann Ludemig Gleditsch, 1715.

BARLAEUS, G. *Rervm per Octennivm in Brasilia. Et alibi nuper gestarum, Sub Praefectura Illustrissimi Comitis I. Mavritii, Nassoviae, &c. Comitis, Nunc Vesaliae Gubernatoris & Equitatus Foederatorum Belgii Ordd. sub Avriaco Ductoris, Historia*. Amstelodami: Ioannis Blaev, 1647.

BARRETO, A. *Fortificações no Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1958.

BARROSO, G. *O Brasil na Lenda e na Cartografia Antiga*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

BARTHOLOMAEUS SYBILLA. *Specvlvm Peregrinarvm Quaestionvm. In quo, de animalibus, de coelo, inferno, prgatorio, de Angelis bonis, ac mais, deq'; hominibus, Nec non de alijs scitu*

- dignissimis (vatijs questionibus, per tres decades) pertractatur.* Venetiis: Marcum Antonium Zalterium, 1587.
- BASSANI, E. *Un Cappuccino nell'Africa nera del Seicento: i disegni dei Manoscritti Araldi del Padre Giovanni Antonio Cavazzi da Montecucolo.* Milano: Editora Associazione "Poro", 1987.
- BERGIUS, B. *Tal, om Låckerheter, Både i fsg sjelfva sådana, och for sådana ansedda genom Folklags bruk och inbillning.* Stockholm: Johan Georg Lange, 1785.
- BERNARD DE NANTES. *Katecismo Indico da Lingva Kariris.* Lisboa: Officina Valentim da Costa Deslandes, 1709.
- BIRMINGHAM, D. *The Portuguese Conquest of Angola.* London: Institute of Race Relations & Oxford University Press, 1965.
- BONING, C.R. *Florida's best fruiting plants.* Sarasota: Pineapple Press, 2006.
- BOXER, C. *Salvador de Sá and the Struggle for Brazil and Angola.* London: Athlone Press, 1952.
- BRANCA, G. *Storia dei viaggiatori italiani.* Roma: G.B. Paravia, 1873.
- BRANDÃO, G. Mogi das Cruzes - Monografia Folclórica. *Revista do Arquivo Municipal,* São Paulo, 162: 51-128, 1959.
- BROWN, L. A. *The Story of Maps.* New York: Bonanza, 1949.
- CALEPINUS, A. *Dictionarium septem linguarum, hac novissima editione à mendis expurgatm, & infinites penè vocum additionibus. Additamenta quoque Pauli Manutij suo quaeque loco inserta amplificatum. Insuper Henrici Farnesij Appendiculae duae; quarum altera de verborum splendore, & delectu; altera de interpretatione, verborum originem.* Venetiis: Typographia Baretiana, 1644.
- CARDIM, F. *Tratados da Terra e da Gente do Brasil.* Rio de Janeiro: J. Leite, 1925.
- CASCUDO, L. da C. *Antologia do Folclore Brasileiro.* São Paulo: Martins Editora, 1944.
- CASCUDO, L. da C. *Dicionário do Folclore Brasileiro.* Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.
- CASTELLO BRANCO, C. D. *Luiz de Portugal, neto do Prior do Crato (Quadro Historico) 1601-1660.* Porto: Livraria Civilização, 1883.
- CESINALE, R. da. *Storia delle Missioni dei Cappuccini.* Paris: P. Lethielleux, 1867-1873.
- CHEESMAN, E.E. Classification of the bananas. *Kew Bulletin,* Kew, 2: 145-153, 1948.
- CHURCHILL, A. & CHURCHILL, J. *A collection of voyages and travels, some now first printed from original manuscripts.* London: Anshaw and John Churchill, 1704.
- CLAUDE D'ABBEVILLE. *Histoire de la Mission des Peres Capucins en l'Isle de Maragnan et terres circonvoisines ov est traicte des singularitez admirables & Meurs merueilleuses des Indiens habitants de ce pais Auec les missiues et aduis qui ont este enuoyez de nouueau.* Paris: Imprimerie de François Hvyby, 1614.
- CLARKE, R. The origin of ambergris. *Latin American Journal of Aquatic Animals,* Rio de Janeiro, 5 (1): 7-21, 2006.
- CLUNY, I. A Guerra de Sucessão de Espanha e a diplomacia portuguesa. *Penélope,* Lisboa, 26: 63-92, 2002.
- CORNELIUS A LAPIDE. *Commentaria in Pentatevchvm Mosis.* Antuerpiae: M. Nutti & J. Meursium, 1616.

- COSTA, F.A.P. da. *A Ordem Carmelitana em Pernambuco*. Recife: Arquivo Público Estadual & Secretaria da Justiça, 1976.
- CUHN, E.W. *Sammlung merkwürdiger Reisen in das Innre von Afrika*. Leipzig: Georg Joachim Göschen, 1790.
- CUVELIER, J. *L'Ancien Royaume de Congo: fondation, découverte, première évangélisation de l'ancien royaume de Congo, règne du grand roi Affonso Mvemba Nzinga (1541)*. Bruges: Desclée de Brouwer, 1946.
- CUVILLIER, A. *Histoire complete des voyages et découvertes en Afrique, depuis les siècles les plus reculés jusqu'à nos jours*. Paris: Arthus Bertrand, 1821.
- D'HARMONVILLE, A.L. *Dizionario delle date, dei fatti, luoghi ed uomini storici*. Venezia: G. Antonelli, 1845.
- DALGADO, S.R. *Glossário Luso-Asiático*. New Delhi: Asian Educational Services, 1988.
- DIDEROT, D. & J. le R. D'ALEMBERT. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. Berne & Lausanne: Sociétés Typographiques. Tome vingt-deuxieme, 1780.
- DIONIGI CARLI DA PIACENZA. *Il moro trasportato nell'inclita Città di Venezia, overo curioso racconto de costumi, riti, e religione de popoli dell'Africa, America, Asia, & Europa*. Bassano: Gio. Antonio Remondini, 1687.
- DIONIGI CARLI DA PIACENZA. *Der nach Venedig überbrachte Mohr, oder: Curiose und warhafft Erzehlung und Beschreibung aller Curiositäten und Denckwürdigkeiten weelche dem wohl-ehrwürdigen Dionysio Carli von Plancenz, Capuciner-Ordens Prediger, und berühmten Missionario Apostolico, in seiner etlich-jährigen Mission in allen vier Welt-Theilen, Africa, America, Asia, und Europa, unter tausendfältigen Leib- und Lebens-Gefahren, in Bekehrung der ungläubigen und barbarischen in specie Aethiopischen Völcker aufgestoffen*. Augspurg: Lorenz Kronigers, Gottl. Göbels & Jacob Schönig, 1692.
- DIONIGI CARLI DA PIACENZA & MICHELANGELO GUATTINI DA REGGIO *Viaggio del P. Dionigi de' Carli da Piacenza, e del P. Michel Angelo de' Guatini da Reggio capuccini, predicatori, e missionarii apostolici nel Regno di Congo*. Reggio: Prospero Vedrotti, 1671.
- DIONIGI CARLI DA PIACENZA & MICHELANGELO GUATTINI DA REGGIO. *Viaggio del P. Dionigi de' Carli da Piacenza, e del P. Michel Angelo de' Guatini da Reggio capuccini, predicatori, e missionarii apostolici nel Regno di Congo*. Reggio: Prospero Vedrotti, 1672.
- DIONIGI CARLI DA PIACENZA & MICHELANGELO GUATTINI DA REGGIO. *Viaggio Del Padre Michael Angelo de Guattini da Reggio, et del P. Dionigi de Carli da Piacenza Capuccini, Predicatori, & Missionarij Apostolici nel Regno del Congo*. Bologna: Gioseffo Longhi, 1674.
- DIONIGI CARLI DA PIACENZA & MICHELANGELO GUATTINI DA REGGIO. *Relation cvrievse et nouvelle d'un Voyage de Congo. Fait és années 1666. & 1667. Par les RR. PP. Michel Ange de Gattine, & Denys de Carli de Plaisance, Capucins & Missionnaires Apostoliques audit Royaume du Congo*. Lyon: Thomas Amaulry, 1679.
- DIONIGI CARLI DA PIACENZA & MICHELANGELO GUATTINI DA REGGIO. *Viaggio nel regno del Congo: Michelangelo Guattini, Dionigi Carli*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 1997.

- DIONIGI CARLI DA PIACENZA & MICHELANGELO GUATTINI DA REGGIO. *La mission au Kongo des pères Michelangelo Guattini & Dionigi Carli (1668)*. Paris: Editions Chandeigne, 2006.
- EDELWEISS, F.G. *Frei Martinho de Nantes, capuchinho bretão, missionário e cronista em terras baianas*. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1979.
- ELLIS, M. *A baleia no Brasil Colonial*. São Paulo: Edições Melhoramentos & Editora da Universidade de São Paulo, 1969.
- FARIA, F.L. de. *Os barbadinhos franceses e a Restauração Pernambucana*. Coimbra: Coimbra Editora, 1954.
- FARIA, F.L. de. O padre Bernard de Nantes e as missões dos capuchinhos franceses na região do rio S. Francisco. In: *COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS*, 1963, Coimbra. *Actas ...* Coimbra: Universidade de Coimbra. Vol. 2, p. 4-49, 1965.
- FARIA, F.L. de. *Os capuchinhos em Portugal e no Ultramar português*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1982.
- FARIA, I.P. de. Peach-fronted Parakeet (*Aratinga aurea*) feeding on arboreal termites in the Brazilian Cerrado. *Revista Brasileira de Ornitologia*, Brasília, 15 (3): 457-458, 2007.
- FARNESE, E. *De verborum splendore et delectu ad vbertatem et copiam dicendi, appendiculae duae, quarum prima XIX. tabulis est contexta, in quibus primum verborum vis & proprietates; deinde nitor & delectus: Tum dlatandi ratio, ac demum vsus ipse breuiter monstratur. Altera de vocum interpretatione, & etymologijs ex quibus verborum vis, & natura quantumq' latina com graecis sint coniuncta facile elucescit*. Venetiis: Dominicum Nicolinum, 1592.
- FERNANDES, C.V.N. As sacristias nos conjuntos arquitetônicos do Brasil Colônia. In: *COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE*, 19, 2009, Vitória. *Anais ...* Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, p. 297-306, 2009.
- FERRAZ, A.L.P. *Terra da Ibirapitanga*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1939.
- FILESI, T. Contributi dei Cappuccini italiani alla conoscenza dell'antico regno del Congo (secoli XVII e XVIII). *Paideuma*, Universität Frankfurt am Main, 24: 203-223, 1978.
- FRANCO JÚNIOR, H. *Cocanha: a história de um país imaginário*. Companhia das Letras: São Paulo, 1998.
- FREITAS, M.A. de & SILVA, T.F.S., *Herpetofauna da Mata Atlântica nordestina*. Pelotas: USEB, 2005.
- FREITAS, M.A. de & SILVA, T.F.S., *A herpetofauna das caatingas e áreas de altitude do nordeste brasileiro*. Pelotas: USEB, 2007.
- FROGER, [F]. *Relation d'un voyage fait en 1695. 1696. & 1697. aux côtes d'Afrique, Détroit de Magellan, Brezil, Cayenne & Isles Antilles, par un escadre des vaisseaux du Roy, commandée par M. de Gennes*. Paris: Michel Brunet, 1698.
- FROGER, [F]. *Relation d'un voyage fait en 1695. 1696. & 1697. aux côtes d'Afrique, Détroit de Magellan, Brezil, Cayenne & Isles Antilles, par un escadre des vaisseaux du Roy, commandée par M. de Gennes*. Amsterdam: Chez les héritiers d'Antoine Schelte, 1699.
- GABRIELLI, C.M.M. *Capuchinhos bretões no Estado do Brasil: Estratégias políticas e missionárias (1642-1702)*. Tese (Mestrado em História Social) - Programa de Pós-Graduação

em História Social, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GADENNE, C. Martin de Nantes - Predicateur Capucin, missionnaire apostolique dans le Brésil parmi les indiens appelés Cariris. *Cahiers du Brésil Contemporain*, Paris, 32: 41-58, 1997.

GARCÍA, G. *Origen de los Indios de el Nuevo Mundo e Indias Occidentales*. Madrid: Imprenta de Francisco Martinez Abad, 1729.

GARRIDO, C.M. Fortificações do Brasil. Navigator: *subsídios para a História Marítima do Brasil*, Rio de Janeiro, 3: 3-181, 1940.

GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO. *Istorica Descrizione de' tre' regni Congo, Matamba, et Angola sitvati nell' Etiopia Inferiore Occidentale e delle Missioni Apostoliche Esercitateui da Religiosi Capuccini*. Bologna: Giacomo Monti, 1687.

GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO. *Istorica Descrizione de' tre' regni Congo, Matamba, et Angola sitvati nell' Etiopia Inferiore Occidentale e delle Missioni Apostoliche Esercitateui da Religiosi Capuccini*. Milano: Stampe del L'Agnelli, 1690.

GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO. *Historische Beschreibung der in dem untern Mohrenland liegenden drey Königreiche Congo, Matamba, und Angola und der Apostolischen Missionen der Capuziner*. München: Johann Jäcklin, 1694.

GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO. *Descrizione storica dei tre regni Congo, Matamba ed Angola situati nell' Etiopia in feriore occidentale e delle missioni apostoliche esercitatevi dai missionari cappuccini*. Tivoli: Mantero, 1937.

GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO. *Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola, pelo Pe. João António Cavazzi de Montecúcolo*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965.

GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECUCCOLO. *Njinga reine d'Angola: La relation d'Antonio Cavazzi de Montecuccolo (1687)*. Paris: Chandeigne, 2010.

GIOVANNI FRANCESCO DA ROMA. *Breve relatione del successo della missione de' Frati Minori Capuccini del serafico Padre San Francesco al regno del Congo e delle qualità, costumi, e maniere di vivere di quel regno, e suoi habitatori*. Roma: Nella Stampa della Sacra Congregazione de Propaganda Fide, 1648.

GIOVANNI FRANCESCO DA ROMA. *Breve relatione del successo della missione de' Frati Minori Capuccini del Serafico Padre San Francesco al Regno del Congo e delle qualità, costumi, e maniere di vivere di quel Regno, e suoi habitatori*. Milano: Francesco Mognaga, 1649a.

GIOVANNI FRANCESCO DA ROMA. *Mission evangelica al Reyno de Congo por la Serafica Religion de los Capuchinos*. Madrid: Domingos Garcia i Morràs, 1649b.

GIOVANNI FRANCESCO DA ROMA. *Breve relatione del successo della missione de' Frati Minori Capuccini del Serafico Padre San Francesco al Regno del Congo e delle qualità, costumi, e maniere di vivere di quel Regno, e suoi habitatori*. Trento: Nella Stamp. Priuil. del Zanetti, 1650.

GIROLAMO MEROLLA DA SORRENTO. *Breue, e succinta relatione del viaggio nel Regno di Congo nell'Africa Meridionale, fatto dal P. Girolamo Merolla da Sorrento, sacerdote cappuccino, missionario apostolico: Continente variati clima, arie, animali, fiumi, frutti, vestimenti con proprie figure, diuersità di costumi, e di viueri per l'vso humano*. Napoli: Francesco Mollo, 1692.

GIROLAMO MEROLLA DA SORRENTO. *Breve, e succinta relazione del viaggio nel Regno di Congo nell'Africa Meridionale, fatto dal P. Girolamo Merolla da Sorrento, sacerdote cappuccino, missionario apostolico: Continente variati clima, arie, animali, fiumi, frutti, vestimenti con proprie figure, diversità di costumi, e di viveri per l'vso humano*. Napoli: s.n., 1726.

GLIOZZI, G. *Adam et le Nouveau Monde: la naissance de l'anthropologie comme idéologie coloniale - des généalogies bibliques aux théories raciales (1500-1700)*. Paris: Thétète Éditions, 2000.

GONÇALVES, R.A. *África indômita: Missionários Capuchinhos no Reino do Congo (século XVII)*. Tese (Mestrado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GRAY, R. Fra Girolamo Merolla da Sorrento, the Congregation of Propaganda Fide and the Atlantic slave trade. In: MARAZZI, U. (Ed.), *La conoscenza dell 'Asia e dell 'Africa in Italia nei secoli XVIII e XIX*. Napoli: Istituto Universitario Orientale. Volume 2, p. 803-811, 1984.

GRIFFIN, J.P., Venetian treacle and the foundation of medicines regulation. *British Journal of Clinical Pharmacology*, London, 58 (3): 317-325, 2004.

GROTIUS, H. *De origine gentium Americanarum dissertatio*. Parisiis: s.n., 1642.

GROTIUS, H. *De origine gentium Americanarum dissertatio altera, adversus obtrectatorem opaca bonum quem fecit barba*. Parisiis: s.n., 1643.

HOEHNE, F.C. *Botanica e agricultura no Brasil no seculo XVI*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.

HOWGEGO, R.J. *Encyclopedia of Exploration to 1800*. Potts Point: Hordern House, 2003.

HUDDLESTON, L.E. *Origins of the American Indians: European concepts, 1492-1729*. Austin: University of Texas Press, 1967.

HYAM, R. & PANKHURST, R. *Plants and their names: a concise dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

JABOATÃO, A. de S.M. *Novo Orbe Serafico Brasilico, ou Chronica dos Frades Menores da Provincia do Brasil, por Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatam*. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1858-1862.

JACOBO SALIANO. *Annales ecclesiastici Veteris Testamenti. Quibus imperii assyriorvm, babiloniorvm, persarvm, graecorvm, atque rromanorum. Lvtetiae Parisiorvm: Officina Nivelliana, sumptibus Sebastiani Cramoisy*. Vol. 2, 1620.

JACOBUS BONFRERIUS. *Pentatevchvs Moysis commentario illvstratvs; praemissis, quae ad totius Scriptvrae intelligentiam manducant, praeloqviiis perutlibus*. Antverpiae: Officina Plantiniana, 1625.

JANSON, H.W. *Apes and Ape Lore in the Middle Ages and the Renaissance*. London: University of London, 1952.

JOANNE DE LA HAYE. *Biblia maxima versionvm, ex lingvis orientalibvs: plvribvs sacris ms. codicibvs: innvmeris fere SS. & veteribus Patribus, & interpretibus orthodoxis, collectarum. Earvmque concórdia cvm Vvlgata. Et eivs exposition litterali; cvm annotationibvs Nicol. deLyra minoritae, Ioan. Gagnei doctorum paris. Gvil. Estii doct. louan. Ioan. Menchiï, & Iacobi Tirini*. Lvtetiae Parisiorum: D. Bechet & L. Billaine, Soc., Antonii Bertier, Simeonis Piget, 1660.

- KIDAKOU, A.B. *África Negra en los libros de viajes españoles de los siglos XVI y XVII*. Tese (Doutorado) - Departamento de Literatura Española y Teoría de la Literatura, Facultad de Filología, Universidad Nacional de Educación a Distancia, Madrid, 2006.
- KLOBIUS, J.F. *Ambrae Historiam ad Omnipotentis Dei gloriam, et hominum sanitatem, exhibet, Justus Fidus Flobius D. In Academ. Witteb. VVittenbergae: Typis Matthaei Henckelii, 1666.*
- KÜLB, P.H. *Geschichte der Missionsreisen nach Afrika vom Anfange des sechzehnten bis zum Ende des Achtzehnten Jahrhunderts*. Regensburg: Joseph Manz, 1861-1863.
- LABAT, J.B. *Relation historique de l’Ethiopie Occidentale: Contenant la description des Royaumes de Congo, Angolle, & Matamba, traduite de l’italien du P. Cavazzi, & augmentée de plusieurs relations portugaises des meilleurs auters, avec des notices, des cartes géographiques, & un grand nombre de figures en taille douce*. Paris: Charles-Jean-Baptiste Delespine le Fils, 1732.
- LAUFER, B. *Ostrich Egg-shell Cups of Mesopotamia and the Ostrich in the Ancient and Modern Times*. Chicago: Field Museum of Natural History, 1926.
- LEITE, S. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa & Rio de Janeiro: Livraria Portugália & Civilização Brasileira, 1938-1950.
- LEITE, S. *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil*. Lisboa & Rio de Janeiro: Edições Brotéria & Livros de Portugal, 1953.
- LEMOES, U.D. *Colégio dos Jesuítas - 450 anos de história*. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 1999.
- LENKO, K. & PAPAVERO, N. *Insetos no Folclore*. São Paulo: Editora Plêiade & Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 1997.
- LINSCHOTEN, J. H. van. *Itinerario, Voyage offer schipvaert van Jan Huygen van Linschoten naer Oost ofte Portugaels Indien*. Amstelredam: Cornelis Claesz, 1596.
- LISBOA, B. da S. *Annaes do Rio de Janeiro, contendo a descoberta e conquista deste paiz, a fundação da cidade com a historia civil e ecclesiastica, até a chegada d’El-Rei Dom João VI; além de noticias topográficas, zoologicas e botânicas*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de Seignot-Plancher, 1834-1835.
- MACEDO, J.R. O real e o imaginário nos Fabliaux medievais. *Tempo*, Rio de Janeiro, 9 (17): 13-31, 2004.
- MACHADO, C.A. *Cuidar dos Mortos*. Sintra: Instituto de Sintra, 1999.
- MAFFEI, L. de A. & NOGUEIRA, A.R. O ouro na Capitania de São Vicente nos séculos XVI e XVII. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, 20: 7-336, 1966.
- MANGUEL, A. & GUADALUPI, G. *The Dictionary of Imaginary Places*, London: Bloomsbury, 1999.
- MARAZZI, U. (Ed.). *La conoscenza dell’Asia e dell’Africa in Italia nei secoli XVIII e XIX*. Napoli: Istituto Univesitario Orientale, 1984.
- MARTIN DE NANTES. *Relation succinte et sincère de la mission du Père Martin de Nantes, prédicateur capucin, missionnaire apostolique dans le Brezil parmy les indiens appelès Cariris*. Quimper: Jean Périer, [ca. 1706].
- MARTIN DE NANTES. *Histoire de la mission du Père Martin de Nantes, prédicateur capucin*. Rome: Archives Générales de l’Ordre des Capucins, 1888.

- MARTÍNEZ TERÁN, T. *Los Antípodas: el origen de los indios en la razón política del siglo XVI*. Puebla: Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades, 2001.
- MARTUSCELLI, P. Maroon-bellied Conures feed on gall-forming homopteran larvae. *Wilson Bulletin*, Ann Arbor, 106 (4): 769-770, 1994.
- MASSETI, M. & BRUNER, E. The primates of the western Palaearctic: a biogeographical, historical, and archaeozoological review. *Journal of Anthropological Sciences*, Roma, 87: 33-91, 2009.
- MATA, P. *Tratado de medicina y cirugía legal teórica y practica seguido de um compendio de toxicología*. Madrid: Carlos Bailly-Bailliere, 1867.
- MELLO, V.P. de. *Xarias e canguleiros*. Natal: Imprensa Universitária, 1968.
- MENDES, L.A. de. Determinar, com todos os seus symptomas as doenças agudas , e chronicas, que mais frequentemente accometem os pretos recém tirados da Africa. *Memorias Economicas da Academia Real de Sciencias de Lisboa*, Lisboa, 4: 1-82, 1812.
- MORA, J.F. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- MOREAU, P. *Relations Veritables et cvrieuses de l'Isle de Madagascar, et dv Bresil*. Paris: Avgvstin Covrbé, 1651.
- MURPHY, J.C. & HENDERSON, R.W. *Tales of Giant Snakes: A Historical Natural History of Anacondas and Pythons*. Malabar, Florida: Krieger Publishing Company, 1997.
- MURRAY, H. *Historical account of discoveries and travels in Africa, by he late John Lyden, M.D., enlarged and completed to the present time, with illustrations of the geography and natural history, as well as of the moral and social condition of its inhabitants, by Hugh Murray, Esq., F.R.S.E*. Edinburgh: George Ramsay and Company, 1817.
- NEMBRO, M. de. *Storia dell'attività dei Capuccini nel Brasile 1538-1889*. Roma: Institutum Historicum Ordinis Fratrum Minorum Capuccinorum, 1958.
- OBSERVATIONS OF SOME ANIMALS, AND OF A STRANGE PLANT, MADE IN A VOYAGE INTO THE KINGDOM OF CONGO: BY MICHAEL ANGELO DE GUATINI AND DIONYSIUS OF PLACENZA, MISSIONARIES THITHER. EXTRACTED OUT OF THE JOURNAL DES SCAVANS. *Philosophical Transaction of the Royal Society of London*, London, 12: 977-978, 1678.
- ORTELIUS, A. *Theatrum Orbis Terrarum*. Antverpiae: Egidius Coppins, 1570.
- OVIEDO y VALDEZ, G. F. *De la segunda parte de la general historia delas Indias*. Valladolid: Francisco Fernandez de Cordoua, 1557.
- PALAZZOLO, J. de. *Capuchinhos franceses no Rio de Janeiro 1612-1696*. Rio de Janeiro: Matriz de São Sebastião dos Padres Capuchinhos, 1952.
- PALAZZOLO, J. de. *Crônica dos Capuchinhos do Rio de Janeiro*. Petrópolis: Vozes, 1966.
- PANTOJA, S. O litoral angolano até as vésperas da independência do Brasil. *Textos de História*, Brasília, 11 (1/2): 187-215, 2003.
- PAPAVERO, N., MARICONDA, P.R. & RAMOS, M. de C. A primeira proposta de um supercontinente primitivo no opúsculo de 1764 do barão von Hüpsch-Lonzen. *Scientiae Studia*, São Paulo, 1 (3): 337-353, 2003.

- PAPAVERO, N., TEIXEIRA, D.M., LLORENTE-BOUSQUETS, J. & HERNÁNDEZ, A.B. *Historia de la Biogeografía. I. El periodo preevolutivo*. México DF: Fondo de Cultura Económica, 2004.
- PARÉ, A. *Les Oeuvres d'Ambroise Paré, Conseiller, et Premier Chirvrgien du Roy*. Paris: Gabriel Buon, 1585.
- PETRUS COMESTOR. *Historia Scholastica*. Imprensa Lugduui: s.n., 1542.
- PHILIPPSON, G. & BAHUCHET, S. *Vernacular names for plantains and bananas in South-Central Africa*, 2008. Disponível em <www.rogerbech.info/.../banana%20vocabulary%1...>. Consulta em 10 de janeiro de 2014.
- PIETRO DELLA VALLE. *De' Viaggi di Pietro della Valle il Pellegrino descritti da lui medesimo in lettere familiari all'erudito suo amico Mario Schipano. Parte terza cioè l'India, co'l ritorno alla patria*. Roma: Appresso Vitale Mascarde, 1650-1663.
- PIMENTEL, C.R.M. & LIMA, R.C. *As aves no folclore fluminense*. Rio de Janeiro: Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, 1983.
- PINKERTON, J. *A general collection of the best and most interesting voyages and travels in all parts of the worl; many of which are now first translated into English*. London: Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown & Cadell and Davies, 1808-1814.
- PIZZUTTI, E. *Somos bons por natureza? Tomás de Aquino e o conceito de sindérese. Filosofazer*, Passo Fundo, 29: 115-120, 2006.
- PRAT, A. *Notas Históricas sobre as Missões Carmelitas no Extremo Norte do Brasil (Século XVII - XVIII)*. Recife: s.n., 1941.
- PREVIDI, C. *Frate Giovanni Antonio Cavazzi. Montecucolo di Pavullo (MO) 1621 - Genova 1678: Scrittore, illustratore e missionario per Congo, Matamba ed Angola*. Pavullo: Adelmo Iaccheri, 2012.
- PRÉVOST, A.F. *Histoire generale des voyages, ou nouvelle collection de toutes les relations de voyages par mer et par terre, qui ont été publiées jusqu'à present dans les diferentes langues de toutes les nations connues: contenant ce qu'il y a de plus remarquable, de plus utile, et de mieux averé dans les pays ou les voyageurs ont penetré, touchant leur situation, leur etendue, leurs limites, leurs divisions, leur climat, leur terroir, leurs productions, leurs lacs, leurs rivieres, leurs montagnes, leurs mines, leurs cités & leurs principales villes, leurs ports, leurs rades, leurs edifices, &c*. Paris: Didot, 1746-1759.
- PRIMERIO, F.M. de. *Capuchinhos em Terra de Santa Cruz nos séculos XVII, XVIII e XIX*. São Paulo: Livraria Martins, [1942].
- RADULET, C. *O cronista Rui de Pina e a Relação do Reino do Congo*. Lisboa: Imprensa Nacional & Casa da Moeda, 1992.
- RANDLES, W.G.L. *De la terre plate au globe terrestre. Une mutation épistémologique rapide (1480-1520)*. Paris: Librairie Armand Colin, 1980.
- REGNI, V.P. *Os Capuchinhos na Bahia*. Salvador & Porto Alegre: Casa Provincial dos Capuchinhos & Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1988.
- RIBEIRO, L. *Medicina no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1971.

- ROCHA, D.A. *Tratado único y singular del origen de los indios occidentales del Piru, México, Santa Fé y Chile por el Doctor Don Diego Andrés Rocha*. Lima: Imprenta de Manuel de los Olivos, 1681.
- SANTOS, E. *História, lendas e folclore de nossos bichos*. Rio de Janeiro: Edições “O Cruzeiro”, 1957.
- SANTOS FILHO, L de C. *História Geral da Medicina Brasileira*. São Paulo: HUCITEC & Editora da Universidade de São Paulo, 1977-1991.
- SAZIMA, I. Peach-fronted parakeet feeding on winged termites. *Wilson Bulletin*, Ann Arbor, 101 (4): 656-657, 1989.
- SCHENETTI, M. *Nei Regni del Congo. La vita e l'opera di padre Giovanni Antonio Cavazzi da Montecucolo*. Bologna: Editrice Missionaria Italiana, 1978.
- SCHÖNFELD, C.M. da. *Istoria dela Contea di Gorizia*. Gorizia: Premiata Tipografia Paternolli, 1855-1856.
- SCHÜTT, O.H., LINDENBERG, P. & KIEPERT, H. *Reisen im südwestlichen Becken des Congo: nach den Tagebüchern und Aufzeichnungen des Reisenden*. Berlin: D. Reimer, 1881.
- SEAGER, H.W. *Natural History in Shakespeare's Time*. London: Elliot Stock, 1896.
- SILVA, C.L. da. Jogos e interesse de poder nos reinos do Congo e de Angola nos séculos XVI a XVIII. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ESPAÇO ATLÂNTICO DE ANTIGO REGIME: PODERES E SOCIEDADES, 2005, Lisboa. *Actas ...* Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, p. 1-8, 2005.
- SILVA, L.G. *A faina, a festa e o rito: uma etnografia histórica sobre as gentes do mar (sécs. XVII ao XIX)*. Campinas: Papirus, 2001.
- SILVA-LEITE, R., ROBERTO, I.J., LOEBMANN, D., NASCIMENTO, T. da S. & SILVA, P. da C. Geographic distribution *Eunectes murinus* (Green Anaconda). *Herpetological Review*, Salt Lake City, 41 (2): 244-245, 2010.
- SOBEL, D. *Longitude*. New York: Walker, 1995.
- SORBELLI, A. *Sulla stampa dell' Opera del Padre Giannantoni Cavazzi da Montecucolo. Una visita all' Archivio Parrocchiale di Renno*. Modena: Tip. Modenese, 1908.
- SOUSA, G.S. de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.
- SOUSA, A.F. de. Fortificações no Brazil. *Revista Trimensal do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brazil*, Rio de Janeiro, 48 (parte 2): 5-140, 1885.
- SOUZA, B.J. de. *O Pau-Brasil na História Nacional*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.
- STEGAGNO-PICCHIO, L. O Atlântico dos Portugueses no século XVII. Curioso testemunho de um capuchinho de Piacenza que atingiu o Congo passando pelo Brasil. *Revista da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 34: 505-518, 1988.
- STONE, H.S. *Vico's cultural history: The production and transmission of ideas in Naples, 1685-1750*. Leiden: E.J. Brill, 1997.

- STUDART, G.C. Barão de. O Padre Martin de Nantes e o Coronel Dias d'Avila. *Revista da Academia Cearense*, Fortaleza, 7: 41-55, 1902.
- TAUBATÉ, M.R. de & PRIMERIO, F.M. de. *Os missionários capuchinhos no Brasil*. São Paulo: Convento da Imaculada Conceição, 1929.
- TEIXEIRA, D.M. (Org.). *Brasil Holandês: Documentos da biblioteca universitária de Leiden, o "Thierbuch" e a "Autobiografia" de Zacharias Wagener e os quadros do "Weinbergsschlösschen" de Hoflössnitz*. Rio de Janeiro: Editora Index, 1997.
- TEIXEIRA, D.M. A "America" de Jodocus Hondius (1563-1612): um estudo das fontes iconográficas. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 46: 81-122, 241-256, 2008.
- TEIXEIRA, D.M. & PAPAVERO, N. O tráfico de primatas brasileiros nos séculos XVI e XVII. In: PESSÔA, L.M., TAVARES, W.C. & SICILIANO, S. (Org.), *Mamíferos de Restingas e Manguezais do Brasil*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Mastozoologia & Museu Nacional-UFRJ, p. 253-282, 2010.
- TEIXEIRA, D.M. & PAPAVERO, N. Os animais do Brasil na obra de Pierre Belon (1517-1564). *Arquivos de Zoologia*, São Paulo, 45 (3): 45-94, 2014.
- TEIXEIRA, J.A. *Folclore Goiano: Cancioneiro, Lendas Superstições*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- THE MODERN PART OF AN UNIVERSAL HISTORY, FROM THE EARLIEST ACCOUNTS TO THE PRESENT TIME. London: C. Bathurst, J.F. and C. Rivington, A. Hamilton *et al.*, 1780-1784.
- THEVET, A. *Cosmographie Vniuerselle d'André Thevet Cosmographe dv Roy*. Paris: Pierre l'Huillier, 1575.
- THORNTON, J.K. *The Kingdom of Congo: civil war and transition, 1641-1718*. Madison: University of Wisconsin Press, 1983.
- THORNTON, J.K. The Development of an African Catholic Church in the Kingdom of Kongo, 1491-1750. *Journal of African History*, Cambridge, 25: 147-167, 1984.
- THORNTON, J.K. *Africa and Africans in the Making of the Atlantic World, 1400-1680*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- TIRABOSCHI, G. *Biblioteca modenense o notizie dela vita e delle opere degli scrittori natti degli stati del Serenissimo Signor Duca di Modena raccolte e ordinate dal Cavaliere Ab. Girolamo Tiraboschi Consigliere di S.A.S., Presidente della Ducal Biblioteca, e della Galleria delle Medaglie, e Professor Onorario nella Università della stessa città*. Modena: Società Tipografica, 1781-1786.
- TOPSELL, E. *The History of Four-footed Beasts and Serpents*. London: E. Cotes, T. Williams & T. Johson, 1658.
- VAINFAS, R. & MELLO E SOUZA, M. de. Catolização e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano, séculos XV-XVIII. *Tempo*, Rio de Janeiro, 3 (6): 95-118, 1998.
- VANZON, C.A. *Dizionario Universale della Lingua Italiana*. Livorno: Stamperia di Paolo Vannini, 1836.
- VARELA, A.G. *Atividades científicas na "bela e bárbara" Capitania de São Paulo (1796-1823)*. São Paulo: Annablume, 2009.

- VASCONCELLOS, S. de. *Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil: e do que obrarão seus filhos nesta parte do Novo Mvndo*. Lisboa: Oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1663.
- VIAGGIO NEL REGNO DEL CONGO DEL P. MICHEL ANGELO DE GUATTINI DA REGGIO E DEL P. DIONIGI DA PIACENZA CAPPUCINI & MISSIONARII APOSTOLICINEL REGNO DEL CONGO. *Journal des Sçavans*, Paris, 1678: 273-277, 1678.
- VILHENA, L. dos S. *Recopilação de Noticias Soteropolitanas e Brasilicas contidas em XX Cartas, que da Cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos escreve hum a outro Amigo em Lisboa, debaixo de nomes alusivos, noticiando-o do Estado daquella Cidade, sua Capitania, e algumas outras do Brazil*. [Salvador,] Bahia: Imprensa Official do Estado, 1921.
- WALCKENAER, C.A. *Histoire générale des Voyages*. Paris: Lefèvre, 1826-1831.
- WALCKENAER, C.A. *Collection des relations de voyages par mer et par terre, en différentes parties de l'Afrique depuis 1400 jusqu'à nos jours, mise en ordre et publiée par C.A. Walckenaer, membre de l'Institut*. Paris: Chez l'Éditeur, 1842.
- WRIGHT, H.F. Origin of the American Aborigines: a famous controversy. *The Catholic Historical Review*, Washington D.C., 3 (3): 257-275, 1917.
- YVES D'EVREUX. *Svitte de L'Histoire des choses plvs memorables aduenues en Maragnan, ès années 1613 & 1614*. Paris: Imprimerie de François Huby, 1615.
- ZAGONEL, C.A. *Capuchinhos no Brasil*. Porto Alegre: Conferência dos Capuchinhos do Brasil, 2001.
- [ZANI, V.] *Il Genio Vagante. Biblioteca curiosa di 100. e più relazioni di viaggi stranieri dei nostri tempi*. Parma: G. dall' Ogllo e I. Rosati, 1691-1693.
- ZANONI, G. *Istoria botanica di Giacomo Zanoni semplicista, e soprintendente all'Horto Publico di Bologna*. Bologna: Goseffo Longhi, 1675.
- ZANONI, G. *Jacobi Zanonii Rariorum stirpium historia ex parte olim edita*. Bononiae: Typographia Laelii a Vupe, 1742.

Título *Cadernos do IEB - Recife e Salvador na visão dos capuchinhos italianos missionários no Reino do Congo (1667-1703): habitantes, costumes, escravidão, comércio, matéria médica, flora e fauna do Brasil seiscentista*

Organização e tradução Nelson Papavero
Dante Martins Teixeira

Produção Divisão Científico-Cultural

Projeto Gráfico Karine Tressler

Capa Karine Tressler

Editoração Eletrônica Sushila Claro
Natália Franz Dias

Preparação de Texto Dante Martins Teixeira

Revisão de Provas Dante Martins Teixeira
Nelson Papavero
Pérola Ramira Ciccone
Regina Mayumi Aga

A imposição de viajar para o Congo a partir de Lisboa faria com que os capuchinhos italianos fizessem escala obrigatória no Brasil, que mantinha carreira regular com a África devido ao tráfico negreiro. Tendo passado pelo Recife e Salvador entre 1667 e 1703, Dionigi de Carli da Piacenza, Michelangelo Guattini da Reggio, Giovanni Cavazzi da Montecucolo, Girolamo Merolla da Sorrento e Antonio Zucchelli da Gradisca alinham-se entre os poucos missionários que deixaram relatos sobre nosso país. Abarcando temas tão diversos como a escravidão, comércio, matéria médica, flora e fauna, essas descrições representam um precioso testemunho sobre os costumes e a natureza local, alinhando-se entre as raras fontes disponíveis sobre o Brasil seiscentista nos anos que sucederam a invasão holandesa.

